

AMAR É GRÁTIS...

**Estudo de caso sobre representações online de relacionamentos
amorosos enquanto normalização do abuso na intimidade**

Carina Fernanda Nogueira Martins

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação –
Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias**

Carina Fernanda Nogueira Martins. Amar é Grátis... Estudo de caso sobre representações online de relacionamentos amorosos enquanto normalização do abuso na intimidade. Maio de 2018.

Maio, 2018

AMAR É GRÁTIS...

Estudo de caso sobre representações online de relacionamentos amorosos enquanto normalização do abuso na intimidade

Carina Fernanda Nogueira Martins

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação –
Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias**

Carina Fernanda Nogueira Martins. Amar é Grátis... Estudo de caso sobre representações online de relacionamentos amorosos enquanto normalização do abuso na intimidade. Maio de 2018.

Maio, 2018

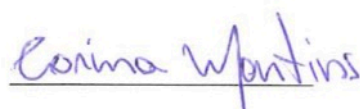
Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação – Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias, realizada sob a orientação científica do Professor Dr. Daniel dos Santos Cardoso.

Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública.

[DECLARAÇÕES]

Declaro que esta tese Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

A handwritten signature in blue ink, reading "Corina Martins", written over a horizontal line.

Lisboa, 16 de maio de 2018

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

A handwritten signature in blue ink, written over a horizontal line.

Lisboa, 16 de maio de 2018

*“Eu faço as minhas coisas e você faz as suas.
Não estou neste mundo para satisfazer as suas
expectativas e você não está neste mundo para
viver conforme as minhas. Você é você, eu sou
eu. E se por acaso nos encontrarmos será
maravilhoso.
E se não, não há nada a fazer.”*

Ame e Dê Vexame, Roberto Freire, 1990.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao professor doutor Daniel Cardoso, que aceitou gentilmente ser orientador deste estudo. Agradeço pela disponibilidade, atenção e exigência com este trabalho, e que me conferiu a autonomia e confiança necessária para seguir esta dissertação. Agradeço, também, à professora doutora Maria Augusta Babo, por ter me indicado a orientação do professor Daniel, pois constatou que os temas de interesse convergiam.

Agradeço à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), por se mostrar aberta e complacente com o tema de interesse de seus alunos, proporcionando-lhes a estrutura e o ambiente crítico necessário para desenvolverem seus estudos de forma construtiva.

Agradeço às amigas que fiz no mestrado, pelas trocas, pelo apoio, pela empatia e pelo interesse em minhas questões particulares, por terem transpassado a sala de aula e se fazerem presentes em minha vida pessoal. Agradeço às amigas que Portugal me apresentou e me aproximou, por terem me apoiado de infinitas formas – pelas conversas, pelo afeto, pela crítica e pelo feminismo. Agradeço também pelas amigas que deixei no Brasil, por me lembrarem sempre de quem eu sou.

Agradeço à família, que é a minha base, e se mantém sempre ao meu lado, para que eu possa acreditar e concretizar meus objetivos e ambições. Agradeço também por ser brasileira, e por fazer parte de uma realidade tão crítica e diversa, que me mantém de olhos, coração e mente aberta às adversidades e particularidades da sociedade e do Outro.

Agradeço ainda pelo texto de Roberto Freire – *Ame e Dê Vexame* – que foi meu primeiro contato, mais jovem, com outras formas de amores possíveis. E, por fim, agradeço a todos os amores e relacionamentos que me cercam, que de alguma forma me levaram a pensar que a intuição sobre o que era amor, ou o que era amar, não andava nada bem.

AMAR É GRÁTIS...

Estudo de caso sobre representações online de relacionamentos amorosos enquanto normalização do abuso na intimidade

CARINA FERNANDA NOGUEIRA MARTINS

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: mulher, amor, relacionamentos, romântico, abusivos.

O objetivo deste estudo foi perceber como se davam os discursos sobre as transformações em relações íntimas em representações online na contemporaneidade. Para isso, o objeto escolhido foi o blog brasileiro *Casal Sem Vergonha*, que trata especificadamente sobre a temática das relações amorosas e da sexualidade, em um viés pretensamente não moralista. O intuito foi perceber em que ponto, e como, articulavam-se as narrativas sobre relacionamentos amorosos com padrões substancialmente abusivos, estabelecidos conforme conceitos de violência simbólica (Bourdieu, 1999), psicológica e micromachismos (Fiol et al., 2007). Para essa conjuntura foi adotada uma perspectiva crítica feminista (Butler, 2017), em que o principal foi perceber a posição conferida à mulher nessas construções, e as violências a que estas estão sujeitas subliminarmente e diariamente. Como metodologia de pesquisa foi utilizada a análise de conteúdo (Bardin, 2011), e a análise crítica do discurso (Van Dijk, 2008). Ao todo, foram analisados 83 textos coletados na página, que abrangem seis anos de publicações, desde o início do blog, até os dias atuais. Todo o material analisado apresentou somente relatos sobre relações heteronormativas e, por isso, esse foi o escopo adotado pelo estudo. A hipótese até então levantada era a de que ao insistir em uma narrativa romântica e colocar o relacionamento amoroso como biografia desejável de vida, o blog acabava por normalizar comportamentos abusivos na intimidade. O verificado foi que isso realmente se dava nas construções narrativas, mas, principalmente, pela retórica explorada pelo blog, de textos em formatos de dicas e/ou passo a passo, em que o intuito era ditar certas normas e comportamentos para que as mulheres se tornassem adequadas a um relacionamento amoroso, conforme se constitui nos dias atuais, devido às decorrências das

transformações próprias da pós-modernidade. A mulher, nesses textos, é mostrada como passível dessas mudanças e deve se colocar tanto como independente quanto como se manter em um padrão estimado que corresponda as expectativas do homem – e nesse ponto também se apontam problemáticas da masculinidade contemporânea. Nesse contexto, se aponta a importância da autonomia real e total da mulher na contemporaneidade, segundo aspectos econômicos e emocionais.

LOVE FOR FREE...

Case study on online representations of love relationships while normalizing abuse in intimacy

CARINA FERNANDA NOGUEIRA MARTINS

ABSTRACT

KEY WORDS: woman, love, relationship, romance, abusive.

The objective of this study was to observe the way the discourse about the transformations in intimate relations in online representations, in current times, were given. For this, the chosen object was the Brazilian blog *Casal Sem Vergonha*, which deals specifically with the themes of love relationships and sexuality, with a supposedly non-moralistic bias. The intention was to understand at what point, and how, the narratives about love relationships were articulated with substantially abusive patterns established according to concepts of symbolic and psychological violence (Bourdieu, 1999), and micromachism (Fiol et al., 2007). For this context, a critical feminist perspective (Butler, 2017) was adopted, in which the main goal was to observe the position given to women in these constructions, and the violence to which they are subject subliminally and daily. As a research methodology, content analysis (Bardin, 2011) and critical speech analysis (Van Dijk, 2008) were used. In total, 83 texts were collected on the webpage, including six years of publications, from the beginning of the blog to the present day. All the material analyzed only presented reports on heteronormative relationships, and therefore, this was the scope adopted by the study. The hypothesis raised was that by insisting on a romantic narrative and placing the love relationship as a desirable goal of life, the blog would eventually normalize abusive behaviors in intimacy. It was verified that this would really happen in narrative constructions, but mainly by the rhetoric explored by blogs in tips formats, and/or step by step, in which the goal was to dictate certain norms and behaviors for women to become adequate in a love relationship, as it is established in the present day, due to the consequences

of the transformations proper to postmodernity. The woman, in these texts, is shown to be susceptible to these changes, and must be seen both as independent and as maintaining a specific standard that corresponds to the expectations of men – and in this point are also shown problematic aspects of contemporary masculinity. In this context, the importance of real and total autonomy of women in contemporary times, according to economic and emotional aspects, is pointed out.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – SOBRE O FEMINISMO E O SER MULHER	15
I.1 Movimentos feministas e o sujeito do feminismo	17
I.2 As condições para o feminismo no Brasil atual.....	27
CAPÍTULO II – SOBRE AMORES E ROMANCES.....	34
II.1 As implicações do amor como imperativo.....	37
II.2 A socialização diferencial.....	39
II.3 As construções contemporâneas das relações	41
II. 4 A liberdade para amar	45
II. 5 Os discursos sobre a sexualidade	49
Capítulo III – SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS DA PÓS-MODERNIDADE	53
III.1 As percepções do jovem na pós-modernidade.....	59
CAPÍTULO IV – METODOLOGIA	67
IV.1 Sobre o objeto de estudo	67
IV. 2 Procedimentos de análise.....	72
CAPÍTULO V – ANÁLISE	78
V.1 Imagens	81
V.2 Autores.....	82
V.3 Títulos	83
V.4 Resultados.....	85
V.5 Discussão dos resultados	87
<i>V.5.1 Diferenças entre autorias.....</i>	<i>87</i>
<i>V.5.2 Tom do texto.....</i>	<i>102</i>
<i>V.5.3 De que mulher se fala?</i>	<i>109</i>
<i>V.5.4 Problemáticas das representações dos relacionamentos amorosos.....</i>	<i>113</i>
<i>V.5.5 Indícios explícitos dos padrões abusivos</i>	<i>117</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICE A – Descrição do <i>Codebook</i>	135

APÊNDICE B – Quadro Geral de Catalogação dos Textos	145
APÊNDICE C – Lista de Principais Autores	146
APÊNDICE D – Quadros de Cruzamentos de dados.....	147
ANEXO A – Textos.....	155
ANEXO B – Mídia Kit	340

INTRODUÇÃO

Este estudo nasceu da observação espontânea de conversas triviais, confissões entre amigas, leituras de blogues e revistas, consumo de filmes e séries, mas, principalmente, de um incômodo persistente pelo estar, ou não, em um relacionamento sério, ou envolvida em um amor correspondente. Em um certo dia, entre amigas, em um bar, após perpassarem as pautas clássicas desses encontros em torno de crises existenciais, propósitos de vida, andamento dos mestrados e percepções sobre a mudança de país, o assunto, então, se voltou para a vida amorosa. Entre relatos sobre os relacionamentos em que já haviam se envolvido, e em quais se encontravam atualmente, o caminhar da conclusão daquela noite foi que, quase todas ali, em volta da mesa, já haviam estado em algum relacionamento abusivo no passado, ou conheciam alguma mulher envolvida em um, no presente. As interrogações deixadas por aquele momento foram, então: como seria possível que tantas mulheres ainda “caíssem” em um relacionamento abusivo? Os padrões de um relacionamento agressivo, não são assim tão óbvios? O que é o abuso, submerso e normalizado, em relacionamentos amorosos?

Diante dessas constatações, este estudo optou por estudar os textos publicados pelo blog brasileiro *Casal Sem Vergonha*¹, que trabalha especificamente a temática dos relacionamentos amorosos e da sexualidade na contemporaneidade. O blog foi idealizado pelo casal Eme Viegas (31) e Jaque Barbosa (25), e tem como intuito desmistificar e ampliar o debate sobre sexualidade, intimidade e relacionamentos. Logo, o que se pretende averiguar com esse objeto é como as narrativas sobre relacionamentos amorosos vêm sendo construídas na contemporaneidade e de que forma o amor é visto e colocado nessas estruturas. A partir desse ponto, pretende-se avaliar como esses discursos se posicionam, ou se articulam, com a ideia de relacionamento abusivo, ou seja, se de alguma forma há a normalização de padrões abusivos por meio dessas elaborações.

Nesse contexto, o foco é perceber como os entendimentos sobre o que é o amor e sobre o que são os relacionamentos amorosos foram se alterando na sociedade ocidental, e como isso trouxe novas discursividades e comportamentos. Portanto, o questionamento sobre esse sentimento vem da ideia, presente no senso comum, segundo a qual, uma forma concreta de se manifestar o amor é através de um relacionamento amoroso. Por isso, normativamente, uma relação conjugal é formada por duas partes que se amem

¹ Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br>

reciprocamente, assim, se esse amor recíproco é uma condição ao acontecimento do relacionamento, a violência em nenhuma forma deveria fazer parte dessa construção. Nesse aspecto, o que se pode levar a crer é que o conceito de um relacionamento amoroso e ideal, construído pela pós-modernidade, pode estar em tensão com a constituição atual dos sujeitos e suas demandas.

Nota-se que existem muitos estudos já realizados a respeito da violência em relacionamentos, contudo, maioritariamente relacionados às áreas da saúde e psicologia. Por isso, constatou-se a importância de realizar algo referente aos estudos sociais e, mais especificamente, às ciências da comunicação. De modo, que terão destaque neste estudo os eventos de relacionamentos abusivos de caráter moral, pois se sabe que essa forma de violência, omitida muitas vezes em favor da moral social, acarreta tanto casos de danos psicológicos para as vítimas, quanto a própria violência física.

Para isso, propõe-se uma breve reconstrução histórica sobre de que forma o relacionamento conjugal vem sendo colocado como estruturante para a formação e manutenção da sociedade. Assim, nesse aspecto, pretendemos entender melhor o papel imposto à mulher, que pode ter tido seu protagonismo individual anulado em detrimento do funcionamento de uma estrutura paternalista e, conseqüentemente, machista. Segundo Giddens (1992), nunca, como agora, viveram-se transformações tão profundas, dramáticas e abrangentes, que têm impactado as subjetividades. Dessa maneira, as transformações na intimidade e, conseqüentemente, em relacionamentos amorosos, conforme o ritmo em que se dão, acabam por provocar confusão, incerteza e insegurança para os envolvidos.

Deste modo, a estrutura do trabalho está dividida em três capítulos teóricos que se iniciam com uma reconstrução do movimento feminista e uma conceituação do sujeito do feminismo – segundo Butler (2017) Foucault (2017) e Hall (2015) – evidenciando questões quanto à violência contra a mulher. Além disso, é desenvolvido um recorte do Brasil contemporâneo, afim de se entender como os movimentos evoluíram e se, de fato, a luta leva a mulher ao lugar da autonomia total e real em relação às estruturas e discursos que as oprimem. Logo após um segundo capítulo é destinado ao conceito da palavra amor, suas definições e alterações dos seus significados ao longo da construção da sociedade ocidental contemporânea. Ao mesmo tempo, é apresentado o conteúdo referente aos relacionamentos amorosos e sua condição estruturante na sociedade e as transformações na intimidade – segundo Giddens (1992), com enfoque nas relações de poder subliminares a esse universo. Por fim, um terceiro momento é destinado a contextualizar o cenário estudado, abordando

as condições e características das transformações sociais na pós-modernidade, focando na percepção do jovem, no Brasil. Já integrando a metodologia, é feita uma apresentação aprofundada sobre o objeto de estudo – o blog *Casal Sem Vergonha*.

Quanto à metodologia aplicada, foi escolhida a análise de conteúdo – segundo Bardin (2011), e a análise crítica do discurso – segundo Van Dijk (2008). A discussão dos resultados obtidos é desenvolvida no capítulo V, e sequencialmente são apresentadas as considerações finais que nos levam a indícios sobre problemáticas quanto ao fator de autonomia no universo feminino.

Assim como dizia a camiseta de uma das amigas reunidas em torno de suas subjetividades: “Amar é Grátis...”, mas, pelo visto, não para as mulheres, que corriqueiramente são percebidas submersas em relacionamentos abusivos, em que sua identidade, individualidade e vontades são negadas, invisibilizadas ou submetidas à vontade do Outro. De forma que a violência cometida pode não aparecer na pele, mas deixa marcas tão irreparáveis quanto esta. Diante disso, este estudo se propõe a percorrer o caminho que condicionou tal situação desfavorável e infeliz para as mulheres.

CAPÍTULO I – SOBRE O FEMINISMO E O SER MULHER

Segundo o dicionário da Crítica Feminista (Macedo & Amaral, 2005 apud Macedo, 2006), o conceito de pós-feminismo mostra algumas variantes em sua definição; e para iniciar este capítulo, sente-se a necessidade de, primeiramente, explicar em que consiste esse conceito, o qual muitos defendem já estarmos a vivenciar. Para Gamble (2000 apud Macedo, 2006) o pós-feminismo compreende dois sentidos críticos, segundo diferentes correntes do feminismo. Para algumas teóricas, como Julia Kristeva e Hélène Cixous – de raízes mais psicanalíticas – por exemplo, o pós-feminismo e o pós-modernismo apresentam discursos semelhantes ao direcionarem o pensamento para a desconstrução e desestabilização do gênero enquanto categoria fixa e imutável. Outras correntes assumem essa primeira ideia como problemática, e percebem o pós-feminismo como decorrência da terceira onda do feminismo – que será vista mais à frente. Dessa forma, essa concepção se aproxima mais de uma agenda liberal e individualista, do que propriamente das reivindicações voltadas ao que é coletivo e político. Partem da ideia de que as desigualdades de gênero já foram de certa forma dissolvidas, e que o movimento feminista deixou de representar adequadamente as mulheres atuais (Macedo, 2006, p. 814). Neste instante, um questionamento que essa breve interjeição sobre o pós-feminismo pontua é: se o feminismo já é algo quase obsoleto para as mulheres de hoje em dia, mas ainda há muitas e muitas mulheres que indiscutivelmente se encontram em pé de desigualdade no contexto social como um todo, a que mulheres esse pós-feminismo se refere?

Para Macedo (2006, p. 815), situar o debate atual do feminismo no pós-feminismo é o mesmo que afirmar a existência de um movimento global, desconsiderando as “localizações” espaço-temporais, o que de certa forma é paradoxal pois “significaria reconhecer a entrada num mundo pós-feminista sem nunca termos 'globalmente' conhecido um mundo feminista”. É fato que o movimento atual, nomeadamente para as sociedades ocidentalizadas, encontra-se em constante transformação, mas longe de ter superado as questões postas pelos ciclos históricos anteriores, e distante de ter entrado em um momento completamente novo. O que se pode brevemente dizer do momento feminista atual, segundo Macedo (2006), é que se trata de uma multiplicidade de feminismos, um discurso mais coerente, presente, amplo e dissipado na sociedade em geral. Ou seja, mais se fala, mais se julga e menos se é tolerável com as imposições da ordem da masculinidade hegemônica. Portanto, é um movimento que enxerga e critica a falta de representatividade, os discursos

opressores em produções cinematográficas, letras de música, literatura e, consequentemente, no fluxo de informações gerado na internet.

Essa concepção dá origem a um terceiro entendimento do pós-feminismo, defendido, por exemplo, por Judith Butler e Donna Haraway, que por um lado foca na reafirmação “das batalhas já ganhas pelas mulheres, e por outro, na reinvenção do feminismo enquanto tal, e na necessidade de o fortalecer, exigindo que as mulheres se tornem de novo mais reivindicativas e mais empenhadas nas suas lutas em várias frentes” (Macedo, 2006, p. 814). Da mesma maneira, para Butler (2017), a conjuntura atual político-cultural, que alguns nomeiam de pós-feminismo, seria uma oportunidade de refletir a partir de uma perspectiva feminista sobre a exigência de se construir o próprio sujeito do feminismo.

Dessa forma, a discussão que dá origem a este capítulo é precisamente como se chegou a esse quadro opressor, em que a ordem masculinizada é a que impera. O patriarcado, segundo Fiol et al. (2007), é um conceito que inclui dois componentes básicos, o primeiro é a estrutura social, que cria e mantém uma situação em que os homens têm mais poder e privilégios que as mulheres. O segundo componente é a ideologia, que legitima e mantém essa situação. De qualquer modo, o que se considera neste primeiro momento é que as mulheres não tiveram somente seus direitos civis negados por muito tempo – reivindicados pela primeira onda feminista – mas também sua história e até mesmo a mitologia que envolvia seu ser.

Clarissa Pinkola Estés, que trabalha o retorno ao arquétipo da mulher selvagem, em *Mulheres que Correm com os Lobos*, relata que as histórias do feminino “não podem ser tratadas tentando-se esculpi-las de uma forma mais adequada a uma cultura inconsciente, nem é possível dobrá-las até que tenham um formato intelectual mais aceitável para aqueles que alegam ser os únicos detentores do consciente.” (Estés, 2014, p. 18). Para a autora, essa lembrança do parentesco absoluto com o feminino selvagem é um relacionamento que pode ter se tornado espectral pela negligência, soterrado pelo excesso de domesticação, e proscrito pela cultura que as cercam. Contudo, não se esvaziará a discussão ao essencialismo do feminino, pois essa questão abrange também outras identidades de gênero, que também não são representadas nessa ordem de discurso hegemônico masculino. Porém, não se pode negar que os mitos, contos e lendas do folclore do feminino foram extirpadas das narrativas populares, criminalizando e ridicularizando aquelas que eram consideradas mulheres, transformando-as em bruxas, feiticeiras e até mesmo loucas (Estés, 2014).

Esse passado corrompido coloca esta mulher, que não é o homem, a mercê de outra história, ou seja, das narrativas predominantemente masculinas. Essas construções sociais enaltecem a figura do homem, ao mesmo tempo que submetem e apagam as questões feministas da conjuntura social, tirando-lhes o que é de direito: a apropriação de suas próprias narrativas de vida. Constatada essa hipótese, é notável que os produtos de entretenimento podem estar a prestar um grande desserviço ao debate social, ao criarem e reproduzirem discursos predominantemente enunciados pelos, e para os homens.

Assim, manter um certo padrão obediente a uma norma imposta é, de certa forma, conveniente e confortável para aqueles que o consentem, pois para contrariá-lo se faz necessário um certo radicalismo, no sentido de ir contra algo que já é instituído como funcional. Por isso, o que se questiona neste momento é “para quem”, necessariamente, esse padrão ainda funciona; no que consiste essa situação confortável; e no que substancialmente ela implica. Pensar o feminismo, lutar o feminismo e debater o feminismo é taxado muitas vezes de radical, ou desnecessário, ainda nos dias de hoje. Todavia, para se aprofundar essa discussão e livrá-la de um “suposto” radicalismo, será abordada a história do movimento feminista, para se perceber seus avanços e questões subjacentes, bem como uma incursão na concepção do sujeito do feminismo.

I.1 Movimentos feministas e o sujeito do feminismo

As ondas feministas são divisões basicamente históricas que organizam o pensamento e a produção acadêmica feminista, mas, ao se pontuar e numerar essas ondas, cria-se uma falsa ilusão de que o feminismo é um movimento coeso, com começo, meio e fim (Mund, 2017, março 29). Para alguns, como visto, a sociedade já estaria a vivenciar o pós-feminismo, pois percebem o movimento de tal forma, como se já tivesse alcançado seus objetivos. A fim de contrapor essa suposição de que as lutas feministas já podem se dar como vitoriosas, este tópico trará um breve resumo das ondas feministas, a fim de contextualizar o movimento contemporaneamente. A ideia não é abordar as linhas do feminismo – negro, radical, liberal e etc. – mas entender a construção do momento atual, e não necessariamente a validação de uma ou outra vertente.

Para Hall (2015), o movimento feminista, historicamente, teve relação direta com as questões do sujeito porque questionou a distinção clássica do público e privado sob seu slogan “o pessoal é público”, e abriu novas arenas de contestação relativas à família, à

sexualidade e ao trabalho doméstico. Questionou também a forma como se produz sujeitos generificados, ou seja, politizou a subjetividade, a identidade e o processo em si de identificação. Segundo o autor, o crucial para a concepção de sujeito foi que o movimento se expandiu, assim o que começou como contestação da posição social da mulher, também passou a incluir a formação das identidades sexuais e de gênero, julgando imposições clássicas sobre os processos de identificação.

Os movimentos feministas, que hoje ainda são vistos como radicais (no sentido do exagero), são na verdade uma grande força contestadora do padrão imposto pelo patriarcado e vivido pela sociedade, tanto em caráter objetivo, como subjetivo. A concepção de radical no falar cotidiano é vinculada a esse exagero, mas substancialmente se refere ao questionamento de uma ordem instituída que de certa forma se tornou confortável para uma parte da sociedade – que não necessariamente corresponde à maioria. E essa “parte” aqui em questão, diz respeito aos homens que nasceram com o sexo masculino, se autoidentificam com essas características, seu desejo sexual é orientado para o sexo oposto, e definitivamente são brancos – pois aos homens negros são reservadas outras posições na sociedade, como afirma Kilomba (2012). Portanto, é pelo discurso de homens, heterossexuais e brancos, que todo o resto da sociedade está oprimida, ou mesmo excluída, dessa ordem operante; segundo as seguintes autoras se trata de um sistema sexo-gênero (Rubin, 2007), de matriz heterossexual (Butler, 2017) e baseado em uma *straight mind* (Wittig, 1992).

Dada essa conjuntura, faz-se um breve histórico das ondas feministas, para se entender como o sujeito que representa o feminino foi evidenciado ao longo da trajetória do movimento. Assim, a primeira vaga feminista – no ocidente – preocupou-se em estabilizar a categoria mulher, para se ter um sujeito discursivo para um enfrentamento político, na busca, principalmente, de direitos civis. Nesse período, o sujeito mulher foi pensado em comparação ao do homem, ou seja, o movimento ressalta as diferenças no tratamento do que é ser mulher e do que é ser homem; para Ribeiro (2017, p. 35) “de modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é o homem”. Para Beauvoir (2016), a mulher é constituída sempre pela ideia do “Outro”, e isto aponta propriamente para a função normativa da linguagem.

Sob essa perspectiva, “criar” algo que represente o sujeito mulher é ao mesmo tempo revelar e distorcer “o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres” (Butler, 2017, p. 18). Segundo a autora, para a teoria feminista, “o desenvolvimento de uma

linguagem capaz de representá-la completa ou adequadamente” (Butler, 2017, p. 18), pareceu fundamental para se dar visibilidade política à causa das mulheres. Essa necessidade de uma representação, precisa e coerente, foi importante perante às condições sociais e culturais na qual a vida das mulheres era mal, ou não representada.

O pensamento feminista voltou, então, suas reivindicações para a igualdade no exercício dos direitos, questionando, ao mesmo tempo, as raízes culturais dessas desigualdades. O pensamento era em função das mulheres serem oprimidas pura e simplesmente por serem mulheres, independente de questões de raça e classe. O pensamento da época instaurou um sujeito político reconhecido pelos traços biológicos e pelos aspectos socialmente construídos, situando-se em um terreno essencialista, e de certa forma, simplista, pois não compreendia as diferenciações sociais dentro do próprio movimento.

Nessa época, o movimento se inscreveu em uma lógica capitalista, ou seja, as reivindicações eram pautadas pela lógica de mercado como igualdade de salários, direitos trabalhistas e etc. Diante dessas questões, ao se homogeneizar o sujeito do feminino, também se acabou por excluir dessa onda inicial as pessoas que ainda não estavam nem ao menos inseridas nessa “nova” ordem voltada para o mercado; como, por exemplo, as mulheres negras, herdeiras do regime escravocrata que assolou todas as partes do mundo e colocou negros e negras em total pé de desigualdade social e econômica em relação à população branca. Esse pensamento também excluiu as mulheres trabalhadoras domésticas, chefes de família e mães, ou seja, as não inseridas no mercado formal, o que gera certos questionamentos sobre os papéis sexuais, sucedidos na segunda onda feminista.

Nesse segundo momento é a divisão de papéis entre homens e mulheres que está no centro dos questionamentos feministas. Entende-se que os papéis sexuais são culturalmente produzidos, e não fruto de um determinismo biológico, como se afirmava, e dessa forma reposicionam o debate feminista em relação à primeira vaga. Segundo Teixeira (2017d), em *O Segundo Sexo* Beauvoir volta o olhar para a esfera privada para perceber que o princípio da desigualdade não está somente no espaço público, mas também no espaço privado. Contudo, admite que o poder que circula no espaço privado é necessariamente o do patriarcado. Ou seja, a mulher é oprimida pelo patriarcado e não por determinada instituição ou governo. Para Beauvoir (2016), a ideia de dominação masculina, e supostamente da opressão exercida, é própria da figura do homem, mas também é uma forma de poder, de pensar e de construir o mundo. Por isso, o feminismo da segunda onda busca igualdade não somente nos exercícios dos direitos civis, mas também quanto à própria existência. Sob essa

perspectiva surge uma agenda de luta pelo próprio corpo, que envolve o aborto, o divórcio, a reprodução e a natalidade – direitos até então obscurecidos.

Com efeito, o debate se amplia, e as causas e os critérios de luta passam a ser aqueles que tocam as vivências das mulheres, abrindo arenas inteiramente novas de questionamento na vida social da mulher – família, sexualidade, trabalho doméstico, cuidado com as crianças e etc. Mas também é a partir desse momento que se passa a questionar “que corpo feminino seria esse” ou “que mulher seria essa?”; então, começam a emergir as questões de gênero, que têm como relevante articuladora a filósofa Judith Butler. Esse seria o encaminhamento para a terceira onda do feminismo.

Nessa fase, o movimento repensa suas reivindicações e aprofunda discussões já travadas nas gerações anteriores, como a função e o papel da mulher na sociedade. Porém, o grande entrave se dá pela necessidade de desnaturalizar a opressão às mulheres. Por isso, passa a se questionar os estereótipos de gênero na mídia e a própria linguagem referida às mulheres. As questões trazidas por essa vaga são referentes às construções de gênero, à diferenciação entre sexo, orientação sexual e identidade de gênero. Como traduz Amara Moira (2017) – travesti, escritora e prostituta: “Uma coisa é o desejo, ou por quem você sente atração, e outra é como a pessoa se entende, como ela quer se ver e ser vista”.²

Nessa perspectiva, o conceito de gênero surge na efervescência do debate feminista afim de explicar e entender a origem da opressão feminina, porém, acabou por extrapolar as margens do movimento. Segundo Teixeira (2017c), é necessário reformular a concepção de gênero de maneira a abranger as relações de poder que produzem o conceito de que o sexo é pré-discursivo, ou seja, como algo predeterminado anterior ao próprio discurso. Segundo a pesquisadora, percebe-se o corpo da mesma forma que o gênero: como construção cultural, pois não há identidade que preceda o exercício das normas de gênero; é, então, o próprio exercício que termina por criar tais normas. Segundo Butler (2017), gênero seria a repetição excessiva de determinadas características, gestos, costumes, dentro de marcos regulatórios rígidos, que acabam por produzir a aparência de uma substância – que é propriamente o corpo – como natural ao ser. Trata-se, portanto, de uma espécie de performance, e por ser de certa forma uma representação, pode se dar em qualquer corpo, e assim se desassocia da ideia de que um determinado gênero corresponde a um tipo específico de corpo:

² Moira, A. (2017, setembro). Entrevista: Amara Moira. Entrevista concedida a Milly Lacombe. Trip. Recuperado a partir de <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-amara-moira-doutora-em-literatura-ex-prostituta-travesti-e-bissexual>

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” [...] Beauvoir diz claramente que alguém “se torna” mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vem do “sexo”. Não há nada em sua explicação que garanta que o ser que se torna mulher seja necessariamente fêmea. Se, como afirma ela, “o corpo é uma situação”, não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. Sem dúvida, será sempre apresentado, por definição, como tendo sido gênero desde o começo. (Butler, 2017, p. 29).

Contudo, admitir o sexo como um dado natural e o gênero como construído – ou seja, determinado culturalmente – seria também aceitar que o gênero é a expressão de uma essência do sujeito e, se a distinção entre sexo e gênero é absolutamente nenhuma, como pontua Butler (2017), então não há essência do sujeito que defina a identidade como pré-discursiva, pois não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero: a identidade é performativamente constituída e formada nas relações de interação com a sociedade, e com os pares culturais. Assim, “a identidade de gênero é conceituada como uma sequência de atos sem ator ou autor preexistentes. A identidade, por exemplo, de mulher, é um devir, um construir sem origem ou fim” (Rocha, 2014, p. 511).

Porém, uma das justificativas criadas por aquelas que acreditam que uma estabilização da categoria mulher – ou seja, de um sujeito político, passível de representação – é necessária para a luta, é a de que aquelas que não possuem as características físicas tidas como femininas desde o nascimento não passaram pelas mesmas vivências de opressão causadas por uma educação machista. Nesse sentido, o conceito de *queer*, trabalhado por Butler, também coloca em questão o próprio feminismo, uma vez que questiona esse sujeito político que o movimento muitas vezes insiste em consolidar. No entanto, para Coelho (2009), o *queer* é resultado da confrontação reflexiva do próprio feminismo com as diferenças que este silenciava em favor de um sujeito político mulher, hegemônico e heteronormativo.

Segundo Coelho (2009), o *queer* se constrói como uma ferramenta para uma problematização construtiva para qualquer termo alegadamente universal, ao mesmo tempo em que se mostra como uma nova possibilidade de identidade, mas sem pretensões de representar qualquer essência dos que assim se identificarem. Em realidade, a teoria *queer* pretende causar a desconstrução do sujeito feminino, como também assume a indeterminação de todas as identidades sexuadas e generificadas: “O *queer*, portanto, recusa a definição e a estabilidade, é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação. Recusando-se a

aceitar a existência do sujeito (ou de sujeitos femininos, gays e lésbicos) como pressuposto [...]” (Rocha, 2014, p. 510). Quanto às concepções sobre o *queer*, Butler (2017) argumenta que essa categoria levanta questões acerca do status de força e oposição, como podemos observar nesse trecho da entrevista de Amara Moira (2017)³:

Depois da minha transição comecei a perceber que as mulheres ao meu redor recebem esse tipo de tratamento. De repente eu estava numa reunião com mulheres e uma mulher estava falando e eu cortava a fala dela. Eu espero que ela corte a minha em seguida, que a gente fique cortando a fala uma da outra, só que não. Eu cortei a fala dela, ela me deixa terminar e às vezes não volta a falar. É como se eu tivesse dizendo que ela não tem o direito de falar. É como se ela sentisse que talvez ela não tenha algo de interessante para falar. E aí eu começo a ter que me policiar para não fazer esse tipo de coisa. Eu lembro de um orientador que falava “As mulheres, quando elas tiverem que falar, elas vão falar”. Então elas não estão falando porque elas não têm o que falar? Isso é uma violência absurda. É uma incompreensão absurda do que existe em termos de criação para ser mulher, criações para ser homem, das limitações que são impostas a cada existência.

Para Preciado (2004), o desafio que a identidade *queer* coloca ao feminismo é o de abandonar a identidade “natural” (homem/mulher), ou definições baseadas nas práticas (heterossexuais/homossexuais), para passar a se basear e atuar com uma multiplicidade de corpos que se erguem contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais”. Como afirma o autor, é nesse ponto que consiste seu caráter subversivo e revolucionário para o movimento feminista, pois o *queer* não quer atuar sem o feminismo, nem é pós-feminista, pois o conceito se dá precisamente na crítica ao sistema de gênero. O *queer* – que conquistou uma conotação positiva e construtiva ao ser apropriado pelo movimento gay – refere-se às identidades que não são marcadas por características de um gênero específico, e negam qualquer estabilidade à identidade, ou essência do sujeito. Dessa forma, o conceito abre espaço para categorias mais abrangentes, elásticas e atentas às práticas e aos grupos que até então estavam confinados em um segundo plano. Preciado (2004) afirma que a produção disciplinar do gênero produz estabilizações falsas em favor dos interesses da matriz heterossexual e da regulação da sexualidade dentro do domínio reprodutivo.

Para Butler (2017) é significativa a quantidade de ensaios que questionam a viabilidade do sujeito como candidato último à representação, ou mesmo à libertação, pois é muito variável o consenso quanto ao que constitui, ou deveria constituir, a categoria das

³ Moira, A. (2017, setembro). Entrevista: Amara Moira. Entrevista concedida a Milly Lacombe. Trip. Recuperado a partir de <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-amara-moira-doutora-em-literatura-ex-prostituta-travesti-e-bissexual>

mulheres. Segundo a autora, em sua essência, a teoria feminista presumiu que “existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seus próprios discursos, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada” (Butler, 2017 p. 17). Nesse sentido, os domínios da “representação” política e discursiva estabeleceram os critérios pelos quais os próprios sujeitos são formados, e a representação só se estende ao que pode ser reconhecido como sujeito nessas linguagens. Ou seja, as exigências do ser sujeito devem ser, de certa forma, atendidas, para que a representação possa se expandir até eles.

Para Ribeiro (2017), enquanto os movimentos feministas persistirem na ideia de que há um discurso universal capaz de comunicar por todas as mulheres, eles estão, na verdade, assumindo o lugar de universal para si; em realidade, falam de si ao mesmo tempo que se julgam universais. Segundo a autora, é importante, por exemplo, apontar o vácuo existente entre a mulher branca e a mulher negra: se a mulher branca é o “Outro” do conceito sartreano, como acusa Beauvoir, a mulher negra seria o Outro do Outro, como afirma Grada Kilomba (2012), pois não é nem homem, nem branca; nessa perspectiva é imprescindível enfrentar essa falha que não enxerga precisamente a mulher negra em uma categoria de análise:

As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é o homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde “raça” não tem lugar [...] é por causa dessa falta de ideologia, argumenta Heidi Safia Mirza (1997) que as mulheres negras habitam um espaço vazio[...]Este é, é claro, um dilema teórico sério, em que os conceitos de “raça” e “gênero” se fundem estreitamente em um só. Tais narrativas separatistas mantêm a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos. (Kilomba, 2012, p. 56).

É nesse sentido que pautar o movimento por meio de políticas identitárias e representacionais se fazem problemáticas, como afirma Butler (2017). Sob essa conjuntura, a crítica feminista cria o sujeito do feminismo – que é em si uma figura discursiva – objeto de representação perante o sistema político de poder, mas do qual deveriam supostamente se emancipar. Conforme observa Foucault (apud Butler, 2017), o sistema jurídico de poder produz sujeitos que subsequentemente passa a representar. Segundo Butler (2017, p. 19), as noções jurídicas de poder regulam a vida política dos indivíduos por via de termos negativos como limitação, proibição, regulamentação, controle e até mesmo pela “proteção”. O desafio, segundo a autora, é formular no interior dessas estruturas solidificadas uma crítica

às categorias de identidade, as quais as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam.

Segundo Pez (2008), o trabalho de Foucault quanto ao sujeito consistia em perceber os modos pelos quais os seres se tornaram sujeitos baseando-se nas formas de constituição do indivíduo moderno, as quais perpassavam pelo fenômeno de poder. Entende-se que o indivíduo moderno é produzido pelos mecanismos de objetivação e subjetivação, e o termo “sujeito” designaria o indivíduo preso a uma identidade que reconhece enquanto sua. Segundo o autor, é nesse sentido que se pode dizer que a análise de Foucault não começa pelo sujeito em si, mas no pensar os processos de objetivação e subjetivação que o antecedem à sua constituição.

Nesse sentido, cabem as compreensões foucaultianas sobre o poder, os saberes e a sexualidade; mas é especificadamente a ideia do poder disciplinar que é importante neste momento. O poder de que fala Foucault não é uma conduta ou uma característica, mas sim um dispositivo produtor de materialidades, segundo Teixeira (2017a). As produções próprias do poder disciplinar circulam e geram outras materialidades, tecnologias e pedagogias. O poder disciplinar age em primeiro plano para o governo da sociedade, mas substancialmente para a vigilância e regulação do sujeito, e de seus corpos. Como resultado se tem o sujeito civilizado, capaz de viver harmoniosamente em sociedade.

O poder jurídico – como espaço de interpelação – assim como o conhecimento especializado – como articuladores de discursos – são inerentes aos poderes disciplinares. O saber, assim como o falar, são ações produtoras de verdade, vinculadas à tecnologia da confissão; quem fala tem o poder sobre a verdade que fala, que é um poder e um conhecimento usado para o controle social (Teixeira, 2017a). Nessa dimensão, Foucault (2017), em *História da Sexualidade*, mostra como a ciência do sexo está atrelada historicamente à tecnologia da conjugalidade, que pensada a partir de Adão e Eva, interfere nas concepções de gênero e cria a necessidade de um indivíduo que se cuida e se preserva, em favor dos regimes reprodutivos. Outras decorrências dessa mesma lógica se dão na pedagogização do corpo infantil, afastando-o das revelações sobre o sexo – ou da liberdade sexual; na socialização das condutas de procriação, por meio do controle de natalidade; nos saberes médicos que foram responsáveis pela psiquiatrização do prazer perverso, dos que não se encaixavam na manutenção desse modelo conjugal; e pela histerização do corpo feminino.

O corpo feminino foi tratado pela medicina no século XIX não como um corpo singular, mas sim como o corpo que não é o masculino, ou o corpo masculino que não se desenvolveu. Tratava-se como algo ausente de racionalidade, ou uma somatória de mistérios – como o da menstruação e o da gravidez – o que a medicina traduziu como um corpo histérico – enlouquecido – pois esta ciência, que também está inscrita em uma ordem masculinizada, não tinha interesse em alargar sua compreensão, ou apenas mantinha o suficiente para que esse corpo desconhecido permanecesse sob controle. Nesse sentido, é um corpo que passa a obedecer ao regime disciplinar do conhecimento especializado, e também a ser tratado como um objeto a serviço de algo – seja do conhecimento, ou da ordem estabelecida (Teixeira, 2017b). Para se evidenciar que poucas mudanças substanciais ocorreram desde então, se inclui um depoimento atual, de 24 de abril de 2017, publicado na conta de Instagram de Jonas Doravante – homem transexual – sobre o discurso médico contemporâneo, que ainda arrasta os estigmas decorrentes da ciência do século passado:

O discurso médico oficial sobre a transexualidade é violento e perverso. Somos levados a odiarmos o fato de termos útero e ovários porque isso não é coisa de homem, porque "biologicamente" esses órgãos fazem parte do sistema reprodutor feminino. Nos dizem que depois de X ou Y anos em hormonização temos que fazer uma histerectomia total porque tais órgãos foram comprometidos, mas não há estudos suficientes que comprovem isso. Querem que a gente se violente, se normalize, que nos tornemos inteligíveis para eles, pois não é admissível que uma figura barbada e sem seios gere uma criança. A matriz heterossexual seria abalada. Os argumentos biológicos que dizem que a homossexualidade é contra a natureza humana perderiam seu fundamento. A ciência revelaria sua face humana, seria questionada e teria que ser repensada. Conceber a vida é provavelmente uma das coisas mais poderosas e inteligentes que nosso corpo é capaz de fazer. Gerar uma criança é um direito que tenho. Gestar é super radical. Eu deveria abrir mão disso? Sem chance.⁴

Desse modo, se percebe que as questões que compreendem o sujeito, no âmbito do conhecimento especializado, não incluem, quase em nenhum momento, o “sujeito feminino” nos meios de discussão e de produção de saberes. Assim como as identidades de gênero não binárias se veem excluídas dessas produções e debates. Estes seres são vistos como o outro, mas nunca como algo em si. As demandas femininas, por exemplo, só ganharam visibilidade

⁴ Doravante, J. (2017, 24 abril). [Instagram]. *O discurso médico oficial sobre a transexualidade é violento e perverso*. Recuperado a partir de <https://www.instagram.com/p/BTSTtSlo9s/?hl=pt&taken-by=jonasdoravante>

a partir das revoltas feministas que, ao longo da história, começaram a apontar não somente a desigualdade na garantia de direitos civis, mas também toda uma sociedade falha, preconceituosa e machista, em que o único discurso operante é o masculino, e em que viver como mulher está sempre a serviço de algo, mas nunca de si mesma.

Nesse sentido, o feminismo questiona não só a desigualdade entre mulheres e homens, mas prioritariamente a lógica hegemônica masculinizada, que rege os governos e instituições. Seu caráter revolucionário não visa apenas a garantia dos direitos civis às mulheres, mas também a superação da opressão imposta pelo machismo na sociedade, ao clamarem por uma nova ordem social (Hall, 2015), em que se inserem as políticas representacionais e identitárias. Ao longo da história, como visto, as mulheres tiveram não só seus direitos civis negligenciados, mas também suas histórias construídas com base em saberes que não faziam referência às suas próprias narrativas de vida. Contudo, entender a falta de um sujeito que também compreenda as questões femininas e com isso se criar um contexto em que os discursos que circulam não sejam somente os hegemônicos, foi um passo importante para as lutas feministas por representação e participação política. Mas, ao longo da crítica teórica, se percebeu que não basta formar esse sujeito universal, é necessário extrapolar seus limites demarcados pelas questões de gênero.

Perante o contexto apresentado, o que se pode admitir é que os movimentos apresentaram imperfeições ao longo da história, mas a cada dia o debate em torno do feminismo, e sobre o sujeito do feminismo, está se tornando mais popular, plural, consciente e menos tolerante com discursos opressores. Atualmente, diante da conjuntura social como um todo, o feminismo não deve (e não pode) dimensionar suas lutas e seus avanços desconsiderando as perspectivas de gênero. Diante das demandas atuais, percebe-se que insistir em um sujeito para o feminismo se faz tão retrógrado ao debate, quanto situar o mesmo em uma esfera pós-feminista. Entende-se, neste estudo, que uma transgressão da ordem masculinizada, e uma mudança de perspectiva sobre a constituição dos próprios sujeitos, atravessa, necessariamente, as questões de gênero. Diante dos avanços do movimento, para Macedo (2006, p. 815):

O conceito de pós-feminismo poderá assim traduzir a existência hoje de uma multiplicidade de feminismos, ou de um feminismo "plural", que reconhece o fator da diferença como uma recusa da hegemonia de um tipo de feminismo sobre outro, sem, contudo, pretender fazer tábula rasa das batalhas ganhas, nem reificar ou "fetichizar" o próprio conceito de diferença.

Pode-se dizer que as questões trazidas pela terceira onda ainda não foram superadas, mas que inevitavelmente estamos em um outro momento, que pode ser entendido como decorrência das próprias mudanças contextuais. Nesse sentido, o ativismo online, por exemplo, tornou-se um importante instrumento de luta e abriu um poderoso espaço de contestação (Macedo, 2006). Diante disso, com o intuito de situar o debate contemporaneamente e entender as questões e demandas do movimento atual, o próximo tópico abordará o feminismo nos dias de hoje e, propositalmente, no cenário brasileiro, no qual se localiza o objeto de estudo deste trabalho.

I.2 As condições para o feminismo no Brasil atual

O atual movimento feminista é marcado pela popularização e democratização do feminismo na internet, ou por meio dela. Sua principal característica é a massificação do movimento, o que pode gerar uma ideia de uma luta desarticulada, ou mesmo a falta desta. Mas, na realidade, se trata de um movimento mais pulverizado socialmente, em que cada vez mais se enxerga e se escuta, pelas ruas e pelas redes (Macedo, 2006). No Brasil, inaugura-se esse novo momento com a Marcha das Vadias (*SlutWalk*), impulsionada pelo movimento que se iniciou na Universidade de Toronto, em que após a constatação de muitos casos de abuso sexual, a orientação do policial Michael Sanguinetti foi para que “as mulheres evitassem se vestir como vadias” para não serem vítimas dos “acontecimentos”; ou seja, a resolução foi a culpabilização das vítimas pelos crimes cometidos contra elas próprias. No Brasil, a Marcha aconteceu pela primeira vez em junho de 2011 em São Paulo, e contou com a presença de pelo menos seis mil pessoas; mas como é comum no país, os números oficiais constam que participaram apenas 600 manifestantes, o que fez com que o evento se espalhasse por mais pelo menos vinte cidades em todo o país. (Gomes & Sorj, 2014).

A realização da Marcha das Vadias foi um importante passo para se iniciar uma conscientização da própria vítima sobre atitudes e situações que também podem ser enquadradas como casos de violência sexual e de gênero, que até então eram normalizadas. Segundo Bourdieu (1999), insere-se nessa compreensão processos invisíveis e simbólicos – aos quais o autor nomeia de violência simbólica. Esses processos aos quais o autor se refere, não se limitam às violências visíveis causadas pelo uso da força física, mas operam precisamente ao nível da linguagem, e do que é simbólico, disseminadas nas diferentes

esferas sociais. Essas relações nomeadamente abusivas, operam ocultamente e de forma sutil por meio de vias simbólicas da comunicação entre os envolvidos na situação.

Segundo a perspectiva apresentada pela ONU, não há uma causa única que explique adequadamente a violência contra as mulheres, mas que esta surge da convergência de fatores específicos no contexto geral das desigualdades de poder nos níveis individuais e coletivos, de modo que a violência contra mulheres funciona como um mecanismo para manter o sistema social patriarcal (apud Fiol et al., 2007). No Brasil, há nove anos foi sancionada a Lei n. 11.340 – conhecida como Lei Maria da Penha – visando incrementar e destacar o rigor das punições para esse tipo de crime. Abaixo a introdução do texto aprovado da Lei:

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. (Lei n. 11.340, 2006).

Maria da Penha é uma mulher brasileira, farmacêutica, que sofreu anos de agressão de seu ex-marido, e duas tentativas de homicídio pelo mesmo: uma em uma simulação de assalto em que um dos tiros a acertou a deixando paraplégica, e meses depois em uma tentativa de eletrocutá-la (Instituto Maria da Penha, 2016). Apesar da abrangência da lei, os números de violência contra a mulher no país são inadmissíveis. A cada dois segundos uma mulher é vítima de violência física, ou verbal (Instituto Maria da Penha, 2018), e a cada dois minutos uma mulher é vítima de arma de fogo. Em 2013, segundo o Mapa da Violência no Brasil, 13 mulheres morreram todos os dias vítimas de feminicídio – assassinato em função de seu gênero – sendo que 30% foram mortas por parceiro ou ex-parceiros (Waiselfisz, 2015).

Segundo o mesmo levantamento, o assassinato de mulheres negras aumentou (54%) enquanto o de brancas diminuiu (9,6%); para Ribeiro (2017), esse aumento alarmante nos mostra a falta de um olhar étnico-racial no momento de se pensar políticas públicas, por exemplo. Para Fiol et al. (2007) as violências contra as mulheres em relacionamentos são multicausais, incluem fatores individuais, sociais, questões internas do casal e, dentre esses, está a desigualdade da distribuição de poder entre homens e mulheres, reflexo da sociedade como um todo.

Segundo a pesquisa Violência contra a mulher no ambiente universitário (Instituto Avon, 2015), duas em cada três universitárias brasileiras disseram já ter sofrido algum tipo de violência (sexual, psicológica, moral ou física) no ambiente universitário, e em São Paulo registra-se quatro casos de assédio sexual por semana nas linhas de metrô (Soares, 2017 setembro 7). Esses dados evidenciam como as situações de violência são mais comuns do que se supõe e fazem parte do cotidiano de muitas meninas e mulheres. Em 2013, o blog Think Olga (2013, setembro 9) realizou uma pesquisa intitulada “Chega de Fiu Fiu”, com o intuito de enfrentar os casos de assédio em locais públicos. Foram 7.762 participantes e 99,6% afirmaram já terem sido assediadas, sendo que os locais variam de ruas (98%), transporte público (64%), trabalho (33%) e em festas (77%). Ao serem questionadas se já deixaram de fazer algo por conta dos assédios, 81% responderam que sim, e 90% afirmaram já terem trocado de roupa por medo de serem assediadas.

Por se dar no ambiente da internet, essa pesquisa ampliou o debate apropriando a temática e dando origem a outros movimentos em rede. Em 2014 o Ipea divulgou uma pesquisa, intitulada Tolerância social à violência contra as mulheres, em que 58,5% dos entrevistados concordaram totalmente ou parcialmente com a frase “Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”; 65% acharam que mulheres merecem ser atacadas quando estão com roupas que mostram o corpo. No mesmo ano, a hashtag #NãoMereçoSerEstuprada foi criada pela jornalista Nana Queiroz, após o deputado Jair Bolsonaro (PSL) ter declarado em plenária à deputada federal Maria do Rosário (PT): “Não lhe estupro, pois você não merece.”. Em 2017, ao longo do julgamento, a deputada deu a seguinte declaração:

“O pronunciamento deste parlamentar gerou uma onda de ódio imensa que atinge não só a minha pessoa, mas atinge as mulheres. Principalmente as mulheres, mas também gays, lésbicas, negros, negras, indígenas, a toda uma série de pessoas que sofrem por serem atacadas pela identidade, pelo que são. E, no Brasil, a cada 11 minutos, uma mulher é estuprada. Então tratar estupro como algo banal, como algo que um homem decide se uma mulher merece ou não, é condenar as vítimas e incitar ao crime” disse Maria do Rosário à imprensa após o depoimento. (Pires & Moura, 2017 agosto 23).

Conforme citado no depoimento acima, o Brasil registrou um estupro a cada 11 minutos em 2015 segundo estudo apontado no Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Lima et al., 2016). De acordo com o Ipea, se calcula que cerca de 70% das vítimas de estupro são crianças e adolescentes, e os criminosos são em sua maioria homens próximos

das vítimas (Cerqueira, Coelho & Ferreira, 2017). Segundo dados compilados pela jornalista Nana Soares, somente 15,7% dos acusados por estupro foram presos (Soares, 2017 setembro 7). O mesmo levantamento apontou que na cidade de São Paulo ocorre um estupro em local público a cada 11 horas. No estado do Rio de Janeiro, há um caso de estupro em escola a cada cinco dias e 62% das vítimas têm menos de 12 anos (Soares, 2017 setembro 7).

Diante desse cenário, em outubro de 2015 uma onda de denúncias se iniciou pela hashtag “#primeiroassédio” em que o movimento em rede, massificado, incentivou mulheres a contarem as primeiras vezes que sofreram assédio sexual, o que levou ao choque de muitos ao perceberem que, na grande maioria, os casos aconteceram enquanto as vítimas ainda eram muito novas. Em novembro, dando continuidade ao momento que ficou conhecido no Brasil como Primavera Feminista, a hashtag “#meuamigosecreto” compilou relatos e denúncias de situações de machismo que mulheres vivem em seu cotidiano e assolam a esfera social como um todo. A seguir, destacam-se alguns relatos recolhidos durante a campanha: “#meuamigosecreto taxa mulher de doida e manda fazer terapia quando ela acorda se sentindo um pouco pra baixo”; “#meuamigosecreto na minha área, por ser engenheira, já ouvi que estava "cheirada" por e-mail, com cópia para todos menos a mim”; “#meuamigosecreto diz que ser engenheira é coisa de homem e de sapatão” (Moreira, 2015).

Essas campanhas criaram uma espécie de rede de apoio e conscientização para que mulheres denunciassem os casos de assédio, a partir daí passou a se compreender que a violência não se restringe à esfera física, como nomeadamente citam Fiol et al. (2007), compreende também a violência sexual, psicológica, econômica, estrutural e espiritual. Há para além disso, outras formas infiltradas no cotidiano que, segundo as mesmas autoras, dizem respeito aos micromachismos. As pesquisadoras, que também focam seus estudos na violência em relacionamentos amorosos, destrincham os padrões condizentes com os micromachismos, como os coercitivos (diretos), que incluem os que o homem usa sua força moral, psíquica, econômica e de sua personalidade para ludibriar as mulheres e as convencer de que não tem razão sobre algo (Fiol et al., 2007). Essa invasão se valida ao provocar um sentimento de derrota, pois as mulheres se veem incapacitadas de provar e defender suas próprias decisões e opiniões. Essa situação pode provocar inibição, desconfiança sobre elas mesmas, e a consequente diminuição da autoestima. Para as autoras, os micromachismos se manifestam por meio da intimidação, tomada do poder sobre as decisões do casal, apelação lógica sobre um argumento, insistência abusiva, controle do dinheiro e uso expansivo do espaço físico.

No mesmo estudo, apresentam-se também os micromachismos encobertos – de controle indireto – em que o homem oculta seu objetivo de dominação, baseado em atitudes sutis, mas que podem ser até mais efetivas do que coercitivas, pois incidem na autoconfiança, provocando um sentimento de desvalorização, confusão, culpa; manifestam-se por meio da maternalização da mulher – em que sua função seria o cuidado com os outros, e não dela própria; manobras de exploração emocional – gerar dúvidas sobre si mesma por meio de insinuações e chantagem; terrorismo – comentários negativos que a deixam indefesa; paternalismo – colocar a mulher no lugar da criança, que necessita cuidados; invenção da “falta de intimidade” – ignoram o afeto à mulher, resistência em se expor, e invasão ao espaço de intimidade da mulher. E, por último, são classificados os micromachismos de crise, baseados na manutenção da desigualdade entre os pares, como pseudoapoio às tarefas da casa, distanciamento como justificativa para abandonar a relação; distorção da realidade, e a autoindulgência pelos próprios erros.

No Brasil, algumas formas específicas de micromachismos, derivadas dos comportamentos citados acima, circulam sob termos americanizados, como: *maninterrupting* (homens que interrompem), *bropriating* (homens que se apropriam), *mansplaining* (homens que explicam), *gaslighting* (violência emocional por meio de manipulação psicológica), e o *manspreading* (homem que se espalha, não dando lugar para a mulher). Segundo o blog Think Olga (2015 setembro 4), trata-se do que vai além das violências decorrentes do machismo escancarado, como o estupro, violência doméstica, restrição econômica e situação de submissão, mas permeiam o cotidiano de forma quase invisível para quem as sofrem, são gestos que parecem inofensivos, mas na verdade roubam a força, o espaço e limitam as possibilidades das mulheres. Estes também podem ser conferidos como fatores da violência simbólica, segundo o conceito de Bourdieu (1999).

O movimento feminista atual também ganhou força pelos conteúdos produzidos pelos canais de *youtubers* feministas, como no Brasil é o caso de Julia Tolezano do *Jout Jout Prazer*, um canal que se autodefine como “o que fala obviedades”, e alcançou significativa popularidade após a publicação do vídeo “Não tire o batom vermelho”, sobre relacionamentos abusivos, que atualmente tem 3.271.583 visualizações (maio, 2018) (Jout Jout Prazer, 2015, 26 fevereiro). Entre muitos outros canais sobre a temática, destaca-se também o *Canal das Bee*, uma plataforma com 342.598 inscritos que se define como “não só um canal contra a homofobia. Um canal contra o preconceito, contra a transfobia, a bifobia, a lesbofobia, o machismo” (Canal da Bee, 2018); e também o *Hel Mother*, com

134.536 inscritos, que fala sobre a não romantização da maternidade (Hel Mother, 2018). Pode-se perceber que o ativismo online não se desvincula completamente da pauta do movimento social em si; o conteúdo criado em rede serve tanto para conscientizar como para incentivar que mulheres assumam o debate feminista, pois não se trata somente de uma posição política, mas disso também depende a própria sobrevivência das mulheres nesses cenários descritos de violência generalizada e banalizada (Ferreira, 2015).

Fora das redes, muitas artistas assumem o discurso feminista em suas criações, principalmente com conteúdos ligados à liberdade sexual das mulheres, como é o caso das cantoras de funk, e da rapper Karol com K, que em 2017 lançou uma música sobre a masturbação feminina (“*Lala*”). A rapper Mc Soffia, de 14 anos, canta sobre a opressão negra nos meios de entretenimento e na cultura em geral, e acompanha um movimento em todo o mundo que questiona a falta de representatividade de grupos excluídos socialmente, economicamente e politicamente. Essas reivindicações exigem mudanças do padrão não só nos produtos finais, mas também nos meios de produção dos conteúdos de entretenimento, como propõe a cláusula de inclusão (*inclusion rider*), citada por Frances McDormand em seu discurso de agradecimento pelo Oscar de melhor atriz em 2017 (Todo Seu, 2018, 6 março).

Em um contexto mais amplo da produção audiovisual, constatou-se que no período entre 2015 e 2016, apenas 4% dos personagens das produções seriadas dos Estados Unidos foram gays, lésbicas, bissexuais ou transgêneros; apenas 28% dos personagens com falas nos 100 maiores filmes de 2014 foram mulheres, ressaltando que 28,8% usaram roupas provocativas, e 26,2% ficaram parcialmente nuas; apenas seis dos 500 maiores filmes de todos os tempos tiveram mulheres não-brancas como protagonistas, sendo que cinco desses filmes foram animações. Todos esses números não só refletem, como também reforçam, as opressões machistas, racistas e LGBTfóbicas do cotidiano (Vascouto, 2017).

Como visto, o atual movimento feminista é minucioso e crítico quanto aos discursos que perpetuam a ordem machista e moralista. Consoante a isso, este estudo pretende discutir a posição colocada à mulher dentro de narrativas que incluam uma história de romance. A finalidade é entender quem é essa mulher que se relaciona e de que tipo, ou forma, de relacionamento se está falando. Por essa perspectiva questiona-se se será que é mesmo um relacionamento em que o amor e os interesses em comum entre o casal são o fio condutor da narrativa, ou é um relacionamento marcado pelo interesse exclusivamente masculino, e pelo exercício de poder que pode levar à construção de relacionamentos abusivos e violentos,

como pontuado anteriormente pelos números apresentados? Para continuar essa discussão, o próximo capítulo abordará a idealização do amor romântico e os aspectos opressores desse conceito que perduram e repercutem até os dias atuais, assim como o papel destinado à mulher nas narrativas sobre relações íntimas e o ideal de felicidade destinado a ela.

A partir desse primeiro momento do estudo se questiona não mais somente como se chegou a esse quadro opressor em que o poder masculino hegemônico é ao qual se é obediente, mas porque a violência contra a mulher foi de tal forma naturalizada, que hoje se vê a própria culpabilização da mulher por esses atos. Quais modelos a sociedade espera que a mulher ocupe? E como são formados esses modelos? Para além da esfera subjetiva, de que forma essas características se estendem também para as esferas afetivas, abrangendo a concepção sobre relacionamento amoroso? E será que esses modelos seguidos ainda competem à mulher contemporânea? Por qual razão essa mulher continua a seguir modelos que (talvez) não lhe dizem respeito? Modelos instituídos de normas e condutas que não a representam e não a incluem. E que modelo é esse de relacionamento amoroso que a violenta, a oprime, e mesmo assim é tido como um sonho para tantas delas. Será que mesmo com tantas transformações essas mulheres não querem, ou não podem, sonhar com outras narrativas de vida? Por que essas mulheres ainda não conseguem ser autônomas em relação a si mesmas e a suas vidas?

CAPÍTULO II – SOBRE AMORES E ROMANCES

Conforme exposto anteriormente, este capítulo se destina a discutir e compreender formatos de relacionamentos amorosos – construídos historicamente e consolidados atualmente – e aos quais os indivíduos estão, de certa forma, condicionados. Dessa forma, procura-se perceber como as construções históricas do conceito de amor, influenciadas pelas relações de poder, contribuíram para a perpetuação, ou normalização, de padrões abusivos e comportamentos machistas em relacionamentos íntimos. Para Giddens (1992, p. 45), a mudança em relação à assimilação do amor romântico, como também a emergência da sexualidade, são fenômenos modernos ligados diretamente às questões e decorrências da reflexividade e dos processos que envolvem a autoidentidade. Nessa perspectiva, sentiu-se a necessidade desse capítulo explorar, especificadamente, as particularidades da socialização que constrói e situa homens e mulheres em locais de disparidade social; as características que envolvem os modelos de relacionamentos amorosos, demarcados ao longo de tempo, e ainda presenciados atualmente; e, nesse sentido, algumas perspectivas da individualidade em relacionamentos, e, para finalizar, os discursos de verdade que envolvem o sexo e a sexualidade na contemporaneidade.

Em um primeiro momento se deve propor – e concordar – que o sentimento do amor, independente do contexto, tem algo de incompreensível, de mal explicado, de intuído, ou de apenas sentido. Segundo Lins (2017, p. 23), as diversas declarações, construções e desconstruções sobre esse sentimento podem ser explicadas pelo fator histórico que abarca o que é o amor, em que se entende que “por ser histórico, o amor é uma construção social e varia de forma, de significado e de valor. Assim como todas as culturas elegem suas formas de viver, de sofrer, de gozar, de morrer, também elegem suas formas de amar.”

A autora situa as raízes do amor, conforme se contextualiza atualmente, no amor cortês próprio do século XII, em que pela primeira vez é visto como uma relação pessoal. O amor cortês é aquele em que a mulher é cortejada pelo homem, ambientado em uma situação de fantasia e conquista. A mulher é vista como alvo da ação masculina, mas, segundo Duby (1990), existem estudos que comprovam que o amor cortês não foi inventado para as mulheres. Em suma, tratava-se de um jogo entre homens, em que a mulher era considerada uma desculpa, e/ou um sonho, e subliminarmente uma espécie de falsa protagonista da história. O objeto venerado consistia na esposa, mas necessariamente a que “pertencia” ao outro: a mulher era colocada em meio a um jogo arriscado e perigoso e sua única função

nessa dinâmica era resistir ao seu próprio noivado (Duby, 1990). No amor cortês se presencia a mulher virtuosa, aquela estimada segundo valores religiosos, com a qual se instituía uma relação, mas em que o prazer sexual não fazia parte pois era obtido em diferentes relações extraconjugais (Fiol et al., 2007).

Propriamente no amor cortês se notam elementos que darão origem ao amor romântico, como um objeto idealizado e a retórica da conquista. Esse amor romântico que data do final do século XVII, é observado sob os mesmos elementos até os dias de hoje – em narrativas, bem como na vida cotidiana. Giddens (1992) aborda concomitantemente ao amor romântico, o *amour passion*, pois percebe as ligações entre eles como cruciais para o sistema das relações. Segundo o autor, o amor apaixonado “é marcado por uma urgência”, por um impulso determinado pelo desejo sexual, que situa os envolvidos à parte das rotinas do cotidiano e com as quais até mesmo chega a entrar em conflito (Giddens, 1992, p. 48). Segundo essa lógica, não surpreende que a paixão como precedente tenha sido excluída da dinâmica dos relacionamentos, e em parte alguma jamais foi considerada como suficiente para um casamento, inclusive, em grande parte das culturas, é mesmo refratária a ele. O envolvimento emocional entre os pares é de tal forma invasivo que ambos passam a ignorar suas obrigações mundanas; os envolvidos ficam propensos a cometer sacrifícios e optam pelas decisões radicais (Giddens, 1992, p. 48).

A distância do *amour passion* para o amor romântico, segundo Giddens (1992, p. 48), é encontrada na diferença entre atitudes: enquanto um está ligado ao impulso erótico, no outro se nota uma ligação ao sublime. O amor romântico implica uma atração instantânea, mais comumente conhecida como o “amor à primeira vista” (Giddens 1992 p. 51). Esse ato do primeiro olhar é uma comunicação que compreende uma certa ansiedade intuitiva das qualidades que o outro possui; é um processo de atração que dá a subentender que é possível tornar a vida do outro completa, assim como a sua própria (Giddens, 1992). Segundo o autor, o amor romântico coincide com o surgimento da novela, em que o enredo explorado se baseia na conexão entre os pares (Giddens, 1992); o romance se dá propriamente em narrar o romance, que se torna de certa forma individualizado ao inserir um eu, e um outro, em uma história pessoal, em que processos sociais mais amplos não são incluídos. É precisamente dessa forma que o romance, ao acontecer, torna-se primordial na vida dos envolvidos, e a sensação é de que o destino dos indivíduos estava conectado a uma ordem cósmica mais ampla. Dessa forma, a história de amor – o romance – converte-se em uma via possível para

o controle e previsão do futuro, que confere certa segurança psicológica para aqueles cujas vidas estão condicionadas a essa dinâmica (Giddens, 1992).

Mas, contraditoriamente ao que se pode intuir, as ideias associadas ao amor romântico possibilitaram pela primeira vez um vislumbre de liberdade – depositada na liberdade de escolha – e, dessa forma, a liberdade e o amor passaram a ser condições possíveis às narrativas pessoais. Segundo Fiol (et al., 2007) é somente a partir do século XIX que as ideias de amor romântico, matrimônio e sexualidade são vistas como elementos de uma mesma relação, e assim são entendidos até os dias atuais. O caráter intrinsecamente subversivo à ideia do amor romântico, vinculado à liberdade, foi durante muito tempo mantido sob controle pela associação do amor com o casamento e, conseqüentemente, à maternidade, conjuntamente com a ideia do amor eterno – que uma vez um par encontrado, é assentido que seja para sempre (Giddens, 1992).

Assumindo a concepção para a perspectiva atual, de que todo relacionamento afetivo parte da presença incondicional do amor para o desenvolvimento de uma relação, a primeira das incoerências incitadas por essa exigência pode ser encontrada na própria percepção sobre o termo “amor”, ou seja, no que se percebe do amor como essa premissa para um relacionamento. Para o psicanalista brasileiro Roberto Freire (1990), em relação à sociedade contemporânea, para além das variações essenciais do sentimento do amor, por causas psicológicas, sociais e políticas, a própria transformação semântica da palavra acaba por dificultar a comunicação nas relações de intimidade. O mal-entendido se dá, por exemplo, quando fazem uso do vocábulo como sendo o próprio sentimento, ou o que ele representa simbolicamente:

No falar cotidiano dos franceses, para lembrar um exemplo, o problema ressalta ainda mais que entre nós, de fala portuguesa. Na França (aprendi com o poeta Leo Ferré), ao declarar verdadeira paixão por alguém, deve-se dizer assim, sem medo algum de pleonismo linguístico ou amoroso: - “*Je t’aime d’amour!*” Pelo sim, pelo não, como já não quero mais cometer equívocos em minhas eventuais e ainda possíveis paixões, adotei o procedimento semântico gaulês quando estou amando de verdade e em português: - “Eu te amo de amor!”. (Freire, 1990, p. 15).

Mesmo que datada de quase três décadas atrás, a literatura de Freire ainda se faz lúcida até os dias atuais. Segundo Freire (1990), o amor vem sendo usado não no sentido que toca o subjetivo de cada indivíduo, mas como o máximo de afeto que se pode sentir por outra pessoa. Nessa lógica, muitos acabam por resumir o sentimento do amor a uma espécie

de gostar profundo e doloroso, equiparando ao que já sofreram por alguém. Para o psicanalista, as pessoas acreditam que esse gostar desmensurado se trata de um verdadeiro amor, e dessa forma acabam por substituir o amar aos outros por afeição e dependência material (Freire, 1990).

É assumido que não há definição validada para o termo amor, nem para o que se sente quanto ao amar; para Freire, por exemplo, só se pode sentir o amor, jamais compreendê-lo. Nessa perspectiva, o autor também se julga incapaz até mesmo de provocar uma definição concreta sobre o termo. Como pontuado por Lins (2017), há uma percepção diferente do que é o amor influenciada pelas culturas que o vivem e sentem. O líder espiritual Sri Prem Baba (2015, p. 17), por exemplo, declara em seu livro *Amar e ser Livre* que o “amor é uma qualidade, uma fragrância do Ser, ou seja, é uma manifestação da própria essência do ser humano”. Já para Butler (apud Cardoso, 2015, p. 55) “o amor sempre nos leva de volta ao que sabemos e ao que não [...] o amor se constrói como um pilar fundamental da existência humana, e duvidar dele leva a obrigação de questionar todo o demais”. Mas a questão que se encerra diante disso, posta por Butler, é necessariamente sobre que formas de amor são, assim, tão essenciais para a sociedade. A proposta do capítulo não é necessariamente responder a essa proposição, mas abordar as questões em torno do que os julgamentos sobre a obrigação do amor têm acarretado para a sociedade, e como isso influi na própria constituição do relacionamento amoroso.

II.1 As implicações do amor como imperativo

Ao longo das últimas décadas, na cultura ocidental especificamente, a relação entre amor, matrimônio e sexualidade vem se estreitando cada vez mais. Segundo Lins (2017), com a popularização do cinema americano na década de 40, o casar por amor passa a habitar o imaginário dos indivíduos, o amor romântico passa a ser visto como razão fundamental para um casamento, e o estar apaixonado é a premissa para se envolver como casal e permanecer nesse status. O matrimônio passa a ser atribuído à escolha pessoal dos indivíduos e o amor e a satisfação sexual devem ser encontrados e concentrados nessa mesma relação. Dessa forma, o amor romântico popularizou-se e passou a ser considerado uma premissa à vida e à felicidade dos indivíduos (Fiol et al., 2007).

Corroborando com essa ideia, para Chaves (2003, p. 92) “a maneira como o indivíduo sente, expressa e vivencia o sentimento amor está relacionada a um conjunto de ideias,

fantasias, imagens e discursos ao qual ele tem acesso, no qual ele é inserido por intermédio da sua família e do(s) grupo(s) social(ais), com o qual ele se identifica”. Segundo a autora, considerar o amor “uma categoria primordial” – um sentimento que existe além do mundo empírico – não nos ajuda de fato a refletir sobre as características dos relacionamentos amorosos na atualidade (Chaves, 2003, p. 92). Nessa perspectiva, os amores podem ser vistos enquanto práticas subjetivas e linguísticas; há uma máxima de La Rochefoucauld que diz: "Existem pessoas que nunca teriam estado apaixonadas se não tivessem ouvido falar de amor" (apud Chaves, 2003, p. 92).

No tocante a esse ponto, a pesquisa desenvolvida por Fiol (et al., 2007) também trabalha os valores e as narrativas dos mitos do amor romântico. Um mito é uma crença formulada de tal modo que é visto apenas como verdade incondicional, e carrega uma grande carga emocional e social, incidindo em ideologias consensuais (Fiol et al., 2007). Os mitos mais conhecidos, especificamente referentes ao amor romântico, segundo Yela (2003), consistem no “mito da metade da laranja”, em que se acredita em um único parceiro predestinado que coincide exatamente com as expectativas pessoais; e o mito do namoro, em que formar um casal com alguém do sexo oposto é algo natural e comum a toda a sociedade – fundado nas ideias da monogamia e heterossexualidade, acaba por implicar certo constrangimento social tanto para os que não namoram, como para os que sentem atração pelo mesmo sexo.

Ainda se identificam o mito da equivalência, em que amor e paixão são correspondentes, ou seja, a partir do momento em que o par deixa de estar apaixonado, também deixa de amar o outro. O mito da Onipotência do amor, ou o “amor que vence tudo”, que infere em sujeição e autonegação por um dos parceiros, consentindo até mesmo determinados comportamentos negativos. O mito do livre arbítrio – dos sentimentos – que subentende que as emoções são livres, alheias a nossa vontade e consciência, e não sofrem qualquer influência de fatores biológicos, sociais ou culturais. E o próprio matrimônio também pode ser considerado um mito para os que acreditam que o amor romântico deve conduzir essa relação e ser o principal, e praticamente único, elemento da vida do casal.

Para outros três mitos vinculados ao amor romântico, nota-se certas relações de poder vinculadas aos seus conceitos; são eles o mito da exclusividade, da fidelidade e do ciúme. O primeiro diz respeito à impossibilidade de estar apaixonado por mais de uma pessoa ao mesmo tempo, em que a monogamia é a única opção para as narrativas dos “romances”. O segundo se trata da crença de que os desejos eróticos, românticos e passionais devem ter

origem em uma só pessoa, o que se percebe como herança do vínculo entre amor, matrimônio e sexualidade, próprios da consolidação do amor romântico. E, por fim, o ciúme, que aparece como um sinal do amor e é indispensável a uma verdadeira história de indivíduos apaixonados um pelo outro.

Os conceitos expostos acima, sobre os mitos propagados pelo amor romântico, são questões que habitam o inconsciente comum até os dias de hoje. Os mitos, assim como os tabus, integram o inconsciente popular, pois se perpetuam nas narrativas, discursos, guiões, entre outros aparatos sociais e culturais (Fiol et al., 2017). Enquanto os tabus são considerados questões que não podem ser discutidas, os mitos perpetuam como histórias fixas – contos – quase como algo antigo e sem importância; mas se observa como eles ainda fazem parte da formação dos indivíduos e como integram suas crenças.

Desse modo, as narrativas de romance, bem como os mitos do amor romântico, inteiram as narrativas dos processos de socialização, causando a chamada “socialização diferencial” (Fiol et al., 2007). Em uma perspectiva feminista, o complexo de mitos e estereótipos, expostos anteriormente, articulam-se expressamente com a violência contra a mulher. Como bem colocado por Fiol (et al., 2007), a desvalorização do feminino e a sobrevalorização do masculino estão baseadas em um modelo social de feminino e masculino sustentados e ainda mantidos pela sociedade patriarcal. Nesse contexto, entende-se que o amor é histórico, condicionado por épocas, culturas, diferenciado conforme o gênero, e por isso tem normas e mandatos diferentes para homens e mulheres. Assim, assume-se que a ligação entre poder e amor é central segundo uma visão feminista do amor (Fiol et al., 2007, p. 359). Sob esse aspecto, a seguir, serão abordados os processos de socialização diferencial propriamente e, em seguida, os formatos de relacionamento e as implicações para a situação de violência contra às mulheres.

II.2 A socialização diferencial

Os processos de socialização, segundo Giddens (1991), iniciam-se no nascimento e se estendem por toda a vida, e são pelos quais as pessoas, em interação com outras partes, interiorizam valores, atitudes, expectativas e comportamentos característicos da sociedade da qual fazem parte. Durante esse processo – e por ação dos agentes socializadores – chegam aos indivíduos um emaranhado de conteúdo sobre as relações sociais e interpessoais e, conseqüentemente, sobre as relações amorosas. Desse modo observadas, entende-se que as

relações amorosas são construídas como uma transposição dos valores que imperam na sociedade, que na realidade são profundamente os valores patriarcais, e são nos mesmos que estão a se fundar as relações interpessoais e afetivas (Fiol et al., 2007).

De acordo com Fiol (et al., 2007), os agentes socializadores tendem a associar, explicitamente ou implicitamente, a masculinidade com a racionalidade, poder, e outros aspectos da vida pública, como o trabalho e a política. Enquanto que o feminino é associado substancialmente às questões da vida privada, como passividade, dependência, obediência, e nas decorrências dessa dinâmica institui-se certa subordinação ao parceiro. Nesse contexto, o homem é visto como a figura importante e protagonista, ao passo que a mulher desempenha um papel de apoio e secundário; nessa lógica, inconscientemente, acaba por se considerar que o masculino tem mais valor que o feminino.

A partir da constatação que a educação do homem é orientada para o sucesso na vida pública – um ideal do bom profissional –, e a da mulher para o êxito na vida privada – a esposa e mãe – o amor, a paixão, o namoro e o matrimônio, segundo Fiol (et al., 2007), seguem sendo o eixo principal no qual gira a vida das mulheres, e se lhes negarem esses elementos, é o mesmo que confiscar o sentido das suas vidas. Observa-se que a literatura, o cinema e a música têm papel central nessa questão, insistem nessa retórica do amor como imperativo, independentemente da idade e/ou condições das mulheres a quem se dirigem; enquanto que para os homens, o reconhecimento social e o status que ocupam segue como o fator de identificação e, dessa forma, as relações amorosas podem ser confinadas em um segundo plano. Desse modo, entende-se que é ao longo do processo de socialização que se internaliza o que é o “se apaixonar” ou o “amar”. Quais sentimentos e reações são aceitáveis (e quais não); por quem devemos nos apaixonar; quem ou o que é atrativo; e até mesmo em que deve consistir a própria relação amorosa (Fiol et al., 2007).

A partir desses sintomas constatados, pretende-se abordar os elementos que constituem os relacionamentos na atualidade. A intenção é perceber se de alguma forma as concepções sobre os relacionamentos atuais superaram o ideal do amor romântico – e seus mitos – orientando-se para formatos mais condizentes com as demandas da contemporaneidade e do próprio sujeito. Ou, contraditoriamente, seguem condicionados pelos enunciados do romance clássico, a perpetuar relações de poder e, conseqüentemente, a submeter as mulheres ao pseudoprotagonismo de suas próprias histórias de vida.

II.3 As construções contemporâneas das relações

Os romances modernos se diferem historicamente por conceder um certo caráter ativo à conquista. Diferentemente do romance medieval em que a heroína é a figura passiva e sua função é ser conquistada, devido às mudanças conjecturais, hoje a heroína passa a ser independente e corajosa, e sua trajetória é encontrar e enternecer o coração de um homem que inicialmente mostrou-se indiferente, e se colocou distante dessa mulher (Giddens, 1992). O estímulo da conquista deixou de ser somente pelo impulso erótico. Esse caráter ativo da heroína recai, em verdade, sobre o que se entende como produzir amor, em uma tentativa de influenciar a situação, e as condições, postas por esse homem insensível a ela. O amor oferecido por essas heroínas dissolve essa indiferença do amado, e substitui o antagonismo inicial, por devoção, fazendo com que ela se torne amada e correspondida (Giddens, 1992).

Dada essa introdução, percebe-se variavelmente que a recusa ou desinteresse manifestado por alguém por nós, ou por um de nossos aspectos, pode aparecer como estímulo, causando sentimentos de imobilização e perturbação em nós (Salomé, 1995). O indivíduo pode se mostrar sensível à vulnerabilidade, ou fraqueza de uma pessoa, que provoca um movimento de compaixão e dedicação, ou ainda sentimentos mais complexos, em torno da necessidade do outro. O indivíduo intrigado tem a intenção de reparar, ajudar, amparar, ou até mesmo de salvar o outro, diferenciando-se do amor medieval em que o desejo recai sobre o outro como aquilo que não lhe pertence.

A atração, invariavelmente ao contexto, compreende a ideia da identificação projetiva, própria dessa dinâmica desde o amor romântico, em que se cria uma sensação de totalidade com o outro. Os aspectos do outro são conhecidos por uma espécie de “sentido intuitivo”. O contraponto é que a projeção vai contra o desenvolvimento de um relacionamento baseado na intimidade, uma das condições propostas por Giddens (1992) para o “amor confluyente”: um amor ativo e contingente que se choca com categorias próprias do amor romântico, como o “para sempre”. Quanto mais o amor confluyente se consolida, mais se afasta da busca por uma pessoa especial, e proporcionalmente se aproxima da ideia do relacionamento especial (Giddens 1992).

Atualizando a própria concepção sobre relacionamento, Giddens (1992) o entende como um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa. Segundo o entendimento do autor, preferencialmente, um relacionamento envolve e é baseado no fator da intimidade, que por ele é vista como central nessa dinâmica. Os “limites claros em um

relacionamento são obviamente importantes para o amor confluyente e para manutenção da intimidade”; “os limites estabelecem o que pertence a quem, psicologicamente falando, e por isso neutralizam os efeitos da identificação projetiva” (Giddens, 1992, p. 106). A intimidade é percebida então, não como uma absorção total de um pelo outro – e do outro em sua vida – mas um conhecer profundo das características do par (ou pares) com o qual se relaciona.

O autor entende que essa abertura não é o mesmo que viver sem pensamentos particulares, e identifica que, paradoxalmente, essa disposição para o outro exige demonstrar e colocar os próprios limites pessoais na relação, pois se trata propriamente de um fenômeno comunicativo (Giddens, 1992, p.106). Para Coira (2011), corroborando com a perspectiva apresentada por Giddens, o contraponto essencial se encontra nas uniões que são formadas necessariamente pelas individualidades dos pares, em que as diferenças entre eles enriquecem o todo. O casal participa e se expõe de tal maneira que o comum e o compartilhado não fazem com que o indivíduo, e sua individualidade, desapareçam na dinâmica da relação.

Diante disso, é fato que muitas relações se tornam problemáticas ao não perceberem as diferenças cruciais entre individualidade, intimidade e privacidade. Segundo Fiol (et al., 2007), muitos casais são formados se baseando na individualidade de um só dos envolvidos, o que não é de alguma maneira justo, quando somente as questões de uma das partes sejam levadas em conta como centrais. Giddens (1992) explora o conceito do relacionamento codependente, que é um exemplo da “reflexividade inversa” em que as questões de uma das partes refletem em todo seu entorno, e a vida dos envolvidos gira em torno dessa subjetividade; a influência é sutil, mas pode ser altamente prejudicial para os envolvidos. Para o autor, a relação construída dessa forma tem um custo que recai necessariamente sobre a limitação intelectual e emocional dos envolvidos, pois as identidades pessoais não são contempladas e levadas em consideração na dinâmica do relacionamento, e os parceiros envolvidos não são verdadeiramente independentes e/ou autônomos. Outro formato de relação vista como custosa é apresentada como parasitismo, em que uma pessoa entende que precisa da outra para viver e ser feliz (Giddens, 1992).

Diante desses exemplos, há também o conceito de “relação satelital”, segundo Coira (2011), em que uma das partes é considerada como eixo em que o outro gira em torno. Nesse modelo de relação, apesar de ser possível encontrar exemplo em que tanto mulheres como homens assumem a posição de eixo, o peso recai muito mais sobre as mulheres, pois segundo

a autora, foram elas que ao longo da história foram condicionadas pelo sistema patriarcal, que por séculos instituiu o homem como o único eixo possível (Coira, 2011). Os custos aos quais a autora se refere não são econômicos, mas quanto ao tempo, espaço, apoio afetivo e a carga de responsabilidades que são assumidas pelas mulheres que creem que ao incorporar essas demandas estariam correspondendo ao modelo ideal de relacionamento imposto, subliminarmente, a elas.

Este modelo de idealização, segundo Coira (2011), faz do amor contemplado no relacionamento em casal imagem e semelhança do amor maternal. As características maternas passaram a ser consideradas como virtudes à condição feminina. Sob essa perspectiva, o altruísmo e a autonegação acabam por ser considerados elementos naturais à feminilidade, e os custos dessas exigências são de certa forma imperceptíveis à subjetividade das mulheres, mas muito prejudiciais a sua autonomia. Aquelas que assumem o relacionamento como biografia de vida, condicionado pelo amor romântico, estão mais propensas a serem vítimas de violência, e de permitirem, pois consideram o amor – e o relacionamento amoroso – como o sentido de suas vidas e, ao terminar o relacionamento sentem o mesmo que renunciar ao amor que lhes é dado. Essa lógica indicaria um fracasso pessoal e o rompimento com a promessa de uma vida plena e feliz. (Fiol et al., 2007).

Esse amor de que se fala ofereceu às pessoas um modelo de conduta, e que quando falha, produz frustrações e decepções. O amor, visto como um pilar social, passa a ser um dos fatores que contribui e mantém a violência contra as mulheres nos relacionamentos íntimos. Nessa perspectiva, a violência de gênero é intrínseca à percepção social sobre o amor, aos modelos amorosos, aos processos de socialização, e até mesmo aos da atração (Fiol et al., 2007). Desse modo, cria-se a crença de que o amor é capaz de amenizar qualquer dificuldade que surja no relacionamento, ou até mesmo mudar certas características do parceiro, o que poderia condicionar uma permanência em um relacionamento abusivo e violento.

Sob essa perspectiva, o amor e a violência são percebidos como compatíveis – em que um prova a existência do outro. Os padrões abusivos e violentos são vistos como sintomas do amor, empregados pelas vítimas como justificativas para o sentimento de ciúme, a ideia de posse, ou o comportamento controlador sobre a parceira. Nesse sentido, a responsabilidade pelos maus tratos, pela violência, e pelos abusos são transferidos para a própria vítima, por não se corresponder aos requisitos do suposto amor (Fiol et al., 2007, p. 46).

Para Freire (1990, p. 18), “a dificuldade para a realização plena do amor entre as pessoas não é um problema do amor em si, mas do ambiente social, dos preconceitos, do moralismo laico ou religioso, do autoritarismo, da luta de classes, dos interesses econômicos e políticos”. Em contraponto aos modelos apresentados e identificando e apontando as transformações sistêmicas na intimidade, Giddens (1992) introduz a expressão “do relacionamento puro” que se refere a uma situação em que se inicia e se constrói uma ligação apenas, e puramente, pela própria relação. Os envolvidos decidem, ou não, continuar a se relacionar conforme entendem que extraem dessa situação satisfação suficiente, e de forma individual, para permanecerem nela (Giddens, 1992). Como evidencia Cardoso (2017, p.16), as transformações na intimidade são processos profundamente individualizantes, ou seja, a mudança está “na passagem do estabelecimento de relações com base em determinados constrangimentos socioeconômicos, para o estabelecimento de relações que têm como fim maior a satisfação subjectiva e emocional de cada um dos indivíduos nela presente”.

Para muitos, o casamento tem sido visto como uma forma de relação pura, mas, segundo Giddens (1992), um casamento eficaz – não necessariamente compensador – pode, por exemplo, ser sustentado por uma divisão de trabalho entre os pares, em que provavelmente o marido assume o trabalho remunerado, admitindo as responsabilidades financeiras da família, enquanto a mulher se ocupa do trabalho doméstico e da responsabilidade afetiva; ou seja, a mulher dispõe de sua matriz afetiva para o relacionamento, muito mais do que é exigido ao homem. Acredita-se que a autonomia também se dá pela independência econômica e financeira e, nessa divisão, a mulher estaria excluída dessa possibilidade, pois no contexto social, a mulher é colocada em uma proporção desigual de oportunidades em relação ao homem.

O contraditório, segundo Giddens (1992), é que o casamento muitas vezes é utilizado como meio de se alcançar certa autonomia. No caso específico das mulheres, somente para a última geração, sair da casa dos pais passou a ser uma possibilidade para viver sua própria vida, porém, para muitas mulheres sua inserção no mundo externo ainda se dá pelo estabelecimento de relacionamentos amorosos (Giddens, 1992). Enquanto que para os homens, a independência econômica lhe confere outro status e ao atingir a idade adulta esses passam a ser considerados autônomos, mesmo até aqueles que ainda vivem na casa dos pais.

O conflito entre as ideias do amor romântico e o relacionamento puro se revelam de diferentes formas como resultado dos processos que incluem a subjetividade condicionada pela reflexividade, e segundo Coira (2011), as mulheres de hoje não são as mesmas que da

antiguidade. As mulheres atuais – prioritariamente as ocidentais – têm acesso a graus de independência, podem decidir sobre seus relacionamentos amorosos, e pretendem desfrutar igualmente da relação, em que o casal está condicionado por desejos próprios. No entanto, segundo a autora, mesmo para aquelas que se consideram livres, conectar-se com os desejos do outro, e se legitimar como sujeito que também deseja, está longe de ser uma ordem universal às mulheres.

Segundo Cardoso (2017, p. 16), no processo de individuação – próprio das transformações da intimidade – “a pessoa toma primazia sobre a relação, e não o oposto”. Esta dinâmica opera tanto ao nível ideológico – os discursos dominantes sobre o que são ou devem ser ‘boas’ relações amorosas atualmente – como ao nível das práticas sociais”. Segundo Beck e Beck-Gernsheim (2003), projetos pessoais de vida podem tornar-se incompatíveis com uma vida em comum com uma outra pessoa, e podem acarretar até mesmo o término dessa relação. Diante disso, há uma quase obrigação para se tornarem pessoas mais independentes, abrindo mão do modelo tradicional de biografia feminina, orientada para o matrimônio como principal meta de vida. Dessa forma, é o mesmo que o sujeito tomar para si a solução de contradições sistêmicas (Beck & Beck-Gernsheim, 2003).

Após visto que os resquícios deixados pela ordem do amor romântico ainda causam muitos danos às mulheres, as transformações na intimidade e o caminho para um relacionamento puro mostram-se não somente como uma constatação, mas também como uma das necessidades para que seja alcançada a autonomia real das mulheres. Além de sua independência civil e financeira, como apresentado no capítulo I, as mulheres precisam se perceber como livres das estruturas que a colocam em favor do amar, ou não amar. A seguir reflete-se que não somente os enunciados do amor romântico são estereótipos, mas também como a própria imposição a um relacionamento monogâmico e heterossexual se mostra um regime de verdade excludente e nocivo para sociedade como um todo.

II. 4 A liberdade para amar

O caminho mostrado para se alcançar, formar, ou fazer parte de um relacionamento implicam necessariamente em se discutir o que significaria a liberdade de ser quem somos, a liberdade de amar e construir uma autoidentidade coerente com nossos desejos como sujeitos. Para Freire (1990), a conquista da liberdade – incluso a liberdade no amor – é uma longa batalha contra o autoritarismo; e que ao se optar pela liberdade, deve-se ter sempre em

mente a possibilidade de viver a solidão. Mas é na solidão que se pode avaliar, sem interferências externas, sua própria complexidade como indivíduo, pois se tem a oportunidade de “conviver com o que nos é próprio, original e único” (Freire, 1990, p. 42).

O conceito negativo de solidão, segundo Freire (1990, p. 42) seria um produto do autoritarismo, que “impede a liberdade individual e a formação de sociedades que a entendam como apenas singular da liberdade social e esta como apenas o plural da liberdade individual”. Os indivíduos compreendem que para viver o amor de forma libertária e concreta, teriam de “romper com os mecanismos autoritários de acasalamento e relacionamento afetivo” próprios do sistema capitalista (Freire, 1990, p. 32) e, dessa forma, os encargos conferidos a um relacionamento, ao ser considerado uma ordem social, encobrem o real objetivo de tornar esse arranjo um instrumento de poder. Para Freire (1990, p. 19):

Os amantes sabem que só se ama por inteiro, ou então o que estão fazendo não é amor, mas uma associação de interesses mútuos, um negócio. Além disso, quando se ama, não se está pensando em segurança, duração, controle, posse, pois isso corresponde à forma com o que o autoritarismo capitalista familiar ou de estado se expressam no plano pessoal e afetivo. Se sou um libertário, desejo que tanto eu quanto o meu parceiro vivamos amor em liberdade, na emoção, no espaço e no tempo. E o amor em si mesmo que comanda a intensidade, a beleza, a forma e a duração do nosso amor, em cada um e entre os dois, jamais o contrário.

O autor supõe ser uma armadilha comum não tratar essas questões do amor, que são sistêmicas, desconsiderando suas origens políticas. Nesse sentido, o próprio ciúme – já citado como mito do amor romântico – encontra suas origens na propriedade privada, de Engels (apud Freire, 1990), em que o direito à paternidade é um bem crucial para a sociedade. Como colocado pelo autor, o ciúme pode até ser um sentimento natural na espécie humana, mas, em nenhuma hipótese, se não estiver atrelado ao autoritarismo, vai produzir por si só comportamentos violentos e patológicos.

É compreensível que no instante da descoberta do amor, ou no estado de fruição do novo amor, a presença competitiva de uma outra pessoa na relação pareça algo inaceitável, pois de certa forma atrapalha o desenvolvimento natural de um prazer que ainda necessita de espaço e tempo para atingir sua plenitude (Freire, 1990); no entanto o autor declara:

[...]entendo também que tendo o nosso amor atingido a estabilidade, e se outra pessoa deseja competir tanto comigo quanto com minha parceira, acredito que essa outra pessoa tenha todo o direito de buscá-lo em um de nós, bem como eu e minha parceira temos o mesmo direito de ser amados de novo e por outra pessoa. Além disso, creio ser necessário termos a certeza

de que sempre haverá mais alguém podendo e desejando nos amar, mesmo quando estamos felizes com o atual parceiro. O amor não pode ser uma condenação perpétua, embora eu não descarte a possibilidade e o direito de que algumas pessoas o vivam assim, não como condenação, mas sendo esse tipo de amor um fato ecológico possível. (Freire, 1990, p. 53).

A discussão sobre o ciúme, a competição, e até mesmo a possibilidade de relações não monogâmicas consensuais, surgem como produto direto da questão da liberdade entre o indivíduo e a parte amada. Mas, não somente os elementos de possessão constatados em uma relação amorosa são considerados como sintomas de uma ordem autoritária, e machista, como a autorização contextual, e social, a um relacionamento, também pode ser vista como tal. Como expõe Dríade Aguiar (2017, 21 abril) em seu depoimento pessoal para o blog #AGORAÉQUESÃOELAS da Folha de S.Paulo:

Eu, mulher negra, cresci com menos perspectivas do que a média da população branca do Brasil. Parte da minha vida, me preparei para ser empregada doméstica, já que todas as mulheres da minha família eram [...] Infelizmente, o anulamento dos nossos sonhos é parte do racismo que sofremos desde o zero minuto de vida. Um desses sonhos anulados foi o de ter uma vida afetiva. Sonho imposto e tomado ao mesmo tempo [...] Esse conhecimento veio aos poucos, morava nas entrelinhas das conversas das mulheres da minha família [...] Demorou, mas compreendi que minha vó estava só em seu casamento, que minhas tias foram abandonadas com filhos pra criar [...] Você tem um corpão, não tem dificuldade de pegar ninguém, “testa” sua sexualidade, tem atenção garantida. Por isso acha que essa parada de solidão é balela. Mas, em algum momento, você percebe que simplesmente nunca é a namorada [...] No máximo, você pode ser a exótica. Especialmente agora, em tempos de desconstruições. Vai andar de mão dada, um beijo ou dois em público, tudo para mostrar que o cara tem ao lado a “mina black da hora” [...] Você está lá para dizer algo sobre o cara, não sobre você mesma” [...] Às mulheres brancas cabe o amor romântico. A você, ser uma fortaleza. Esse papel foi historicamente atribuído às “mães solteiras”, viúvas, tias, cozinheiras [...] E então ela cresce sem perceber como está, frequentemente, apegada a um homem medíocre que por vezes a violenta. Ela alimenta a esperança de que estão em um relacionamento que evolui a cada pedido de desculpa. Na verdade, ela se tornou expert em criar inventar uma pra cada vacilo dele. Há uma subcategoria hedionda nesta tipologia: a gorda. O seu corpo simplesmente não é visto como “transável” [...] Além disso, não podemos falar sobre isso com quase ninguém. A solidão da mulher negra não existe enquanto tema em grande parte dos debates [...] Classe, raça e gênero. Dessa trinca a mulher negra entende bem. E o recado é claro: você está sozinha. Não conseguimos debater como os brancos e as branca o amor livre, por exemplo [...] Também queremos quebrar paradigmas do relacionamento pautado na ideia do amor romântico, se livrar da dominação masculina nas nossas uniões. Mas antes queremos ter o direito a um relacionamento.⁵

Como evidencia Dríade Aguiar (2017, 21 abril), o relacionamento amoroso é posto como uma situação desejável na contemporaneidade, mas insistentemente excludente, em

⁵ Aguiar, D. (2017, abril 21). *Descobri que ia morrer sozinha*. #AGORAÉQUESÃOELAS. [Weblog]. Recuperado a partir de <http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/04/21/descobri-que-poderia-morrer-sozinha/>

que só é possível integrar essa retórica segundo a correspondência com padrões instituídos e desejados, para que haja certa “autorização” social para a participação nesses modelos biográficos. Diante dessa perspectiva, contata-se que a discussão sobre relações afetivas também se dá em torno de formações com vieses heteronormativos, em que outras representações que fujam ao padrão típico romântico, são descartadas.

O relacionamento como biografia de vida e, opostamente, a possibilidade de independência, são discursos que surgem com a modernidade, e também como questões da autoidentidade. Contudo, a reinvenção das autobiografias – mostradas por Beck e Beck-Gernsheim (2003) – não são uma saída exclusiva para um determinado grupo, pois as próprias contradições provocadas pela construção da autoidentidade são, na realidade, sistêmicas. Dessa maneira, a discussão não deveria se desenvolver somente em torno dos casais heterossexuais e normativos. Os casais homossexuais também estão sujeitos às transformações da intimidade:

A única coisa que se sabe com segurança é o fato de sempre ter existido um número de pessoas que prefere viver sua sexualidade dessa maneira, com as mesmas dificuldades no plano afetivo que os heterossexuais. De novo volta-se ao problema da liberdade, também quando se fala em homossexualismo: cada um tem o direito de usar o seu corpo da maneira que lhe der mais prazer e poder atender assim a seus impulsos naturais. Importa é que todos os atos humanos sejam de inteira responsabilidade de quem os pratica. (Freire, 1990, p. 74-75).⁶

Segundo Giddens (1992), tanto o relacionamento puro como o amor confluyente, não têm ligação com a heterossexualidade. O amor confluyente é estruturado em torno da diferença dos indivíduos que formam o casal, e o fundamental é o conhecer o outro – ou acessar a intimidade; a sexualidade dos envolvidos passa a ser apenas mais um elemento do relacionamento.

O que se demonstrou foi como o relacionamento amoroso como narrativa autobiográfica, bem como a aspiração à liberdade – condicionada por uma obediência aos formatos de relacionamentos tradicionais – mostram-se excludentes quanto aos aspectos sociais e de gênero. Mas o “eu”, como projeto reflexivo, é para todos uma interrogação contínua da trajetória de vida. Nesse ponto, Giddens (1992) coloca a interrogação “Quem

⁶ É importante esclarecer que o termo “homossexualismo” utilizado pelo autor, no texto, é considerado ultrapassado e equivocado. O uso do termo terminado com “ismo” é inadequado pois um dos significados dessa terminologia é doença e, em 1990, a OMS (Organização Mundial da Saúde) excluiu a condição da lista de distúrbios mentais. Portanto, hoje o termo correto é homossexualidade.

sou eu?” como questionamento inicial para aqueles que pretendem se libertar de papéis sexuais e sociais. Nesse aspecto, os discursos referentes à sexualidade aparecem como primordiais no processo reflexivo, e como já exposto no início do capítulo, “a transmutação do amor é tanto um fenômeno da modernidade quanto a emergência da sexualidade, e está diretamente relacionada às questões da reflexividade e da autoidentidade” (Giddens, 1992, p. 24). A seguir será abordado como o suposto diálogo sobre sexualidade também se insere em um regime de verdade e poder institucionalizados.

II. 5 Os discursos sobre a sexualidade

O “avanço da importância da sexualidade na sociedade ocidental, e a sua manifestação em várias facetas da mesma, tem levado várias pessoas a falar da sexualização da sociedade” (Giddens, 1992, p. 18). A sexualidade, assim posta, pode ser tanto entendida como a temática que envolve as relações sexuais, como discursos criados sobre a sexualidade. Em uma perspectiva foucaultiana, dessa forma colocada, os discursos sobre a sexualidade são frutos da invenção da mesma, e fazem parte de diferentes processos próprios da formação, e consolidação, das instituições modernas. Nessa ordem, os discursos do sexo são utilizados como elementos de construção e de controle dos sujeitos (Cardoso, 2017).

Nessa perspectiva, o saber sobre o sexo, e o próprio falar sobre sexo, são ações que conferem certo poder a quem discursa, pois de certa forma é este indivíduo que no ato de fala detém a verdade sobre o sexo. Como visto anteriormente – no capítulo I – em relação aos regimes disciplinares, o controle sobre o sexo levou as instituições modernas a dissiparem certas verdades, não somente pelo controle sobre o ato sexual, mas também sobre a reprodução. São discursos, por exemplo, sobre a histeria do corpo feminino, da perversão e um certo segredo sobre a sexualidade infantil. Segundo Cardoso (2017, p. 18), na percepção de Foucault, sexo deve ser entendido como sexualidade – “enquanto um aspecto da identidade que, considera-se normativamente, todas as pessoas possuem, e que é fundamental para entender quem cada pessoa é realmente”.

Segundo Giddens (1992), o sexo é um “segredo” criado pelos textos que o repudiam e, ao mesmo tempo, por aqueles que o celebram. A própria confissão, vista como penitência no século XVIII, na modernidade passa a ser usada como procedimento pelo qual os sujeitos são estimulados a produzir discursos de verdade a respeito da sua sexualidade. Não se trata somente de dizer o que e como foi feito – o ato sexual em si – mas de reconstituir nele e ao

seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que o contém (Foucault, 2017). O exercício da confissão é capaz de produzir efeitos sobre o próprio sujeito (Giddens, 1992), como o autojulgamento e a culpa, pois, ao confessar-se, o sujeito que pronuncia estabelece uma normalidade para si, em uma espécie de “grelha de análise” para sua autocompreensão (Cardoso, 2010).

Para Cardoso (2010, p. 18), “a relevância da sexualidade como veredicto da identidade opera no contexto do dispositivo de sexualidade” e segundo o pesquisador, a definição de dispositivo “parece ser múltipla e flutuante”. Cascais (2009 apud Cardoso, 2017, p. 19), procura sintetizar o significado do conceito, e encontra em uma entrevista de Foucault um possível resumo do que é um dispositivo:

Aquilo que tento abranger sob este nome é, em primeiro lugar, um conjunto resolutamente heterogêneo que comporta discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em suma: o dito, bem assim como o não dito [...]. O próprio dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Em segundo lugar, aquilo que eu queria incluir no dispositivo é justamente a natureza do laço que pode existir entre esses elementos heterogêneos. [...] Em terceiro lugar, por dispositivo, entendo uma espécie – digamos – de formação, que, num dado momento histórico, teve por função maior responder a uma urgência. O dispositivo tem, pois, uma função estratégica dominante.

As relações constituídas entre o dito e o não dito são uma estratégia dominante para base de um dispositivo; são estratégias de relações de força que sustentam tipos de saber e que são por eles sustentados (Cardoso, 2017, p. 20). Segundo Foucault (2017), a sexualidade é criada pelos discursos – da psicologia e da medicina; e ao se criar verdades até então inexistentes, cria-se também novas posições de sujeitos, entre as quais se constituem as relações de poder:

[...] a instância de dominação não se encontra do lado do que fala (pois é ele o pressionado), mas do lado de quem escuta e cala; não do lado do que sabe e responde, mas do que interroga e supostamente ignora. E, finalmente, esse discurso de verdade adquire efeito não em quem o recebe, mas sim, naquele de quem é extorquido. (Foucault, 2017, p. 70).

Nikolas Rose (1998) identifica o papel da psicologia – e as ciências psicológicas – na produção de sujeitos, e análise (e crítica) de seus comportamentos. As ciências psicológicas são consideradas tecnologias de subjetivação, que consistem em práticas que os indivíduos aplicam em si mesmos, e nos outros, em função de autodisciplina, autocontrole, e da própria felicidade. Essa dinâmica é movimentada por meio da tecnologia

da confissão, em que o sujeito compreende e se compreende e, se dá a compreender, ao mesmo tempo em que se sujeita a uma rede de autoridades que faz coincidir o sujeito que fala com aquilo que ele fala, inserindo o próprio em um regime de verdade (Rose, 1998).

A psicologia se expande ao se posicionar a favor da autonomia dos sujeitos, e como forma de atingir tal vontade. Segundo Cardoso (2017, p. 18), dizer que o horizonte de possibilidades para o indivíduo se amplia, não é o mesmo que dizer que o sujeito é dono e senhor de todas possibilidades; dessa forma, entender “que as ciências *psy* funcionam como tecnologias de subjetivação é também dizer que funcionam como formas de produção de conhecimento sobre esse objeto que elas mesmas criam, o sujeito contemporâneo individualizado, medicado e classificado”, e sexualizado.

A propagação e a popularização das ciências *psy* nas sociedades contemporâneas, ou seja, a “psicologização da sociedade” – atreladas a uma ideia de trajetória para a conquista de autonomia e felicidade – “nos leva a compreender as condições atuais da formulação de sujeitos” (Cardoso, 2017, p. 19), e o mesmo processo leva a um conjunto de conceitos que reduzem as inter-relações – entre elas, relações amorosas e sexuais – como elementos (e problemas) centrais a resolver.

Por isso, equipes de técnicos, sexólogos, e especialistas variados estão prontos para escavar o segredo que ajudaram a criar. O sexo é dotado de vastos poderes causais e parece influenciar muitas ações diversas. O próprio esforço dispendido na investigação transforma o sexo em algo clandestino, sempre resistente a observação despreocupada. Como a loucura, a sexualidade não é um fenômeno já existente, aguardando análise racional e correção terapêutica. O prazer erótico se transforma em “sexualidade” a medida que a sua investigação produz textos, manuais, e estudos que distinguem a “sexualidade normal” de seus domínios patológicos. A verdade e o segredo do sexo foram determinados pela busca e pelo acesso fácil a tais “descobertas”. (Giddens, 1992, p. 30).

Nessa lógica se insere o próprio objeto de estudo. O blog *Casal Sem Vergonha* conta com um arsenal de colaboradores que se posicionam como pseudoespecialistas sobre as temáticas do “sexo sem tabus” (e dos relacionamentos amorosos). O blog, ao ser identificado como um meio discursivo, integra-se ao dispositivo da sexualidade no momento em que tem como premissa expor, pensar, e discutir os tabus sobre o sexo nos dias atuais. Ao se apossar do tema “da sexualidade” para produção de seus conteúdos e textos, insere-se na ordem da produção de verdade sobre o sexo, ou o regime da verdade sobre o sexo – no lugar daquele que fala, mas também do que escuta. O blog é ao mesmo tempo tecnologia de subjetivação para aquele que o escreve e edita, como instrumento de verdade para aquele que o acessa e

lê. No próximo capítulo o esforço se concentrará em situar o objeto de estudo, bem como perceber o contexto em que o mesmo se insere.

Capítulo III – SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS DA PÓS-MODERNIDADE

A busca pela construção e encontro de um eu é uma trajetória homônima a diferentes histórias, e de diferentes sujeitos na contemporaneidade que, de certa forma, se encontram inseridos e regidos pela pós-modernidade – um tempo marcado pela flexibilidade e pluralidade, duas condições que se mostram onerosas aos que a vivem enquanto sujeitos (Chaves, 2003). A pós-modernidade desloca-se em relação aos modelos, discursos e instituições próprias da modernidade, e acaba por causar um sentimento geral de “novo”, mas também de vazio ou de confusão perante o desconhecido; segundo Hall (2015), abalando até as concepções que temos de nós próprios. Perante essas constatações, mostra-se necessária uma compreensão mais aprofundada sobre as características inerentes à pós-modernidade, de modo a delinear o contexto social, cultural e político-econômico a fim de se compreender a influência desses aspectos na constituição dos sujeitos contemporâneos, e consequentemente, do seu modo de amar e se relacionar.

O prefixo “pós” remete a uma ideia de sucessão ou de posterior, ou seja, a pós-modernidade é futura à modernidade, mas não, necessariamente, trata-se de uma ruptura radical entre as épocas, mas sim do surgimento de um novo período no qual os planos e concepções anteriores são ressignificados, ou abandonados, concomitantemente ao aparecimento de outros distintos dos primeiros. Segundo Jameson (1993), na pós-modernidade há a possibilidade de analisar os projetos da modernidade, e observar os vestígios deixados por estes; assim, se viabiliza uma reestruturação de alguns elementos do período anterior – em que traços secundários passam a ocupar novos lugares – e antigas características predominantes passam para um segundo plano. Essa reorganização impulsiona o sujeito a diferentes posições, isto é, são possíveis novas configurações para a subjetividade na atualidade, como explica Mancebo (2002). Segundo Hall (2015), o indivíduo não se vê mais preso às estruturas identitárias que antes o definiam, nas quais propriamente se inserem as questões de gênero, trabalhadas no capítulo I.

Como visto, a pós-modernidade – ou modernidade tardia, conceito explorado por Hall (2015), mas posto de modo semelhante – é composta por um conjunto de mudanças estruturais. Para Eagleton (1998, p. 7), a origem está vinculada à "mudança histórica ocorrida no Ocidente para uma nova forma de capitalismo – para o mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural [...]", dando espaço para a economia de serviços, e da informação – contextualização em que se insere propriamente os blogues.

No capitalismo tradicional, as características predominantes eram baseadas nas relações de produção, em que se dava a centralização do capital e a interferência direta do Estado na economia – que ao mesmo tempo que garantia o desenvolvimento social, exercia vigilância sobre os indivíduos. Já no modelo econômico neoliberal – que marca a pós-modernidade – o princípio básico são as relações de mercado, que se pautam pela otimização e competição. Elas limitam a intervenção estatal a fim de deixar o próprio Estado mais eficiente; trata-se, portanto, do Estado Mínimo, em que muitas funções referentes ao bem-estar social – por exemplo, educação, saúde e segurança – são devolvidas a sociedade civil (Mancebo, 2002), ou seja, há uma autorresponsabilização da sociedade por sua satisfação particular.

Nesse sentido, o estado neoliberal precisa contar com uma nova personalidade, ou seja, com indivíduos que entendam as relações e o valor mercantil como padrão dominante de interpretação do mundo (Mancebo, 2002). Assim, consequentemente, os indivíduos emergem em um contexto que carrega como princípios a competência, a eficácia e a eficiência; nessa conjuntura, a objetividade e o pragmatismo se fazem necessários para que se possa reagir conforme às demandas postas. Essas imposições acabam por afetar também as relações sociais – e pessoais – que passam a ser pautadas por essa lógica de mercado, ou seja, extremamente competitivas, flexíveis e flutuantes. Segundo Chaves (2003), é possível vislumbrar três aspectos decorrentes desta nova forma de capitalismo que parecem interferir nas práticas e expectativas amorosas:

1) a desregulamentação, a flexibilização e a flutuação de regras e normas que passam a ser orientadas em função do mercado; 2) a responsabilização imposta sobre o indivíduo pelo seu próprio bem-estar assim como a ênfase dada à realização e supremacia dos interesses individuais; e, 3) a facilitação da construção de relações humanas essencialmente utilitaristas nas quais o outro é colocado no lugar de instrumento ou meio de acesso à autossatisfação. (Chaves, 2003, p. 13).

A cultura resultante desses amplos processos transformadores, também é marcada pelo hedonismo e pela fruição, influenciada também pelo surgimento da cultura de massa norte-americana, em resposta à instalação de uma sociedade mais flexível. Segundo Lipovetsky (apud Chaves, 2003, p. 8-9) isso se dá por meio de "[...] o mínimo possível de coação e o máximo possível de opções, com o mínimo de austeridade e o máximo de desejo, com o mínimo de constrangimento e o máximo de compreensão". De acordo com o autor, a sedução também é uma estratégia usada para tornar a sociedade mais flexível, isto é, a todo

momento é oferecida ao indivíduo uma pluralidade de "sedutoras" opções para que ele possa fazer a sua escolha visando sua própria pessoa, seus interesses, suas necessidades e seu bem-estar; ou seja, afirmando a idiossincrasia dos sujeitos. O importante é que quanto mais flexível e inconstante o indivíduo se encontra, e quanto mais desejar o novo e o diferente, melhor se mantêm o movimento do modelo de produção e consumo, próprio do sistema neoliberal. Nessa conjuntura, “entendemos que essa alardeada liberdade de escolha pode ser questionada posto que o indivíduo escolhe algo entre aquilo que já foi determinado para ele, ou ainda, é forçado a escolher uma coisa para não se ver excluído de seu grupo”, segundo Chaves (2003, p.14), já que a coerção é muito pouco palpável para o indivíduo.

Esse último fato evidencia a pequena percepção que se tem sobre as pressões que essas transformações causam diretamente na subjetividade. Outro ponto crucial para essa nova ordem imposta é a homogeneização do consumo, ou seja, intercambiar modelos culturais entre os territórios, através da globalização e dos novos desenhos de produção (descentralizado). Para que essa homogeneização seja possível, há um enxame de informações e estímulos que se dão, por exemplo, por meio da indústria cultural e dos meios de comunicação com os quais se consegue ultrapassar barreiras de classe social e adentrar na vida cotidiana das pessoas, e de alguma forma imprimindo um padrão de aspirações, ideais, desejos e comportamentos. Nesse sentido, percebe-se como se dá a lógica pela qual a produção de conteúdo na contemporaneidade se insere, modelo assentido e reproduzido pelo próprio *Casal Sem Vergonha*, em que o fator de homogeneização é atribuído àqueles que figuram os textos, mas também para os que os leem, de um modo que as características peculiares são sucumbidas a fim de garantir um maior alcance de audiência.

A evolução das tecnologias e o alargamento de seus usos também são cruciais para o estabelecimento dessa nova ordem social. Segundo Chaves (2003, p. 21), “a velocidade com que a tecnologia avança e, paralelamente, a automação de inúmeros serviços, e a expansão da sociedade de consumo, e da indústria cultural, são fatores que exigem do indivíduo uma rápida e pronta resposta”. Mas a inserção na tecnologia não é total, ou seja, muitos indivíduos ainda são excluídos desse contexto, ou por não terem possibilidades econômicas para acompanharem os avanços, ou por não terem disponibilidade para seguir as mudanças, e, por isso, o sentimento de desorientação é constante, concomitante à necessidade de estar frequentemente mudando de projeto, expectativa ou crença (Chaves, 2003). Segundo Canclini (2000), essa perspectiva está ligada ao que ele nomeia de “cultura *prêt-à-penser*”, ou seja, baseada na possibilidade de “des-pensar” os fatos históricos, ou

desconsidera-los, sem preocupações efetivas em compreendê-los. Dessa forma, a percepção do mundo se dá como uma “efervescência descontínua de imagens” (Canclini, 2000, p. 304-307).

Em uma analogia com a expressão francesa *"prêt-à-porter"* (pronto para usar), o autor aponta para o desenvolvimento de uma cultura na qual o ato de pensar, ou o esforço crítico, é percebido como desnecessário pois as interpretações e os significados já são dados, prontos para consumo, sem que seja necessário um trabalho individual de construção do pensamento próprio. A partir dessa constatação, também é possível se compreender um pouco da lógica dos produtos dos meios de comunicação atuais. Segundo Chaves (2003, p. 23):

[...] pensar faz com que o indivíduo tenha de se defrontar com certos aspectos da sua vida e da vida daqueles que estão ao seu redor, tais como aquilo que há de contraditório e conflituoso em si e na sociedade, e com as tensões e angústias que podem surgir. Aspectos com os quais, talvez, ele não esteja muito interessado em se deparar ou se sinta impotente para confrontar.

Um desses aspectos que o indivíduo contemporâneo se nega a pensar é sobre o consumismo deliberado, e a pressão feita pela sociedade para que se consuma mais e mais rapidamente, estimulando uma visão entusiasmada da novidade. Ao mesmo tempo em que há exaltação pelo novo e pelo diferente, há também um grande ceticismo, principalmente da parte daqueles que se veem excluídos do mercado de consumo, ou desorientados em função da perda de suas certezas e referências. Para Giddens (1991), existe uma sensação de desorientação, pois o indivíduo não é capaz de acompanhar e compreender o universo de eventos no qual ele foi apanhado, e quanto ao qual ele sente estar fora do seu controle. Para Chaves (2003, p. 24):

[...] se por um lado ele se sente vulnerável neste contexto de instabilidade e incerteza, por outro, ele crê poder desfrutar de autonomia e liberdade de escolha. Liberdade não somente para consumir produtos e serviços novos e diferentes, mas também para ser e viver como bem quiser, para deslizar entre diferentes identidades, mesmo que estas sejam contraditórias entre si.

O sentimento de desorientação também é atribuído a outra característica da pós-modernidade, referente à percepção e à ideia sobre o tempo, ou o passar do tempo. O bom consumidor – e sujeito que a pós-modernidade requer – é aquele que é instigado com facilidade e se desinteressa com rapidez, ou seja, impetuoso, impaciente e indócil (Chaves,

2003). Para Eagleton (1998), sujeito pós-moderno ideal é aquele se excita mais com a sensação e com o experimentar do que propriamente com o bem adquirido. Há a sedução e o desejo por viver algo inusitado e a possibilidade de acumular diferentes sensações, mas assim que se usufrua da emoção, o sujeito se sente esvaziado e ávido por mais novidades, satisfação e movimento. Em uma livre associação, essa lógica pode ser vislumbrada nos atuais aplicativos de relacionamento que proporcionam uma gama de conexões – rápidas e disponíveis – o interessante parece ser a possibilidade de acessar algo novo ainda não experimentado, do que propriamente encontrar um par correspondente para que seja possível dar início a uma relação.

O que se nota é que enquanto na modernidade havia um empenho na construção dos projetos de vida pessoais ao longo de um período, na pós-modernidade os indivíduos se preocupam com as realizações a curto prazo, e que lhe tragam satisfação imediata. Essa questão está associada à ideia de presente contínuo, segundo Eagleton (1998), que seria a forma como o tempo é percebido – e compreendido – pelo indivíduo. Essa dinâmica é influenciada pelo avanço das tecnologias, e pela rapidez em que passam a ser consideradas obsoletas; pelo ritmo do consumo imposto, e esperado, pelo mercado; e ainda pela velocidade e pelo volume de informações transmitidas pelos meios de comunicação. Nesse universo, a sensação geral é de correr contra o tempo, e ainda de estar perdendo tempo, ou do tempo estar passando depressa demais. Nessa conjuntura, percebe-se a dificuldade em gastar o “valioso” tempo para se alcançar uma meta a longo prazo, ou para a realização de um feito maior – como é o caso de um relacionamento amoroso que exige disponibilidade e comprometimento por parte dos envolvidos – e assim algo, ou alguém, que interfira nessa lógica do presente contínuo parece atrapalhar o ritmo de vida ideal e necessário para o sujeito pós-moderno.

Além da exploração do tempo, a liberdade individual é outro bem valioso na cultura pós-moderna. A atual noção de liberdade, também condicionada pelos princípios neoliberais, resulta contraditoriamente na “hipertrofia da liberdade individual” (Mancebo, 2002, p. 108). Essa lógica é orientada pelo interesse e pelos objetivos particulares, independentemente dos do outro, ou do que é pertinente à sociedade em geral. Especificamente, esse ideal está relacionado a duas proposições: viver como bem quiser, e ter livre opção de escolha – ou a primazia do indivíduo. Segundo o autor, em nome da pluralidade – que é percebida como sinônimo de liberdade – o indivíduo sacrifica qualquer verdade e identidade que lhes sejam próprias (Eagleton, 1998, p. 88). Mas, enquanto na

modernidade a liberdade era contida, teoricamente, em consideração à autonomia do outro, na pós-modernidade o indivíduo não parece disposto a abdicar da sua realização – financeira e pessoal – em consideração à sociedade como um todo. Acredita-se, portanto, que é possível viver sem a dependência do outro, ou que este pode ser substituído sempre que for conveniente, ou necessário, em função da autossatisfação; o que também se percebe no modo como os relacionamentos são vistos como descartáveis na atualidade, ou, até mesmo, na dificuldade de se relacionar afetivamente na contemporaneidade.

Segundo Chaves (2003, p. 45), ao mesmo tempo que esse conceito de liberdade possibilita que o indivíduo busque prazeres e acumule freneticamente diversas aventuras e sensações, ele também corre o risco de, no fim, colecionar somente um amontoado de experiências e sensações sem muito sentido. Para a autora, a liberdade essencial ao indivíduo é aquela em função de um movimento de resistência “à repetição pura e simples do já instituído, e em uma consciência de si, um exercício de domínio sobre os próprios desejos e prazeres, que, enfim, possibilita a ele ser autor do próprio destino e gerir a própria vida”, produzindo indivíduos efetivamente autônomos (Chaves, 2003, p. 47).

O indivíduo pós-moderno, orientado por essa nova ordem social discutida até aqui, vive em um espaço de experiências considerando que nada se sabe sobre as consequências geradas pelos imperativos da pós-modernidade. Trata-se, portanto, de uma releitura das exigências da modernidade, por uma intenção do novo, mas sem a garantia do como se fez até agora – como um fim sem conclusão, um contexto apenas assentido. Nessa perspectiva, há uma alternância entre receios e êxtase; escassez e excesso; e que implicam que as práticas amorosas precisam ser cada vez mais intensas, no sentido de fortes e frequentes (Chaves 2003), para que produzam no sujeito alguma sensação ou emoção condizente com essa nova, e desconhecida, ordem vigente.

Como observado até este ponto, quem vive a pós-modernidade percebe o mundo como “contingente, gratuito, diverso, instável e imprevisível” (Eagleton, 1998, p. 7). Uma era também marcada pelo sincretismo e pelo hibridismo cultural, que a conduzem a uma pluralidade, flexibilidade e mobilidade, constatadas ao longo desse texto como elementos essenciais à regência da pós-modernidade. Segundo Giddens (1992), as mulheres andam a perceber os homens com um medo de se relacionar, ou com uma aversão a intensidade do afeto. O que para o autor não é de forma alguma uma falsa percepção, mas uma decorrência das transformações da intimidade, e da falta de habilidade do masculino em lidar com um novo contingente, e com ele mesmo. Diante dessas constatações, o próximo tópico irá

abordar como os indivíduos – precisamente os jovens, que são o público deste estudo, por serem os expectadores do blog *Casal Sem Vergonha* – têm se situado diante dessas transformações até agora narradas.

III.1 As percepções do jovem na pós-modernidade

O blog *Casal Sem Vergonha* concentra sua audiência no público jovem, naqueles entre os 18 e 26 anos, que o próprio site indica como a atual geração Y. Esse recorte de público se mostra passível das transformações decorrentes da pós-modernidade, apresentadas acima, bem como sua percepção de mundo e, como lidam com as emoções e as relações amorosas, sofreram transformações em relação às gerações anteriores. Nesse aspecto, faz -se necessária uma incursão sobre as características marcantes dessa geração – dando principal destaque ao contexto brasileiro – para se entender com quem o blog dialoga, e sobre quem suas discursividades podem exercer influências.

A geração Y compreende na realidade os nascidos no final dos anos 80 e ao longo dos anos 90, ou seja, a geração atual de pessoas entre os 17 e os 33 anos que são atualmente denominadas pelo senso comum como *Millennials*. Um termo explorado pelas ciências econômicas – que tem como característica maior o acesso amplo à internet e a liberdade de experimentação, sem se ater à fixação das características de sua identidade. Concentra-se sobretudo na fase de passagem da adolescência para a idade adulta, nomeada *emerging adulthood*, ou adulez emergente. Esse conceito pode ser visto como uma necessidade para a marcação das transformações de ordem social, econômica e cultural, decorrentes dos agenciamentos da pós-modernidade: é definida como a idade da instabilidade; a idade das possibilidades; a idade em que não se é adolescente nem adulto mas algo entre os dois; a idade em que se está centrado em si próprio, e a idade das explorações identitárias (Arnett, 2000; 2006).

As transformações na macroestrutura, e a quebra das metanarrativas da modernidade, traduziram-se no aumento consistente da idade média para o primeiro casamento e para o nascimento do primeiro filho, em percursos escolares mais longos e da inserção tardia no mercado de trabalho. Outro ponto interessante é a ampliação da liberdade para relações sexuais, e a saída tardia da casa dos pais, causando maior instabilidade residencial (Arnett, 2006; 2007a; 2007b). Essas mudanças conferem novas estruturas cognitivas que proporcionam um período mais extenso de exploração das possibilidades sobre o futuro, e

possibilitam uma maior compreensão e reflexão acerca de si próprios e de exploração identitária, antes de se firmar algum compromisso com escolhas mais definitivas (Brandão, Saraiva & Matos, 2012), como é o próprio relacionamento “sério”, ou até mesmo o casamento

Segundo Erikson (1976), trata-se de uma adolescência prolongada, marcada pela oportunidade de explorar papéis e valores, adiando os compromissos que caracterizam a idade adulta. O autor defende a existência de um “período de espera concedido a alguém [...] que se caracteriza por uma tolerância seletiva por parte da sociedade e uma atividade lúdica por parte do jovem” (Erikson, 1976, p. 157). Dessa forma, o indivíduo tem certa liberdade para ensaiar e provar papéis referentes a profissões e relacionamentos, antes de assumir os compromissos que o levariam, e o definiriam, na fase adulta.

O fato é que atualmente ser adulto, nessa conjuntura, tornou-se um ideal que se refere mais à aquisição de certos aspectos psicológicos – como capacidade de aceitar responsabilidades, tomar decisões e se tornar financeiramente independente – do que de caráter sociológico – referente à alguma transição legal ou cronológica, e até mesmo a incumbência familiar (Arnett, 2001). Diante disso, Côté e Bynner (2008) questionam o conceito de adulez emergente pois entendem que constitui, em suma, uma reação às transformações estruturais nas sociedades contemporâneas, tratando-se apenas de uma mudança subjetiva sobre a percepção do que substancialmente é a fase adulta.

Outro pormenor, é que pelo fato da adulez emergente ser um conceito marcado por parâmetros sociais e culturais, não é necessariamente experienciada por todos os jovens e, também, não tem a mesma duração de tempo para aqueles autorizados a desfrutar desse período. Em verdade, a problemática é válida para aqueles que podem usufruir dessa liberdade de experienciar, mas para a grande maioria, a instabilidade própria da idade não é um reflexo de escolhas pessoais, ou orientada pelo desejo de experimentação, mas sim pela exclusão social. Esse fato também pode ser aferido às consequências das mudanças estruturais nas sociedades contemporâneas, em que o adiamento da transição para a vida adulta pode corresponder diretamente a uma dificuldade de integração social e profissional. (Côté & Bynner, 2008).

Segundo Brandão, Saraiva e Matos (2012), de fato nem todos os jovens têm os mesmos recursos e possibilidades para construir deliberadamente e intencionalmente um sentido para a existência e, por isso, esse conceito é excludente. Segundo as autoras, antes de qualquer discussão sobre uma temática que se dirija a esse público, deve-se ter a

preocupação delimitar, e situar, o perfil de interesse para o estudo, para que as respectivas particularidades sejam consideradas. Dessa forma, para este estudo especificamente, o público-alvo são os jovens (18 a 26 anos), brasileiros (regiões sul e sudeste), de classe média e alta (A-B), que leem e interagem com o conteúdo do blog *Casal Sem Vergonha*, objeto deste estudo.

Referente ao contexto brasileiro e em termos econômicos, Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2003) indicam que está a emergir uma nova geração de jovens no Brasil, que se distingue da de seus pais pelo adiamento da saída da casa – chamados de “geração canguru” (analogia com a bolsa marsupial). Caracterizam-se por um elevado investimento educacional e na vida profissional, mas que tem dificuldade para inserção no mercado de trabalho competitivo. A permanência na casa dos pais é explicada pela necessidade de manter o nível de conforto, e o estatuto social que isso lhe confere; ainda, essa situação é favorecida pela permissividade no interior da casa parental, e das relações familiares mais igualitárias, baseadas no diálogo e em uma postura de companheirismo (Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro, 2003).

Como visto, um jovem faz mais ou menos parte dessa conjuntura de mudanças conforme a possibilidade que tem em participar dessas transformações, ou seja, a conjuntura não se apresenta igualmente para todos. Para um estudo situado no cenário brasileiro, como já exposto, deve-se dar atenção quanto às discrepâncias entre as regiões do país – socialmente e economicamente. Genericamente pode-se dizer que as regiões concentradas no norte são menos desenvolvidas economicamente do que as regiões do sudeste e sul do país.

Em relação à concepção de família, essa também vem sofrendo alterações em sua estrutura: enquanto na modernidade era vista fixa e como fator de estabilidade, na contemporaneidade vem sendo repensada primeiro enquanto sua própria constituição marcada pela relação parental heteronormativa, para fins de reprodução, ou continuidade de uma tradição, e depois pelo postergar por parte do jovem em assumir as responsabilidades próprias da fase adulta – como os papéis de pai e mãe, ou de provedores. Nesse aspecto, o Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência (2013) da PUC do Rio Grande do Sul, no Brasil, realizou a terceira edição do Projeto 18/34 – com 1.500 jovens, entre 18 a 34 anos, das cinco regiões do Brasil – e investigou as ideias e aspirações dessa geração sobre o conceito de família. Segundo constatado pelo estudo, esses jovens possuem uma visão mais pragmática e prática sobre a função da família que possa ser mais assimilada pela dinâmica

de suas vidas. A tolerância perante as diferenças e as formações é um fator mais presente nas respostas, mas esses jovens ainda aspiram estruturar uma família tradicional, no entanto, menor do que de seus antecessores.

Para efeito da pesquisa, foram selecionadas sete dos vinte e quatro formatos de família pesquisados como ponto de partida para o estudo, que resultou em: Família Díade Nuclear (pai e mãe), Família Nuclear ou Simples (pai, mãe e filhos), Família Alargada ou Extensa (pai, mãe, filhos, avós etc.), Família Reconstruída, Combinada ou Recombinada (pai, mãe, filhos e enteados), Família Homossexual Feminina e Masculina, Família Monoparental Feminina e Masculina (pai e filho ou mãe e filho) e Família Unitária (única pessoa). Independentemente da orientação sexual, foi solicitado aos jovens que respondessem se as figuras paterna e materna estão vinculadas ao gênero. Segundo a pesquisa, em todas as regiões se percebe que qualquer pessoa pode representar as duas figuras (52,9%). A declaração de que o pai e a mãe devem representar essas figuras (24,2%) vem logo depois. Ao serem questionados sobre os serviços que devem ser desempenhados pela mãe ou pelo pai, a resposta mais recebida foi a de que ambos poderiam realizar qualquer tarefa. Contudo, lavar roupa, cozinhar e arrumar a casa foram atos que ficaram ligados à figura feminina. As atividades de trabalhar e sustentar a família, ter autoridade, cuidar do jardim e fazer consertos e reparos em casa foram associados à figura (Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência, 2013).

Segundo o levantamento, foram constatados que os diferentes formatos são vistos com maior naturalidade pela Geração Y, além de enfatizarem a liberdade de escolha. No entanto, existe uma maior resistência quanto ao formato homoafetivo em ambos os grupos. A maior responsável pela formação dos valores e influências nas escolhas dos jovens é a família de origem. Nesta geração parece que a luta contra o preconceito gerou resultados, pois quando questionados sobre qual formato de família menos agrada, a resposta “nenhuma” (61,5%) é predominante. Porém, entre as alternativas, as famílias homoafetivas (17,3%) ainda têm a maior rejeição. As justificativas para a escolha variam entre: por não ser ideal para a sociedade (56,2%); por questões religiosas (53,9%); por tradição familiar (42%); por leis reprodutivas (38,9%); e por dificuldade de aceitação (22,3%) (Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência, 2013).

O professor responsável pela coordenação da pesquisa, Ilton Teitelbaum, afirma que o jovem tem uma leitura prática de família: “É uma visão projetiva, muito mais que uma autoanálise. Essa é uma geração mais conservadora do que se poderia imaginar” (Debeluck

& Timm, 2015). Para 81,1% dos jovens de todas as regiões, o conceito de família é fundamental ou muito importante. A maioria (47,5%) declara que seus valores vêm igualmente da criação em casa, e da vivência com outras pessoas; enquanto 37,2% acreditam que vêm principalmente de casa. Os pais são os mais influentes nas decisões da geração Y (31,3%), seguido por namorado(a) (10,1%), enquanto que a religião apresenta dados quase nulos de influência nas decisões desses jovens (Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência, 2013).

Em relação ao comportamento desses jovens, o estudo mostrou que o vínculo domiciliar com a família é predominante, a maioria (59,7%) ainda mora com os pais, e 61,93% tem como ocupação estudar, frente a 36,4% que exercem algum tipo de trabalho. Em relação às atividades gerais desenvolvidas, são em maior ou menor grau semelhantes entre as regiões pesquisadas, e o destaque é que entre as mais citadas, as cinco principais são ligadas à tecnologia: acesso às redes sociais (72,7%), ouvir música (65,5%), buscar informações na internet (47,6%), assistir à televisão (25,3%) e games (21,2%). O curioso é que nas regiões sul e sudeste, onde se localiza principalmente a audiência do blog *Casal Sem Vergonha*, o interesse principal se destina para os games (24,3% e 22,9%, respectivamente) e há menor interesse na busca por informação (42,7% e 44,8%) comparando-se a outras regiões. A maior busca por informações está nas regiões centro-oeste (51,3%), norte (56,3%) e nordeste (50,8%) (Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência, 2013).

Financeiramente, os jovens ambicionam ganhar o bastante para possuírem pequenos luxos (43,20%) e para se sentirem confortáveis (43,07%). As regiões que visam acumular mais riquezas são sul (43,58%) e sudeste (44,92%). A maioria (72,9%) tem o desejo de viajar pelo mundo para conhecer outras culturas. Atrás, está ter uma boa formação na faculdade (55,6%). Somente 5,5% declararam ter como objetivo se dedicar totalmente ao trabalho. O que se percebe nesse aspecto são as influências dos imperativos pós-modernos, em que o indivíduo se vê diante de múltiplas possibilidades, em que a flexibilidade e a pluralidade são condições desejáveis, ao contrário da estabilidade conferida por uma relação íntima (Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência, 2013).

A respeito do casamento, um final previsto para o relacionamento amoroso – foco do nosso estudo – ele ainda aparece como um desejo da geração Y: com 39,2%, a união civil e religiosa é o tipo que predomina no que se refere à relação que gostaria de ter. Em seguida está a união civil (24%) e união estável (16,9%). A respeito do interesse em se ter filhos, os jovens declararam ser necessário ter estabilidade financeira e emocional, ser maior de idade

e não depender dos pais. Em todas as regiões prevalece o desejo por um ou dois filhos, enquanto 17,1% dos respondentes não pretendem ter. Isso pode formar uma geração de pais mais velhos e/ou com poucos filhos, tendência observada no continente europeu, e em países como o Japão (Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência, 2013).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2007 apud Brandão et al., 2012), as mulheres tendem a casar mais cedo, sendo que a idade média do primeiro casamento é de 26 anos para as mulheres e 29 anos para os homens. A taxa de fecundidade se situa em 1.94 filhos, e as jovens com mais anos de escolaridade têm metade do número de filhos das jovens com menos anos de escolaridade, sendo que as primeiras têm, em média, 1.68 e as segundas, 3.19 filhos. Além das jovens com mais escolaridades serem mães mais tarde, em média aos 27.8 anos, comparativamente à média de 25.2 anos das jovens com menos escolaridade (IBGE, 2010 apud Brandão et al., 2012) Deste modo, parece ser possível afirmar que fatores como a escolaridade parecem estar associados à adoção de padrões demográficos distintos.

Em relação ao comportamento sexual dessa geração *Millennials*, uma pesquisa norte-americana realizada com nascidos no país e publicada na revista científica *Archives of Sexual Behavior*, pela Universidade Atlântica da Flórida, constatou que essa é a parcela da sociedade mais sexualmente inativa desde a época da Grande Crise econômica de 1929 que atingiu de alguma forma todo o mundo (Abdo, 2008). Segundo os pesquisadores, a atual geração de jovens faz menos sexo que as gerações anteriores, apesar da ampla disponibilidade de aplicativos e sites de namoro e da maior aceitação sobre o sexo antes do casamento. Os brasileiros afirmam fazer em média 2,9 relações sexuais por semana. Mas, se pudessem, gostariam de ter 5,5 relações por semana (Abdo, 2008)⁷.

A níveis conclusivos, o que a pesquisa constatou foi que na atualidade não existe um modelo amoroso dominante que seja imperativo sobre todos, ou um discurso que dimensione solidificar as várias vozes afetivo-sexuais. Esse sujeito (jovem) pós-moderno não apresenta um projeto social amplo a ser construído a longo prazo, e no qual as dimensões amorosas se encaixem. O que se observa são projetos, ou perspectivas, a curto prazo, individuais e orientadas para o bem-estar e o próprio prazer, como já referenciado anteriormente neste texto.

⁷ Os números são da pesquisa Mosaico 2.0, conduzida pela psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do Projeto Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

Desta forma, o indivíduo se torna o único ou o principal regulador de suas práticas afetivo-sexuais, o que dá a ele uma grande liberdade para experimentá-las e geri-las (Chaves, 2003). No entanto, sendo o indivíduo o legislador da sua relação amorosa, este terá de negociar constantemente com o outro se o objetivo de ambos for prolongar o relacionamento, pois os interesses individualizados devem convergir em alguma instância – como previsto pelo conceito da relação pura de Giddens (1992). O fato de o relacionamento amoroso atual ser autorregulamentado, contextual e pragmático, possibilita ao indivíduo ter mais liberdade e oportunidades de obtenção de prazer, e da realização das próprias expectativas; nesse contexto se cria um campo amoroso instável, por meio de um contrato flexível com o parceiro que possa corresponder com essas normas sociais de fruição.

O ponto curioso é que para alguns jovens entrevistados pela pesquisa, a instabilidade e a incerteza (ou certezas provisórias e frágeis) não são de fato caracterizadas como um problema para eles. Essas questões podem ser atribuídas ao fato desses jovens não terem experienciado contextos diferentes, em que a estabilidade das relações amorosas fosse frequente e mais fácil de acontecer, ao invés do predomínio da fluidez das normas. Mas, para outros, essa instabilidade provoca insegurança e faz com que as pessoas sejam superficiais e descomprometidas com o outro, seja buscando manter um relacionamento mais fixo e estável, e nele praticando a "arte" da discussão e da negociação com o outro (Chaves, 2003).

Porém, como apresentado pela psicóloga Jacqueline Chaves em sua tese, para que a discussão e a negociação aconteçam é necessário acessar de maneira lógica e eficaz o dispositivo da comunicação, o que foi apresentado como uma questão para o grupo estudado. Foi constatado na pesquisa muitos problemas em torno da questão do “falar”, possivelmente um paradoxo da vida sob condições pós-modernas:

De um lado há uma forte ênfase na necessidade da "conversa" para o bom andamento do relacionamento, para que os parceiros consigam ajustá-lo ou encaminhá-lo de algum modo. Por outro, vê-se vários jovens se queixarem da falta de comunicação, do silêncio e do sumiço do outro, da dificuldade em se falar daquilo que está sentindo, pensando e querendo, da conversa truncada. (Chaves, 2003, p. 198).

Chegou-se à conclusão que a questão do falar remete também ao escutar, ou seja, do interesse pela história de vida do outro, querer saber do outro, ocupar-se e preocupar-se com o outro (Chaves, 2003). Outra questão que a pesquisadora levanta é sobre o lugar em que o outro é colocado pelo indivíduo que se relaciona com ele, e a partir de sua análise é percebido que esse lugar varia entre a onipotência e o desrespeito:

Muitas vezes o outro é responsabilizado, é percebido como aquele de quem depende a manutenção da relação, a fidelidade do indivíduo, o seu interesse por aprofundar o relacionamento e se comprometer mais intensamente. Tantas outras vezes o outro é visto como um instrumento, meio de acesso à autorrealização, à autossatisfação, ao prazer próprio. (Chaves, 2003, p. 198).

Nessa determinação do que representa o outro, recai-se no que é então a relação amorosa para este sujeito. Perante o estudo uma concepção de amor que faz mais sentido à atualidade é uma concepção de amor pragmático e contextual, ou seja, parece que o amor depende e somente acontece a partir de um conjunto de fatores (na convivência), e a sua manutenção depende das palavras e atitudes que são ditas e tomadas cotidianamente pelos parceiros amorosos, e necessariamente do grau de satisfação individual como resultado da relação.

Um ponto ressaltado pela autora é em relação ao papel da mulher nas transformações do campo amoroso e sexual. Ao alcance do estudo “a atuação da mulher se mostrou ser fundamental para que outras práticas amorosas e sexuais fossem forçadas, que o sentimento amoroso fosse valorizado, que as relações amorosas se tornassem mais igualitárias” (Chaves, 2003, p. 200). Mas posto que hoje dificilmente as mulheres aceitam abrir mão de seus projetos individuais, de suas possibilidades de autossatisfação e autorrealização – as quais comportam outras dimensões da vida para além da amorosa – esta parcela da sociedade também é a mais passível à instabilidade das relações amorosas, próprias da pós-modernidade.

Para isso, o trabalho se propõe a discutir de que forma o relacionamento íntimo vem sendo colocado como estruturante para a formação e a manutenção da sociedade e, nesse aspecto, entender melhor o papel imposto à mulher, que pode ter tido seu protagonismo individual anulado em detrimento do funcionamento de uma estrutura paternalista e, conseqüentemente, machista. Sob esse argumento, os discursos que se pretende analisar são aqueles formados no âmbito das redes e da cultura contemporânea. Um ponto de destaque será a evolução do teor dos textos do blog *Casal Sem Vergonha* – objeto de estudo – e como esse conteúdo inscrito em uma ordem pretensamente não moralista, pode estar a se reduzir a textos de autoajuda e aconselhamentos amorosos obedientes à ordem imposta pelas estruturas sociais vigentes.

CAPÍTULO IV – METODOLOGIA

Este capítulo se destina a apresentar a estrutura de trabalho conforme o objetivo proposto, segundo a lente do objeto de trabalho que são propriamente os textos do blog *Casal Sem Vergonha*. Os tópicos a seguir trazem uma descrição do objeto de estudo, além de uma contextualização deste no universo das redes digitais, e nesse sentido destacando a relevância da interface dos blogues para a expansão da escrita autobiográfica, inscrita enquanto um cuidado de si, sob uma perspectiva da resignificação deste conceito foucaultiano. O capítulo ainda contempla os procedimentos metodológicos e a estrutura de trabalho, conseguinte a uma descrição da construção do *corpus*, sistematização do material, estruturação do formato e linha de análise.

IV.1 Sobre o objeto de estudo

O objeto de estudo deste trabalho, como citado anteriormente, é o blog brasileiro *Casal Sem Vergonha*. A página foi criada há seis anos pelo publicitário Eme Viegas (35), e pela tradutora Jaque Barbosa (29), um casal não fictício que resolveu usar da extensão das redes da internet para falar e discutir um assunto que consensualmente é do interesse da maioria dos indivíduos: as relações sexuais e amorosas. Segundo os próprios idealizadores:

Os dois perceberam que havia algo errado na forma em que o sexo era tratado na mídia em geral. Blogs, programas, revistas – todos eles falando com “muitos dedos” sobre um assunto que todo mundo faz. Se sexo é bom, faz bem, deixa as pessoas de bom humor e é de graça, por que ainda é visto como algo imoral e motivo de vergonha para as pessoas?... Pensando nisso, o Casal Sem Vergonha resolveu se rebelar e falar sobre sexo e os relacionamentos com papo reto, de cara limpa e sem vergonha, da forma que vocêalaria com seu melhor amigo ou amiga. (Casal Sem Vergonha, s.d.).

Atualmente o blog conta com contribuição de outros escritores, ou leitores, e também passou a incluir outras temáticas, como trabalho e estilo de vida, mas sempre em referência à sociedade atual e ao sujeito contemporâneo. Segundo os dados divulgados pelo portal, são contabilizadas três milhões de visitas mensais na página, e o triplo dessa quantia em *pageviews* (Anexo B.2). Como dito no capítulo anterior, a audiência consiste em sua maioria por jovens, de 18 a 26 anos – inseridos na ordem da *emergente adulthood* – que já nasceram praticamente com acesso total à internet. De certa forma são orientados pelos imperativos da pluralidade e flexibilidade, próprios da pós-modernidade. Em aspectos gerais, 65% do

público se autodenominam mulheres e 35% se autodenominam homens; 55% pertence às classes A e B, e 30% à classe C, e a maioria é concentrada nas regiões sul e sudeste (65%) (Anexo B.1).

Conforme Hinerasky (2012), a expressão blog, de origem americana, deriva da união das palavras “web” (rede) e “log” (diário de navegação). Foi criada por Jorn Barger em 1997 para se referir ao seu jornal online *RobotWisdom30*. Os blogs são interfaces de comunicação de hipertexto e conteúdos breves, que possibilitam edições simplificadas, por meio de algumas ferramentas oferecidas pelas plataformas em que se inserem. (Hinerasky, 2012) Dessa forma a interação e a personalização são facilitadas, o que permite uma comunicação entre os interlocutores – ou seja, entre autores (produtores de conteúdo) – e sua audiência (Hinerasky, 2012), que pode se dar, por exemplo, pela funcionalidade da caixa de comentários em um site.

Esse formato designado como blog – menos complexo e mais rápido – facilitou a fabricação de páginas por indivíduos com pouco, ou quase nenhum, conhecimento técnico (Schittine, 2004). Além da estrutura simplificada das plataformas de blogs, outros fatores contribuíram para a popularização deste formato – principalmente entre jovens – como as melhorias das estruturas da própria internet e o conseqüentemente aumento da permanência do usuário em rede. Somadas à ausência de mecanismos de censura aos conteúdos criados, com a agilidade na publicação entregue pela interface, essa combinação resultou em mais diversidade temática, mas, principalmente, em um espaço para relatos de experiências de vida pessoal, do cotidiano e das inquietações e pensamentos dos próprios autores. Dessa forma foi que se deu vazão à emergência da primeira tendência entre os blogs: os diários pessoais (Lemos, 2002; Schittine, 2004; Rocha, 2003). Para Malini (2008, p. 5), “A importância desses diários, no terreno da linguagem blogueira, é o que vai instituir dois componentes – ambos conseqüências um do outro: a escrita informal e a conversação”.

O “eu” é a matéria indispensável para a autobiografia e o diário. O exercício autobiográfico só se fez possível a partir do renascimento, com o surgimento do sentimento de individualidade. Entretanto, “a autobiografia supõe um duplo e simultâneo foco: como o Eu reage ao mundo, e como o mundo experimenta o Eu” (Lima, 1986, p. 255). Essas incidências, e esse duplo foco, passam a ser registrados por meio das autobiografias. Compreende-se, por exemplo, que a escrita de diários é uma forma de escrita autobiográfica, e é uma prática cultural inscrita na ordem dos cuidados de si, um conceito foucaultiano que atua na produção de subjetividade.

Para Foucault (2010, p. 9), o cuidado de si é precisamente uma ordem para olhar para si, e um ocupar de si mesmo. Esse é o caminho necessário na busca da verdade: “o cuidado de si será, portanto, considerado como o momento de o primeiro despertar. Este se situa exatamente no momento em que os olhos se abrem, no qual se sai do sono e no qual se acede a primeira luz [...]”. Dada essa importância do cuidado de si para o sujeito, Sibilia (2016, p. 59) ressalta a relevância da escrita na construção subjetiva, em que “a experiência vital de cada sujeito é um relato que só pode ser pensado e estruturado como tal se, de algum modo, for cristalizado na linguagem”. Assim como para Babo (2012) que indica que no quadro dos exercícios pela “razão”, deve-se destacar a escrita como uma técnica mais apurada de cuidado de si, pois é nela que se apoia toda a estrutura do discurso filosófico. Segundo a autora:

[...] o valor da escrita no trabalho de constituição do si mesmo é incontornável e propiciador deste tipo de pensamento, pois que aparece como um exercício interiorizado, banalizado, digamos, sem pretensões à difusão pública, talvez em pequenos círculos. A escrita é entendida mais como prática de que como obra; como atividade quotidiana de uso pessoal. (Babo, 2012).

E é nesse ponto que a produção textual de um blog se afasta do exercício dos cuidados de si e abre margem para outros gêneros determinantes desse material produzido para as redes, pois além do conteúdo ser submetido ao olhar do outro – pela publicação não privada – o outro também é capaz de opinar e interferir nessa produção, que deixa, de certo modo, de ser somente subjetiva. De toda forma, é preciso reconhecer nos blogs um importante espaço conversacional (Primo, 2008). Para Recuero (2009), os blogs são espaços de interação, lugares de fala, construídos de forma a expressar elementos da personalidade ou da individualidade de quem os escreve (Recuero, 2009, p. 25-26), mas os quais são levados à percepção do/pelo olhar dos outros – daquele que o lê. Sob essa perspectiva, os blogs representam simultaneamente a individualidade e a coletividade, dimensões presentes no imaginário da sociedade pós-moderna, sendo uma (nova) forma de comunicação e escrita (Rocha, 2003).

Com a ampliação dos usos e do acesso aos blogs, estes alcançaram novos formatos textuais, que não somente o da escrita pessoal. Segundo Primo (2008, p. 2), “ainda que seja importante observar a temática principal de um blog, tal procedimento não é suficiente para analisar-se o fenômeno do blogar em sua profundidade”. Por isso o autor propõe uma tipificação para blogs, com 16 gêneros, na qual delimita quatro grandes categorias baseadas

na autoria, quais sejam: blogs profissionais, pessoais, grupais organizacionais e, em cada uma delas, deriva os seguintes tipos: reflexivo, informativo, informativo interno, autorreflexivo. Trata-se de uma sistematização mais complexa, válida do ponto de vista da abordagem, dos autores e das dinâmicas contextuais desses veículos. Para Recuero (2003) os blogs poderiam ser divididos basicamente em cinco categorias: (1) diários: tratam principalmente da vida do autor; (2). publicações: comentários sobre diversas informações; (3) literários: posts que trazem contos, crônicas ou poesias; (4) clippings: agregam links ou recortes de outras publicações; (5) mistos: misturam posts pessoais e informativos, comentados pelo autor.

No exercício de definir um recorte para o objeto deste estudo – o blog *Casal Sem Vergonha* – deve-se não ser rígido quanto às tipificações propostas pelos autores pois, como comentam os idealizadores da página, o site surge inspirado em conversas reais de círculos sociais pessoais, e nesse contexto perceberam que a temática sobre sexo era discutida regida em torno da moral e do constrangimento e, por isso, a discussão não poderia alcançar um espectro da verdade sobre o tema.

O blog foi iniciado pela vontade de Eme Viegas e Jaque Barbosa – que assinam como *Casal Sem Vergonha* – em falar abertamente sobre relações sexuais. Atualmente se estrutura mais como uma curadoria de conteúdo, que conta com a colaboração de autores externos e que possibilitou, de certa forma, ampliar a gama de assuntos tratados. O que antes abarcava basicamente a temática do sexo “sem vergonha”, hoje também compreende as sessões “amor”, “atitude”, “listas” e “lifestyle”. Segundo o caminho trilhado pelo *Casal Sem Vergonha*, pode-se constatar que um blog coletivo alcança mais facilmente acessos e popularidade, pois ao contar com uma gama de escritores e produtores, consegue manter um fluxo de postagens maior e assim facilitar sua atualização com conteúdos mais diversificados, e sob diferentes pontos de vistas. Já nos blogs individuais, a tarefa de manter atualizações diárias é mais árdua, demanda mais dedicação do autor e também acaba por ser feito sob uma perspectiva individual (Primo, 2008), o que pode influenciar em um debate como um todo.

Para Recuero (2003), é importante apontar que uma das características fundamentais dos blogs é que se tratam de relatos pessoais, independente do assunto e do fato de serem escritos por um único autor, ou por um grupo deles. O que significa que o conteúdo não é aleatoriamente inserido na plataforma, mas que alguém os coloca, e por isso faz a valer a voz e o próprio pensamento do indivíduo. (Recuero, 2003). Sob essa perspectiva, não se

deve negligenciar o fato que os textos produzidos para um blog, apesar de abordarem a temática proposta como um todo, contêm certa parcela de subjetividade de quem os produz, pois são pautados, por vezes, pelas vivências reais dos autores. Assim, no exercício de designar uma classificação coerente – com o formato construído pelo *Casal Sem Vergonha* – observa-se que a medida que este tece interpretações sobre a temática, é sob certa interferência pessoal dos autores. Nesse sentido, o blog se aproxima da categoria de “publicações” proposta por Recuero (2003).

Diante dessas questões, a autora propõe que para que possa se dar uma interação genuína, é preciso disponibilizar informações que diferenciem os sujeitos, gerem empatia e também brechas para as conversações (Recuero, 2003). Nesse exercício necessário, e inerente ao blogueiro (ou produtor de conteúdo), de manter um fluxo conversacional com seu público, o *Casal Sem Vergonha* tem realizado um trabalho satisfatório. Em um universo vasto de páginas na internet ⁸, o blog conseguiu se manter atuante, e com presença digital significativa ao longo dos seis anos de sua existência, conquistando um público considerável em relação à população brasileira. Mas, como proposto, mesmo que esse conteúdo se insira em uma ordem pretensamente não moralista, observa-se indícios de que pode estar a se reduzir a textos aconselhativos e obedientes a mesma ordem imposta pelas estruturas sociais vigentes. Como observado, os blogues exercem um papel de incrementar e contribuir de forma rica e coesa com o debate social – por exemplo, o *Casal Sem Vergonha* optou por trabalhar a temática da sexualidade e das relações amorosas.

No entanto, o que se visa problematizar com o estudo, e se pretende averiguar nesta etapa do trabalho, é como as narrativas sobre relacionamentos amorosos são construídas na contemporaneidade e de que forma o amor é visto e colocado nessas estruturas. A partir desse ponto, pretende-se entender como os textos do blog *Casal Sem Vergonha* se articulam com padrões de violência simbólica e comportamentos abusivos; ou seja, se de alguma forma há a normalização de padrões violentos nas relações íntimas por meio dessas elaborações. O intuito também é destacar a posição conferida às mulheres nesses enunciados sobre relacionamentos íntimos, apontando questões referentes às perspectivas de gênero, autonomia e liberdade feminina. A seguir, será feita uma descrição da delimitação do *corpus*, bem como das metodologias utilizadas para sua análise, e o porquê dessas escolhas.

⁸ Segundo dados (*Statics Report/2011-2015*) da empresa californiana *The Radicati Group Inc*, em 2011 – ano em que o nosso objeto de estudo foi criado – havia mais de 100 milhões de blogs, e segundo as estatísticas da “*State of the Blogosphere*”, em média 120 mil novas páginas todos os dias, criando um universo extenso e fluido de informação e novos conteúdos diário (Hinerasky 2012).

IV. 2 Procedimentos de análise

O material que faz parte do estudo foi delimitado segundo critérios de pesquisa de que, primeiramente, deveriam constar como resultado do uso da ferramenta de busca do site ao serem utilizados os termos “mulher” e “mulheres”. Após essa etapa, foram inseridos mais critérios para que fosse criado um *corpus* coerente com o objetivo traçado: ter no mínimo 500 curtidas na publicação do *Facebook*⁹; fazer referência direta, ou indireta, ao tema de relacionamentos amorosos; ser em formato de artigo, ou conter trabalho editorial, que indicasse a criação de um conteúdo opinativo, e assim foram descartados aqueles que faziam somente referência a outro material – como ensaios fotográficos, pesquisas, infográficos, promoções e divulgações de produtos.

O *corpus* final consiste em 83 textos colhidos em outubro de 2017, que abrangem o período de 6 de abril de 2011 a 28 de junho de 2017, ou seja, seis anos de publicações; praticamente a totalidade da existência do site. O blog foi monitorado constantemente e desde então não houve mais nenhuma publicação que se enquadrasse nos critérios e propósitos deste estudo.

Para o objetivo proposto, foram eleitas como metodologias a serem utilizadas para observação dos textos, a análise de conteúdo (AC) – segundo Bardin (2011) - e a análise crítica do discurso (ACD) – segundo Van Dijk (2008), levando em conta a perspectiva foucaultiana sobre discursos. A AC, segundo Bardin (2011, p. 48) é:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens[...].

O processo se compõe em três etapas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados e interpretações (Bardin, 2011). Pode-se dizer, que o contato com os materiais empíricos que compõem o *corpus*, iniciou-se entre a adolescência e fase adulta da autora desta pesquisa, pois como mulher e jovem, observava as constantes trocas e publicações dos textos do blog nas redes sociais, além de perceber certas incoerências entre discursos e ações referentes aos relacionamentos amorosos na contemporaneidade.

⁹ Recuperado a partir de <https://www.facebook.com/casalsemvergonha/>

Mas especificadamente para este estudo, a pré-análise se concentrou nos meses de setembro e outubro de 2017, em que a recolha dos textos, especificadamente, deu-se no mês de outubro. Durante a coleta, e concomitante com a revisão bibliográfica, aconteceu a segunda fase da pesquisa, referente à exploração do material. Essa fase foi crucial para se perceber questões que dariam origem ao índice de codificações utilizado, particularmente, para a análise de conteúdo.

O *codebook*¹⁰ foi pensado a partir do conteúdo teórico revisado e pesquisado, e das campanhas de prevenção contra violência realizadas por órgãos oficiais brasileiros, bem como pelas dadas no contexto da internet, como citadas no capítulo I¹¹. Foram necessárias algumas versões, conforme se avançava a pesquisa bibliográfica indispensável a este estudo. Dessa forma, mesmo durante a fase de análise com a ferramenta Nvivo12, foram demandadas algumas inserções de índices, e/ou exclusões. E mesmo uma categoria que se mostrou crucial para este estudo – sobre a culpabilização da mulher – só foi introduzida em um segundo momento, após o início das codificações. Entende-se, dessa forma, que uma grelha de análise conveniente e produtiva só pode ser finalizada conforme se desenvolve a pesquisa, admitindo-se os equívocos, ou faltas.

Nessa fase de pré-análise também se contactou certas questões referentes às imagens usadas pelo editorial para ilustrar os textos. Dessa forma, ao longo da apresentação e discussão de resultados no capítulo V, será apresentada brevemente essas observações, em que se considerou fatores quanto à representatividade social, segundo aspectos sobre a diversidade dos indivíduos retratados. Também se deu destaque à figura da mulher conforme a posição em que foi colocada e mostrada. Como o foco da pesquisa são as construções discursivas – e não é de fato um trabalho com fotografia documental – não se dá demasiada ênfase a essa categoria, mas se entendeu a necessidade de apresentar e pontuar algumas questões. Devido a esse fato, não se fez necessária nenhuma metodologia de análise específica das imagens.

A hipótese até este momento observada é a de que os conteúdos publicados pelo blog não têm contribuído para um debate relevante e enriquecedor, referente às transformações da intimidade na contemporaneidade. Mesmo que inscritos em uma ordem pretensamente não moralista, podem estar a se reduzir a textos de autoajuda e aconselhamentos amorosos obedientes à ordem já imposta pelas estruturas sociais vigentes,

¹⁰ Um codebook é um índice de códigos que descrevem o conteúdo e a estrutura de uma coleta de dados.

¹¹ Chega de Fiu Fiu; #meuamigosecreto; #meuprimeiroassédio; #NãoMereçoSerEstuprada.

não incidindo de forma positiva para avanços nas temáticas feministas, que objetivam a igualdade de gêneros, a emancipação legítima das mulheres e a garantia de seus direitos na sociedade civil.

Na segunda etapa do processo, que consiste na codificação desse conteúdo, os textos foram primeiramente classificados, em uma tabela geral (Apêndice B) segundo seu título, autor, data de publicação, número de curtidas pelo Facebook e a classificação segundo as colunas do blog: sexo, amor, atitude, listas e *lifestyle*. Após essa fase de catalogação, foi utilizado o *software* Nvivo12, sugerido pelo orientador deste trabalho, que organiza de forma sistemática as informações fornecidas pelo pesquisador – neste caso, os próprios textos – a fim de que se consiga ter uma visão abrangente e clara dos conteúdos, além de identificar e agrupar “nós” semelhantes e de interesse consoante ao que foi proposto. Para utilizar o Nvivo12 foi criado um *codebook* – detalhado no Apêndice A – que contém dez itens de análise, e suas subsequentes categorias. O *codebook* consiste em:

1. Quanto à autoria dos textos:

- Editorial
- Gênero não binário
- Homem cisgênero
- Homem transgênero
- Mulher cisgênero
- Mulher transgênero

2. Orientação sexual do autor, quando exposta no texto:

- Bissexual
- Heterossexual
- Homossexual
- Indiferente
- Não Identificada
- Outra

3. Tom do texto:

- Conservador
- Crítico
- Feminista
- Liberal
- Machista
- Neutro

4. Estereótipos das mulheres:

- Chata

- Culta/Inteligente
- De Atitude
- Difícil de ser conquistada
- Experiente/sabe tudo/provedora de conhecimento
- Frágil
- Idealizada/endeusada
- Independente
- > financeiramente
- > sentimentalmente
- Insegura
- Interesseira/ oportunista
- Liberal
- > liberal sexualmente
- Masculinizada
- Não há estereótipo
- Outro
- Promíscua
- Romantizada
- Segura
- Sem comprometimento com a aparência/ não vaidosa
- Sexy
- Vaidosa

5. Presença de imperativos pós-modernos:

- Ausência de planos a longo prazo
- Indivíduo com múltiplas identidades/plural
- Primazia do indivíduo
- Realização de objetivos próprios sem considerar os d@ parceir@
- Relacionamento descartável

6. Se há presença de relatos de um relacionamento, com qual teor é abordado:

- Abusivo
- Normal
- Perfeito
- Sem compromisso
- Violento

7. Presença da ideia de amor romântico

- Copresença de conceitos românticos e pós-modernos
- Confusão do conceito de paixão com o de amor
- Homem conquistador
- Homem provedor
- Mulher perfeita/idealizada
- Não há relato de relacionamento romantizado
- Par perfeito
- Romance espetacularizado

- Romance que vence tudo

8. Quais pistas indicam relacionamento abusivo:

- Alusão a uma receita de vida ideal
 - > liberdade individual
 - > vida a dois
- Criar oposição entre mulheres
- Culpabilização da mulher
- Desdenho às questões particulares do indivíduo
 - > modo de ser
 - > opiniões
 - > vontades
- Ditar normas quanto ao comportamento
- Generalização das características das mulheres
- Interferência/comentários sobre a liberdade do indivíduo
 - > corpo
 - > estilo de vida/ gastos financeiros
 - > sensibilidade feminina
 - > sexualidade
 - > vestuário
- Mulher mudar algo para conquistar o homem
- Objetificação da mulher
- Valorização da beleza da mulher
- Desvalorização do plano de vida
- Referência a determinado padrão
- Xingar a mulher

9. Relações sexuais e prazer:

- Autorresponsabilidade pelo prazer
- Normalização do não gozar
- Posição liberal
- Posição liberal em detrimento da satisfação masculina
- Prazer solitário
- Valorização do prazer a dois
- Valorização do sexo casual

10. Conclusão do texto:

- Conformista
- Conquista
- Final Feliz
- Perda
- Revolta
- Sonhador
- Transgressor

A terceira etapa dos processos referentes à AC consiste em categorizar e classificar os elementos até então encontrados nas primeiras fases da análise. No próximo capítulo serão apresentados os resultados, além de serem debatidos e interpretados pela perspectiva da ACD, que, segundo Van Dijk (2008, p. 113), “é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político”. Para Foucault:

Trata-se, portanto, de levantar a sério estes dispositivos e de inverter a direção da análise: ao invés de partir de uma repressão geralmente aceita e de uma ignorância avaliada de acordo com o que supomos saber, multiplicadores de discursos, indutores de prazer e geradores de poder. É necessário segui-los nas suas condições de surgimento e de funcionamento e procurar saber de que maneira se formam, em relação a eles, os fatos de interdição ou de ocultação que lhes são vinculados. Em suma, trata-se de definir as estratégias de poder imanentes a essa vontade de saber. E no caso específico da sexualidade, constituir a “economia política” de uma vontade de saber. (Foucault, 2017, p. 82).

O que se pretende averiguar neste trabalho é como as narrativas sobre relações íntimas vêm sendo construídas na contemporaneidade, e de que forma o amor é visto e colocado nessas estruturas. A partir desse ponto, pretende-se analisar como esses discursos se posicionam, ou se articulam, com a ideia de relacionamento abusivo, ou seja, se de alguma forma há a normalização de padrões abusivos por meio dessas representações online – neste caso, nos textos publicados pelo *Casal Sem Vergonha*. Sob essa perspectiva se teve especial atenção às construções textuais que envolviam o termo mulher/mulheres; ela (s); minha(s), pois a ideia é compreender a posição conferida ao feminino nessas elaborações. A partir disso, verificou-se também as construções que envolviam descrições, para se perceber como se dava o uso dos estereótipos; como também as narrações de situações e momentos para se perceber se havia presença de conceitos de amor romântico e/ou pós-modernos e, dada a circunstância, encontrar os padrões abusivos implícitos nessas elaborações textuais.

CAPÍTULO V – ANÁLISE

Conforme anteriormente mencionado, este capítulo se destina à análise crítica do discurso dos 83¹² textos retirados do blog *Casal Sem Vergonha*, coleta feita durante o mês de outubro de 2017, e que compõem o *corpus* deste estudo. A ideia é averiguar, segundo a hipótese levantada, se os enunciados elaborados e publicados pelo blog romantizam padrões abusivos em relacionamentos amorosos, e como essa suposição se articula com a ideia do relacionamento amoroso como biografia única de vida para as mulheres. O intuito é analisar e compreender como esse conteúdo tem contribuído para o debate em torno da temática da sexualidade e dos relacionamentos afetivos na contemporaneidade. Apresenta-se, neste momento do trabalho, os principais resultados e a discussão dos mesmos, que foram obtidos por meio da análise de conteúdo do material.

Como anteriormente citado, os textos foram classificados, primeiramente, em uma tabela geral de catalogação (Apêndice B) segundo seu título, autor, data de publicação, número de curtidas pelo Facebook e a classificação segundo as colunas do blog: sexo, amor, atitude, listas e *lifestyle*. Quanto a esse ponto, somente não houve textos pertencentes à sessão de *lifestyle* – o que não se mostra prejudicial quanto à variedade da amostra, mas sim condizente com o objetivo do estudo, que focou em textos que tratem objetivamente sobre relacionamentos amorosos – ou seja, situações que envolvam dois indivíduos, ou individualidades, que compartilhem um cotidiano, e a própria intimidade. Como a temática geral do material gira em torno de relacionamentos amorosos, não houve necessidade de incluir o índice “tema” nessa tabela, mas pode se observar que os assuntos trabalhados nos textos se concentram basicamente em: um tipo de mulher ideal ou “namorável”; meios e requisitos para se conquistar um homem; sexualidade feminina e do casal e alusão à mulher independente, segura e “de atitude”. Esse último tipo de texto citado é de total importância para este estudo, ao passo que também quer se entender onde e como se encontra a mulher verdadeiramente autônoma em produções de conteúdo contemporâneas.

O período delimitado, como já colocado, foi de 6 de abril de 2011 a 28 de junho de 2017 – que vai desde o primeiro texto resultante da pesquisa no blog pelo termo “mulher”, até o último que agrupou os critérios exigidos pelo *corpus*, abrangendo seis anos de conteúdos publicados. Do total, foram quatro textos publicados em 2011; 24 textos em 2012;

¹² Todos os textos que integram o *corpus* estão inseridos no Anexo A. Foram resguardadas suas características quanto ao vocabulário, às cores, à tipologia e aos destaques nos textos.

23 em 2013; 20 em 2014; nove em 201 e apenas um em 2016 e dois em 2017. O blog se mantém em atividade e foi observado até o momento da análise. É importante mencionar que mesmo durante a após a análise não foi publicado mais nenhum texto que se adequasse às delimitações do *corpus*.

Dos mais de cem textos colhidos, a amostra descartada se resume a 35 textos, que em sua maioria se referem às promoções e divulgações de produtos; chamadas para que o público interagisse com enquetes e pesquisas para futuras postagens; ou não atingiram o número de curtidas estipulado. Dentre esses textos, considerar-se-iam relevantes aqueles que tratam sobre o empoderamento feminino, que são seis ao todo¹³. Dentre esses, em quatro o relacionamento amoroso não é o tema central de abordagem, e os outros dois são artigos patrocinados e servem para a divulgação e lançamentos de produtos. Outras oito¹⁴ publicações se mostram interessantes ao abordarem a temática da relação da mulher e o corpo, mas se limitam à indicação de conteúdos publicados por outros sites, sem trabalho editorial relevante.

Alguns dos textos trabalham diretamente a sexualidade feminina, e se posicionam de maneira aberta para discutir tais questões, são exemplos aqueles que abordam o orgasmo e as fantasias sexuais femininas¹⁵. Outros se resumem em chamadas para que a audiência interaja com pesquisas de opinião; uma delas dá origem a pesquisa “Confira o que 10 mil homens e mulheres gostam de verdade no sexo”, que aborda concretamente temas considerados tabus, como sexo oral e o *ménage à trois*. Outras chamadas são para as nomeadas “Perguntas de Quinta”, foram quatro publicações em que a ideia é lançar uma pergunta em uma quinta-feira e publicar um compilado de respostas na outra semana. Só foi encontrada a publicação de um resultado dessas enquetes – “Quais são as maiores fantasias das mulheres”, que integra o *corpus* de trabalho. No entanto, outra que pareceu relevante é “Porque as mulheres traem” que poderia trazer argumentos para contrapor as ideias

¹³ “Lugar de mulher é onde ela quiser”, “5 coisas que o empoderamento feminino mostrou que cabem (sim *senhô*) na vida de uma mulher”, “Toda mulher quer se sentir bem consigo mesma”, “5 séries que colocam as mulheres no seu devido lugar”, “Tempos de Retrocesso – nova lei sobre aborto quer que você, mulher, se foda”, “Por que ‘vagão rosa’ é uma forma disfarçada de colocar a culpa nas mulheres mais uma vez”.

¹⁴ “Ensaio Mostra a beleza das curvas na mulher”; “A diferença entre o que os homens pensam e a realidade sobre as mulheres”; “Casal Recomenda: ilustrações lembram que as mulheres são donas do próprio corpo”; “Vídeo mostra mulheres desenhando suas próprias vaginas”; “Casal Recomenda: Ensaio questiona padrões ao mostrar a beleza de mulheres com pelos”; “Casal Recomenda: ilustrações mostram como homens e mulheres são vistos pelo mundo”; “Casal Recomenda: Fotógrafa registra mulheres do mundo inteiro tendo orgasmo”; “Casal Recomenda: Homem sente na pele como é ser mulher por um dia”.

¹⁵ “O orgasmo feminino é um mistério tão grande para as mulheres quanto é para os homens”; “Casal recomenda. Aplicativo ajuda mulheres a sentirem prazer sozinhas”; e “Sou casada, mas me sinto atraída por mulheres. O que faço agora?”.

apresentadas pelo texto A.80 do *corpus* “10 coisas que aprendi sobre as mulheres”, que aborda o tema claramente em tom machista, homogêneo e determinista, como se nota no trecho:

5- Elas não traem quando estão satisfeitas sexualmente e emocionalmente. Os homens traem por esporte, mesmo que não tenham do que reclamar em seu relacionamento. Já as mulheres não têm a vontade de transar com todos os homens gostosos com quem cruzam. Elas querem um homem só, que as realizem no sexo e no coração. Claro que existem exceções, mas as que existem são poucas. (Casal Sem Vergonha, 2011).

Como esclarecido anteriormente, esses textos brevemente apresentados não integram o *corpus* pois não concentram os requisitos mínimos pensados para este estudo; um deles é precisamente o número de curtidas da publicação do texto no Facebook – catalogadas na tabela geral (Apêndice B). Esse índice – usado para exprimir a popularidade dos textos que foram de fato analisados – variaram em valores de 546 a 137.000 curtidas, números muito simbólicos quanto à abrangência do conteúdo. Dos 83 textos que conferem o total, 11 textos apresentaram até 1.000 curtidas; 42 até 10.000; 28 até 50.000; e três textos que realmente alcançaram números significativos e obtiveram 80.000, 100.000 e 137.000 curtidas, são eles, respectivamente: “Case-se com uma mulher que...” (Anexo A.32), “Porque toda mulher goza primeiramente pela mente” (Anexo A.38) e “Você vai encontrar uma mulher incrível. E vai perdê-la” (Anexo A.22).

O número de curtidas, usado como modo quantitativo para definir o *corpus*, mostrou-se coerente ao passo que se observou que os números variaram sem qualquer uniformidade ao longo do período analisado, ou seja, pode não ser uma questão ligada diretamente à consolidação do blog, mas voltada para a identificação da audiência com o conteúdo publicado. O primeiro texto identificado possui 1.300 curtidas e foi publicado em seis de abril de 2011 pela editoria do blog; o segundo texto, publicado também pela editoria, alcançou 21.000 curtidas, ou seja, dezesseis vezes mais que o primeiro, em um período de um mês e meio de diferença entre as divulgações. O texto mais popular – 137.000 curtidas, texto A.22 – “Você vai encontrar uma mulher incrível e vai perdê-la” – foi publicado em 23 de maio de 2014, praticamente no meio do período estudado. E o último texto analisado é de 28 de junho de 2017, que alcançou 2.000 curtidas – número muito próximo do obtido pelo primeiro texto analisado no blog.

V.1 Imagens

Antes de focar no tratamento dos resultados, cabe aqui alguns apontamentos quanto às imagens utilizadas pela editoria do blog para ilustrar os textos. Segundo Babo (2012) “A relação do humano com o registro é ao mesmo tempo fixação, elaboração e retenção da sua experiência, aí assumidamente diferida[...] Cabe à arte permitir perceber a constituição de uma memória coletiva, transversal às sociedades humanas e transtemporal”. Quanto a essa relação do sujeito e a ordem do registro, observa-se que, sumariamente, todas as fotos utilizadas trazem meninas e mulheres brancas e magras, que correspondem ao padrão ocidental de beleza. Em uma consideração ao depoimento de Dríade Aguiar (apresentado no capítulo II), percebe-se que no inconsciente coletivo, o relacionamento amoroso ainda é uma opção, e de certa forma um direito, somente para aquelas que se inserem nos padrões sociais vigentes e, portanto, também é uma questão inscrita no âmbito de raça, etnia e classe. No tocante a esse ponto, o ideal seria que as imagens, mesmo que ilustrativas, evidenciassem qualquer preocupação quanto à diversidade dos seres retratados.

No geral, pode-se notar que as imagens utilizadas que retratam cenas românticas e/ou que sugerem um ato sexual, são majoritariamente protagonizadas por: mulheres genéricas – rostos Hollywoodianos/ sem rosto/ somente uma das partes do rosto, como boca e olhos/ de costas/ de perfil ou rostos abaixados; e a mulher “sexy”, que aparece de lingerie, ou no ambiente íntimo do quarto, e neste momento que o rosto é mostrado. O que se percebe é que a mulher representada em uma cena romântica faz alusão à mulher virtuosa e casta que deve ter sua figura preservada; enquanto a mulher sexy tem o rosto exposto, pois subliminarmente está retratada para servir aos desejos sexuais masculinos, e por isso não é necessário que sua intimidade seja respeitada, ou preservada. O uso de rostos Hollywoodianos, como ilustração, faz relação com o fator de idealização das mulheres nesses conteúdos, pois o uso dessas imagens é feito de modo arbitrário, e são usadas para ilustrar o mesmo tipo de textos em que também são vistas mulheres anônimas; por exemplo, o texto (Anexo A.9) “O que a mulher mais velha tem”, usa as protagonistas do seriado *Sex and the City* para ilustrar “a mulher mais velha”, que precisamente já se encontra distante do padrão “aceitável” para o relacionamentos amoroso. Pode-se problematizar, talvez, o uso espetacularizado, midiático e excludente da escolha da imagem para se referir às mulheres mais velhas, quando a representação das mesmas no texto se dá pelo exemplo das personagens do seriado, que são mulheres especificamente ricas, brancas e entre os seus 40 e 50 anos. Ou seja, existe um

padrão aceitável de "mulheres mais velhas", o que parece excluir, cruelmente e também esteticamente, de certa forma, todas as outras que não se encaixem nesses requisitos.

Os textos que abordam sobre “a mulher mais velha” são os que mais pecam e se afastam da referência às mulheres reais. No texto intitulado “Me apaixonei por uma mulher 22 anos mais velha. Tem problema?” (Anexo A.59), apesar de utilizar a imagem da mulher comum, o texto cita uma mulher de 42 anos, enquanto a imagem mostra uma mulher aparentemente sexagenária, em uma clara falta de sincronia texto/imagem. Já no texto “Tenho medo de não ser a mulher certa para ele. E agora?” (Anexo A.8), o teor da imagem é considerado grave, pois enquanto o título remete à uma mulher preocupada com seu relacionamento, a imagem mostra uma mulher se afogando, dois elementos que indicam um relacionamento abusivo, em que ao mesmo tempo que o indivíduo se doa à relação, afoga-se; mas o texto em nenhum momento faz qualquer menção, ou alerta, a essa questão.

V.2 Autores

Quanto à autoria dos textos, o que se pode observar é que apesar do blog abrir seu editorial para contribuições externas – segundo a tabela geral (Apêndice B) – foram constatadas 27 diferentes assinaturas. As autorias das publicações se concentram em algumas pessoas especificamente, que colaboraram com pelo menos três textos ao longo do período analisado, e que passaram a ser consideradas colunistas do blog, ou seja, a colaboração, que é um processo livre e fluido, passou a ser algo institucionalizado e submetido às regras editoriais do site. No Apêndice C estão listados esses escritores, e como se autorreferenciam.

Como se observa, quase todos os autores também possuem páginas próprias de produção de conteúdo, demonstrando que o interesse pela temática não é somente em função do blog *Casal Sem Vergonha*, mas também como parte e exercício de suas próprias subjetividades. Duas autoras se declaram feministas, mas ao longo da leitura dos textos, o que fica claro é que, apesar de assumirem o feminismo como bandeira de suas vidas, elas não fogem à regra e se tornam reféns de alguns clichês machistas, como Vana Medeiros, que escreve um texto intitulado “Mulher Cafajeste *Detected*” (Anexo A.56). O termo “cafajeste”, apesar de ser recorrentemente usado para desqualificar um homem, ao ser apropriado e passar a adjetivar um estereótipo de mulher, mantém o mesmo teor depreciativo, independente do gênero ao qual se dirige.

É interessante também perceber como os colaboradores homens se descrevem usando um termo próprio do universo romântico junto a um tipicamente ligado ao masculino, como o “canalha romântico”, o “poeta de bar”, e o “romântico do novo século”, quase como se eles assumissem seu lado homem normativo, mas usassem do romance para convencer o outro sobre sua capacidade para abordar a temática dos relacionamentos amorosos. Hugo Rodrigues (“romântico do novo século”), em sua autodescrição se mostra um romântico do século passado ao justificar o hábito de colocar a mulher do lado de dentro da calçada, como um desvio de comportamento (TOC). Segundo Giddens (1992, p. 98), para os cafajestes, que podem ser entendidos sob a mesma conotação dos “garanhões”:

[...] a sedução foi facilmente assimilada em um mundo masculino de realização e de superação de obstáculos - o mundo masculino da própria modernidade[...] Mas esta indicação fica vazia quando a sedução perde o seu antigo significado...O aventureiro sexual moderno tem rejeitado o amor romântico, ou utiliza a sua linguagem apenas como retórica de persuasão. Por isso, a sua dependência das mulheres só pode ser validada através dos mecanismos da conquista sexual. Seria possível argumentar-se que, mais que os outros homens, ele distingue a ligação entre sexualidade, intimidade e a construção reflexiva da autoidentidade, mas ele é mais escravo das mulheres do que competente para encará-las como seres independentes capazes de dar e aceitar amor.

O *Casal Sem Vergonha*, idealizadores do blog, apesar de se proporem a abordar a temática de forma não moralista, dos nove textos que assinam, quatro são listas que se formatam no modelo “passo a passo”, ou seja, induzem a uma norma ideal, ou moral, de comportamento. Um mecanismo que também converge com a construção de preconceitos, pois a sensação é de que o leitor só obterá satisfação própria se seguir os conselhos dados pelo blog, que são pensados a partir da subjetividade particularmente dos autores que o escrevem, excluindo outras formas de pensar e se portar.

V.3 Títulos

Quanto aos títulos se observa alguns padrões¹⁶, como listas e passo a passo para a realização de algo, e indicações para se encontrar, ou ser, um ideal de mulher com a qual se mantém um relacionamento. Diante disso, nota-se que alguns assuntos são constantes, como: coisas e atitudes “que deixam a mulher sexy”, e segredos e coisas “que as mulheres boas de cama fazem diferente”. Uma observação quanto aqueles que fazem indicação a um ideal de

¹⁶ Destacados segundo cores na tabela geral de catalogação dos textos (Apêndice B).

mulher, é que colocam os títulos de maneira incisiva, e taxativa, como “O tipo de mulher que te faz viajar” (Anexo A.4) / “Namore uma mulher que sorria” (Anexo A.35). No geral, muitos títulos são semelhantes ou até mesmo se repetem, por exemplo: “Sobre mulheres que ligam no dia seguinte” (Anexo A.12) e “Carta aberta para mulher para a qual eu nunca liguei de volta” (Anexo A.23); “Eu não quero ser a mulher ‘para casar’” (Anexo A.16) e “A mulher que você não quer ser” (Anexo A.21)/ “Eu não quero ser a mulher da sua vida” (Anexo A.66); “Namore uma mulher que...” (Anexo A.29)/ “Seja uma mulher que...” (Anexo A.31)/ “Case-se com uma mulher que” (Anexo A.32); “O sonho da mulher dos seus sonhos” (Anexo A.65)/ “A mulher dos meus sonhos não existe, ainda bem” (Anexo A.75), entre outros.

Essa constatação evidencia que o blog faz uso de uma receita editorial que foi de certa forma testada ao longo da existência da página, e se mostra eficaz na conquista e manutenção da audiência. O uso de um padrão nos títulos também demonstra como a plataforma está inserida na “cultura de cliques” em que, resumidamente, uma página obtém mais sucesso, visibilidade e ganhos financeiros conforme o número de acessos em suas postagens, e sob essa perspectiva necessita usar de títulos diretos e atrativos, que indicam um conteúdo de fácil e rápida compreensão, para que se mantenha a audiência cativa e atenta à página.

A temática do empoderamento feminino, que é algo crucial a ser trabalhado em favor da autonomia da mulher, só esteve presente em textos que foram excluídos do *corpus*, por não atingirem o número de curtidas necessária, e/ou por não conterem trabalho editorial. O interessante é que esse material é de fato transgressor, diz algo sobre a relação da mulher e o corpo, mas não são produzidos pelo próprio blog, e apesar de ser uma forma de divulgação de outros trabalhos, percebe-se que tratar sobre o corpo e o empoderamento feminino não é uma iniciativa própria do *Casal Sem Vergonha*, mas de outras páginas, o que denota certo oportunismo – sabendo-se que a temática está em alta, usa-se de outras páginas para cativar uma audiência que de certa forma não lhes pertence.

Diante dessa apresentação introdutória do conteúdo analisado, conforme catalogado na tabela geral (Apêndice B), e das imagens ilustrativas, que fazem parte de uma análise prévia à obtenção dos dados do conteúdo pelo Nvivo12, o que se pode notar é que os textos direcionados às mulheres podem não realizar necessariamente referência ao universo feminino – o tema da maternidade, por exemplo, só aparece indicado no título de um texto do total (texto A.63) – e, por isso, em um recorte amplo, o material listado traz o

relacionamento amoroso como principal temática no textos que contêm o termo mulher e/ou mulheres em seus títulos. Considerar que a problemática feminina gira em torno do estar, ou não estar, em um relacionamento amoroso é presunçoso ao passo que não se propõe de fato a trabalhar as incertezas decorrentes das transformações contemporâneas, que se dão, por exemplo, pela inserção da mulher no mercado de trabalho e no espaço público. Até mesmo a possibilidade do não se casar é uma conjuntura atual e relevante, como constata Lins (2017). Pode-se notar que o teor dos textos, em geral, apesar de terem como pretexto construir e abrir diálogos em torno da sexualidade e da vida em casal, apresentam algumas evidências prévias de que estão a se aproximar e comparar com o estilo dos textos de autoajuda – trabalhados e difundidos pelas ciências psicológicas (Rose, 1998; Cardoso, 2017).

V.4 Resultados

De modo geral, segundos os dados obtidos pela análise de conteúdo por meio do Nvivo12, pode-se dizer que se tratam de textos escritos por homens e mulheres, heterossexuais, em que o tom constatado é machista. Foram contadas assinaturas de 14 mulheres e 11 homens, além do próprio *Casal Sem Vergonha* – como personificação dos idealizadores do blog – e mais o editorial geral, atribuído aos textos sem assinatura. Dentre esses, não houve qualquer constatação de um texto fosse assinado por um homem ou mulher transgêneros, ou não binário; ou seja, na própria formação da linha editorial já se observa a exclusão e a falta de representação da diversidade de gêneros. Os indivíduos que não se autorreconhecem como heteronormativos e cisgêneros poderiam contribuir com temáticas e questões muito relevantes, considerando que as transformações da intimidade, constatadas por Giddens (1992) e vistas no capítulo II, não são exclusivas aos contextos normativos.

Dos 83 textos analisados, somente 11 abordam a temática de modo genérico, ou trazem questões relevantes independente da orientação sexual do leitor, por isso foram considerados como “indiferentes quanto a sua orientação sexual”; os textos assim classificados não apresentam notas que demarquem uma possível orientação sexual do escritor. Dentre os assim listados, a maioria se refere à sexualidade feminina – fantasias sexuais e indústria pornográfica (textos dos Anexos A.2, A.27, A.30 e A.55).

É averiguado também que um texto ao ser escrito por uma mulher, não o livra necessariamente de assumir o tom machista – que é suposto que seja próprio dos homens;

isto é comprovado ao notarmos que quatro textos escritos por mulheres contêm explicitamente teor machista, são eles: “A mulher que você não quer ser” (Anexo A.21), “Case-se com uma mulher que”(Anexo A.32), “Mulher cafajeste *Detected*” (Anexo A.56) e “A diferença entre uma mulher vulgar e uma mulher sexy”(Anexo A.79). De um modo geral, todos apresentam algum trecho que culpam a mulher por determinado comportamento.

Os textos que assumem o tom feminista foram todos averiguados sob assinatura de autoras mulheres. De fato, nenhum texto conferido e assinado pelo editorial foi considerado puramente sob o tom feminista, ou seja, não abordou causas da luta das mulheres, ou questões que enriqueceriam o debate em torno das questões de gênero. O número de textos considerados de tom liberal, 14 ao todo, foi muito próximo dos considerados machistas (12); é suposto que particularmente o editorial desse blog não pretende se enquadrar em uma ordem opressora – como o machismo – porém, paradoxalmente, ao tentar cumprir seu objetivo de um blog liberal, acaba também por inscrever seu conteúdo em uma ordem autoritária e/ou preconceituosa.

As narrativas se cercam, normalmente, de estereótipos como das mulheres ideais, seguras, românticas e “de atitude”. Não fazem reflexões sobre planos a longo prazo, e enaltecem a primazia do indivíduo dentro das relações amorosas. As características dos relacionamentos descritos são de perfeição, mas igualmente fazem referência aos padrões típicos dos relacionamentos abusivos. Os textos trazem muito dos conceitos típicos do romance, como a existência de um par perfeito e de uma mulher idealizada, ao mesmo tempo em que fazem referências aos comportamentos julgados próprios das transformações acarretadas na pós-modernidade, pois se observa igual menção aos conceitos românticos e pós-modernos.

Quanto aos padrões abusivos constatados, há mais presença de enunciados que ditam uma norma de comportamento ideal para as mulheres seguirem, e da culpabilização da mulher por determinado comportamento, situação, desenvolvimento ou desfecho de um relacionamento. Foram encontradas 82 referências de trechos de autoria do editorial que indicam uma norma de comportamento a seguir diante do par de interesse. Em segundo lugar, ao contrário do que se ponderava a princípio, quem escreve sobre as normas de postura são as autoras mulheres. Quanto às perspectivas das relações sexuais, conforme o princípio do blog de tratar a temática abertamente, constatou-se que a maioria dos textos se posicionam como liberais, mas na mesma proporção há aqueles que se posicionam se forma liberal em detrimento da satisfação masculina na relação sexual. De modo geral, os textos são

concluídos com um tom conformista, ou seja, não transgredem a qualquer norma, como está implícito na essência do blog.

A partir dessas constatações será feita uma análise mais minuciosa sobre as construções textuais, e para isso foram construídas 26 quadros (Apêndice D), em que os índices do *codebook* proposto, apresentado na metodologia, foram cruzados de forma a se perceber como estão formulados os enunciados dos textos, e como se articulam sobre a temática dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade. Os cruzamentos propostos foram baseados na concepção de um *lead* jornalístico para se perceber o contexto geral em que se formavam a ideia crucial para este estudo – a romantização de padrões abusivos e a secundarização do indivíduo mulher nas narrativas.

Diante disto, os quadros D.1 a D.9 se propõem a perceber os indivíduos que estão a proferir tais discursos. Os quadros D.10, D.11 e D.12 procuram identificar se os textos nos quais há normalização dos padrões abusivos, são realmente identificados como machistas ou conservadores, ou são entendidos como neutros. Os quadros D.13 a D.17 tratam especificadamente do sujeito mulher, para se entender de que indivíduo se fala, e como essas mulheres foram julgadas por meio dos estereótipos. Os quadros D.18 a D.22 foram pensadas a fim de se perceber como se dão as construções em torno, propriamente, do relacionamento entre casais; e o quadro D.23, entendida como crucial para este estudo, cruza os enunciados que contêm conceitos do amor romântico e padrões abusivos a fim de perceber se, e como, se articulam. Por fim, os quadros D.24, D.25 e D.26 são para compreensão do tom da conclusão do texto que foi denotado conforme a construção feita em torno dos relacionamentos amorosos.

V.5 Discussão dos resultados

A partir das constatações acima, a seguir, por meio da análise crítica do discurso, será apresentada a discussão dos resultados obtidos pela análise de conteúdo, momento em que foi usado o software Nvivo12.

V.5.1 Diferenças entre autorias

Como apresentado, o blog foi idealizado pelo casal Emi Viegas e Jaque Barbosa – o *Casal Sem Vergonha* – mas conta com contribuição externa, inicialmente de leitores

interessados em divulgar seus pensamentos, e posteriormente de modo mais estruturado, inclusive com concursos para colunistas – como presenciado no texto A.46. Conforme citado, todos os textos foram assinados por homens e mulheres inseridos em uma ordem heteronormativa, mas nesse recorte, confere-se atenção aos textos que conseguem se encaixar segundo a classificação “indiferente”, pois supõe-se que abordam a temática dos relacionamentos amorosos de forma genérica. Nesse aspecto, o texto A.26 (“Não posso ser a mulher da sua vida, porque já sou da minha”) mostra-se interessante ao passo que, apesar de citar uma paixão infantil heterossexual como introdução do assunto, aborda também a possessão, a ressignificação do amor, e a exigência do final feliz, assuntos relevantes aos indivíduos. Ao passo que o texto A.74 (“Mulheres são mais maduras que os homens – você também acreditava nisso?”), apesar de não mostrar notas específicas quanto à orientação sexual do autor, mostra-se antiético em sua abordagem sobre o tema da maturidade emocional, pois para enaltecer a condição masculina, desmerece a feminina, debruçando-se sobre aspectos da socialização diferenciada, enquanto que poderia ter trabalhado o tema de forma construtiva, independente das questões de gênero.

Quanto à autoria dos homens, grande parte dos textos foram considerados de teor machista, e trabalharam ideias relacionadas principalmente com a primazia do indivíduo, como a falta de comprometimento com um relacionamento, e/ou a valorização de relações casuais, o que são ordens próprias dos imperativos da pós-modernidade que dissipam ideias vinculadas à pluralidade, ao individualismo e à ausência de valores e regras. Mas o que ressoa é que este autor masculino não necessariamente transmutou do romance, e se atualizou perante a regência da pós-modernidade, pois continua a se parear com conceitos precisamente machistas.

Outro número significativo é quanto aos textos feministas, que como já situado, foram todos assinados por autoras mulheres, assim como os de tom liberal, que também corresponderam às assinaturas femininas. Não se constatou nenhum texto de tom feminista assinado pelo editorial, e/ou por autores homens. Essa verificação se mostra importante, pois deve-se pontuar que é na contemporaneidade que se apresenta à mulher a possibilidade de assumir uma posição feminista, e/ou liberal, em sua escrita e como parte de sua autoidentidade, como exemplificado no texto A.70 (“Papo Calcinha – o que as mulheres conversam numa mesa de bar”), de tom liberal. Nesse texto, é possível notar alguns elementos importantes, como a mulher no espaço público (bar) e conversando abertamente com amigas sobre temas de sua intimidade, como a masturbação e preferências sexuais, o

que denota um certo grau de independência e liberdade da mulher como indivíduo e sociedade.

Como apontado anteriormente, um texto ser escrito por uma mulher não está isento de se apresentar sob teor machista. Segundo Chauí (1985), isso demonstra que “as mulheres, tendo sido convertidas heteronormamente em sujeitos, fazem da ‘subjetividade’ um instrumento de violência sobre outras mulheres”. Porém, a autora argumenta que as mulheres são “cúmplices” da violência que recebem e que praticam, mas sua cumplicidade à violência exercida não se baseia em uma escolha ou vontade, já que a subjetividade feminina é destituída de autonomia. As mulheres são “cúmplices” da violência e contribuem para a reprodução de sua “dependência” porque elas próprias são “instrumentos” da ordem masculina. Sob essa perspectiva, apresenta-se um trecho do texto A.79, “A diferença entre a mulher vulgar e a mulher de atitude”, assinado por uma escritora, mas que como o próprio título sugere, classifica as características de uma mulher em aceitáveis socialmente ou não e, conseqüentemente, as coloca em disparidade e oposição, como é percebido no trecho:

Há ainda muita gente que confunde ter a atitude de demonstrar interesse para aquele cara que chamou sua atenção com parecer vulgar. Uma coisa é ter atitude, outra é extrapolar esse limite e se tornar vulgar. A mulher de atitude chega no cara e conversa com ele para mostrar o que ela tem: papo, charme, inteligência, autenticidade. Para ela as coisas são simples já que ela sabe o que quer e não se importa com a opinião alheia. A mulher vulgar se comunica com os homens através da bunda. Usa o corpo para se exibir e seduzir, mas fica só nisso, porque ela só tem o corpo e a vulgaridade para oferecer. Ser vulgar é aceitar ser tratada como apenas um pedaço de carne. (Montagnana, 2012).

Nesse texto especificamente é apresentado os estereótipos da mulher “vulgar” e da mulher “sexy”, em que a segunda é aceitável e almejada, enquanto a primeira é desprezada. O quadro D.3 (Apêndice D) apresenta os estereótipos mais propagados pelos textos, segundo sua autoria, que se resumem: ao da mulher liberal sexualmente pelo editorial do blog; a mulher idealizada pelos autores homens; e a mulher independente sentimentalmente pelas autoras mulheres. Essa situação demonstra quem é a mulher formada no inconsciente dos indivíduos: o blog, como já propõe em sua essência, dissipa a ideia de que uma mulher tem que ser aberta quanto à sua sexualidade para atingir uma felicidade plena, ou até supostamente a conquista de um parceiro – esse pensamento, de certa forma, conversa com o regime de verdade imposto pelos saberes sobre a sexualidade, próprios da modernidade (Foucault, 2017; Giddens, 1992; Cardoso, 2017). Também é abordada a ideia da mulher sexy, que de certa forma converge com o conceito da mulher que conhece e sabe explorar

sua sexualidade. O curioso é que o editorial também faz referência à mulher desapegada da vaidade, ou seja, ao mesmo tempo que explora muito a mulher de atitude, segura e sexy, impõe a essa mulher que consiga atingir tal estado estimado sem contar com o fator da beleza, que é de certa forma um atributo significativo, talvez, à grande parte dos indivíduos, independentemente de suas particularidades.

Em contraponto, não foram encontrados trechos relevantes escritos por autores homens, e que fazem referência à mulher liberal (e liberal sexualmente), mostrando que não é uma intenção, ou preocupação, para os homens que as mulheres alcancem, e gozem, de tal liberdade e autonomia. Os autores homens trazem para o conteúdo a ideia da mulher idealizada, endeusada, de tal forma que coloca essa suposta pessoa em um patamar muito distante das possibilidades de realização da mulher comum, como é visto, por exemplo, no texto “Onde estão as mulheres de Marte” (Anexo A.64):

Ela possui um poder notável, capaz de fazer o Capitão Nascimento parecer um mero usuário de fraldas. Ela transpira rios de segurança, mas nem por isso borra um milímetro sequer da maquiagem feita com a maestria de um pintor renascentista, enquanto simultaneamente amamenta gêmeos, lê o jornal do dia, joga sinuca e ainda planeja dominar o mundo. Sim, as mulheres alfa um dia farão com que a Terra seja conhecida como “planeta rosa”, ao invés de planeta azul. (Oliveira, 2012b).

Como percebido, é praticamente impossível uma pessoa comum ser uma “mulher de Marte”, mesmo se tratando de uma licença poética, ou uma estratégia discursiva, propagar esse ideal de mulher contemporânea não contribui de fato com o debate dos relacionamentos na atualidade, e nem da construção de um novo feminino. Outra forma de idealização cabe à mulher romantizada, aquela que é descrita de forma a atender os ideais românticos, ainda exaltados na construção do relacionamento íntimo. A quantidade de referências encontradas para autores homens, como para autoras mulheres, são muito próximas, e cabe perceber as diferenças, ou semelhanças, entre os enunciados. Constata-se que os de autoria masculina falam mais da atitude que o homem deve adotar perante a relação, e da mulher submissa a essa condição, que permanece apaixonada e está atenta e valoriza os momentos românticos promovidos por eles, como é visto no trecho do texto “Uma homenagem aos detalhes que te tornam a mulher mais especial do mundo” (Anexo A.28):

E no banheiro do hotel, local de onde a banheira – aquela que nas fotos mais parecia uma piscina de ondas – evaporou, antes mesmo de começarmos a exploração do novo território geográfico, você geralmente ri do meu moicano de xampu – o mesmo que eu faço no

banheiro da sua casa. E, em meio ao vapor que embaça o espelho, para nos tornamos mais audíveis do que o som da ducha, conversamos quase aos gritos. E você, sempre sem reclamar, permanece comigo por lá – sentada sobre a tampa da privada – até que eu termine de ensaboar o meu corpo e diga: “Sua vez, cabeça de toy art!”. Às vezes, também chamo você de “cabeça de cogumelo”. Ou de “cabeça de rambutão”. Ou de “cabeça de purê de batata” Ou de cabeça de alguma coisa engraçada que eu escolho, aleatoriamente, apenas para fazer você rir. (Coiro, 2014).

Enquanto nos enunciados de autoria feminina, a mulher romântica está mais próxima e inserida em uma relação real, enxerga sua independência conquistada, mas ainda valoriza os detalhes românticos, como a atração espontânea, os olhares apaixonados, a segurança, o conforto do lar, entre outros; como pode-se notar no trecho do texto “Eu não quero ser a mulher ‘para casar’” (Anexo A.16), em que o próprio título oferece um paradoxo ao romance tradicional:

Se um dia eu esbarrar com aquele que segure a minha mão, terei o gosto de levá-lo comigo pelo mundo, nos descobrindo e compartilhando o que a nossa cultura, por muito, se esquece em comentar: que o amor é um parceiro e não um ser perfeito, pois a perfeição dura somente os instantes entre o teu e o meu olhar, é tão momentânea, assim, como o piscar dos olhos. O amor não é em nada perfeito e o que, de fato, o faz belo são seus defeitos. (Morelo, 2014).

A frase “se um dia eu esbarrar com aquele que segure a minha mão, terei o gosto de leva-lo comigo pelo mundo” exprime também um outro estereótipo muito empregado pelas autoras mulheres: o da mulher “independente”, que os textos trabalham ora como aspiração da mulher contemporânea, ora como característica inerente à personalidade feminina, como exemplificado pelo trecho acima. Ainda ao olhar para o quadro D.3, é percebido que para as autoras, a necessidade de independência recai mais sobre aspectos sentimentais, do que pelo lado financeiro, como visto no trecho acima.

A mulher “virtuosa” (Giddens, 1992) pela perspectiva da mulher contemporânea, além de ser independente sentimentalmente, também é aquela liberal sexualmente, de atitude, que ainda corresponde com aspectos românticos. O curioso é que uma quantia significativa de referência à mulher promíscua só aparece em textos de autoria feminina. Como exposto por Giddens (1992), as mulheres vêm sendo divididas em aceitáveis ou não, mas não somente pelos homens, bem como, paradoxalmente, pelas próprias mulheres. Possivelmente interiorizaram esse modelo dialógico como parte inconsciente de sua subjetividade, mas o que se questiona é até que ponto não é oneroso manter esse “método” de seleção, em que é suposto que uma personalidade seja mais vencedora do que a outra na dinâmica dos relacionamentos amorosos. Outros estereótipos citados muito mais por

mulheres do que por homens (além do da mulher promíscua) foram o da mulher culta e o da mulher oportunista; observa-se que também foram trabalhados como fatores de diferenciação: o primeiro como de superioridade, e o segundo como de desculpa para desqualificar a outra, como visto no texto “Sorte do dia: achar uma "mulher-livro" em meio à tanta "mulher-fruta"(Anexo A.20):

E a Mulher Livro? Conhece? Ela nunca participará dos cliques sexys do MC Naldo, mas tem uma infinidade de atributos que vale ouro. Começamos pelo fato de que não existe uma estação do ano para a Mulher Livro. Seja primavera, verão, outono ou inverno, ela pode ser encontrada num barzinho, num show, na academia de ginástica (sim, a mulher livro pode ter cérebro e um corpo pronto para o pecado, por que não?), numa livraria, na faculdade, na praia, no clube, e em todos os possíveis lugares que o foursquare puder marcar. Ela anda por aí, cruza o teu caminho, mas você está ocupado demais para notá-la, pensando que não existe mais mulher que valha a pena, e que, talvez, todas as piranhas se tornaram bípedes e foram morar justamente no teu bairro, que azar. (Haaiga, 2014).

Nota-se que quando se têm espaço – e a oportunidade – para se reposicionar quanto à socialização diferenciada entre homens e mulheres (Fiol et al., 2007), como ao empregar a característica da inteligência que é um atributo comumente conferido aos homens, as mulheres usam desse contexto apenas com o propósito de desqualificar um outro, e enaltecer a si mesmas. Ainda, nessa lógica, colocam a inteligência como uma característica que não é cabível a todo e qualquer indivíduo. Em contrapartida, as autoras não exploram muito os estereótipos da mulher sexy, não vaidosa – ou vaidosa, e da independente financeiramente. Pelo percebido até então, esses índices alusivos à beleza soam como assuntos “intocáveis” pelas mulheres, mais porque são vistos como futilidades – característica frequentemente atribuída a elas – do que por um movimento contra os padrões de beleza, que é uma temática pouco abordada por iniciativa do blog e apenas aparece em indicações a outros sites, conforme exposto ao se mostrar o *corpus* excluído.

A independência financeira, considerada imprescindível à autonomia das mulheres, também foi observada como um assunto mal explorado pelos textos – independentemente de sua autoria – por exemplo, nos textos assinados por homens e/ou pelo blog, é apontado que a mulher independente corresponde com a mulher mais velha, como observado no texto “4 motivos para namorar uma mulher mais velha” (Anexo A.5):

As mulheres mais velhas já conquistaram uma boa posição profissional e como consequência, um bom salário. Elas geralmente possuem sua própria casa, seu próprio carro e bancam todos os mimos que uma mulher merece. O que interessa em um homem para elas

é se ele é carinhoso, humilde, atencioso, parceiro e se manda bem na cama – e não quanto ele tem na carteira. (Editorial, 2015a)¹⁷.

A possibilidade da independência para a mulher é algo que só foi conquistado após a entrada da mesma no mercado de trabalho (Lins, 2017); esse vislumbre de autonomia acabou por causar consequências e interferências nos modelos de relacionamentos na pós-modernidade. O quadro D.4, por exemplo, mostra como as autoras mulheres têm situado seus discursos voltados para a primazia do indivíduo, ou seja, o anseio por autonomia e liberdade é uma condição intrínseca à mulher contemporânea. Consoante com a maneira como o blog foi concebido, essa também é uma característica que impera nos textos assinados pelo editorial, ou seja, a primazia do indivíduo sobre o situação é uma condição evidenciada como ideal, e sobre essa constatação há também muitas referências sobre a realização de objetivos próprios (e particulares), sem considerar os do par amoroso. Cabe lembrar que para Giddens (1992) a relação pura é baseada em parceiros independentes, mas conectados por suas individualidades para que haja uma troca prazerosa e a construção efetiva de uma relação, em que ambos usufruam de seu status.

Já os autores homens situam seus discursos no presente – descrevendo momentos e pequenos atos, além da mulher sonhada (idealizada); e/ou no passado – evocando lembranças em uma espécie de pretérito imperfeito, do que poderia ter acontecido no relacionamento amoroso. Nesse ponto, nota-se a ausência de planos a longo prazo, como, por exemplo, não se vê indicações de um início de namoro, ou da formação de uma família, bem como não há tópicos em torno de aspirações profissionais e/ou de uma estabilidade financeira própria – requisitos importantes para a construção de um lar, ou seja:

[...] permite aos homens tentar um ganho duplo. Comparados as mulheres, eles podem largar o papel de provedor sem renunciar as suas vantagens econômicas superiores. A “máscara da masculinidade” pode ser removida e ao mesmo tempo o homem pode evitar envolvimento doméstico prolongado, concentrando-se, assim, em seus próprios prazeres. Foi criado um clima social que endossa a ‘irresponsabilidade, a autoindulgência e um desligamento isolacionista das reivindicações dos outros’. Os homens ganharam a sua liberdade, enquanto as mulheres ainda esperam a delas. A independência econômica obtida pelos homens não se tornou disponível às mulheres, que tiveram de assumir as responsabilidades que os homens abandonaram. (Goldberg apud Giddens, 1992, p. 168).

¹⁷ Quando as postagens não possuíram nenhuma autoria, as mesmas foram referenciadas como “Editorial”. Já as postagens assinadas pelo casal idealizador do blog, estão referenciadas como “Casal Sem Vergonha”, tanto no decorrer do texto como na lista de referências ao final do trabalho.

É percebido que os indivíduos são passíveis às transformações da pós-modernidade, bem como às relações amorosas, como abordado no capítulo II e III. O blog, enquanto voz autônoma, faz referência a um namoro considerado normal, mas como já pontuado, a temática geral da página é tratar da desmistificação dos tabus que envolvem as relações sexuais na atualidade, e é precisamente essa linha que seguem a maioria dos textos assinados ou classificados como editoriais. Dessa forma, a grande parte dos relacionamentos retratados podem ser considerados “normais”, pois é suposto que qualquer casal, independentemente de suas características particulares e/ou condição sexual, possuem problemas e questões quanto à vida sexual com o parceiro(a), não demonstrando qualquer pioneirismo dos textos do editorial.

Os autores homens – como já se previa mediante as constantes referências à mulher idealizada – descrevem na maioria dos textos situações que levam a considerar o relacionamento narrado como perfeito; mas cabe aqui questionar para quem essa perfeição é válida, ou seja, se o relacionamento é realmente saudável ou é favorável somente ao homem. Enquanto que apesar das autoras mulheres citarem todos os tipos de relacionamento – inclusive são as únicas a narrar um relacionamento violento – há mais referências a um relacionamento “sem compromisso”, que pode ser atribuído a aspiração por liberdade e autonomia, o que muitas vezes pode parecer não envolver um parceiro amoroso. Segundo Giddens (1992, p. 147):

As dificuldades em relação à intimidade também não estão confinadas aos homens. A relação das mulheres com o poder do homem é ambivalente. A demanda por igualdade pode colidir psicologicamente com a busca por uma figura masculina emocionalmente remota e autoritária. Por isso, o desenvolvimento do respeito baseado nas capacidades iguais e independentes do outro cria problemas para ambos os sexos, algo que, sem dúvida, também se infiltra nas relações homossexuais.

Para Goldenberg (apud Giddens, 1992, p. 166), nesse contexto, as mulheres passaram a repulsar características masculinas que antes as atraíam – como a proteção, que é uma condição possível aos homens oferecerem – e conseqüentemente há uma sensação de “medo da proximidade”, ou “da excitação emocional”, o que, de certa forma, é verídico. Mas também há um sentimento de “não vencedores” incutidos nos homens, pois seu papel nos antigos relacionamentos já não é considerado importante, ou necessário. Para o autor, as mulheres têm buscado “homens que elas pudessem respeitar: independentes, controlados e dedicados ao trabalho” (Goldenberg apud Giddens, 1992, p. 166).

Essa nova condição para o par amoroso pode ser notada no blog pela quantidade de referências, que em um único enunciado há, aos padrões pós-modernos, ao mesmo tempo em que se nota indícios de romantismo. Essas construções insinuam uma transição, ou inconstância, entre as características das relações. Quanto à autoria masculina, também é curioso notar como eles situam o relacionamento somente na fase da paixão, própria do início de relacionamentos, demarcando mais uma vez a ausência de planos a longo prazo. Quanto ao romance, utilizam da mulher idealizada que é posta como condição suficiente para que a história de fato aconteça. Enquanto que as mulheres não mostram relatos de romance, ou concentram suas narrativas na busca, ou no encontro do par perfeito. Esse pode ser considerado outro indício de como os indivíduos se encontram em transição, e ainda se formulam características e modelos que caibam a essa nova ordem. Apesar do teor de idealização do homem descrito, esse trecho do texto “Mulher gosta de cafajeste só que não” (Anexo A.10), exemplifica um pouco da mudança que vem acontecendo:

Mulher, mulher mesmo gosta de caras inteligentes, não estou falando dos que colecionam diplomas, e sim aqueles que conseguem manter um diálogo interessante independentemente do assunto. Mulher gosta de caras sem frescura, firulas e complicações, aquele que faz do lugar mais simples o mais legal do mundo e do lanche da esquina a comida mais gostosa do planeta. Mulher gosta de caras com bom humor, não aqueles que sabem várias piadas decoradas, mas aqueles que enxergam a vida com otimismo, riso fácil e determinação. Mulher gosta de caras com ambição e não ganância, aqueles que valorizam o que tem e nem por isso se deixam acomodar. Mulher gosta de caras que dizem o que sentem com gestos e atitudes, ela adora palavras, sim, entretanto, só quando estão inseridas em um contexto feliz e sincero. (Delalana, 2015).

O que também é curioso observar são os índices referentes ao “homem provedor”, que são discrepantes em relação a autoria dos textos, o que pode indicar que a fantasia do protagonista do relacionamento – aquele que fornece tanto os meios de subsistência, como os afetivos – é uma imagem sustentada pelos próprios homens, e não uma exigência das mulheres contemporâneas. Talvez essa seja uma condição para manter o lugar ao qual pertenciam, mas também mostra uma falta de habilidade para repensarem a própria masculinidade, como constata Goldberg (apud Giddens, 1992, p. 169):

Os homens são encarregados de redefinir a masculinidade para superar aquelas influências que os separam de sua “experiência interior”. Devem evitar os rótulos que serviram para sustentar uma adesão escravizante ao princípio do desempenho – a preocupação de ser considerado covarde, um fraco, um fracasso, um imaturo, um impotente ou um misógino. Deveriam cultivar amizades próximas com outros homens para terem aquele mesmo tipo de apoio que as mulheres são capazes de proporcionar uma a outra. É importante para todo

homem romper com a ideia de que as mulheres com quem ele se envolve devam ser passivas e apaixonadas; em vez disso, devem esperar relacionar-se com mulheres que são pessoas independentes.

Atualmente as mulheres estão nos espaços públicos, trabalhando, transitando e se relacionando, e “as divisões isoladas e desiguais que separava os sexos foram substancialmente desfeitas” (Giddens, 1992, p. 138), ou seja, aos poucos as mulheres estão ultrapassando as barreiras impostas e transgredindo para a autonomia real e total como indivíduos. Segundo o autor, hoje em dia faz sentido dizer que a violência sexual masculina é a base do controle sexual que os homens ainda querem possuir sobre as mulheres, ou seja, faz parte da insegurança e dos desajustamentos dessa transformação, mais do que de uma continuação do domínio da ordem patriarcal. Trata-se, portanto, de uma reação: é uma reação destrutiva ao declínio da cumplicidade feminina (Giddens, 1992 p. 138). O que também se pontua é que as situações de violência masculina – o estupro, o espancamento, e até o assassinato de mulheres (por questões de gênero - feminicídio) – contêm os mesmos elementos básicos que os encontros heterossexuais não-violentos, como a conquista e a dominação do objeto de desejo (Giddens, 1992, p. 137).

O que nos leva a refletir sobre como os conteúdos, autores e autoras têm trabalhado os padrões típicos de relacionamentos abusivos como romances não-violentos ou “normais”. Com base em campanhas de conscientização contra o relacionamento abusivo, foi criado o item 8 do *codebook* (“Quais pistas indicam relacionamento abusivo”), que deu origem ao quadro D.7 (intitulado “Quanto a autoria dos textos x Quais pistas indicam relacionamento abusivo”). Quanto aos textos em geral, pode-se dizer que são do gênero “aconselhativos”, e notou-se uma constância de autoras mulheres que usam dessa retórica, colocando-se em números inferiores apenas ao próprio blog, que usa disso praticamente como linha editorial. Em um primeiro momento pode até sugerir uma questão carinhosa entre mulheres aconselhando umas às outras sobre determinada experiência – como se antecipa pelo título “4 pensamentos das mulheres que gozam”, de Nathalie Macedo, (Anexo A.1) – mas, em verdade, resumem-se a uma incisão clara no comportamento de outras mulheres, em um esforço para que correspondam a um determinado padrão de conduta, tanto pelo olhar feminista, como sob o machista, como evidente em trecho do texto “Guia Prático do Flerte (para mulheres)” (Anexo A.68).

Como eu sou legal, não quero que você pareça nem uma louca desesperada por sexo e menos ainda que você deixe os homens que te interessam passarem batido. É pra isso que esse Guia prático do flerte (para mulheres) foi elaborado. Eu tinha bolado esse texto como uma lista passo-a-passo, mas nessas horas não existe fórmula mágica nem receitas prontas, apenas uma série de atitudes da sua parte que te tiram do exílio na Ilha da Mulher Pamonha. // Começando pelo básico do básico, cuide-se. Apesar de que ser mulher não é lá muito fácil –além dos dilemas morais, temos ainda que arcar com menstruação, gravidez, depilação e afins – quando o tópico é a abordagem com intenções sexuais, a coisa é muito mais fácil para a gente. Uma mulher cheirosa e bem arrumada é agradável a todos os homens – inclusive aos casados e aos gays, mas acho que dar mole pra esses dois tipos não vão ser lá muito proveitoso pra você. E eu faço questão de enfatizar que não tô falando de “ser” bonita, e sim de cuidados básicos com a pele, dentes, cabelos e... ah, do que eu tô falando? Toda mulher sabe bem o que é se arrumar. Se pra você beleza interior é o que conta, melhor andar por aí com as mais recentes fotos da sua endoscopia, pois dificilmente se atrai a atenção de um homem se tiver sebosa ou fantasiada de pano de chão. (Neri, 2012).

Ao mesmo tempo em que a autora incentiva mulheres a tomarem a atitude da conquista para si, presume que isso só será possível se elas se mantiverem bonitas e atrativas, voltando a dialogar com padrões arcaicos sobre a sedução. Também se observa esse padrão nos textos de autoria masculina, mas em número muito menor, e em um sentido do como as amadas devem corresponder com as cenas românticas que estes criam e oferecem. Os autores homens fazem mais alusão a uma receita de vida ideal, seja por meio da liberdade individual no relacionamento, ou por uma vida em casal, mas segundo suas próprias expectativas. Entende-se, portanto, que não estão se referindo à relação pura (Giddens, 1992), mas a um modelo em que eles consigam depositar, ou sanar, suas próprias necessidades e angústias – e em que sejam os protagonistas – como visto no texto “Namore uma mulher que sorria” (Anexo A.35):

Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar que são nas coisas mais simples da vida que estão os momentos mais importantes. Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar a não pensar demais, a jogar fora o guarda-chuva, a acabar com a timidez, a conversar mais do que permitido, a tomar banho no rio. Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar a rir de todas as coisas esquisitas da vida e, principalmente, a não ligar para o que os outros pensam. Namore uma mulher que sorria, mesmo sem fazer nenhum som, de uma forma totalmente louca. Você vai ter vontade de abraçá-la. Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar que ser sério não tá com nada – a seriedade é duvidosa, a alegria é interrogativa. (Carvalho, 2013).

A primazia da vida a dois é notada independente da autoria, e como se vê no trecho acima, muitas vezes as questões referentes à vida em casal estão centradas em um dos indivíduos, em sua individualidade, e não em problemáticas que envolvam os dois lados. Dessa forma, constata-se a impossibilidade de um relacionamento saudável, pois este

modelo implicará consequentemente na submersão de uma das partes. Outra referência notada recorrentemente é a generalização das características das mulheres pelo editorial, o que a princípio até parece aceitável, tratando-se de um blog não biográfico, mas esse fator identificador é problemático ao passo que ao generalizar a mulher, e abordá-la como um todo, também se presume que não é possível às mulheres, obterem suas particularidades enquanto indivíduos, existindo como algo genérico, somente para suprir o desejo alheio (Coira, 2011).

Nesse sentido, o editorial é o que mais desqualifica as questões e particularidades das mulheres retratadas, tanto quanto pelas opiniões, vontades e pelo modo de ser. Também é o que mais reproduz discursos que interferem quanto à relação da mulher com seu corpo; e faz mais comentários negativos quanto ao vestuário feminino do que é encontrado até mesmo em textos de assinatura masculina. Os homens, em compensação, são os que mais comentam sobre o estilo de vida e os gastos financeiros da mulher, o que indica um claro incômodo quanto ao movimento de emancipação feminino – em que ele, ou não participa, ou goza da estabilidade financeira adquirida por elas, como citado nos textos que abordam a “mulher mais velha”, em que se constata situações de oportunismo.

Três outros índices extremamente preocupantes dizem respeito à culpabilização da mulher por determinada situação ou postura. criar oposição entre mulheres, e uso de xingamentos destinados à figura da mulher. Esses índices são consoantes e justificam o comportamento abusivo, violento e agressivo observado em muitas relações de intimidade. Foi encontrado em todo tipo de autoria, mas é ainda mais curioso ao ser observado sob a escrita das mulheres, como em “A mulher que você não quer ser” (Anexo A.21), de Nathalie Macedo. Sob um título forte, e a perspectiva de um texto que trabalharia a emancipação feminina, conferindo a possibilidade às mulheres de não serem algo que é suposto ser, mas algo que elas próprias gostariam de construir, o texto novamente recai em padrões claros de abusos contra a mulher, como é observado nos trechos abaixo:

E isto, em geral, retrata uma nítida insegurança que a coloca em um lugar de constante desvantagem: torna-se uma mulher terrivelmente manipulável. Esta mulher, provavelmente, encontrará relações estáveis – mas dificilmente encantar alguém verdadeiramente. Porque só o que é genuíno é capaz de encantar. [...] Esta é a mesma mulher que faz questão de ser “a namorada chatinha” quando poderia escolher tornar-se a companheira engraçada e de bem com a vida. Aquela que topa programas de última hora e sabe aproveitar o melhor da vida em vez de planejar uma conduta perfeita e acabar se tornando a personificação do tédio. Abdica de si mesma – sem que, absolutamente, ninguém lhe peça isto – e depois se ocupa em destilar a própria amargura. (Macedo, 2014).

Destacam-se termos próprios da violência em namoros como “manipulável”, “insegurança”, “abdica de si mesma”; e até mesmo a situação de tédio constatada na relação é posta como culpa da conduta da mulher. Mas o comportamento ideal sugerido pela autora reincide em autonegação, por exemplo, em “poderia escolher tornar-se a companheira engraçada”, o “tornar-se” indica que a mulher teria que abandonar uma característica sua, para adquirir algo que agrada mais ao parceiro, em uma situação clara de abdicação – postura até então criticada pela própria escritora, que se refere como a “personificação do tédio”. A frase “Aquele que topa programas de última hora” também demonstra que, independente da vida pessoal da mulher, de seus compromissos, ou de seu cotidiano, o relacionamento – ou os programas propostos pelo homem – são mais importantes que sua própria vida particular; o “programa de última hora” ainda é colocado pela autora como uma atitude romântica do parceiro.

Os outros índices alarmantes se referem a criar oposição entre mulheres e as xingar. É visto que a intenção de antagonizar mulheres é algo colocado pelo editorial, mesmo os autores homens quase não o fazem – mas que é suposto que não o façam pois só conseguem conceber a mulher que lhes interessa, que é a idealizada e endeusada. Mas o blog, ao se apoderar desse discurso, cria um entendimento de que as mulheres não têm amigas, e não devem confiar umas nas outras, e que provavelmente estão sozinhas no mundo, discurso controlador típico da sociedade patriarcal que vai de encontro aos movimentos feministas contemporâneos que pregam, justamente, a sororidade entre as mulheres. A seguir um trecho retirado do texto “10 segredos das mulheres bem-sucedidas no amor - #Parte1” (Anexo A. 49), baseado no livro publicado pelo Casal sem Vergonha.

Os homens que valem a pena querem ter relações com mulheres de verdade e não com “meninhas” – aquele tipo de mulher sem opinião, sem objetivos profissionais, com vergonha/timidez em excesso e que tem como resposta para a grande maioria das perguntas um grande “não sei”. Agindo assim você só vai atrair homens manipuladores, que te veem como uma presa fácil. (Casal Sem Vergonha, 2013).

O trecho citado é de tal forma problemático, além de superestimar um tipo de mulher, enquanto penaliza o outro, ainda mostra como inaceitáveis certas características como a vergonha e a timidez, que podem integrar qualquer personalidade, independente do gênero. O texto também usa a palavra “meninha” com valor pejorativo, o que não é coerente, pois refere-se à mulher sem atitude, ou conota a mulher pequena – que também é vista como

frágil. No caso da mulher pequena, não é algo que possa ser mudado conforme determinada conduta, não é de forma alguma culpa da mulher ter crescido e mantido a aparência de “menininha”. E caso se assuma que se refere à mulher “sem atitude”, pode se presumir que esta suposta namorada esteja em um relacionamento abusivo, em que suas opiniões já foram submergidas, pois não se conclui pela leitura do texto se a mulher não se manifesta por apatia, ou porque a posição imperativa de seu parceiro a invisibiliza.

E o último índice que se destaca no quadro D.7 é sobre o uso de xingamentos para se referir às mulheres, que em um primeiro momento pode parecer corriqueiro, quase como retrato do cotidiano, mas analisado a fundo se nota que os termos usados fazem referência sempre às posturas da mulher, formas de usar o corpo e interferências negativas quanto à liberdade sexual, como percebido no texto “Está faltando sacanagem na cabeça das mulheres” (Anexo A.54):

Quantas vezes você pensa em sexo por dia? Se você for uma mulher, muito provavelmente no máximo a metade de vezes que o assunto passa pela cabeça de um homem. Isso se você for pelo menos um pouco safadinha. Os homens têm praticamente um pau morando dentro do cérebro. Também não é para menos. Fora a imaginação fértil que faz com que eles coloquem até a mais puritana das moças de quatro em poucos segundos, estímulos não faltam para exercitar a libido masculina. Piriguetes rebolantes na TV, pornografia na internet, peladonas nas revistas e muito mais para atizar os olhos e o tesão da macharada. Com tanto incentivo, os homens acabam não só pensando mais em sexo como querendo fazer mais também. Para aumentar a libido, as mulheres precisam aprender com os homens a elevar o nível de sacanagem entre os neurônios. (Francesinha, 2013).

Novamente, mesmo que o título insinue um conteúdo liberal e relevante para a subjetividade das mulheres, o que se lê no texto é um discurso machista, que julga e recrimina outras mulheres pelas formas que se expõem ou usam de seus corpos. A partir dessas críticas, também pode-se observar como são tratados os temas do sexo e do prazer sexual segundo as diferentes autorias. (quadro Anexo D.8). Nitidamente, as mulheres são as que mais tratam o assunto sob uma perspectiva liberal, resultado possivelmente de um momento interessante no que diz respeito à emancipação feminina, pois conota a atual possibilidade de mulheres falarem sobre o assunto em um espaço de discussão comum, e de certa forma “público”.

Os autores homens, quando abordam a temática, aferem certa liberdade sexual ao casal, mas se nota poucas referências ao todo, se entende que falam do tema pois faz parte da rotina em casal, e não propriamente por interesse em enriquecer a relação. Por exemplo, os autores homens são os que mais abordam o “não gozar” feminino como uma situação

instituída, e normal, sem presunção de explorar tal questão. Enquanto que o editorial aborda o assunto conforme sua proposta de “quebrar tabus”, e tratar do assunto de maneira aberta e dialógica. Mas, ao fazê-lo, infelizmente articula seu discurso em função do prazer masculino, ou seja, a possibilidade de liberdade sexual somente é uma intenção se o resultado for a satisfação sexual do homem, e para isso não medem esforços em colocar a mulher em posição destemida e liberal quanto à dinâmica do sexo. Esse aspecto é percebido no texto “4 motivos para namorar uma mulher mais velha” (Anexo A.5):

2) As chances delas mandarem muito bem no sexo são enormes. As mulheres mais velhas já passaram da fase de sentir vergonha ou não saber o que querem na cama. Elas sabem como rebolar, como chupar e como realizar os seus maiores fetiches. O homem atinge um nível de prazer no sexo que nenhuma modelinha gostosa de 20 anos poderia proporcionar. (Editorial, 2015a).

No início do trecho até se supõe que a experiência sexual que vai ser narrada é algo oportuno para a mulher que de certa forma “conquistou” tal status, mas o texto é problemático porque confere o saber sexual à mulher mais velha, ou seja, para uma outra mulher atingir tal conhecimento, ela não terá que se autoexplorar mas, de alguma forma, se tornar mais velha, pois se supõe que essa almejada experiência só será adquirida com a maturidade, e não com a prática do sexo em si.

Após essas considerações feitas sobre o quadro D.8 (“Quanto a autoria dos textos x Relações sexuais e prazer”), o quadro D.9 relaciona a conclusão dos textos com as respectivas autorias, e pode-se dizer que o blog propõe uma conquista para aqueles que se inteiraram do texto. Como o modelo mais trabalhado é o de listas e o “passo a passo”, percebe-se a ideia de que se o expectador seguir as recomendações dadas, obterá conclusivamente o sucesso. Os finais em tom sonhador, conformista, de conquista, e de final feliz aparecem em proporções semelhantes nos textos assinados pelos homens, o que não causa estranhamento, pois são finais próprios do romance. As mulheres tendem a finalizar seus textos em tom conformista, que pode indicar as decorrências do momento transgressor que estão vivendo. Algumas já se consideram livres, e/ou independentes, mas outras ainda não, e por isso ainda lhes cabe uma conformidade quanto à situação instituída. Mas é fato que as autoras foram praticamente as únicas preocupadas em denotar um tom transgressor aos textos, aqueles em que o desfecho, e o desejo, é por extrapolar alguma norma.

V.5.2 Tom do texto

O que se observa como um todo diante das constatações apresentadas é de que o teor do material do *corpus* se articula com conceitos machistas, independente de por quem o texto é assinado. Como proposto por Giddens (1992), os homens são partes e integrantes das transformações da pós-modernidade, e que também são reestruturações provocadas por uma nova ordem do feminino – e em decorrência do movimento feminista – ou seja, em culturas ocidentais há uma mulher que transita, integra o mercado de trabalho, articula-se, reivindica direitos civis, e pode decidir se relacionar ou não, ser mãe ou não, mas que ainda estão sujeitas a uma sociedade patriarcal que resiste em transgredir. Deste contexto também fazem parte os homens, e conforme expõe Giddens (1992), são os retardatários nessa transição e nas transmutações do amor romântico. Segundo o autor, atualmente “é o primeiro período em que os homens estão descobrindo que eles próprios são homens, ou seja, possuem uma ‘masculinidade’ problemática. Em épocas anteriores, os homens assumiram que suas atividades constituíam a história, enquanto as mulheres existiam quase atemporalmente, fazendo a mesma coisa que sempre fizeram” (Giddens, 1992, p. 70).

Sob essa perspectiva, observa-se que no quadro D.10 (“Tom do texto x Presença de imperativos pós-modernos”), os textos que foram considerados machistas são os que mais fazem referência à importância da primazia do indivíduo na pós-modernidade, ao mesmo tempo em que prezam pela realização de objetivos próprios, sem considerar os da parceira (neste caso). Mas essa indicação às prioridades do indivíduo, leva a crer que se entrelaçariam à ideia do relacionamento descartável – aquele que ao não corresponder com os objetivos pessoais é encerrado, sem negociações entre as partes. Porém, esse índice não apresentou números significativos, o que leva a concluir que um tipo de homem machista é precisamente encontrado em relacionamentos amorosos, e na roupagem do homem romântico; ou seja, é um homem que quer ver suas demandas supridas no relacionamento, e neste caso a parceira deve corresponder com suas investidas “românticas”. O homem romântico é assim acusado, pois também são encontrados índices relevantes da presença do conceito do amor romântico nos textos de tom machistas (quadro D.11).

Ainda sobre o quadro D.10, observa-se a referência ao indivíduo plural, uma consequência das transformações da pós-modernidade. Mas se percebe que esse indivíduo múltiplo que os textos tratam não se refere a uma reconstrução geral da autoidentidade, mas à reformulação da mulher contemporânea, enquanto que ao homem é conferida a

possibilidade de permanecer o mesmo, ou seja, representa o homem romântico apenas como expectador das mudanças, como se observa especificadamente no texto “Só macho beta tem medo de mulher alfa” (Anexo A. 61).

Eu não quero uma mulher que dependa de mim, não preciso disso para fingir que sou superior a alguma coisa. Eu quero mesmo é admirar a mulher que estiver ao meu lado, ou à minha frente, por que não? Quero aprender com ela também, não apenas ensinar. Quero olhar nos olhos dela, enquanto ela me conta como foi o dia e pensar: “Caralho, como é que ela é capaz de fazer tudo isso e ainda consegue me fazer tão feliz?”. (Coiro, 2012).

Os textos feministas – todos de autoria feminina como visto no quadro D.2 – ao valorizarem a primazia do indivíduo abordam temas como prazer sexual, relação com o corpo, consumo de pornografia, utilização de aplicativos, questões de gênero, pressões da sociedade, preconceito, entre outros temas cruciais para o empoderamento da mulher. Esse trecho retirado do texto “Aceita que dói menos: mulher assiste pornô sim” (Anexo A.2), de Nathalie Macedo, exprime brevemente como a mulher contemporânea tem lidado e respondido à essa possibilidade de autonomia: “Nós conduzimos nossas carreiras, dirigimos nossos carros, pagamos nossos impostos, passamos no supermercado e, no fim do dia, nós não queremos sempre um cafuné e um buquê de flores: às vezes, confessemos, a gente só quer gozar”(Macedo, 2017).

O que é questionável na maioria dos textos feministas – e não só os publicados no *Casal Sem Vergonha*, mas de um modo geral por aquelas que possuem espaço e visibilidade – é a falta de contextualização e abrangência das questões propostas. Como visto nos capítulos I e II, as mulheres negras, por exemplo, não apresentam as mesmas condições da mulher branca; do mesmo modo que a mulher ocidental já conquistou muitos mais direitos civis e tem probabilidade de os exercer, do que a mulher africana, do médio oriente e a oriental.

Sob essa perspectiva, acusa-se que os textos feministas encontrados na página, todos de autoria feminina, apesar de clamarem por uma nova ordem e pela liberdade total da mulher quanto ao seu corpo e sexualidade, excluem muitas outras individualidades do discurso, ao passo que não se vê essa diversidade representada nos textos. Por exemplo, no trecho citado de Nathalie Macedo, o “carro” pode ser percebido como um item para a conquista da autonomia; segundo matéria do Portal Brasil (2017, dezembro 22), conforme dados de 2013 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 54% dos domicílios brasileiros têm carro ou motocicleta para o deslocamento dos moradores; para além das

questões de classe não expressas por esse percentual, este também não indica quem faz uso desse carro, ou seja, o domicílio possuir um carro não garante a livre locomoção das mulheres da casa, e ainda se deve ponderar se são “autorizadas” ao uso.

Além do item do carro, a autora aborda o tema do prazer sexual, ao dizer “não queremos sempre um cafuné e um buquê de flores: às vezes, confessemos, a gente só quer gozar”. Nesse momento, ela faz uma referência ao prazer solitário, que exclui a participação de outras pessoas no ato. Nessa frase, primeiro há uma insinuação de que todas as mulheres são capazes, sabem e conseguem chegar ao prazer sozinhas, descartando um passado histórico em que serviam unicamente ao prazer masculino, e eram coibidas a autoestimulação. Em um segundo momento a frase também presume a presença de um clitóris – órgão específico ao prazer feminino – ao usar a sentença “a gente só quer gozar”, o que em um contexto mais crítico exclui, por exemplo, as mulheres que sofreram mutilação genital, ou seja, o símbolo da existência do prazer sexual feminino, que é a presença do clitóris, também pode ser uma condição privilegiada.

Em um exercício para não abordar essa questão de forma displicente, ou resumida, o fato não está em a mutilação genital ser uma prática recorrente no Brasil – contexto de estudo – mas que o enunciado proposto é pouco empático com o universo de particularidades das mulheres em geral. A mutilação genital é uma situação gravíssima, que poucos textos que se consideram feministas se dispõem a lidar, ou enfrentar. Outros textos feministas encontrados no blog abordam o prazer sexual feminino de forma egoísta, insinuando que a mulher tem de lidar com seu corpo, e explorá-lo é um ato normalizado. Nega-se a ordem de obediência e culto a um padrão de beleza que constrange a mulher que não se enquadra nele, quando essa não seria elegível a essa felicidade programada. Nessas circunstâncias atribui-se toda responsabilidade do prazer sexual – próprio e do casal – à propriedade da “mulher que sabe gozar”, que coincide com aquela que não foi autorizada a fazer uso de seu próprio corpo ao longo do tempo. A seguir um trecho do texto considerado liberal, “4 coisas que as mulheres boas de cama fazem diferente” (Anexo A.33):

Conhecer o próprio corpo é premissa básica para sentir prazer e para saber como guiar o outro na hora de lhe dar prazer. Mulheres boas de cama se masturbam e não têm vergonha de falar sobre isso. Muitas delas têm sua coleção de brinquedinhos – que não substituem o sexo, mas que servem como paliativo naqueles dias em que o namorado, o marido ou o P.A. não estão disponíveis. Elas conhecem muito bem as zonas erógenas do próprio corpo e, em vez de guardar esse conhecimento a sete chaves, o compartilham com o parceiro. Não que o sexo deva ser um manual de instruções. Mas não é nada mal você dizer para ele como mais

gosta de ser tocada ou chupada, por exemplo. E perguntar ao outro como ele gosta de se tocado também não é nada mal. (Editorial, 2013a).

Como observado, o trecho supõe uma liberdade sexual concernente à mulher, mas que não lhe havia sido conferida até então; não se trata, portanto, de algo nato a elas, mas de uma conquista e de uma possibilidade que cabe a todas nós, mas que para isso é necessária a produção de um conteúdo mais solidário e educativo, pensado a partir de uma abrangência de mulheres. Os textos liberais se articulam prioritariamente com a ideia da primazia do indivíduo, e os textos considerados neutros, utilizam da retórica da ausência de planos a longo prazo – são aqueles textos que trazem cenas românticas, descrições de momentos, foco no tempo presente. Os textos críticos apresentam uniformemente referências aos imperativos da pós-modernidade, mas não em números relevantes. Tratam-se de textos que julgam de certa forma um tipo de mulher (ou um tipo de homem) como os próprios títulos sugerem: “Mulher gosta de cafajeste - só que não”(Anexo A.10); “Nem românticos, nem cafajestes, fragmentos do que as mulheres querem de verdade” (Anexo A.19); “A mulher que você não quer ser” (Anexo A.21); “A diferença entre uma mulher vulgar e uma mulher sexy” (Anexo A.80), e etc.

A partir do quadro D.11 (“Tom do texto x Presença da ideia de amor romântico”), pode-se pensar em quais textos se observa articulações entre conceitos românticos e padrões abusivos. Nos textos visivelmente machistas, observa-se a presença constante da mulher perfeita; mas no texto “Não quero ser a mulher ‘para casar’” (Anexo A.16), a autora Michelle Morelo (2014) diz: “Nós mulheres que nos reviramos e nos desdobramos. Vivemos intensamente a liberdade, a autonomia e a independência. E ainda, assim, nos deparamos com homens que nos minimizam e nos comparam a um simples status de perfeição”; o que é intrigante nesse sentido é que não necessariamente esse “status de perfeição”, típico dos textos machistas, são uma requisição dos homens, mas também uma retórica utilizada pelas mulheres, como se nota no texto “Case-se com uma mulher que” (Anexo A.32):

Por isso, case-se com alguém que seja a sua maior torcida no futebol de sábado, no trabalho, na vida. Que vista a camisa do time, calce as chuteiras, entre no jogo ou simplesmente esteja preparada para recebê-lo no vestiário com o beijo mais acolhedor do mundo depois daquele cartão vermelho. Alguém que entenda o quão sagrada e preciosa é aquela cerveja com os amigos e o videogame de domingo à tarde. Uma pessoa que saiba cuidar e que ao mesmo tempo entende que regar demais a flor também maltrata o jardim. (Daian, 2014).

Em textos de tom machista, mas também nos textos considerados neutros, a idealização da mulher – uma oratória típica do romance, que a atribui como desejo do outro, e não como construção de si mesma (Coira, 2011) – é uma presença constante nos textos analisados. Observa-se também que esses textos apresentam muito mais enunciados que abordam tanto conceitos pós-modernos como românticos – identificando uma possível transmutação do entendimento de amor, ou uma resistência à nova ordem. Enquanto que os textos precisamente feministas, em sua maioria, nem ao menos apresentam o relato de um relacionamento romantizado – indicando certo questionamento quanto ao relacionamento como biografia de vida (Beck & Beck-Gernsheim, 2001), corroborando com o fato de terem sido encontradas apenas seis referências sobre a máxima do par perfeito em textos considerados feministas, enquanto que pelo menos o dobro de vezes foi notado em textos críticos, machistas e neutros.

Os textos neutros e machistas situam suas narrativas nas primeiras fases do relacionamento, no estado propriamente de paixão (Giddens, 1992), e demonstram uma falta de interesse em abordar problemas decorrentes ao longo do relacionamento, e do casamento, convergindo com os índices encontrados sobre a falta de referências sobre planos a longo prazo (quadro D.10) em textos considerados neutros, ou machistas. O texto “Manual (nada) prático para (des)entender as mulheres” (Anexo A.71), do autor Daniel Oliveira, exprime várias ideias até aqui trabalhadas: da mulher idealizada, da narrativa baseada no estado de paixão e da ausência de planos a longo prazo:

Para desentender as mulheres é preciso ser do contra e achar que as entende. É escrever manual pra poeta, pra compositor e pra artista. É ensinar a cada um deles uma essência diferente, um rabisco original. Para desentender as mulheres é preciso se enganar a cada dia e recuperar o fôlego depois de uma caminhada pelo caminho errado. É preciso saber dançar muito bem e não admitir isso. É preciso pisar em pés e achar graça dessa forma de se mover que mais parece uma ciranda. Para desentender as mulheres é preciso ter olhos fechados e peito aberto. É navegar por um mundo desconhecido em busca de algo que você conhece bem. É reconhecer pernas, coxas, panturrilhas em olhos calmos ou tempestuosos. É abrir mão da realidade para viver de literatura. É preciso ser poeta e escrever personagens imaginários para cada noite bem dormida. É contar vantagem sobre uma desvantagem e rir de quando as coisas vão mal. É preciso ser louco. (Oliveira, 2012a).

Autenticando o tom machista, um manual é um acessório próprio dos objetos comprados, e por isso essa retórica compara uma mulher necessariamente a um produto. Para além disso, não há descrição de fato de características e particularidades de uma mulher, o que é suposto que um “manual” de instrução contenha; dessa forma, o texto se trata

basicamente de um espaço para o autor demonstrar suas “habilidades poéticas”. Esse trecho também exprime a ideia do romance espetacularizado, que é expressamente o modelo das narrativas próprias da cultura cinematográfica, assim como a história de amor responsável pelo final feliz dos personagens – esses dois índices foram expressivamente encontrados também nos textos considerados machistas e neutros.

As referências aos conceitos do homem provedor, e do homem conquistador, são expressamente vinculadas à ideia do homem protagonista – da parte ativa – da relação. Pode-se perceber pelos textos que ambos os conceitos foram atualizados: o homem provedor não é mais responsável pelo sustento da família, mas aquele que dá atenção e carinho à mulher. Essa situação é expressa como benevolência e indispensável à vida de uma mulher, como pode ser observado por esse trecho do texto “O sonho da mulher dos seus sonhos” (Anexo A.66):

Ela me faz massagens quando eu peço. Mas só aceita fazer caso eu prometa fazer nela também. Ela trabalha, estuda, dá um trato em seu visual, malha, prepara a comida e ainda arruma tempo para me amar e me pedir para levá-la no cinema. Às vezes, eu penso como é louco o amor. No começo, eu passava noites em claro só para descobrir a melhor forma de conseguir ter um encontro com ela. E, hoje, ela é quem me convida. No primeiro encontro, eu passei quase duas horas inteiras me arrumando. Coloquei minha melhor roupa e me encharquei com meu melhor perfume só para agradá-la. Hoje, ele me acha lindo de moletom ou suado pós o futebol. (Rodrigues, Hugo, 2012).

Nesse mesmo trecho, pode-se observar a presença do homem conquistador que nesse caso é mostrado como um homem romântico. Segundo Giddens (1992 p. 70), o homem romântico também teve, de certa forma, suas características “atualizadas”; segundo o autor, eles abandonaram a classificação tradicional de mulheres imaculadas e impuras – central à sexualidade masculina até então – mas também não passaram a tratá-las com igualdade. Para Giddens (1992), o homem romântico é preso a uma mulher em particular – ou sequencialmente a várias – e constrói sua vida em torno dela, mas não se submete a uma igualdade entre eles. Trata-se, portanto, não de uma participação da exploração dessa nova ordem da intimidade, mas de um regresso a épocas anteriores: “O romântico neste momento não é alguém que intuitivamente compreendeu a natureza do amor como um modo de organizar a vida pessoal em relação a colonização do tempo futuro e, a construção da autoidentidade” (Giddens, 1992, p. 24).

Referente ao quadro D.12 – propriamente sobre os padrões abusivos encontrados – como já apontado anteriormente, o índice mais encontrado foi quanto à generalização das

características das mulheres, em que a maioria dos textos foi considerado machista, lembrando que a grande parte desse conteúdo foi conferido à autoria do editorial, ou seja, o próprio blog é responsável pelo teor opressor dos discursos que circulam na página. Outro índice que incide no viés machista do blog foi quanto ao ditar normas de conduta e comportamento para as mulheres; foram observadas mais referências nos textos considerados neutros, ou seja, tratam-se, portanto, de “falsos neutros”, que possuem teor opressor em suas sublinhas. O próprio fato de determinarem uma postura ideal é em si machista. Abaixo um exemplo encontrado no texto “10 segredos das mulheres bem-sucedidas no amor – #Parte 1” (Anexo A.49):

O cu doce não vai te levar pra nenhum lugar que valha a pena. Um dos maiores erros que mulheres cometem na área dos relacionamentos é achar que, quanto mais se fizer de difícil, mais ele vai correr atrás. Isso pode ser até verdade, mas se ele correr atrás e depois não gostar do que encontrou, ele vai te deixar a ver navios, depois de um tempão de jogo de pega-pega. Por isso, seja autêntica e economize seu precioso tempo: se gostou, diga. Se quer sair com ele, convide-o. Se está morrendo de vontade de transar, demonstre. Só homens bundões têm medo de mulheres decididas. (Editorial, 2013b).

Apesar de conferir o protagonismo às mulheres, como apontado em seu título, o texto expressa-se claramente machista: a “atitude” é conferida à mulher, mas o poder de escolha só cabe ao homem, que poderá ou não “gostar do que encontrou”. Esse é um típico exemplo do teor de produtos de entretenimento considerados normais, mas que são em suma opressores; como as comédias românticas que representaram o principal conteúdo direcionado ao público feminino durante muitos anos, e ainda assim é posicionado. “A mulher mudar algo para conquistar o homem” também é um artifício usado em filmes – daquela que tem a beleza transformada, adquire certa segurança, muda de cidade e etc. – índices também presenciados nos textos, e principalmente nos que foram considerados neutros, apontando certa contradição do que por norma é percebido como inofensivo, ou normal.

Outro cruzamento que corrobora com essa postura delineada é, por exemplo, o fato de o editorial exprimir opiniões negativas quanto ao vestuário das mulheres, como observado no mesmo texto: “Você reclama que os homens só querem transar e sair fora, mas de quem será que é a culpa? Se você só demonstra suas qualidades externas, se o seu cartão de visitas é um decote que vai no umbigo, se seu maior trunfo é uma bunda dura, depois não adianta reclamar que está sendo tratada como objeto” (Editorial, 2013b). Essa culpabilização da mulher é um fator encontrado independentemente do tom assumido pelo texto, inclusive

visto nos textos feministas, como pode ser observado no texto “Não posso ser a mulher da sua vida porque já sou a mulher da minha vida” (Anexo A.26):

Hollywood, Manoel Carlos, os romances clássicos, a burrice e companhia limitada criaram na nossa cabeça um universo de fantasia onde ter um final feliz é o destino obrigatório de todo e qualquer ser humano ~do bem~, que paga suas contas, seus impostos e que faz carinho nos cachorrinhos de rua. E que ter um final feliz, por sua vez, está intimamente atrelado a ter alguém pra amar – que é, inclusive pra mim, a mais genuína e gratificante forma de felicidade, mas que, convenhamos, está longe de ser a única. E que se deus escreveu por aquelas famigeradas linhas tortas, não há o que tire ele de você. Nem incidentes, nem acidentes, nem o Papa. Nem a sua displicência ao conduzir uma relação. Nem o seu ciúme sufocante e doentio. Nem a sua falta de carinho. Afinal, ele é o homem da sua vida. Nasceu assim: etiquetado com o seu nome, como os cadernos da segunda série. Como uma propriedade sua. (Grotti, 2014).

Apesar de apresentar uma certa narrativa transgressora sobre a retórica do “final feliz”, e atribuir um tom irônico ao texto, a autora cita alguns comportamentos não tolerados e inoportunos como se fossem algo nato às mulheres, como observado na seguinte frase: “Nem a sua displicência ao conduzir uma relação. Nem o seu ciúme sufocante e doentio”. Como observado até aqui, os textos mais problemáticos quanto ao seu conteúdo são aqueles nomeadamente neutros, que apresentam discursos que circulam normalmente em sociedade, incidindo na subjetividade e na construção da autoidentidade de todo e qualquer indivíduo. Diante dessas constatações, o próximo tópico irá abordar de que mulher, sumariamente, se imagina e é colocada como “ideal” pelos enunciados dos textos do blog.

V.5.3 De que mulher se fala?

Como até agora constatado, a hipótese de que os textos considerados românticos são, na verdade, conteúdos machistas que normalizam e se articulam de certa forma aos padrões constatados em relacionamentos abusivos, foi uma conjuntura observada independente da autoria do texto, mas prioritariamente nos considerados até então neutros, e também nos propriamente machistas. Neste momento, quer se perceber que estereótipo de mulher está mais enredado aos padrões românticos e abusivos disseminados nos textos.

Primeiramente se nota que a mulher que se encaixa nessa nova ordem regida pelos imperativos da pós-modernidade – como visto no quadro D.13 – é a independente financeiramente, liberal sentimentalmente, e claramente idealizada. Essa mulher também está presente nos enunciados que propagam a ideia de um relacionamento descartável, e

sobre ausência de planos a longo prazo. O fator da idealização, além de dialogar com os conceitos românticos, situa-se no grande fluxo de informação próprio da contemporaneidade, ou seja, esse conceito chega aos indivíduos por diversas formas e canais. Quanto aos outros estereótipos, não há números expressivos que indiquem alguma outra imagem proeminente.

A mulher de atitude é expressivamente vista atrelada à ideia da ausência de planos a longo prazo, o que é curioso ao passo que há um discurso incentivando a mulher a ser ativa quanto à conquista amorosa, mas não que necessariamente dessa forma ela conquistará um relacionamento proveitoso, ou resultará para ela em um final feliz. O mesmo número de vezes que se nota a mulher de atitude ligada à ausência de planos a longo prazo, enxerga-se a mulher insegura, mas essa é justificada pelos textos por meio de seus enunciados, pois o fator de insegurança seria supostamente uma condição formulada pela própria “mulher”, ou seja, ela é a própria culpada por sua falta de segurança no relacionamento.

Outros números que contradizem as suposições sobre os estereótipos trabalhados nos textos são os da mulher segura, a sexy, e opostamente o da sem comprometimento com a aparência, e até mesmo da romantizada, que são postos atrelados aos enunciados que acusam a ausência de planos a longo prazo, ou seja, independente dos requisitos que essa mulher esteja disposta a corresponder, não são suficientes para atender as exigências de um relacionamento duradouro.

Quanto à mulher idealizada, neste momento se elucida de quem se está falando de fato, assim como que essa mulher é substancialmente um produto da imaginação do homem. Há praticamente uma impossibilidade dessas imagens corresponderem a qualquer característica real que uma mulher possa ter. No trecho abaixo retirado do texto “Você vai encontrar uma mulher incrível. E vai perdê-la” (Anexo A.22), há obviamente um exagero por parte do autor, mas ao mesmo tempo figura muito bem o que seria considerável que a mulher contemporânea atendesse quanto a sua pluralidade de características.

Ela quase ter sido sua é muito pior do que ela nunca ter sido. O que é ter do seu lado tudo aquilo que sempre desejou que Deus fizesse daquela parte da sua costela. Loira, sarcástica, cheia de frases, definições e comportamentos. Atrevidos, apaixonadamente tímidos, quando lhe convém. Impõe sua presença. Conhece as regras tanto de um jantar cinco estrelas como de uma trepada num pulgueiro qualquer, alta madrugada. Ela é um tratado. Ela é rock and roll. Ela é uma Zelda Fitzgerald moderna. Por ela até eu, coração alvinegro, fiquei com mais simpatia pelo Palmeiras. (Petillo, 2014).

Esse trecho diz expressamente sobre como as demandas sociais, e afetivas, recaíram sobre a mulher contemporânea, e a impeliram de tal maneira, que esta tem de ser capaz de lidar com antigas exigências – como a maternidade – e absorver novas – como a dinâmica profissional – e, ainda atender aos padrões de beleza previamente estabelecidos. A possibilidade de uma identidade plural, para as mulheres então, não é vista como uma oportunidade de expansão e conhecimento, mas sim de um aumento de expectativas para atenderem – dos outros e de si próprias. A primazia do indivíduo conforme apresentada nos textos, parece ser um índice crucial à autoidentidade, e articula-se com a ideia de uma mulher independente sentimentalmente e, com a mulher liberal sexualmente, que se insere na máxima do blog: “falar do tema sem tabus nem preconceitos”.

O que não se nota, praticamente, é a ideia da mulher independente financeiramente ligada à primazia do indivíduo; ou seja, conferem certa independência à mulher em relação a seu corpo, mas não quanto a sua situação social. Como visto no capítulo I, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a correção das desigualdades entre gêneros sobre oportunidade, e a possibilidade de independência financeira são índices básicos para a superação das disparidades e a conquista real da autonomia pelas mulheres. O fato de se considerar a realização de objetivos próprios, sem ponderar os do parceiro – que é um conceito muito encontrado sob autoria masculina – articula-se com a ideia de uma mulher idealizada, e/ou liberal sexualmente – o que se entende que para que o homem consiga atender suas próprias demandas, necessita -se de uma mulher que corresponda com suas exigências, ou seja, formada em sua imaginação e liberal quanto a sua sexualidade, para que também seja garantido seu prazer erótico.

Essas mesmas mulheres idealizadas, e também a romantizadas, estão atreladas a um relacionamento perfeito; enquanto que a mulher independente sentimentalmente – que se articula com a ideia de primazia do indivíduo, é observada vinculada aos relacionamentos casuais – ou sem compromisso pelas partes; assim como a mulher promíscua é notada vinculada ao mesmo conceito, só que em menores números. A mulher difícil de ser conquistada – que seria considerada a mulher virtuosa no romance clássico – é pouco visualizada, mas quando presente ainda faz parte do relacionamento perfeito; mais um indício de como os conceitos clássicos do romantismo ainda estão presentes na sociedade como um todo. Em contraposição, a mulher independente, que também pode ser uma mulher difícil de ser conquistada segundo os conceitos românticos, quase não é notada nos enunciados sobre relacionamentos.

Quanto aos conceitos inerentes ao amor romântico, é basicamente a mulher idealizada que aparece vinculada a todos eles, ou seja, é somente a mulher fruto da imaginação masculina que corresponde aos padrões românticos clássicos. Assim como a mulher romantizada é obviamente atrelada à ideia de um par perfeito, como também presente na confusão do conceito de amor e paixão; ou seja, é situada e corresponde com as primeiras fases do relacionamento, pois conforme observado nos textos, pouco se nota relatos e problemáticas próprias do decorrer da relação. Assim como o homem provedor só corresponde à mulher romantizada, pois essa é vista como passiva da ação de amar do homem, em que somente este é capaz de prover amor que ela “necessita”. Também assim é vista a mulher insegura, atrelada à ideia do homem provedor, que é quem lhe proverá a segurança que lhe falta. No trecho abaixo do texto “O Último Romântico – O que as mulheres esperam de um homem” (Anexo A.52) é possível averiguar essa ideia tratada até aqui:

Homens precisam passar segurança. Não precisam ser fortes ou algo assim. Podem ser baixinhos, gordinhos e com pouco talento para as artes marciais. Mas precisam passar segurança ao entrelaçar os dedos na gente, meio que como nos gritassem que tudo vai dar certo. Homens precisam ter um colo paterno, mas saber que não são nossos pais. Homem é um misto de irmão mais velho cuidadoso, irmão mais novo implicante e primo safado do interior. (Rodrigues, 2013).

Esse, em particular, é um dos textos que foram considerados machistas ao assumirem a voz feminina para difusão de ideias que fazem parte do ideário masculino. Nos relacionamentos abusivos, em parte da retórica da superioridade e necessidade masculina, observa-se que a mulher insegura também é culpada pela conjuntura, ou seja, como se sua insegurança fosse uma escolha, um atributo inerente a sua personalidade. A mulher insegura também está presente nos enunciados que ditam normas de comportamento, o que supostamente deve ser como o não exemplo a seguir, pois a presença da mulher segura é observada praticamente o mesmo número de vezes nesses discursos.

A mulher segura aparece como uma imposição da nova ordem, pois é visualizada nos enunciados sobre normas de conduta. Assim como a mulher de atitude, a independente sentimentalmente, a liberal sexualmente e a sexy, que são estereótipos que foram mais observados nos enunciados redigidos pelo editorial, ou por mulheres. Os autores homens, que abordaram mais os estereótipos da mulher idealizada e da mulher romântica, pode-se observar que são os responsáveis pelos enunciados que ditam as normas para que a mulher assim se mostre. O fato de a mulher mudar algo para conquistar um homem também aparece

atrelado ao estereótipo da mulher romantizada, e curiosamente da mulher de atitude, denunciando que esta aclamada atitude é em função de um relacionamento, e não um atributo da independência conquistada pela mulher.

Nesse sentido, também se nota uma desvalorização do plano de vida da mulher em função de ser sexy, ou seja, as narrativas apresentadas, em sua essência, conduzem a mulher por esse caminho, em que sua biografia se concentra em se tornar uma mulher desejável segundo os padrões vigentes de beleza na sociedade. Os enunciados considerados negativos sobre a relação da mulher com seu corpo, giram em torno dessa retórica da mulher sexy, que em muitos é percebida como a mulher natural, sem maquiagem, desapegada da vaidade. O que se pode concluir como uma forma de ocultar a mulher na sociedade, de modo que ela não chame a atenção em espaços públicos, e se mantenha atenta às demandas do espaço privado, como o desejo sexual do parceiro. Quando a mulher expõe certa liberdade com o corpo em espaços públicos, é vista como a mulher promíscua, que é o xingamento mais observado nos textos, e proferidos pelas próprias autoras mulheres, em um movimento de antagonizar umas às outras.

V.5.4 Problemáticas das representações dos relacionamentos amorosos

Como demonstrado ao longo da análise, a pergunta de investigação deste estudo quer perceber como se articulam os enunciados românticos com os padrões abusivos, e de que forma a propagação do relacionamento, como biografia única de vida para as mulheres, as coloca em segundo plano em um relacionamento. Julga-se que essa retórica de discurso possa ser mais recorrente do que se constata em uma observação cotidiana, o que é visto como uma normalização dos relacionamentos abusivos e violentos na sociedade. Para dar seguimento a essa análise, foram criados os quadros D.18, D.19, D.20, D.21 e D.22, (Apêndice D) em que este último tem particular relevância, pois cruza as referências dos conceitos de amor romântico com os de padrões de relacionamentos abusivos.

Entende-se que devido às transformações sociais na pós-modernidade o sujeito se tornou mais fluido, plural, e individualizado, o que não coincide propriamente com o formato de um relacionamento romântico tradicional – modo como muitas vezes ainda é posto nos dias de hoje. Mesmo pelas decorrências das transformações na intimidade (Giddens, 1992) que trouxeram um novo entendimento sobre o se relacionar – o relacionamento puro abordado no capítulo II – observa-se que os índices referentes à pós-modernidade se

concentram nos enunciados que fazem referência a um relacionamento sem compromisso. Ou seja, a primazia do indivíduo que foi constatado como uma aspiração do sujeito contemporâneo, da maneira como é percebida, não condiz com o estabelecer um relacionamento, o que se pode concluir que o relacionamento puro ainda não é um conceito absorvido e entendido pela sociedade.

O relacionamento considerado perfeito é situado, como já proposto, no estado da paixão, ao passo que também está ligado à ausência de planos a longo prazo. Nesse momento, ao se julgar o blog como um formador de opinião, este perde uma oportunidade em não expandir a discussão para as questões decorrentes da construção do relacionamento, que consequentemente também envolve a relação sexual. Seguindo os títulos dos textos, poucas vezes é observado o uso do termo “mulher” para designar esposa, ou um status de relacionamento estabelecido. Por exemplo, no texto intitulado “Minha mulher tem vários orgasmos no sexo, mas nunca ejaculou. É normal?” (Anexo A.24), há presença de uma preocupação masculina quanto ao prazer sexual da mulher, mas o trabalho editorial decide por normalizar esse “não ejacular” da esposa ao optar por uma resposta que atribui à ejaculação feminina aos artifícios de conteúdos pornográficos.

No texto “Como convencer minha mulher a fazer sexo anal comigo?” (Anexo A.77), observa-se novamente o termo “mulher” designando esposa, mas a problemática geral do sexo na vida desse casal está em convencer a mulher a fazer algo que não é de seu próprio desejo; ou seja, não é necessariamente que o casal tenha problemas quanto à vida sexual, mas a questão recai sobre a mulher não estar disposta a fazer algo que seria do agrado do marido; abaixo é mostrado o início da resposta dada pelo blog:

Para conseguir sentir prazer com sexo anal, a mulher precisa ultrapassar a barreira da dor, que é inevitável. Quando se introduz algo em um buraco que é destinado para expelir, o corpo reage sinalizando que há algo de errado – é preciso concentração e determinação para continuar tentando, até que o corpo se acostume e o prazer se sobressaia mais do que a dor. (Editorial, 2012).

O trecho acima é de certa forma inconcebível ao passo que normaliza a dor no corpo da mulher, em função do prazer sexual masculino. Em um aparente contraponto, o texto “Porque toda mulher goza primeiramente, pela mente” (Anexo A.78) – o que dá margem à uma discussão interessante sobre o estado de excitação feminino, que historicamente foi invisibilizado – o autor, que também é psicólogo, opta por fazer uso do espaço para justificar, ou amenizar, as possíveis carências físicas masculinas, ou dificuldades que tenham nas

relações sexuais. No trecho abaixo se observa que além de apaziguar as inseguranças masculinas, ele menospreza e nega o prazer sexual feminino, como se o pensamento erótico e o prazer sexual para mulheres fossem indiferentes, ou não existissem:

A mulher transa com uma narrativa que vai sendo tecida para além do desejo sexual – ela não é fígada pela potência genital do homem, mas pela sua capacidade de penetrar o mundo. Não é da broxada, da falência e do erro que ela foge, mas dá incapacidade de reagir, retomar e se soerguer. A possibilidade de poder viver uma jornada ao lado de um homem incrível, a excita mais do que bombadas dadas por um cara de pinto grande. É por isso que, na maioria das vezes em que uma mulher recusa o sexo, ela está procurando o algo mais naquele homem. É um desafio para que ele tire a venda que está em seu coração e a penetre com o corpo todo, não só com o pênis. (Mattos, 2012, grifo do autor).

Nos textos “O segredo das relações felizes está em aceitar o homem e a mulher que existem dentro de nós” (Anexo A.41) e “Mulheres com filhos – o terror das sogras dos comerciais de margarina” (Anexo A.63) observa-se um alargamento na forma como a temática é abordada. No texto A.41, o *Casal Sem Vergonha* enquanto autores mostram uma possibilidade, e uma saída, quanto à atual constituição dos casais, calçando-se até mesmo na filosofia oriental – em uma referência à fusão de culturas, própria da pós-modernidade (Hall, 2015). Enquanto o texto A.63 aborda a temática da maternidade no relacionamento, e dos novos arranjos familiares, um tema pertinente e condizente com a realidade atual dos casais jovens. Porém, no geral esse tipo de texto é pouco visto ao longo da existência do blog.

O relacionamento abusivo, foco deste estudo, é muito notado nos enunciados em que não se observa a intenção de planos a longo prazo pelos indivíduos. Como proposto, essa situação também é observada nos enunciados machistas, em que o relacionamento romantizado é situado no estado da paixão, ou seja, os relacionamentos abusivos podem se apresentar figurados nos relacionamentos românticos. O relacionamento perfeito também é mais presente nos enunciados em que há confusão dos conceitos de amor e paixão. Esse estado de relacionamento violento também se articula com a ideia da primazia do indivíduo, ou seja, em que somente o desejo e as demandas de um dos pares é considerada. Supõe-se, de certa forma, que seja a da parte masculina, pois assim é historicamente, e também porque o conceito de primazia do indivíduo está atrelado ao índice da realização de objetivos próprios sem considerar os do parceiro, que foi uma referência extremamente observada nos textos assinados pelo editorial, e/ou por autores homens, e pouquíssimo vista em textos de autoras mulheres.

Os padrões abusivos se articulam de tal forma que não são muito observados nos mesmos enunciados em que há o relacionamento descartável, ou seja, o indivíduo que abusa quer se manter em um relacionamento com o outro, e insiste na continuidade deste. Os indícios abusivos são observados nos mesmos enunciados em que são abordados conceitos pós-modernos difusos com os românticos, demonstrando se tratar de uma problemática contemporânea, em que as transformações da intimidade e sociais ainda não foram capazes de transgredir. Na delimitação do relacionamento abusivo se observa também os conceitos clássicos do romantismo, como a mulher idealizada, a formação de um par perfeito e o romance que vence tudo, como observado no trecho a seguir retirado do texto “O sonho da mulher dos seus sonhos” (Anexo A.65):

Ela me espera. Ela fica ansiosa para me ver. E me liga só para dizer que está com saudades. Ela diz que ama e que morre de tesão por mim, também. Ela me faz carinhos e arranhões que nunca tive. E me beija o corpo inteiro. E quando briga comigo por ciúmes é por medo de me perder. Ela é perfeita, mas não sabe. O meu lado possessivo até acha isso bom. Porque no dia que ela perceber que ela é dez mil vezes melhor do que qualquer mulher nesse mundo, vai querer outro cara dez mil vezes melhor do que eu. E há vários caras perfeitos por aí. Mas não sei como, ela se encantou por minha barba malfeita, por minhas piadas sem graça e por meus olhos cansados. (Rodrigues, 2012).

Apesar do autor conferir certa liberdade à mulher – como a presença do tesão feminino, e o “arranhão”, que é um ato agressivo – nota-se descaradamente os elementos clássicos do relacionamento abusivo, como a possessão do homem, a anulação da realidade para a mulher, a mulher invisibilizada e a superioridade masculina. O padrão abusivo mais visualizado nos textos é quanto ao ditar normas de comportamento para a mulher, que é um argumento muito explorado pela assinatura do próprio editorial; seguido da culpabilização da mulher pelas situações e resoluções do casal.

Outros índices relevantes são quanto à valorização da vida a dois – em que se inscreve o casal perfeito – ou o relacionamento amoroso como única possibilidade de biografia de vida para as mulheres, mesmo na contemporaneidade. A liberdade individual, quando percebida, é possivelmente conferida ao homem na relação. O que se nota é que as referências encontradas nos enunciados que fazem alusão a um relacionamento não abusivo, ou seja, considerado “normal”, são as mesmas das encontradas nos relacionamentos abusivos. Ou seja, ditar normas de conduta para a mulher, primazia da vida a dois, culpabilização da mulher, e ainda um agravante que é a proposição da ideia da mulher mudar algo para conquistar um relacionamento amoroso – em que se nota mais alusão a um

relacionamento ideal, do que a características que poderiam ser valorizadas em um homem; como observado no texto “10 atitudes que deixam qualquer mulher sexy por Adaline Bowman” (Anexo A.7).

Nada de evitar a piscina para não estragar a chapinha, ficar cheia de “não me toque” na hora do sexo, sair para uma hamburgueria e pedir um prato de alface só porque não foi à academia no dia, muito menos recusar aquele convite para o rock simplesmente porque você prefere um samba. Gostoso demais é ter do lado alguém “pau para toda obra”. Que está disposta a conhecer, acompanhar, descobrir, que aproveita as oportunidades, que interage com o ambiente mesmo não estando na sua zona de conforto. Se a gente emana uma alegria de existir que contagia as pessoas ao nosso redor, muito mais pessoas de bem se sentem atraídas pela nossa maneira espontânea de ser feliz. Ser sexy também é isso, saber viver. (Editorial, 2015b).

Neste trecho se observa novamente a invisibilização da mulher, que deve conter ou mudar seus gostos às custas de agradar o homem. O curioso é que no enunciado desse mesmo texto as dicas abordadas se referem a “como ser uma mulher mais sexy para você arrasar na arte da conquista e da sedução” (Editorial, 2015b), mas ao longo do conteúdo, a mulher é punida por ser vaidosa, ou seja, esse artifício que ela dispõe para lidar com suas particularidades físicas, e que poderia lhe conferir certa “segurança”, também é condenado.

As imposições observadas nos textos são de tal forma postas que a mulher não pode ter inseguranças quanto a sua sexualidade, beleza, e nem ao menos expressar seus gostos pessoais, denotando claramente um abuso de poderes. Corroborando com esse discurso opressor, observa-se que a sexualidade, temática central no blog, é colocada sob o ponto de vista da liberdade, mas em detrimento do prazer sexual masculino – tanto em relacionamentos considerados propriamente abusivos, como nos não abusivos. Nos relacionamentos não abusivos observa-se também a mulher como responsável pelo próprio prazer – pelo incentivo à masturbação por meio do “sentir prazer sozinha” – bem como pela satisfação sexual do casal.

V.5.5 Indícios explícitos dos padrões abusivos

Neste momento se irá observar o quadro mais relevante para a problemática proposta, aquele que atrela os padrões especificadamente românticos, aos abusivos, que é o quadro D. 22. A forma como se constrói esses discursos é basicamente em torno do ditar normas de comportamento para o indivíduo e se constrói em torno da primazia da vida a dois como

biografia pessoal. Essa alusão da perfeição da vida em casal utiliza a narrativa da paixão para envolver e convencer o leitor, mas também o situa em retóricas pós-modernas, afim de causar uma sensação de atualidade à uma narrativa antiquada.

O homem conquistador e o provedor, personagens típicos do romance, fazem uso da generalização das características femininas, em que se observa uma resistência à essa mulher que transgrediu os conceitos do romantismo, que se tornou responsável por si e pela construção de sua autoidentidade, e que pode ser encontrada na vida social como um todo, e não somente no relacionamento amoroso – como era historicamente. O homem romântico, como observado, faz uso de artifícios textuais do conceito e da existência do par perfeito para ditar os padrões de comportamento desejáveis, para que a mulher que assim os seguir, seja autorizada a um relacionamento; ou utilizam do final em tom sonhador, dando a “oportunidade” da mulher mudar algo em si que resulte em um final feliz a dois.

Nesse sentido – em que a mulher é incentivada a mudar algo para conquistar um par romântico – é que se constrói a narrativa do romance espetacularizado, e do romance que vence tudo. Essa conclusão tipicamente romântica é consideravelmente observada em textos que narram histórias de casais comuns que deveriam corresponder com problemáticas comuns, mas como se nota, também são embalados pela retórica do romance. O relacionamento perfeito é mais visto quando o final intui a conquista da pessoa amada, do que quando se refere ao desfecho feliz. Então, se constata uma clara referência ao romance medieval, em que todo o enredo se baseava na conquista da mulher amada. Nos textos em que se notou a presença de um relacionamento abusivo, o desfecho que poderia ser apresentado como transgressor, ou de revolta, foi mais visto com tom conformista, ou ainda um final feliz e/ou sonhador; ou seja: ou há a normalização ou romantização das narrativas de relacionamentos tipicamente abusivos.

Em uma tentativa de atualizar a narrativa do romance, o final destinado à conquista também é observado nos textos em que há evidente presença dos imperativos pós-modernos – como a primazia do indivíduo, a realização de objetivos próprios sem considerar os do parceiro e a ausência de planos a longo prazo –, que também são os elementos presentes nas conclusões conformistas. Ou seja, dois finais antagônicos narram a conquista do par amado, o que pode demonstrar uma certa incoerência no teor dos textos. O final feliz, por exemplo, foi mais observado naqueles textos em que não há enredos que envolvam um plano a longo prazo, ou um relacionamento duradouro. Já a alusão à primazia do indivíduo na construção da biografia de vida, é vista como uma transgressão da ordem vivenciada, ou seja, a

autonomia total ainda é algo a ser conquistado pelos indivíduos –financeiramente e sentimentalmente.

O tom conformista é observado nas narrativas que envolveram tanto conceitos românticos como pós-modernos, o que até indica certa falta de percepção das transformações da intimidade. Nesse mesmo viés, o tom da conquista nesses textos se vê mais atrelado às narrativas que fizeram alusão a um par perfeito, assim como foram atribuídos o tom sonhador e do final feliz. Enquanto que os padrões abusivos são encadeados de tal forma que o comportamento de ditar normas conclui especificadamente em uma conquista, como uma forma de construir a narrativa de tal forma que convença o leitor sobre os argumentos apresentados. A mulher ter de mudar algo para conquistar o par romântico também resulta na conquista do par romântico. A primazia da vida a dois resulta em final feliz, ou seja, se o indivíduo optar por esse caminho biográfico, há uma premeditação do futuro que o torna seguro. E o final sonhador, que poderia fazer uma alusão aos planos a longo prazo, e metas pessoais, é atribuído também à opção pela vida a dois, que mais uma vez impera como o final almejado. Diante dessas constatações, se pode concluir que o relacionamento amoroso ainda é visto como uma biografia vitoriosa para os indivíduos que correspondem com determinados padrões, e assim são autorizados a segui-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito ao longo do trabalho foi perceber, e demarcar, como se davam as construções sobre relacionamentos amorosos e o sujeito feminino na contemporaneidade. Para isso, em um primeiro momento, foi interessante perceber como os movimentos feministas se situaram historicamente, e como deram margem ao que hoje se entende como um feminismo pluralizado, e contingente, em que as problemáticas não são apenas em relação aos direitos políticos e civis da mulher, mas pela própria representação do sujeito feminista. Em um segundo momento, foi necessário entender questões pertinentes aos relacionamentos amorosos, e a temática geral do amor, em que se observou que as transformações na intimidade, nomeadas por Giddens, levam o indivíduo a um outro entendimento do que é uma relação sadia e desejável. E, por fim, fez-se necessário destrinchar as consequências da pós-modernidade; essa nova ordem que atua sob imperativos flexíveis e instáveis, e causa certa sensação do novo aos indivíduos que nela se situam. O interessante nesse ponto foi perceber como as características neoliberais se traduzem também nas perspectivas de relacionamentos amorosos; e nesse ponto, foram abordados dados e características do jovem contemporâneo que se encontra em transição devido à possibilidade da *emergente adulthood*, que abre novas perspectivas quanto às suas percepções de família, e outras estruturas sociais, como até mesmo do próprio relacionamento amoroso.

Diante da apresentação e discussão dos resultados, pode-se concluir que, ainda na contemporaneidade, os relacionamentos amorosos têm sido vistos como um caminho seguro e feliz na vida dos indivíduos. Isso ocorre, mais especificamente, para as mulheres, que têm sido expostas a essas narrativas como única biografia de vida possível. Assim, essas construções representam um ônus para as mesmas, que se veem condicionadas ao modelo de amor romântico.

Essa situação pôde ser observada, por meio da análise dos textos do blog *Casal Sem Vergonha*, em que se constatou, que de todo o material recolhido – entre *corpus* e descartados – apenas quatro textos, submetidos ao trabalho editorial, não citaram um relacionamento amoroso ou problemáticas que envolvessem esse assunto. Dessa maneira, o discurso do relacionamento abusivo e narrativas de amor romântico são articulados em torno de um ditar de normas do que é suposto a mulher ser ou não ser, na busca ou em função de um relacionamento amoroso. Observou-se, também, que alguns padrões abusivos se

apresentam de forma sutil nas narrativas em relação às mulheres, porém agressivos às subjetividades das mesmas. Alguns exemplos dessa dinâmica, são: a culpabilização da mulher por determinada situação, a responsabilização pela mudança e felicidade da vida do casal, atrelando todo o sucesso da mulher à vida afetiva.

Além do mais, as narrativas de mulheres representadas por personagens sem profundidade, ou mesmo sem narrativas próprias de vida, extrapolam os limites dos textos do blog. Elas também estão presentes na mídia e nos produtos de entretenimento como um todo. Dessa forma, questiona-se a obediência das narrativas pessoais das mulheres a um amor infinito e universal, de modo que este tem um alto custo para as mesmas. Assim, faz-se necessário rever se esse suposto amor realmente é encontrado somente em relações amorosas, monogâmicas e orientadas para o casamento. Além de delimitar que outros padrões abusivos mais conhecidos e incisivos, como a interferência no vestuário da mulher, agressão verbal, proibição de determinados comportamentos, sejam normalizados.

Com efeito, os padrões abusivos são percebidos na estrutura dos modelos românticos que mantem a figura do homem provedor e do par perfeito. Nesse sentido, os homens ainda são entendidos como atores principais, pois as questões do casal são em torno dessa individualidade. Assim, essa constatação demonstra uma falta de percepção, dos homens, em torno das mudanças da atualidade em relação a intimidade. Ou seja, cabe ao homem entender sua masculinidade como problemática e passar a repensar as questões que a envolve. Giddens, 1992.

Por outro lado, as formas de narrativas descritas, mostram a individualidade da mulher subjugadas em função do relacionamento. De forma que, restringem a possibilidade de qualquer discurso que aborde diferentes concepções do que é ser mulher, incluindo identidades de gênero, podendo extinguir seus projetos de vida e seus objetivos profissionais, em que a independência e a autonomia são índices desejáveis e necessários.

Considera-se que, as ideias de independência, são índices básicos para a autonomia real da mulher, porém, constatou-se que nenhum dos textos trabalhou esses conceitos de forma construtiva, somente vinculados ao relacionamento amoroso, não ampliando a subjetividade da mulher de forma abrangente. Ou seja, enquanto os discursos de mídia continuarem a colocar as mulheres sempre em função de um relacionamento, é bastante provável, que a sociedade continue a entender que estar ou não em um relacionamento é um

fator de sucesso. Assim, essas discursividades obrigam as mulheres a abdicarem de sua individualidade e até mesmo de seus projetos pessoais.

Além do mais, na análise dos textos, nota-se uma demanda das mulheres pela independência, como fator crucial para uma transposição de uma ordem patriarcal, porém, esta característica é mal ou pouco trabalhada, não contribuindo para um debate relevante a favor da autonomia da mulher. Ou seja, que também possam ultrapassar os valores subjetivos, incorporando valores políticos, econômicos e de igualdade de gênero.

Nessa conjuntura, o fator da autonomia foi pouco explorado neste estudo, pois além da autonomia no relacionamento, conceituada por Giddens (1992), deve-se considerar as perspectivas de uma autonomia real. Isso significa que esta é dada quando a mulher pode construir uma autoidentidade em favor dela mesma. Para isso, uma série de condições sociais seriam necessárias, como: a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, a divisão de trabalho doméstico igualitariamente, apropriação e respeito no espaço público, participação política, a não objetificação do corpo da mulher, entre outros fatores. Contudo, a explanação mais específica dessas características fugiria do escopo deste trabalho, pois este se concentra na perspectiva das relações afetivas, porém, é concordado que essas são determinantes para que a mulher siga independente de um relacionamento amoroso.

Todavia, este estudo não abrange a lógica do relacionamento abusivo para outras construções sociais, que não a do casal heterossexual. Contudo, consente-se que os padrões abusivos são encontrados independentemente da condição sexual, ou do tipo de formação da relação afetiva (parental, amigável, laboral, etc.). Mas, como no blog analisado só foram encontrados textos inscritos em uma norma heterossexual, esse recorte foi praticamente imposto pelo objeto. Admite-se, ainda, que esta pesquisa possa apresentar alguns erros em relação à codificação na análise de conteúdo, porém, isso não representa alteração dos resultados obtidos, visto que a avaliação desses são feitos considerando os fatores extremos dos quadros.

Para além da construção dos quadros e da análise de resultados, observando o material como um todo, percebe-se que os fatores de autonomia e independência são condições almejadas pelas mulheres, como também são os meios para que essas possam se abster de relacionamentos abusivos. Porém, não é o mesmo que dizer que essas características já sejam algo intrínseco a todas as mulheres. Por isso, culpar uma mulher por estar em um relacionamento abusivo, é não se atentar para o fato de que essa mulher pode ainda não possuir tais condições para percebê-lo e, dessa forma, sair do mesmo. Este

posicionamento é prejudicial para um debate sobre empoderamento feminino. Nesse aspecto, esta pesquisa abre precedente para se trabalhar mais efetivamente o conceito de autonomia das mulheres, de forma que englobe também questões políticas e econômicas.

Por fim, em meio a muitos clichês apresentados pelos textos no blog *Casal Sem Vergonha*, pode-se, mesmo assim, identificar um respiro sobre um real e natural desejo, que conferimos ser representante de diversas mulheres, retirado do texto de título incisivo “Seja uma mulher que...”¹⁸, de Vana Medeiros:

Seja uma mulher que, junto comigo, vai empreender todos os dias esta cruzada terrível que é se amar sendo uma mulher no nosso mundo. Seja uma mulher que vai conseguir – e me ensinar como fazer isso – fechar olhos e ouvidos para todas as críticas que recebemos todos os dias, e perceber que nós somos válidas, somos incríveis, somos gigantescas diante da pequena mesquinhez com que o mundo ainda nos trata. (Medeiros, 2014).

¹⁸ Disponível no Anexo A.31.

REFERÊNCIAS

- Abdo, C. (2008). Mosaico Brasil. Projeto Sexualidade (ProSex). USP, São Paulo, SP.
Recuperado a partir de
http://sites2.uai.com.br/tva/ja2/projeto_mosaico_brasil_coletiva_rj_mg.pdf
- Aguiar, D. (2017, 21 abril). *Descobri que ia morrer sozinha*. #AGORAÉQUESÃOELAS. [Weblog]. Recuperado a partir de
<http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/04/21/descobri-que-poderia-morrer-sozinha/>
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (org.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Arnett, J. J. (2007a). Emerging adulthood, a 21st century theory: A rejoinder to Hendry and Kloeppel. *Child Development Perspectives*, 1(2), 80-82, Recuperado a partir de
https://www.researchgate.net/publication/227712053_Emerging_Adulthood_a_21st_Century_Theory_A_Rejoinder_to_Hendry_and_Kloeppel
- Arnett, J. J. (2007b). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for?. *Child Development Perspectives*, 1(2), 68-73, Recuperado a partir de
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1750-8606.2007.00016.x>
- Baba, S.P. (2015). *Amar e ser Livre*. Fortaleza: Demócrito Dummar Ltda.
- Babo, M. A. (2012). *Das Imagens Familiares*. Family Film Fiction Project, Porto. Livro eletrônico não paginado.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Beauvoir, S. (2016). *O Segundo Sexo – A experiência vivida*. Ed. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beck, U.; Beck-Gernsheim, E. (2001). *El normal caos del amor*: Las nuevas formas de la relacion amorosa. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Beck, U.; Beck-Gernsheim, E. (2003). *La individualización*: El individualismo institucionalizado y sus consecuencias sociales y políticas. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brandão, T. Saraiva, L. Matos, P.M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e

- brasileiro. *Análise Psicológica*. 30 (3), 301-313, Recuperado a partir de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312012000200004
- Butler, J. (1998). Fundamentos Contingentes: O Feminismo e a Questão do “Pós-Modernismo”. *Caderno Pagu*, (11), 11-42, Recuperado a partir de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634457/2381>
- Butler, J. (2017). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Canclini, N. G. (2000). *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: EDUSP.
- Cardoso, D. (2010). *Amando Vári@s – Individualização, redes, ética e poliamor*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Nova de Lisboa, Mestrado em Ciências da Comunicação, Lisboa, Portugal, Recuperado a partir de <https://run.unl.pt/bitstream/10362/5704/1/Tese%20Mestrado%20Daniel%20Cardoso%2016422.pdf>
- Cardoso, D. (2015). Del amor a la amistad: la politica de las relaciones. In: Central, S. (M. Perez, M. (h)amor2. Madrid: Continta me Tienes, 53-56.
- Cardoso, D. (2017). Amores plurais situados – Para uma meta-narrativa sócio –histórica do poliamor. *Tempo de Ciência* 25 (48), jul./dez, 12-28, Recuperado a partir de <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/viewFile/18962/12502>
- Carvalho, I. (2013). *Namore uma mulher que sorria*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2013/11/21/namore-uma-mulher-que-sorria/>
- Casal Sem Vergonha. (2013). *10 segredos das mulheres bem-sucedidas no amor - #Parte1*. Casal Sem Vergonha [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2013/04/26/10-segredos-das-mulheres-bem-sucedidas-no-amor-parte1/>
- Casal Sem Vergonha. (2018). [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br>
- Casal sem Vergonha (s.d.). *Sobre o Casal*. [Weblog]. Recuperado a partir de <http://www.casalsemvergonha.com.br/sobre-o-casal/>
- Cascais, A. F. (2009) O que é um dispositivo? In: Cascais, A. F.; Nabais, n=N.; Leme, J. L. *C. Lei, Segurança, Disciplina. Trinta anos depois de Vigiar e Punir de Michel Foucault*. Lisboa: Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 31–53.
- Cerqueira, D., Coelho, D. S. C., Ferreira, H. (2017) Estupro no Brasil: Vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014.

- Revista Brasileira Segurança Pública*, 11 (1), fev/mar, 24-28, Recuperado a partir de <http://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/viewFile/779/249>
- Chauí, M. (1985). Participando do debate sobre mulher e violência. In: Franchetto, B., Cavalcanti, M.L.V.C., Heilborn, M.L. (Orgs.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. São Paulo: Zahar.
- Chaves, J. C. (2003). *Contextuais e Pragmáticos: Os Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Rio de Janeiro, RJ, Recuperado a partir de <http://objdig.ufrj.br/30/teses/JacquelineCChaves.pdf>
- Coelho, S. (2009). Por um feminismo queer: Beatriz Preciado e a pornografia como pré-textos”. *ex aequo*, 20, 29-40, Recuperado a partir de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n20/n20a04.pdf>
- Coira, C. (2011). *El amor no es como nos contaron...ni como lo inventamos*. Buenos Aires: Paidós.
- Coiro, R. (2012). *Só macho beta tem medo de mulher alfa*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2012/09/12/so-macho-beta-tem-medo-de-mulher-alfa/>
- Coiro, R. (2014). *Uma homenagem aos detalhes que te tornam a mulher mais especial do mundo*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2014/03/25/detalhes-tao-imensos-de-nos-dois-uma-cronica-sobre-o-que-importa-a-memoria/>
- Côté, J. E., Bynner, J. M. (2008). Changes in the transition to adulthood in the UK and Canada: The role of structure and agency in emerging adulthood. *Journal of Youth Studies*, 11(3), 251-268, Recuperado a partir de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13676260801946464>
- Daian, D. (2014). *Case-se com uma mulher que...* Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2014/01/23/case-se-com-uma-mulher-que/>
- Debeluck, B., Timm, N. (2015). *Famecos lança estudo sobre conceitos de família*. Portal Eu sou Famecos, PUCRS. [Online]. Recuperado a partir de <http://portal.eusoufamecos.net/famecos-lanca-estudo-sobre-conceitos-de-familia-2/>
- Delalana, J. (2015). *Mulher gosta de cafajeste só que não*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2015/02/17/mulher-gosta-de-cafajeste-so-que-nao/>
- Doravante, J. (2017). *O discurso médico oficial sobre a transexualidade é violento e perverso*. [Instagram]. Recuperado a partir de <https://www.instagram.com/p/BTSTttSlo9s/?hl=pt&taken-by=jonasdoravante>

- Duby, G. (1990). *Idade Média, Idade dos Homens*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Eagleton, T. (1998). *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Editorial. (2012). *Como convencer minha mulher a fazer sexo anal comigo?* Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2012/04/16/como-convencer-minha-mulher-a-fazer-sexo-anal-comigo/>
- Editorial. (2013a). *4 coisas que as mulheres boas de cama fazem diferente*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2014/09/22/4-coisas-que-as-mulheres-boas-de-cama-fazem-diferente/>
- Editorial. (2013b). *10 segredos das mulheres bem-sucedidas no amor – #Parte 1*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2013/04/26/10-segredos-das-mulheres-bem-sucedidas-no-amor-parte1/>
- Editorial. (2015a). *4 motivos para namorar uma mulher mais velha*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2015/07/20/4-motivos-pra-namorar-uma-mulher-mais-velha/>
- Editorial. (2015b). *10 atitudes que deixam qualquer mulher sexy por Adaline Bowman*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2015/05/22/10-atitudes-que-deixam-qualquer-mulher-sexy-por-adaline-bowman/>
- Estés, C. P. (2014). *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade: Juventude e crise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferreira, C.B. C. (2015). Feminismo web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. *Caderno Pagu*. (44), 199-228, Recuperado a partir de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637329/5098>
- Figueira, S.A. (1987). *Uma Nova Família? O Moderno e o Arcaico na Família de Classe Média Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fiol, E.B. Pérez, V. A. F., Buades, M.E.G., Palmer, M.C.R., Tous, M.C.M., Guzmán, C.N., Espinosa, G. T. (2007). Del mito del amor romântico a la violencia contra las mujeres en la pareja. Universidad de les Illes Balears, Recuperado a partir de https://www.researchgate.net/publication/39712224_Del_mito_del_amor_romantico_a_la_violencia_contra_las_mujeres_en_la_pareja
- Foucault, M (2004). *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*. Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- Foucault, M. (2010). *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2016). *A ordem do Discurso – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 dezembro de 1970*. 26 ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, M. (2017). *Historia da Sexualidade – a vontade de saber*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Francesinha. (2013). *Está faltando sacanagem na cabeça das mulheres*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2013/02/14/esta-faltando-sacanagem-na-cabeca-das-mulheres/>
- Freire, R. (1990) *Ame e Dê Vexame*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Giddens, A. (1991). *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP.
- Giddens, A (1992). *As transformações na Intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp.
- Gomes, C., Sorj, B. (2014) Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. *Sociedade e Estado*, 29 (2), maio/ago, Recuperado a partir de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200007
- Grotti, B. (2014). *Não posso ser a mulher da sua vida porque já sou a mulher da minha vida*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2014/05/06/nao-posso-ser-a-mulher-da-sua-vida-porque-ja-sou-da-minha/>
- Haaiga, C. (2014). *Sorte do dia: achar uma "mulher-livro" em meio à tanta "mulher-fruta"*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2014/09/01/sorte-do-dia-achar-uma-mulher-livro-em-meio-a-tanta-mulher-fruta/>
- Hall, S. (2015). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora.
- Henriques, C. R., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2004). A ‘geração canguru’: Algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *PSICO*, 35(2), 195-205, Recuperado a partir de <https://xa.yimg.com/kq/groups/21862168/1253839022/name/gera%C3%A7%C3%A3o+canguru.pdf>
- Hinerasky, D. A. (2012). *O Fenômeno dos Blogs Street – Style: do flâneur ao ‘star’*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Porto Alegre, RS, Recuperado a partir de <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/2176>

- Instituto Avon. (2015). *Violência contra mulher no ambiente universitário*. Data Popular. [Online]. Recuperado a partir de <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/violencia/pesquisa/violencia-contr-a-mulher-no-ambiente-universitario-data-popularinstituto-avon-2015/>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. (2014). *Tolerância Social à Violência contra as Mulheres*. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, Governo Federal, Brasília: DF, Recuperado a partir de http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf
- Instituto Maria da Penha. (2016). *Minha história*. [Online]. Recuperado a partir de <http://www.institutomariadapenha.org.br/2016/index.php/sobre-maria-da-penha/minha-historia>
- Instituto Maria da Penha. (2018). *Relógio da violência*. [Online]. Recuperado a partir de <http://www.relogiosdaviolencia.com.br>
- Jameson, F. (1993). O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: Kaplan, E. Ann (org.). *O Mal-Estar no Pós-Modernismo: Teorias e Práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 24-44.
- Kilomba, G. (2012). *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Unrast: Münster, Alemanha. Recuperado a partir de https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilomba-grada_2010_plantation-memories.pdf
- Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. (2006). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Recuperado a partir de <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2006/lei-11340-7-agosto-2006-545133-normaatualizada-pl.pdf>.
- Lemos, A. (2002). Arte da Vida. Webcams e Diários Pessoais na Internet. *Revista Comunicação e Artes: a cultura das redes*, 305-319. Relógio d'Água, Lisboa. Recuperado a partir de <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/37b5da563c6bc5ec6f2697de38bffd84.pdf>
- Lima, L. C. (1986). *Júbilos e misérias do pequeno eu. Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Lima, R.S., Bueno, S., Martins C., Marques D., Nogueira P. P., Astolfi, R., Tonelli G., Dias U.P., Sobral I., Santos M., Prandi, S., Zanet, A., Langeani B., Cerqueira, D., Lotin, E., Marques, I., Pinheiro, M., Pollachi, N., Hanashiro, O. (2016). *10 Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, São Paulo,

SP. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/10o-anuario-brasileiro-deseguranca-publica/>

Lins, R. N. (2017). *Novas Formas de Amar*. São Paulo: Planeta.

Macedo, A.G. (2006). Pós – feminismo. *Estudos Feministas* 14(3), 13-817, Recuperado a partir de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a13v14n3.pdf>

Macedo, N. (2014). *A mulher que você não quer ser*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2014/07/31/a-mulher-que-voce-nao-quer-ser/>

Macedo, N. (2017). *Aceita que dói menos: mulher assiste pornô sim*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2016/10/31/aceita-que-doi-menos-mulher-assiste-porno-sim/>

Malini, F. (2008). Por uma Genealogia da Blogosfera: considerações históricas (1997-2001). In: GT – Cibercultura e Tecnologias da Comunicação, do *Inovcom, XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. Anais. São Paulo, SP, Recuperado a partir de http://uninomade.net/wp-content/files_mf/110810121131Por%20uma%20genealogia%20da%20blogosfera%20-%20F%C3%A1bio%20Malini%20.pdf

Mancebo, D. (2002). Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso histórico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Conselho Federal de Psicologia, 1, 100-111, Recuperado a partir de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000100011

Mattos, F. (2012). *Porque toda mulher goza primeiramente, pela mente*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2012/04/10/porque-toda-mulher-goza-primeiramente-pela-mente/>

Medeiros, V. (2014). *Seja uma mulher que...* Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2014/02/21/seja-uma-mulher-que/>

Moira, A. (2017, setembro). *Entrevista: Amara Moira*. Entrevista concedida a Milly Lacombe. Trip. Recuperado a partir de <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-amara-moira-doutora-em-literatura-ex-prostituta-travesti-e-bissexual>

Montagnana, L. (2012). *A diferença entre a mulher vulgar e a mulher de atitude*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2012/02/29/a-diferenca-entre-a-mulher-vulgar-e-a-mulher-de-atitude/>

Moreira, I. (2015). *20 relatos da hashtag #meuamigosecreto que precisam ser lidos*. *Revista Galileu*. Recuperado a partir de

<http://revistagalileu.globo.com/blogs/buzz/noticia/2015/11/20-relatos-da-hashtag-meumamigosecreto-que-precisam-ser-lidos.html>

- Morelo, M. (2014). *Eu não quero ser a mulher "para casar"*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2014/10/23/eu-nao-quero-ser-a-mulher-para-casar/>
- Mund, S. (2017, março 29). *Vivemos no pós-feminismo?*. Revista Azmina, Recuperado a partir de <http://azmina.com.br/2017/03/vivemos-no-pos-feminismo/>
- Neri, B. (2012). *Guia Prático do Flerte (para mulheres)*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2012/08/16/guia-pratico-do-flerte-para-mulheres/>
- Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência. (2013). *Perfil do jovem brasileiro*. Eu sou Famecos, PUCRS, Recuperado a partir de http://portal.eusoufamecos.net/wp-content/uploads/2013/11/18-34-NACIONAL_RELATORIO_261113.pdf
- Oliveira, D. (2012a). *Manual (nada) prático para (des) entender as mulheres*. Casal Sem Vergonha. [Weblog].
- Oliveria, D. (2012b). *Onde estão as mulheres de Marte*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2012/08/28/onde-estao-as-mulheres-de-marte/>
- Petillo, A. (2014). *Você vai encontrar uma mulher incrível. E vai perdê-la*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2014/05/23/voce-vai-encontrar-uma-mulher-incrivel-e-vai-perde-la/>
- Pez, T.D.P (2008). Pequena Análise sobre o sujeito em Foucault: a construção de uma ética possível. In: *Anais do VII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas* da Universidade Estadual de Londrina, Uel. Londrina, PR: Brasil, Recuperado a partir de <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/TiarajuDPPEz.pdf>
- Pires, B., Moura, R.M. (2017, agosto 23). Maria do Rosário depõe no STF contra Bolsonaro e o chama 'líder do ódio'. *Estadão*, Política. Recuperado a partir de <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,maria-do-rosario-depoe-no-stf-contrabolsonaro-e-o-chama-lider-do-odio,70001947241>
- Portal Brasil. (2017, Dezembro 22). *Maioria dos domicílios do País têm carro ou moto*". Governo do Brasil. Recuperado a partir de http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2013/10/maioria-dos-domicilios-do-pais-tem-carro-ou-moto?TSPD_101_R0=4fe19f2841b79f6df271ef69249f2078aZg000000000000000003a7188c1ffffm000000000000000000000000000005ae457bd008bdb0618

- Preciado, B. (2004). *Multitudes queer*. *Revista Multitudes*, 12, Recuperado a partir de <http://multitudes.samizdat.net/Multitudes-queer,1465>
- Primo, A. (2008). Blog e seus gêneros: avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa”. In: *XXXI Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação*. Anais. Natal, RN, Recuperado a partir de http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/50_blogs.pdf
- Recuero, R. (2003). Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais. *404nOtFound*, Bahia, v. 1, n. 31, p. 1-15.
- Recuero, R. (2009). *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é Lugar de Fala?* Belo Horizonte: Letramento.
- Rocha, P. J. (2003). Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade. *Revista Famecos*, 22, dez, 73-82, Recuperado a partir de https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUK_Ewilh9Sj-_raAhVCshQKH3mAK4QFggpMAA&url=http%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Frevistafamecos%2Farticle%2Fdownload%2F3237%2F2498&usg=AOvVaw3iIGVWBet0gKiW_tHZQdPZ
- Rocha, B.A. (2014). Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler. *Cadernos Pagu* (43), jul/dez, 507-516, Recuperado a partir de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n43/0104-8333-cpa-43-0507.pdf>
- Rodrigues, C. (2012). Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. *Revista Latinoamericana: Sexualidad, Salud y Sociedad*, 10, 140-164. Recuperado a partir de <http://www.scielo.br/pdf/sess/n10/a07n10.pdf>
- Rodrigues, H. (2012). *O sonho da mulher dos seus sonhos*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2012/08/23/o-sonho-da-mulher-dos-seus-sonhos/>
- Rodrigues, H. (2013). *O Último Romântico – O que as mulheres esperam de um homem*. Casal Sem Vergonha. [Weblog]. Recuperado a partir de <https://www.casalsemvergonha.com.br/2013/03/19/o-ultimo-romantico-o-que-as-mulheres-esperam-de-um-homem/>
- Rose, N. (1998). *Inventing Our Selves: Psychology, Power, and Personhood*. Cambridge University Press.
- Rubin, G. (2007). Thinking Sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: Parker, R.; Aggleton, P. (org.). *Culture, Society and Sexuality: A Reader*. Recuperado a partir de <http://sites.middlebury.edu/sexandsociety/files/2015/01/Rubin-Thinking-Sex.pdf>
- Salih, S. (2012). *Judith Butler e a teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

- Salomé, J. (1995). *Casamento e Solidão*. Petrópolis: Vozes.
- Schittine, D. C. (2004). *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sibilia, P. (2016). *O show do eu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Soares, N. (2017, setembro 7). Em números: A violência contra a mulher brasileira. *Estadão*, Blog Nana Soares. Recuperado a partir de <http://emails.estadao.com.br/blogs/nana-soares/em-numeros-a-violencia-contra-a-mulher-brasileira/>
- Think Olga (2013, setembro 9). *Chega de Fiu Fiu: Resultados da Pesquisa*. Recuperado a partir de <https://thinkolga.com/2013/09/09/chega-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/>
- Think Olga (2015, setembro 4). *O machismo também mora nos detalhes*. Recuperado a partir de <http://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes/>
- Van Dijk (2008). *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto. 2008.
- Vascouto, L. (2017, Janeiro 6). *Por que Representatividade Importa?*. Nó de Oito. [Online]. Recuperado a partir de <http://nodeoito.com/por-que-representatividade-importa/>
- Yela, C. (2003). La otra cara del amor: mitos, paradojas y problemas. *Encuentros en la Psicología Social*, 1(2), 263-267.
- Waiselfisz, J.J. (2015). Mapa da Violência 2015-Homicídio de Mulheres no Brasil. Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres – ONU Mulheres, Brasília, DF, Recuperado a partir de http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf
- Wittig, M. (1992). *The Straight Mind, Feminist Issues*. Boston: Beacon Press.

Videografia:

- Canal das Bee. (2018). [YouTube]. Recuperado a partir de <https://www.youtube.com/user/CanalDasBee>
- Hel Mother. (2018). [YouTube]. Recuperado a partir de https://www.youtube.com/channel/UC8t_vJsGzOERkFdanDKTDh
- Jout Jout Prazer. (2015, 26 fevereiro). *Não tira o batom vermelho*. [YouTube]. Recuperado a partir de <https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg>
- Teixeira, J. M. (2017a). [Aula 01] Arqueologia do Saber/ Michel Foucault (Curso de Extensão FFLCH/USP). LabNAU- USP. Recuperado a partir de <https://www.youtube.com/watch?v=qxPmOJW9AmQ>

Teixeira, J. M. (2017b). [Aula 05 - Parte 01/02] História da Sexualidade / Michel Foucault (Curso de Extensão FFLCH-USP). LabNAU- USP. Recuperado a partir de <https://www.youtube.com/watch?v=O55nhu9YOZY&t=1s>

Teixeira, J. M. (2017c). Aula 06 – Parte 01/02. Problemas de Gênero/ Judith Butler (Curso de Extensão FFLCH-USP) [Arquivo de vídeo]. Recuperado a partir de <https://www.youtube.com/watch?v=nU8AsOM8YyY>

Teixeira, J.M. (2017d). [Aula 06 - Parte 02/02] Problemas de Gênero / Judith Butler (Curso de Extensão FFLCH-USP). LabNAU – USP. Recuperado a partir de <https://www.youtube.com/watch?v=lFqrF0BtKk0&t=85s>

Todo Seu (2018, 6 março). Discurso de Frances McDormand | Oscar 2018. [YouTube]. Recuperado a partir de <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=wh0Sp1stc>

APÊNDICE A – Descrição do *Codebook*

1. Quanto à autoria dos textos – Faz-se necessário, primeiramente, identificar o autor do texto para se perceber se os discursos opressores, ou transgressores, estão presentes no ideário, independente da identidade sexual. A presença do fator normativo é relevante na medida que se pretende levantar informações referentes ao posicionamento do blog: se é inclusivo e garante a participação de todos os gêneros, ampliando seu debate, de forma a abranger o maior número de pessoas interessadas nessa temática. Esse item basicamente é respondido conforme a assinatura nos finais dos textos. A denominação “editorial” pode ser atribuída quando um texto é assinado pelos donos do blog que se autointitulam “Casal sem Vergonha”, e normalmente o texto apresenta notas de tom masculino e feminino; ou o conteúdo não leva nenhuma assinatura, e por isso é atribuído ao editorial do blog. Esse item específico é relevante na medida em que se consegue averiguar qual é o posicionamento do blog em geral, pois é quando os textos falam em nome do próprio blog.

- editorial

- mulher cisgênero

- mulher transgênero

- homem cisgênero

- homem transgênero

- gênero não binário

2. Orientação sexual do autor, quando exposta no texto – Esse item se faz necessário ao corroborar com a ideia presente no primeiro item, de que um blog ao se situar no ambiente das redes de internet deve garantir um espaço livre, e sem preconceitos, para a circulação de discursos e ideias. Para isso se faz necessário que as questões de gênero sejam consideradas desde seu editorial. Ao pontuar a orientação sexual dos autores, identifica-se também se os textos são direcionados somente aos relacionamentos amorosos heterossexuais e normativos, e por isso acaba por excluir do debate outras formas de amar e se relacionar, e dessa forma privam outros públicos dessa possibilidade de debate. O item “indiferente” se refere a discursos que independem da orientação do autor pois abordam problemáticas gerais, e ao longo do texto não foi exposto nenhum fator que indique qualquer orientação sexual pessoal. Este item é classificado independentemente de o autor ter se posicionado quanto a sua orientação sexual em outro texto assinado pelo mesmo. O item “outra” foi

adicionado caso fosse identificada outra orientação sexual desconhecida pela pesquisadora, mas que não deveria deixar de ser classificada adequadamente segundo sua particularidade.

- **homossexual**
- **heterossexual**
- **bissexual**
- **não identificada**
- **indiferente**
- **outra**

3. Tom do texto – Refere-se à voz do texto, independente do sexo, ou da orientação sexual, pois o discurso pode assumir uma variante única e particular, às vezes se aproximando do ser autor, e por vezes se afastando dos padrões que o rodeiam enquanto sua constituição como indivíduo. A determinação do tom neste momento não interfere que o texto apresente notas referentes a outros padrões que diferem do tom determinado. Dentro da temática escolhida dos relacionamentos amorosos, o tom “conservador” faz referência a ideias que aprisionam o indivíduo às estruturas da sociedade, baseando sua lógica conforme esses lugares estruturais também se enredam. É o caso de ideias baseadas nas concepções da igreja, casamento e constituição da família (pares determinantes), educação tradicional, e na própria lei, que de certa forma limitam a liberdade do indivíduo, posicionando-o perante a essas estruturas. O fator “crítico” se refere aos textos em que as ideias se posicionam contra uma ordem imposta, ou dominante. Pode ser referente às leis instituídas, ou contra conceitos e comportamentos engendrados na sociedade, como da mulher submissa ao homem, ou opostamente, da mulher sem valor. “Neutro” é aquele texto que não traz traços declarados quanto a sua posição perante a temática abordada, e por isso não pode ser classificado em outro item. A característica liberal deve ser atribuída para aqueles textos que divagam abertamente sobre um determinado assunto, transgredindo as normas convencionais e dos discursos que normalmente circulam na mídia. O tom “liberal” se difere do tom “crítico” no instante que não traz nenhum argumento contestador, mas sim uma supressão do discurso convencional. O tom “machista” pode ser notado conforme a posição que o autor tome perante o assunto tratado tomando partido de opiniões que desrespeitam a igualdade de gêneros, e a garantia de direitos civis. O machismo também pode ser notado em padrões que indiquem superioridade do sexo masculino, subordinação do sexo feminino, culpabilização da mulher, ou discursos que queiram provar alguma disparidade conforme argumentos

baseados no determinismo biológico. Esses indícios são pensados conforme a literatura eleita para este estudo. Outro indício que foi identificado nos textos é que autores homens assumem a voz feminina no texto, falando em nome de uma mulher, e se assente que esse autor tira um espaço, e uma discussão, que é de direito da mulher responder ela própria por seus sentimentos e escolhas. Entende-se que esse autor também foi machista, independentemente do teor do texto apresentado. E, por último, o tom “feminista” somente é atribuído para aqueles textos que assumam declaradamente essa posição, ou que tragam uma crítica a um assunto referente à garantia da igualdade entre gêneros.

- **conservador**

- **crítico**

- **neutro**

- **liberal**

- **machista**

- **feminista**

4. Presença de estereótipo de mulher – Entende-se que um estereótipo é de certa forma prejudicial a um discurso conforme engessa o indivíduo perante uma determinação pré-imposta pelo outro, ou por um discurso que é alheio a ele, influenciando de alguma forma na construção da subjetividade. Referente à pergunta de investigação colocada, os estereótipos a serem identificados são referentes à representação da mulher nos textos, e que corroborem de alguma forma com um imaginário que prejudica e interfere na liberdade individual da mulher. Esse item pode fazer alusão direta a um estereótipo, bem como indicar por meio de argumentos um “tipo de mulher” a que se referem, a fim de defender determinada ideia. O estereótipo também pode ser apresentado em tom de ironia, ou crítica, e nesse caso é na mesma classificado conforme sua nomeação, pois em uma segunda etapa irá se verificar as estruturas textuais a que se integram.

- **mulher chata** – não correspondem com uma norma tida como agradável, ou aceitável.

- **mulher culta/inteligente** – praticamente apresentada como aquela que lê, mas também aparece como aquela que acessa e consome cultura.

- **de atitude** – à primeira vista pode parecer algo positivo significar a mulher como um indivíduo “de atitude”, mas o que é verificado é que são raras as vezes que esse fator é atribuído como algo natural para as mulheres. Comumente foi mais observado como um ideal feminino, algo a ser conquistado e, adquirindo-se confere certa superioridade desta

perante às outras. Ou seja, percebe-se padrões que causam disparidades, ao passo que ditam de certa forma um comportamento visto como preferível para o alcance de certo objetivo – no caso um relacionamento amoroso.

- **difícil de ser conquistada** – a mulher difícil de ser conquistada é aquela ligada aos conceitos românticos, próprios dos contos de fada. O relato do relacionamento romântico é apresentado sob dificuldades tornando o objetivo, ou seja, a mulher, mais instigante e desafiador. Esse estereótipo foi mais observado no discurso masculino do que no feminino, por isso se trata de uma representação própria do imaginário dos homens.

- **mulher experiente/sabe-tudo/provedora de conhecimento** – essa mulher foi notada basicamente como aquela com experiência de vida. Diferente da mulher inteligente, que é uma característica ligada ao conhecimento, esse estereótipo é conferido aquela que de alguma forma contribuiu com sua experiência, e conhecimento, para a história de vida do parceiro. Também foi observada que é a que tem papel participativo na resolução de problemas do mesmo, ou simplesmente a mulher mais velha -que devido a sua idade invariavelmente apresenta maior conhecimento perante às mulheres mais novas.

- **mulher frágil** – nesse item foram compiladas algumas referências que denotam uma certa inferioridade, ou fragilidade, da mulher perante a sociedade, que podem ser expressas por atribuição de determinadas características emocionais, ou físicas.

- **mulher idealizada/endeusada** – esses extratos de textos constroem a imagem de uma mulher excepcional, mas muito distante de uma realidade factível. É formada no imaginário masculino, e agregam em uma única pessoa múltiplas características distintas, tornando-as pouco prováveis. Esse estereótipo é prejudicial a maneira que distancia a realidade das mulheres da ambição masculina, o que pode provocar certa angústia e sensação de impotência por não poder ser aquilo que é suposto ser.

- **mulher independente (financeiramente/sentimentalmente)** – apesar de parecer positivo, e é em certos casos, o fator de independência da mulher também pode estar ligado a uma falta de responsabilidade afetiva do parceiro para com ela. Esse índice está dividido em sentimentalmente e financeiramente. No segundo caso muitos trechos denotam certo aproveitamento do parceiro desta situação, e não uma referência a uma história de vida pessoal de sucesso. Um estereótipo resultante também desse fator é o da mulher bem-empregada.

- **insegura** – uma representação invariavelmente mal conotada. Diferente da frágil, a “mulher insegura” é vista como uma situação causada por culpa da própria mulher. Outro

estereótipo codificado nesse mesmo índice, é o da mulher ciumenta.

- **interesseira/ oportunista** – fator atribuído a um determinado comportamento perante o homem, seja por um suposto interesse em sua condição financeira, ou em um relacionamento amoroso que antecede o casamento.

- **liberal** – estereótipo que variavelmente foi ligado a mulher que transgrede os discursos obedientes às normas. O fator liberal também é denotado conforme o indivíduo se posiciona perante a sua sexualidade.

- **masculinizada** – apresenta gostos e características referentes a padrões normativamente aferidos a um homem, como gostar de esporte ou videogames. Se nota quando o autor quer conceder certa superioridade da mulher retratada ou, em oposição, quando querem depreciar uma mulher por ela ser menos feminina, ou ainda masculina como sinônimo de musculosa.

- **não há estereótipo** – trata-se de um texto que não atribuiu nomeadamente nenhum estereótipo para a representação da mulher, mas apresenta um discurso dirigido às mulheres, e por isso interfere também na construção da subjetividade.

- **outro** – foi classificado como “outro” qualquer estereótipo que não faça alusão a nenhum outro listado, mas signifique importância, e precisa ser classificado adequadamente. Foram identificados estereótipos como o da “mulher mal-comida” (mal-humorada); mulher insossa; mulher materna; mulher tímida; e também da “mulherzinha”/“mulherão”.

- **promíscua** – percebida comumente em uma crítica a um comportamento, ou como xingamento. Outros estereótipos como da “mulher cafajeste”, ou da “mulher que não vale a pena” são ligados ao fator da promiscuidade. Facilmente também associado à mulher que trabalha na prostituição, vulgar, ou que extrapola o que é percebido como aceitável para uma mulher “de atitude”. Possui conotação negativa ao passo que interfere na liberdade individual da mulher.

- **romantizada** – quando a representação da mulher é vinculada aos conceitos do amor romântico, como a espera por um parceiro perfeito e, pelo casamento. A ideia da mulher perfeita para casar traduz o conceito da mulher romantizada.

- **segura** – estereótipo muito próximo do “de atitude” ao passo que a segurança é algo natural a mulher, enquanto “de atitude” é algo situacional. “Segura” é um fator resultante de determinado posicionamento que a mulher assume, e lhe confere mais ou menos confiabilidade perante uma situação. Muito provável que essa classificação seja percebida em contextos positivos da representação da mulher.

- **sem comprometimento com a aparência/não vaidosa** – é basicamente atribuído à mulher

não vaidosa, ou sem apegos à beleza. Nos extratos observados, esse estereótipo denota uma certa superioridade das mulheres assim representadas, pois a beleza e a vaidade foram percebidas como fatores de futilidade, ou supérfluos. Apesar de aparentar uma certa independência da mulher aos padrões de beleza, pode ao mesmo tempo condenar aquela que percebe a vaidade como parte elementar e integrante de sua personalidade.

- **sexy** – esse fator é atribuído nomeadamente nos textos, e por isso é claramente percebido. A escolha por identificar a mulher sexy, e não a bonita, é enquanto a beleza é ligada a um fator determinado (a própria composição do ser), o estereótipo da mulher sexy é algo que varia conforme o comportamento que essa assume em determinadas situações. Muitas vezes ligado a um determinado comportamento sexual, mas também ao social, e por isso algo que pode ser conquistado, conferindo uma responsabilidade à mulher. Um outro estereótipo classificado juntamente é o da mulher charmosa, que apesar de não carregar o fator da sexualidade como na “mulher sexy”, também faz referência a normas de comportamento.

- **vaidosa** – aquela que demonstra se preocupar com a aparência física, e com cuidados pessoais.

5. Presença de imperativos pós-modernos – faz-se necessário identificar que imperativos pós-modernos são encontrados nos discursos dos textos, pois essa identificação nos habilita a perceber em que ponto os discursos estão bem situados temporalmente, e por isso, levantam debates atuais referentes às demandas dos indivíduos – quanto aos comportamentos, padrões e ideias. Para isso foram observadas a presença dos principais imperativos da pós modernidade: liberdade individual, pluralidade, flexibilidade e imediatismo.

- **ausência de planos a longo prazo**

- **indivíduo com múltiplas identidades/plural**

- **primazia do indivíduo**

- **realização de objetivos próprios sem considerar os d@ parceir@**

- **relacionamento descartável**

6. Se há presença de relatos de um relacionamento, com qual teor é abordado – A presença de pares é o primeiro indício de um relato sobre relacionamentos amorosos. São apresentados em formatos imaginários e idealizados, ou como relatos da realidade. Este item pontua a maneira como o relacionamento amoroso é descrito, e colocado no texto, por isso

crucial a medida que se pode entender quais são os padrões e formatos de namoros construídos na contemporaneidade.

- **abusivo** – apresenta padrões de abusos morais e psicológicos, em que o par se sinta inferiorizado, ou coagido.
- **normal** – aborda relatos do cotidiano, e problemáticas comuns a qualquer casal, como a própria vida sexual. Apresenta demandas razoáveis com um relacionamento, como defeitos e incompatibilidades.
- **perfeito** – é aquele não que não propriamente acontece, ou aconteceu, mas é presente no imaginário, e por isso atende a todas as demandas particulares. Provavelmente se situa na fase da paixão, e por isso traz muitos traços de idealização, e se mostra correspondido - em que a pessoa amada é perfeita, está disposta a ser, ou abdica de certa particularidade para corresponder com o par.
- **sem compromisso** – referência ao relacionamento casual, em que não se nota especial dedicação, ou até mesmo padrões de monogamia. No Brasil conhecido como o “ficar”, ou o “rolo”.
- **violento** – apresenta relatos de agressão física.

7. Presença da ideia de amor romântico – as ideias relacionadas aos conceitos de amor romântico são facilmente notadas nos produtos de mídia e entretenimento, e por isso perpetuam no imaginário dos indivíduos, e consequentemente nas suas concepções de mundo. Sendo o blog um meio de comunicação, inserido nessa ordem, faz-se necessário a identificação desses conceitos românticos em seu discurso. O propósito é perceber como são introduzidos, e se articulam os ideais românticos, pós-modernos e de padrões abusivos.

- **copresença de amor romântico e conceitos pós-modernos (valorização da liberdade, pluralidade, flexibilidade)** – afim de se entender em que momentos o discursos posiciona o indivíduo como pós-moderno, mas as demandas e ideias são do amor romântico.
- **confusão do conceito de paixão com o de amor** – quando sentimentos próprios do início dos relacionamento, ou seja, a fase da paixão, são referidos como primordiais para um relacionamento excelente.
- **homem conquistador** – o mais clássico do romantismo é o conceito de um homem muito sedutor e gentil, que vislumbra uma mulher, e é capaz de conquistá-la independentemente de seus interesses pessoais.
- **homem provedor** – este estereótipo é resultante da ideia de que um homem deve oferecer

a mulher tudo o que lhe é necessário: pode ir desde carinho afetivo, condição financeira, status social, a satisfação sexual.

- **mulher perfeita/superidealizada** – concentra todas as características que correspondem com a instituição do casamento. Muito ligada a docilidade, a beleza, e a fantasia.

- **não há relatos de relacionamento romantizado**

- **par perfeito** – é o conceito que guia a maioria das narrativas românticas. Uma narrativa que dá a entender que há um par perfeito que concentre a maioria das características esperadas, e sonhadas, em um único indivíduo.

- **romance espetacularizado** – relatos de relacionamentos amorosos ligados a narrativas fantasiosas, que demandam muito esforço, mas possivelmente encontram o final feliz.

- **romance vence tudo** – variante do item anterior, é relacionado a supressão de barreiras e a um final junto do parceiro, ou de uma possível conquista do objeto de desejo.

8. Quais pistas indicam relacionamento abusivo – no Brasil, universo em que o estudo se situa, segundo a Lei Maria da Penha – em vigor desde 2006 – “é considerado crime contra a mulher a violência psicológica, moral, sexual, patrimonial ou física”. Em 2017, a Secretaria de Políticas para as Mulheres lançou a campanha #nãoéamorquando contra relacionamentos abusivos, e que enumera uma série de sintomas que podem indicar que a pessoa esteja em uma relação violenta, sem perceber. A partir dos apontamentos da campanha, faz-se uma tradução para enunciados que poderiam conter os mesmos padrões.

- **alusão a uma receita de vida ideal**

-> vida a dois

-> liberdade individual

- **criar oposição entre mulheres**

- **culpabilização da mulher**

- **desdenho às questões particulares do indivíduo**

-> modo de ser

-> opiniões

-> vontades

- **ditar normas quanto ao comportamento**

- **generalização das características das mulheres**

- **interferência/comentários sobre a liberdade do indivíduo**

-> corpo

- > estilo de vida/gastos financeiros
- > sensibilidade feminina
- > sexualidade
- > vestuário
- **mulher mudar algo para conquistar o homem**
- **objetificação da mulher**
- **valorização da beleza da mulher**
- > desvalorização do plano de vida
- > referência a determinado padrão
- **xingar uma mulher**

9. Relações sexuais e prazer: O blog nasceu com o intuito de desmistificar o discurso referente às relações sexuais, e por isso se propõe a publicar textos que tratem dos tabus dessa temática. Como a relação sexual é presente no cotidiano de um relacionamento amoroso, faz-se necessário entender de que maneira as construções textuais abordam, e exploram, a liberdade sexual dos indivíduos.

- **autorresponsável pelo prazer** – o indivíduo é responsável por proporcionar seu próprio prazer, e em muitos casos é colocado como responsável pelo prazer do casal.
- **normalização do não gozar** – o orgasmo é visto como fator de satisfação, ou sucesso em uma relação sexual. No entanto, há enunciados que sugerem que isso não é usual, desejado ou necessário.
- **posição liberal** – discurso respeitoso em relação as particularidades sexuais dos indivíduos, e que promove satisfação sexual tanto de mulheres, como de homens.
- **posição liberal em detrimento do prazer masculino** – a construção do discurso mostra que a posição liberal em relação as relações íntimas só é permitida enquanto o resultado final for proporcionalmente maior satisfação masculina.
- **prazer solitário** – referência a maior satisfação sexual pessoal por meio da masturbação.
- **valorização prazer a dois** – o enunciado faz referência expressa a relações sexuais somente com o parceiro, o que exclui outras formas de prazer, como a masturbação, relações poli amorosas, relações com parceiros do mesmo sexo, e etc.
- **valorização do sexo casual** – demonstram apreciar a relação sexual, mas não necessariamente indicam compromisso com o parceiro.

10. Conclusão do texto – A conclusão do texto se faz importante na medida em que é o trecho com o qual é possível se perceber a intenção, e posição do autor, e de que forma a argumentação construída até então é coerente com a conclusão proposta. Também se pretende averiguar se esse trecho de alegações finais é positivo para um enriquecimento do debate social como um todo.

- **conformista** – não apresenta qualquer transgressão da norma, ou desfecho inesperado.
- **conquista** – referente a uma narrativa em que o final seja a conquista da pessoa apresentada como par na narrativa.
- **final feliz** – faz referência aos contos que invariavelmente terminam com o casal da história unidos.
- **perda** – não mostra união do casal idealizado, ou perda do objeto desejado.
- **revolta** – um sentido de revolta pode ser atribuído ao final de um texto crítico, ou a um sinal de que a história narrada não teve o desfecho esperado.
- **sonhador** – narrativa voltada para uma situação hipotética, e por isso o final do texto pode ser feliz, mas não traz algo de concreto realizado. Carrega um tom romântico.
- **conformista** – expõe uma situação no texto, e o final não apresenta um desfecho concreto que faça referência a uma situação nova, ou feliz.
- **transgressor** – expõe uma situação, e o final propõe uma transgressão da ordem comum ou geral.

APÊNDICE B – Quadro Geral de Catalogação dos Textos

	titulo	autor	data	curtidas	coluna
1	4 pensamentos das mulheres que gozam	Nathalie Macedo	28.06.2017	2.000	sexo
2	Aceita que dói menos	Nathalie Macedo	31.10.2017	13.000	sexo
3	O que uma mulher tão culta busca no Tinder	Nathalie Macedo	23.03.2016	16.000	sexo
4	O tipo de mulher que te faz viajar	João Marcos Luciano	22.07.2015	3.100	amor
5	4 motivos para namorar uma mulher mais velha	editoria	20.07.2015	5.800	listas/rapidinha
6	Não queira me lembrar que sou mulher	Nathalie Macedo	13.07.2015	4.500	atitude
7	10 atitudes que deixam qualquer mulher sexy por Adaline Bowman	Editora	22.05.2015	3.200	Listas
8	Tenho medo de não ser a mulher certa para ele. E agora?	editoria/ leitor	20.03.2015	1.200	sexo
9	O que a mulher mais velha tem	Daniel Bovolento	11.03.2015	15.000	atitude
10	Mulher gosta de cafajeste - só que não	Jéssica Delalana	17.02.2015	24.000	Atitude
11	4 atitudes masculinas que as mulheres acham sexy	Editoria	04.12.2015	8.600	sexo/rapidinhas
12	Sobre mulheres que ligam no dia seguinte	Nathalie Macedo	06.01.2015	15.000	atitude
13	O que aconteceria se ele trocasse todas as mulheres por apenas uma	Celio Heitor Sordi	04.12.2014	32.000	Amor
14	O que as mulheres acham dos homens românticos	Vitor Vilas Bôas	25.11.2014	4.600	Atitude
15	O que ter mais livros do que sapatos quer dizer sobre uma mulher	Nathalie Macedo	11.11.2014	9.700	Atitude
16	Eu não quero ser a mulher "para casar"	Michelle Morelo	23.10.2014	35.000	Atitude
17	Amizade verdadeira entre homem e mulher existe?	Editoria/divulgacao	01.10.2014	2.400	aitutde
18	4 Coisas que as mulheres boas de cama fazem diferente	Editoria	22.09.2014	18.000	sexo/rapidinhas
19	Nem Românticos nem Cafajestes: fragmentos do que as mulheres querem de verdade	Nathalie Macedo	02.09.2014	12.000	Amor
20	Sorte do dia: achar uma "mulher-livro" em meio à tanta "mulher-fruta"	Corina Haaiga	01.09.2014	41.000	Amor
21	A mulher que você não quer ser	Nathalie Macedo	31.07.2014	2.600	Atitude
22	Você vai encontrar uma mulher incrível. E vai perdê-la	Alexandre Petillo	23.05.2014	137.000	Amor
23	Carta aberta para a mulher para a qual eu nunca liguei de volta	Daniel Oliveira	21.05.2014	7.200	Amor
24	Minha mulher tem vários orgasmos no sexo, mas nunca ejaculou. É normal?	editoria/ leitor	16.05.2014	1.700	Sexo
25	Mulher que é mulher tem celulite, homen que é homem não repara	Lucas Baranyi	15.05.2014	28.000	Sexo
26	Não posso ser a mulher da sua vida, porque já sou da minha	Bruna Grotti	06.05.2014	34.000	Amor
27	Porque a indústria pornográfica pensa que nós, mulheres, não existimos?	Nathalie Macedo	11.04.2014	1.600	Sexo
28	Uma homenagem aos detalhes que te tornam a mulher mais especial do mundo	Ricardo Coiro	25.03.2014	18.000	Amor
29	Namore uma mulher que...	Lucas Baranyi	19.03.2014	1.400	amor
30	53 maiores fantasias sexuais das mulheres	Editoria	27.02.2014	12.000	Sexo
31	Seja uma mulher que...	Vana Medeiros	21.02.2014	13.000	Atitude
32	Casa-se com uma mulher que...	Danielle Daian	23.01.2014	80.000	Amor
33	Rapidinha: 4 coisas que as mulheres boas de cama fazem diferente	Editoria	25.11.2013	18.000	Sexo/ Rapidinhas
34	Por um mundo com homens que chorem e mulheres que joguem futebol	Bruna Grotti	22.11.2013	7.100	Atitude
35	Namore uma mulher que sorria	Ique Carvalho	21.11.2013	41.000	Amor
36	Vítimas de machismo: quantas mulheres ainda precisam morrer?	Lais Montagnana	18.11.2013	4.000	Sexo
37	Por um mundo com mais mulheres de calcinha e camiseta do namorado	Lucas Baranyi	06.11.2013	10.000	Sexo
38	40 coisas que deixam as mulheres sexy	Editoria	10.10.2013	19.000	Listas
39	Breve lapso das coisas de que as mulheres gostam	Ricardo Coiro	18.10.2013	1.400	Atitude
40	A verdade por trás do "mulher gosta mesmo é de dinheiro"	Denise Molinaro	12.09.2013	5.400	Atitude
41	O segredo das relações felizes está em aceitar o homem e a mulher que existem dentro de nós	Casal Sem Vergonha	10.09.2013	7.400	Atitude
42	No escuro do nosso quarto - porque nada é mais encantador do que uma mulher dormindo	Lucas Baranyi	04.09.2013	1.600	Amor
43	Os 10 passos para recuperação de um pe na bunda (para mulheres)	Raquel Ernesto	25.07.2013	617	Listas
44	Vadias, Cachorras, Vagabundas - Desmerecer as mulheres prova que você tem medo delas	Bruna Grotti	15.07.2013	8.900	Atitude
45	Quero ver minha namorada com outra mulher, mas não encontro uma disposta. O que faço?	Editoria	05.07.2013	546	Sexo
46	Tempos de Retrocesso - nova lei sobre aborto quer que você, mulher, se foda	Casal Sem Vergonha	06.06.2013	8.000	Atitude
47	Quando você sabe que a mulher da sua vida chegou	Cleyton Carlos Torres	16.05.2013	14.000	Amor
48	10 segredos da mulher boa de cama	Casal Sem Vergonha	08.05.2013	26.000	Atitude
49	Mais 10 segredos das mulheres bem-sucedidas no amor - #parte2	Casal Sem Vergonha	29.04.2013	1.000	atitude
50	10 segredos das mulheres bem-sucedidas no amor - #parte1	Casal Sem Vergonha	26.04.2013	10.000	atitude
51	10 segredos das mulheres bem-sucedidas no sexo	Casal sem Vergonha	03.05.2013	770	atitude
52	Manifesto pelo direito da mulher a um sexo casual sem neurose	Juliana Santos	17.04.2013	5.400	sexo
53	O Último Romântico - o que as mulheres esperam de um homem	Hugo Rodrigues	19.03.2013	21.000	atitude
54	Sobre mulheres que sabem levar um fora	Lais Montagnana	05.03.2013	885	atitude
55	Está faltando sacanagem na cabeça das mulheres	Fracesinha	14.02.2013	985	sexo
56	Mulheres falam, homens punham - as 5 reais motivações da masturbação masculina	Frederico Mattos	13.12.2012	623	sexo
57	Mulher Cafajeste Detected	Vana Medeiros	12.12.2012	3.800	atitude
58	Sobre o ritual masculino de secar as mulheres nas ruas	Daniel Oliveira	03.12.2012	3.200	atitude
59	O que é a tal "pegada" que as mulheres tanto procuram	Editoria	19.11.2012	3.400	sexo
60	Me apaixonei por uma mulher 22 anos mais velha. Tem problema?	Casal sem Vergonha	29.10.2012	637	sexo
61	Cinquenta tons de cinza - pornô para mulheres, manual de instrução para homens	Vana Medeiros	01.10.2012	3.600	sexo
62	Só macho beta tem medo de mulher alfa	Ricardo Coiro	12.09.2012	49.000	atitude
63	Não existe mais mulher que preste no mundo	Casal Sem Vergonha	11.09.2012	10.000	atitude
64	Mulheres com filhos - o terror das sogras dos comerciais de margarina	Angela Zatta	30.08.2012	2.000	amor
65	Onde estão as mulheres de Marte	Daniel Oliveira	28.08.2012	1.500	atitude
66	O sonho da mulher dos seus sonhos	Hugo Rodrigues	23.08.2012	26.000	amor
67	Eu não quero ser a mulher da sua vida	Daniel Oliveira	21.08.2012	9.700	Atitude
68	Guia prático do Flerte (para mulheres)	Bel Neri	16.08.2012	1.400	atitude
69	Como fazer sua mulher pedir sexo anal	Editoria	24.07.2012	9.100	sexo
70	Homenagem as mulheres de cabelos cacheados e peitinhos deliciosamente caídos	Casal Sem Vergonha	04.07.2012	28.000	atitude
71	Papo Calcinha - o que as mulheres conversam numa mesa de bar	Bruna Grotti	13.06.2012	6.700	atitude
72	Manual (nada) prático para (des) entender as mulheres	Daniel Oliveira	25.05.2012	3.400	atitude
73	Recado sincero de uma mulher que só quer sexo e nada mais	Hugo Rodrigues	24.05.2012	15.000	sexo
74	Mulher esperta é aquela que sabe sentir prazer sozinha	Lais Montagnana	09.05.2012	624	sexo
75	Mulheres são mais maduras que os homens - você também acreditava nisso?	Frederico Mattos	08.05.2012	614	atitude
76	A mulher dos meus sonhos não existe, ainda bem	Ricardo Coiro	23.04.2012	1.200	atitude
77	Como reconhecer uma mulher sexy	Daniel Oliveira	11.04.2012	18.000	sexo
78	Como convencer minha mulher a fazer sexo anal comigo?	editoria/ leitor	16.04.2012	728	sexo
79	Porque toda mulher goza primeiramente pela mente	Frederico Mattos	10.04.2012	100.000	sexo
80	A diferença entre a mulher vulgar e a mulher de atitude	Lais Montagnana	29.02.2012	5.200	atitude
81	10 coisas que aprendi sobre as mulheres	Editoria	27.12.2011	1.800	sexo
82	46 Coisas que as mulheres nem imaginam que achamos sexy	Editoria	01.07.2011	22.000	sexo
83	Mulherzinhas e Mulherão: uma nova definição	Editoria	17.05.2011	21.000	atitude
84	Para não dar fora: 15 coisas que as mulheres detestam no sexo	Editoria	06.04.2011	1.300	sexo

APÊNDICE C – Lista de Principais Autores

- Casal sem Vergonha: “Um casal de verdade que, inconformado com a hipocrisia com a qual sexo e amor eram discutidos, resolveu falar do tema sem tabus nem preconceitos, como você falaria com seu amigo numa mesa de bar.”

- Bruna Grotti: “Jornalista, cantora e apaixonada. Pela vida, por sexo, por você. Uma paulista emotiva, sem vergonha, sem papas na língua e que poderia estar matando, roubando ou extorquindo, mas apenas come morangos sensualmente e twitta.”

- Daniel Oliveira: “‘Jornalista de comportamento’ em mesa de bar, publicitário carioca botafoguense por amor e canalha romântico. Não presta e não deve ser levado a sério. Joga tempo fora filosofando sobre nada no @danielbovolento. Apesar disso tudo, escreve sobre relacionamentos no <http://entretodasascoisas.com.br/>”

- Frederico Mattos: “Sonhador nato, psicólogo provocador, escritor de um não-best-seller e projeto de empresário. Adora contar e ouvir histórias de vida. Nas demais horas medita, dança *dabke*, lava pratos e escreve no blog Sobre a Vida. No twitter é @fredmattos.”

- Hugo Rodrigues: “Sou publicitário, fã da Zooey Deschanel e do Capitão Planeta. Romântico do novo século, que odeia presentear com flores, mas adora fazer surpresas sexuais para a parceira. Tenho TOC de colocar a mulher no canto da calçada e de não a deixar carregar peso. Escreve meus casos ilusórios no www.hrodrigues.tumblr.com e no @hugo_rodrigues.”

- Laís Montagnana: “É jornalista, drama *queen* assumida e entusiasta do sex *drugs and rock n’roll*. Também é blogueira cigana, e seus últimos delírios encontram-se disponíveis em www.deliriosemcomprimidos.com. Gosta de se perder no clima de seus filmes favoritos e nos solos de uma guitarra. No twitter deságua canções, frustrações entre outras coisas em @l Montag.”

- Lucas Baranyi: Jornalista, boêmio e louco. Acredita que nada substitui uma boa cachaça, uma longa conversa com amigos ou uma grande paixão. De preferência, consome as três coisas ao mesmo tempo – sem fazer cara feia nem tapar o nariz. Eternamente encantado por cinema, música e garotas que fazem caretas em fotos.”

- Natalie Macedo: “Escritora, feminista, mestrandia em cultura, atriz e roteirista de teatro e cantora de blues. Escreve para não surtar”.

- Ricardo Coiro: Publicitário, devorador de temakis, poeta de bar e campeão brasileiro de matrículas malsucedidas na academia. Suspeita que o amor move montanhas, mas tem certeza absoluta que um bom boquete matinal é capaz de mover o mundo. Acredita que é possível ser romântico sem perder a pegada e sim, assume que um dia aceitou ser chamado de Chuchu e que perdeu uma lágrima quando o cão Marley morreu. Autor do livro “Confissões de um Cafamântico”.

- Vana Medeiros: “Jornalista paulistana de 25 anos, é editora de um site sobre séries de TV e amante de todos os tipos de ficção, com destaque para aqueles que vêm em capítulos, mas sem esquecer do palco, paixão antiga. É uma gordinha orgulhosa e completamente apaixonada pelo gordo dela, e pelo trabalho de fotografar o mundo sem precisar de imagens para isso. Se ser feminista é acreditar que mulheres são donas do próprio corpo e da própria cabeça, é feminista pra caralho. Atende reclamações no @vanamedeiros.”

APÊNDICE D – Quadros de Cruzamentos de dados

APÊNDICE D.1 - Quanto à autoria dos textos x Orientação sexual do autor, quando exposta no texto

	bissexual	heterossexual	homossexual	indiferente	não identificada	outra
editorial	0	27	0	1	1	0
gênero não binário	0	0	0	0	0	0
homem cisgênero	0	35	0	1	0	0
homem transgênero	0	0	0	0	0	0
mulher cisgênero	0	27	0	9	0	0
mulher transgênero	0	0	0	0	0	0

APÊNDICE D.2 - Quanto à autoria dos textos x Tom do texto

	conservador	crítico	feminista	liberal	machista	neutro
editorial	0	2	0	14	12	11
homem cisgênero	0	1	0	4	18	14
mulher cisgênero	0	8	14	10	4	5

APÊNDICE D.3 - Quanto à autoria dos textos x Presença de estereótipo de mulher

	editorial	homem cisgênero	mulher cisgênero
chata	4	4	6
culta/ inteligente	4	0	9
de atitude	24	9	18
difícil de ser conquistada	4	6	1
experiente/ sabe tudo/ provedora de conhecimento	13	13	3
frágil	7	15	6
idealizada/endeuzada	15	54	11
independente	5	3	14
> financeiramente	6	0	2
> sentimentalmente	13	13	31
insegura	19	15	8
interesseira/ oportunista	2	0	9
liberal	1	0	3
> liberal sexualmente	73	4	19
masculinizada	1	1	10
não há estereótipo	10	6	5
outro	14	4	16
promísua	2	0	15
romantizada	9	17	19
segura	19	12	15
sem comprometimento com aparência/ não vaidosa	26	4	2
sexy	41	9	3
vaidosa	1	1	2

APÊNDICE D.4 - Quanto à autoria dos textos x Presença de imperativos pós-modernos

	editorial	homem cisgênero	mulher cisgênero
ausência de planos a longo prazo	35	70	45
indivíduos com múltiplas identidades/ plural	16	20	32
primazia do indivíduo	73	43	77
realização de objetivos próprios sem considerar os d@ parceir@	55	40	13
relacionamento descartável	17	21	30

APÊNDICE D.5 - Quanto à autoria dos textos x Se há presença de relatos de um relacionamento, com qual teor é abordado

	editorial	homem cisgênero	mulher cisgênero
abusivo	27	37	28
normal	45	25	33
perfeito	8	51	27
sem compromisso	23	22	38
violento	0	0	1

APÊNDICE D.6 - Quanto à autoria dos textos x Presença da ideia de amor romântico

	editorial	homem cisgênero	mulher cisgênero
co-presença de conceitos românticos e pós modernos	53	39	35
confusão do conceito de paixão com o de amor	9	44	13
homem conquistador	13	26	15
homem provedor	20	23	6
mulher perfeito/ idealizada	18	36	16
não há relato de relacionamento romantizado	16	7	32
par perfeito	10	38	39
romance espetacularizado	0	27	10
romance que vence tudo	5	21	21

APÊNDICE D.7 - Quanto à autoria dos textos x Quais pistas indicam relacionamento abusivo

	editorial	homem cisgênero	mulher cisgênero
alusão a uma receita de vida ideal	6	1	0
liberdade individual	3	25	4
vida a dois	29	28	27
criar oposição entre mulheres	34	8	13
culpabilização da mulher	43	31	32
desdém a questões particulares do indivíduo	5	0	4
> modo de ser	34	12	25
> opiniões	8	10	2
> vontades	7	4	11
ditar normas quanto a um comportamento	82	28	59
generalização das características das mulheres	61	23	29
interferência/ comentários a liberdade do indivíduo	0	0	0
> corpo	19	10	3
> estilo de vida/ gastos financeiros	8	1	4
> sensibilidade feminina	1	10	3
> sexualidade	26	5	15
> vestuário	9	6	3
mulher mudar algo para conquistar o homem	35	6	24
objetificação da mulher	5	16	10
valorização da beleza de mulher	4	8	1
desvalorização do plano de vida	15	4	2
referência a determinado padrão	8	3	0
xingar a mulher	2	3	18

APÊNDICE D.8 - Quanto à autoria dos textos x Relações sexuais e prazer

	editorial	homem cisgenero	mulher cisgênero
auto responsabilidade pelo prazer	27	2	21
normalizacao do nao gozar	2	4	1
posição liberal	16	7	53
posição liberal em detrimento da satisfacao masculina	48	25	3
prazer solitario	3	0	6
valorização do prazer a dois	33	11	12
valorização do sexo casual	27	1	2

APÊNDICE D.9 - Quanto à autoria dos textos x Conclusão do texto

	editorial	homem cisgênero	mulher cisgênero
conformista	5	8	10
conquista	13	6	1
final feliz	3	6	1
perda	0	1	1
revolta	0	1	8
sonhador	1	7	6
transgressor	3	0	8

APÊNDICE D.10 - Tom do texto x Presença de imperativos pós-modernos

	conservador	crítico	feminista	liberal	machista	neutro
ausência de planos a longo prazo	0	15	8	23	43	63
indivíduos com múltiplas identidades/ plural	0	10	12	9	37	7
primazia do indivíduo	0	9	39	77	59	24
realização de objetivos próprios sem considerar os d@ parceir@	0	8	6	28	52	15
relacionamento descartável	0	14	10	15	18	18

APÊNDICE D.11 - Tom do texto x Presença da ideia de amor romântico

	conservador	crítico	feminista	liberal	machista	neutro
co-presença de conceitos românticos e pós modernos	0	23	9	11	36	54
confusão do conceito de paixão com o de amor	0	7	0	1	27	31
homem conquistador	0	11	3	8	22	14
homem provedor	0	8	2	12	20	12
mulher perfeita/ idealizada	0	5	2	3	37	24
não há relato de relacionamento romantizado	0	0	18	26	15	1
par perfeito	0	24	6	11	22	29
romance espetacularizado	0	2	0	1	14	20
romance que vence tudo	0	4	2	0	18	30

APÊNDICE D.12 - Tom do texto x Quais pistas indicam relacionamento abusivo

	conservador	crítico	feminista	liberal	machista	neutro
alusão a uma receita de vida ideal	0	2	0	1	2	3
> liberdade individual	0	4	1	2	23	2
> vida a dois	0	10	5	3	30	36
criar oposição entre mulheres	0	11	2	5	33	7
culpabilização da mulher	0	15	10	18	47	22
desdenho a questões particulares do indivíduo	0	3	2	0	3	2
modo de ser	0	17	4	5	37	12
opiniões	0	2	1	3	10	4
vontades	0	1	2	4	6	9
ditar normas quanto a um comportamento	0	34	14	39	46	50
generalização das características das mulheres	0	19	6	20	64	6
interferência/ comentários a liberdade do indivíduo	0	0	0	0	0	0
> corpo	0	3	0	2	23	5
> estilo de vida/ gastos financeiros	0	3	1	0	7	2
> sensibilidade feminina	0	1	0	1	10	4
> sexualidade	0	7	13	11	17	5
> vestuário	0	1	1	0	13	3
mulher mudar algo para conquistar o homem	0	7	2	20	17	26
objetificação da mulher	0	7	0	2	19	3
valorização da beleza de mulher	0	0	0	0	5	8
desvalorização do plano de vida	0	1	0	1	6	14
referência a determinado padrão	0	0	0	0	6	5
xingar a mulher	0	6	6	5	6	3

APÊNDICE D.13 - Presença de estereótipo de mulher x Presença de imperativos pós-modernos

	ausência de planos a longo prazo	indivíduos com múltiplas identidades/ plural	primazia do indivíduo	realização de objetivos próprios	relacionamento descartável
chata	7	3	4	2	0
culta/ inteligente	4	4	4	0	1
de atitude	19	11	13	6	2
difícil de ser conquistada	6	4	2	2	2
experiente/ sabe tudo/ provedora de conhecimento	15	4	8	6	1
frágil	16	6	8	5	4
idealizada/ endeuzada	43	19	16	23	3
independente	5	10	14	6	2
> financeiramente	2	2	4	2	1
> sentimentalmente	24	3	36	13	17
insegura	19	0	8	15	5
interesseira/ oportunista	7	0	1	2	4
liberal	1	0	1	0	0
> liberal sexualmente	6	2	48	27	9
masculinizada	0	1	6	4	3
não há estereótipo	12	0	7	9	11
outro	14	5	4	7	2
promíscua	3	1	11	3	5
romantizada	20	6	4	5	5
segura	17	8	17	4	1
sem comprometimento com aparência/ não vaidosa	21	6	8	1	1
sexy	15	2	7	4	1
vaidosa	2	0	0	1	0

APÊNDICE D.14 - Presença de estereótipo de mulher x Se há presença de relatos de um relacionamento, com qual teor é abordado.

	abusivo	normal	perfeito	sem compromisso	violento
chata	2	3	1	1	0
culta/ inteligente	3	2	2	3	0
de atitude	6	17	0	11	0
difícil de ser conquistada	1	1	4	2	0
experiente/sabe tudo/ provedora de conhecimento	7	3	9	5	0
frágil	5	6	4	2	0
idealizada/ endeuzada	17	5	35	10	0
independente	3	3	0	4	0
> financeiramente	3	1	1	2	0
> sentimentalmente	6	13	4	22	0
insegura	10	12	1	8	0
interesseira/ oportunista	5	0	0	1	0
liberal	2	1	0	1	0
> liberal sexualmente	2	17	0	8	0
masculinizada	1	3	0	1	0
não há estereótipo	5	12	6	7	0
outro	8	4	0	3	0
promíscua	4	1	0	6	0
romantizada	5	11	20	3	0
segura	2	10	4	5	0
sem comprometimento com aparência/ não vaidosa	0	1	1	5	0
sexy	2	6	4	1	0
vaidosa	0	2	0	2	0

APÊNDICE D.15 - Presença de estereótipo de mulher x Presença da ideia de amor romântico

	co-presença de conceitos românticos	confusão do conceito de paixão	homem conquistador	homem provedor	mulher perfeita/ idealizada	não há relato de relacionamento	par perfeito	romance espetacularizado	romance que vence tudo
chata	2	1	1	0	2	1	0	0	0
culta/ inteligente	5	1	1	1	5	0	3	0	0
de atitude	22	7	4	2	6	3	6	1	0
difícil de ser conquistada	2	4	0	4	0	0	4	1	0
experiente/sabe tudo/ provedora de conhecimento	11	5	4	4	14	0	10	1	5
frágil	7	5	3	6	6	0	1	2	1
idealizada/ endeuzada	26	41	19	4	54	5	30	27	23
independente	6	0	2	1	4	2	3	0	0
> financeiramente	4	0	1	1	2	1	0	0	1
> sentimentalmente	21	5	3	2	5	18	4	1	0
insegura	8	4	2	9	1	2	1	0	1
interesseira/ oportunista	1	0	0	0	2	0	0	0	0
liberal	1	0	0	1	0	0	0	0	0
> liberal sexualmente	1	0	0	0	0	0	0	0	0
masculinizada	0	0	1	0	0	0	1	0	0
não há estereótipo	6	1	3	8	1	5	9	1	4
outro	4	0	0	2	5	1	0	0	0
promíscua	2	0	0	0	2	6	2	0	0
romantizada	5	17	10	17	5	2	22	8	16
segura	10	1	4	2	8	1	4	1	5
sem comprometimento com aparência/ não vaidosa	2	1	1	2	4	0	3	0	1
sexy	4	3	1	1	8	2	1	0	1
vaidosa	0	0	0	0	0	1	1	0	0

APÊNDICE D.16 - Presença de estereótipo de mulher x Quais pistas indicam relacionamento abusivo

	avulso a d@ liberdade	> vida a dois	estar opoção entre os	copabilização de mulher	desiderio x modo de se opoções	> vitorias	distar normas quanto a uni	generalização das car	interferência/ coment	corpo	sentido de vida/ a	sensibilidade	sexualidade	sexualidade	sexualidade	mulher mudar algo	identificação da	autorização da	desvalorização do	reforçar engr a mulher
chata	0	0	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
culpa/ inteligente	0	0	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
de atitude	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
difícil de ser conquistada	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
experiente/ sabe tudo/ provedora de conhecimento	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
frágil	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
idealizada/ endeuzada	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
independente	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
> financeiramente	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
inssegura	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
interesseira/ oportunista	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
liberal	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
> liberal sexualmente	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
masculinizada	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
não há estereótipo	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
outro	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
promiscua	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
romantizada	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
segura	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
sem comprometimento com aparência/ não vaidosa	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
sexy	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
vaidosa	0	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

APÊNDICE D.17 - Presença de estereótipo de mulher x Relações sexuais e prazer

	auto responsabilidade pelo prazer	normalização do não gozar	posição liberal	posição liberal em detrimento da satisfação masculina	prazer solitário	valorização do prazer a dois	valorização do sexo casual
chata	0	0	0	0	0	0	0
culpa/ inteligente	0	0	0	0	0	0	0
de atitude	0	0	0	0	0	0	0
difícil de ser conquistada	0	0	0	0	0	0	0
experiente/ sabe tudo/ provedora de conhecimento	0	0	0	0	0	0	0
frágil	0	0	0	0	0	0	0
idealizada/ endeuzada	0	0	0	0	0	0	0
independente	0	0	0	0	0	0	0
> financeiramente	0	0	0	0	0	0	0
> sentimentalmente	0	0	0	0	0	0	0
inssegura	0	0	0	0	0	0	0
interesseira/ oportunista	0	0	0	0	0	0	0
liberal	0	0	0	0	0	0	0
> liberal sexualmente	0	0	0	0	0	0	0
masculinizada	0	0	0	0	0	0	0
não há estereótipo	0	0	0	0	0	0	0
outro	0	0	0	0	0	0	0
promiscua	0	0	0	0	0	0	0
romantizada	0	0	0	0	0	0	0
segura	0	0	0	0	0	0	0
sem comprometimento com aparência/ não vaidosa	0	0	0	0	0	0	0
sexy	0	0	0	0	0	0	0
vaidosa	0	0	0	0	0	0	0

APÊNDICE D.18 - Se há presença de relatos de um relacionamento, com qual teor é abordado x Presença de imperativos pós-modernos

	abusivo	normal	perfeito	sem compromisso	violento
ausência de planos a longo prazo	36	27	42	56	0
indivíduos com múltiplas identidades/ plural	11	8	25	5	0
primazia do indivíduo	33	35	9	40	0
realização de objetivos próprios sem considerar os d@ parceir@	26	16	5	30	0
relacionamento descartável	11	16	3	35	0

APÊNDICE D.19 - Se há presença de relatos de um relacionamento, com qual teor é abordado x Presença da ideia de amor romântico

	abusivo	normal	perfeito	sem compromisso	violento
co-presença de conceitos românticos e pós modernos	25	40	26	23	0
confusão do conceito de paixão com o de amor	10	9	46	7	0
homem conquistador	12	17	22	6	0
homem provedor	7	20	14	6	0
mulher perfeita/ idealizada	20	8	36	5	0
não há relato de relacionamento romantizado	2	2	1	26	0
par perfeito	17	21	46	3	0
romance espetacularizado	3	1	35	0	0
romance que vence tudo	17	10	24	1	0

APÊNDICE D.20 - Se há presença de relatos de um relacionamento, com qual teor é abordado x Quais pistas indicam relacionamento abusivo

	abusivo	normal	perfeito	sem compromisso	violento
alusão a uma receita de vida ideal	2	1	1	0	0
> liberdade individual	19	4	0	2	0
> vida a dois	21	23	40	1	0
criar oposição entre mulheres	18	10	6	11	0
culpabilização da mulher	27	26	5	20	0
desdenho a questões particulares do indivíduo	2	2	0	2	0
modo de ser	15	19	6	11	0
opiniões	3	9	1	2	0
vontades	1	5	6	5	0
ditar normas quanto a um comportamento	45	77	41	16	0
generalização das características das mulheres	17	10	26	14	0
interferência/ comentários a liberdade do indivíduo	0	0	0	0	0
> corpo	2	3	0	3	0
> estilo de vida/ gastos financeiros	5	1	1	1	0
> sensibilidade feminina	5	5	4	2	0
> sexualidade	10	14	3	6	0
> vestuário	2	0	0	2	0
mulher mudar algo para conquistar o homem	7	34	9	8	0
objetificação da mulher	5	3	5	5	0
valorização da beleza de mulher	0	1	4	0	0
desvalorização do plano de vida	2	7	4	2	0
referência a determinado padrão	1	0	2	1	0
xingar a mulher	7	2	2	7	0

APÊNDICE D.21 - Se há presença de relatos de um relacionamento, com qual teor é abordado x Relações sexuais e prazer

	abusivo	normal	perfeito	sem compromisso	violento
auto responsabilidade pelo prazer	2	22	0	3	0
normalização do não gozar	0	4	0	0	0
posição liberal	5	22	3	23	0
posição liberal em detrimento da satisfação masculina	37	36	3	12	0
prazer solitário	0	2	0	1	0
valorização do prazer a dois	0	34	6	2	0
valorização do sexo casual	1	3	0	2	0

APÊNDICE D.22 - Se há presença de relatos de um relacionamento, com qual teor é abordado x Conclusão do texto

	ci-presença de conceitos românticos e pós modernos	confusão do conceito de paixão com o de amor	homem conquistador	homem provedor	mulher perfeita idealizada	não há relato de relacionamento romantizado	na perfeito	romance espetacularizado	romance que vence tudo
alusão a uma receita de vida ideal	2	1	0	0	0	0	0	0	0
> liberdade individual	4	1	0	2	4	1	2	0	0
> vida a dois	42	36	16	10	37	4	39	22	36
criar oposição entre mulheres	28	5	9	4	18	1	12	0	10
culpabilização da mulher	25	5	2	10	7	5	2	2	3
desdenho a questões particulares do indivíduo	3	0	0	3	2	0	1	0	1
modo de ser	16	9	3	3	12	2	12	4	2
opiniões	4	3	3	4	2	0	0	1	0
vontades	2	8	0	5	6	2	4	6	7
ditar normas quanto a um comportamento	46	38	27	23	36	20	45	16	18
generalização das características das mulheres	27	19	23	12	19	4	17	10	13
interferência/ comentários a liberdade do indivíduo	0	0	0	0	0	0	0	0	0
> corpo	1	1	0	0	4	2	0	0	1
> estilo de vida/ gastos financeiros	0	0	0	1	2	1	0	0	0
> sensibilidade feminina	4	8	7	3	3	1	1	4	1
> sexualidade	7	3	3	8	3	3	3	0	2
> vestuário	0	2	0	0	5	2	0	0	0
mulher mudar algo para conquistar o homem	15	12	4	5	13	3	16	8	11
objetificação da mulher	7	2	0	0	9	2	8	1	1
valorização da beleza de mulher	2	4	1	4	7	0	0	2	0
desvalorização do plano de vida	2	1	0	1	2	1	1	1	0
referência a determinado padrão	2	1	0	0	2	2	1	1	0
xingar a mulher	3	1	0	2	3	6	1	0	1

APÊNDICE D.23 - Presença da ideia de amor romântico x Quais pistas indicam relacionamento abusivo

	abusivo	normal	perfeito	sem compromisso	violento
conformista	3	6	1	4	0
conquista	1	10	6	1	0
final feliz	2	1	4	1	0
perda	0	1	0	0	0
revolta	1	1	0	3	0
sonhador	2	4	3	1	0
transgressor	0	1	0	2	0

APÊNDICE D.24 - Conclusão do texto x Presença de imperativos pós-modernos

	ausência de planos a longo prazo	indivíduos com múltiplas identidades/plural	primazia do indivíduo	realização de objetivos próprios sem considerar os d@ parceir@	relacionamento descartável
conformista	10	0	7	8	3
conquista	10	3	7	1	1
final feliz	6	1	1	3	0
perda	0	0	1	0	0
revolta	1	1	4	0	0
sonhador	4	3	2	2	1
transgressor	2	1	8	2	2

APÊNDICE D.25 - Conclusão do texto x Presença da ideia de amor romântico

	co-presença de conceitos românticos e pós modernos	confusão do conceito de paixão com o de amor	homem conquistador	homem provedor	mulher perfeita/idealizada	não há relato de relacionamento romantizado	par perfeito	romance espetacularizado	romance que vence tudo
conformista	5	2	1	2	1	3	0	1	3
conquista	6	3	2	3	4	0	7	1	3
final feliz	3	3	2	3	4	0	6	2	4
perda	0	0	0	0	0	0	0	1	0
revolta	0	0	0	0	0	1	0	0	0
sonhador	3	4	1	2	1	0	6	0	4
transgressor	1	0	0	0	0	1	0	0	0

APÊNDICE D.26 - Conclusão do texto x Quais pistas indicam relacionamento abusivo

	conformista	conquista	final feliz	perda	revolta	sonhador	transgressor
alusão a uma receita de vida ideal	0	1	1	0	0	0	0
> liberdade individual	2	1	1	0	0	1	0
> vida a dois	1	4	6	0	0	5	0
criar oposição entre mulheres	0	2	1	0	0	1	0
culpabilização da mulher	6	1	0	0	3	0	0
desdenho a questões particulares do indivíduo	0	0	0	0	0	0	0
> modo de ser	1	1	1	0	2	3	0
> opiniões	0	0	0	0	1	0	0
> vontades	3	0	0	0	1	0	0
ditar normas quanto a um comportamento	8	12	2	0	1	4	3
generalização das características das mulheres	5	3	1	0	0	1	1
interferência/ comentários a liberdade do indivíduo	0	0	0	0	0	0	0
> corpo	1	1	0	0	0	0	0
> estilo de vida/ gastos financeiros	0	1	0	0	0	0	0
> sensibilidade feminina	1	0	0	0	0	0	0
> sexualidade	0	3	1	0	1	0	1
> vestuário	0	0	0	0	0	0	0
mulher mudar algo para conquistar o homem	1	5	1	0	1	1	0
objetificação da mulher	2	1	0	0	0	1	0
valorização da beleza de mulher	0	1	0	0	0	0	0
desvalorização do plano de vida	0	1	0	0	0	0	0
referência a determinado padrão	0	1	0	0	0	0	0
xingar a mulher	0	0	0	0	0	0	0

ANEXO A – Textos

ANEXO A.1 - 4 pensamentos das mulheres que gozam

Autoria: Nathalie Macedo

Coluna: Sexo

Curtidas: 2.000

Data: 28.06.2017



Orgasmo deveria ser direito fundamental de todas as mulheres. Queria que a constituição determinasse direitinho, preto no branco: nenhuma mulher pode morrer sem gozar.

Mas não é bem assim na vida real.

Tendo sido o prazer feminino podado por todos os lados, em todos os lugares, desde o início dos tempos, é natural que tantas mulheres não saibam gozar, e que tantas outras, mesmo sabendo, tenham tantas dúvidas.

Listei quatro pensamentos comuns das mulheres que gozam.

1) Por que é sempre melhor sozinha?

Porque sim (nesse caso, porque sim é resposta, sim).

Ninguém conhece o seu corpo melhor do que você. Logo, ninguém o tocará melhor do que você. O orgasmo solitário é sempre o mais intenso porque você sabe exatamente como e onde o seu corpo sente prazer.

2) Me espera

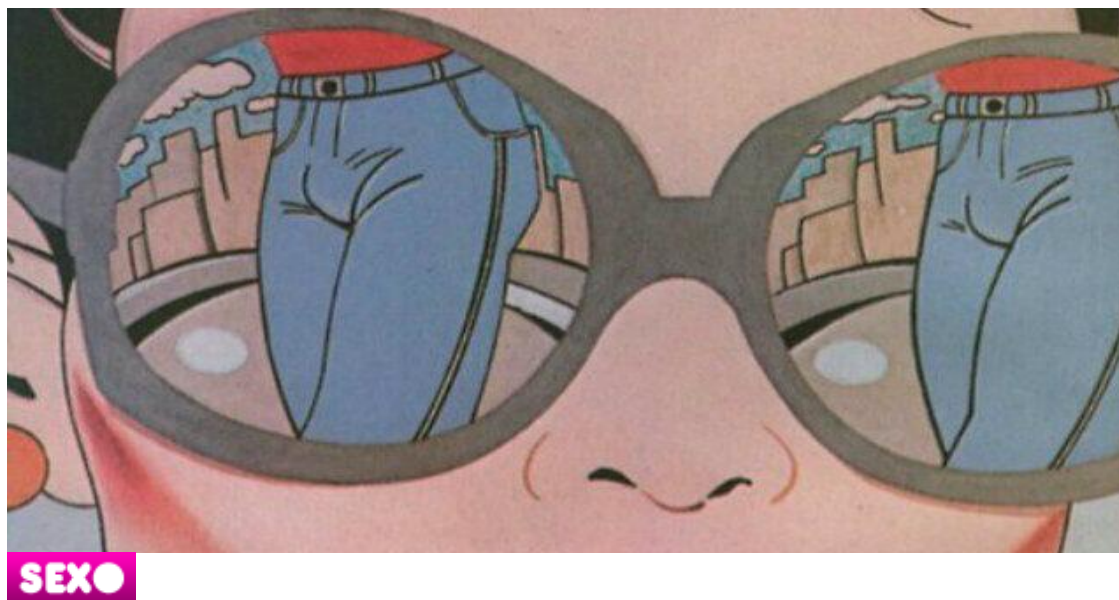
Se gozar sozinha é melhor pela intensidade – e, convenhamos, pela praticidade – orgasmo a dois ganha na transcendência. Gozar junto com o parceiro é tipo ganhar na loteria sexual, então você torce pra ele segurar só mais um pouquinho porque você está quase lá (normal, mulheres demoram mais).

3) Deusa, onde elx aprendeu isso?

Quando duas pessoas que sabem gozar se encontram, Dionísio faz uma dancinha sensual no túmulo. É simples: pessoas que conhecem o próprio prazer descobrem o prazer do outro por instinto – quase sempre uma questão de timing. **Gozar – e fazer o outro gozar – não tem a ver com performance.**

4) Dessa vez não vai rolar

Mulheres que gozam não necessariamente gozam sempre. É normal não conseguir com penetração. É normal não conseguir com oral. É normal só conseguir de vez em quando. É normal só conseguir sozinha. Mesmo porque a gente tem o maior prazer em continuar tentando.

ANEXO A.2 – Aceita que dói menos: mulher assiste pornô sim**Autoria:** Nathalie Macedo**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 13.000**Data:** 31.10.2017

Já passava das onze e o sono, como que por pirraça, não vinha. Eu acabara de decolar para uma viagem rápida com uma amiga, que também não parecia exatamente interessada em dormir – porque, para a nossa felicidade, nós somos notívagas.

“Você viu o link que te mandei no WhatsApp?”

Sim, eu tinha visto. O link em questão era de um vídeo de sexo amador (autorizado por todos os participantes, é bom esclarecer) que a minha amiga compartilhou comigo. A pergunta era um convite para mais uma de nossas conversas em noites de insônia. Cinco minutos depois eu já lhe contava – com a naturalidade que nossa liberdade íntima permite – que descobrira um novo site que ela certamente adoraria.

Falávamos sem pudor e em um tom aceitável para as onze, mas, como se não pudesse se conter, uma senhora na poltrona à nossa frente voltou os olhos esbugalhados e horrorizados para nós duas, e nos encarou com uma expressão dura que mesclava espanto e repreensão.

Em menos de três segundos ela voltou ao seu livro de bolso, com seus óculos pretos enormes, porque estava claro que ela não queria estabelecer contato: queria apenas que soubéssemos, em um olhar de menos de três segundos, que nosso diálogo lhe parecia inadequado.

Eu e minha amiga trocamos um olhar cúmplice e tranquilo, quase risonho, e continuamos a conversa que, para nós, não representava nenhum tabu. Não passava, na verdade, de trivial.

A moralidade daquela senhora não pôde aceitar o inevitável: eu vejo pornô. Eu vejo, minha melhor amiga vê, sua professora vê, sua irmã mais nova, talvez a sua

mãe. Também vê a senhora à minha frente, com olhos esbugalhados – ou, no mínimo, já viu alguma vez na vida, mas – pobrezinha – não se sente no direito de confessar.

Nós conduzimos nossas carreiras, dirigimos nossos carros, pagamos nossos impostos, passamos no supermercado e, no fim do dia, nós não queremos sempre um cafuné e um buquê de flores: às vezes, confessemos, a gente só quer gozar.

O sexo casual, é claro, é uma opção, mas às vezes dá muito trabalho: algumas dezenas de mensagens, jantar, trocas de afinidades (por vezes, forjadas) e um monte dessas coisas que são até muito prazerosas, mas não quando o objetivo é só e unicamente o prazer.

Porque, pasmem: **mulheres também podem prezar pela praticidade em detrimento das historinhas pseudo-românticas que eventualmente precedem uma transa.**

Por isso é que a gente vê pornô, no conforto de nossas camas ou de nossos tapetes, no fim de um dia cansativo, simplesmente porque precisamos de uns minutinhos de prazer que relaxem o corpo e a mente e não atrapalhem a rotina – e, sim, é simples assim.

Há muito não existimos apenas como belas musas: somos protagonistas do nosso próprio prazer, que pode ser – e é, muitas vezes – solitário. Nós compartilhamos nossos links preferidos com nossas amigas preferidas. Nós temos páginas com nossos filmes preferidos salvos nos bookmarks. Nós assinamos canais de conteúdo erótico. Nós conseguimos sentir prazer sozinhas.

Lamento por quem se incomoda. É disso pra melhor. **Aceita que dói menos.**

A portrait of Nathalie Macedo, a woman with long dark hair, wearing a red top, sitting at a desk with a microphone and a glass of water.

NATHALIE MACEDO

Escritora, feminista, mestranda em cultura, atriz e roteirista de teatro e cantora de blues. Escreve pra não surtar.

LEIA MAIS TEXTOS DA NATH

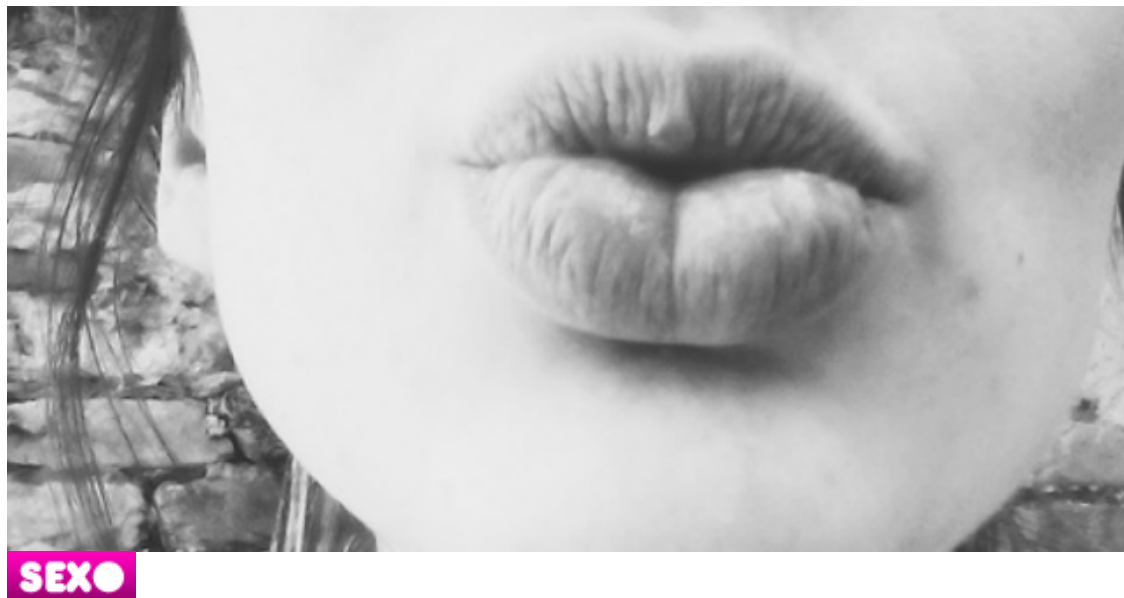
ANEXO A.3 – O que uma mulher tão culta busca no Tinder

Autoria: Nathalie Macedo

Coluna: Sexo

Curtidas: 16.000

Data: 23.03.2016



O Tinder é mesmo tudo aquilo o que te disseram que era – e a essa altura você já deve saber.

Um cardápio humano, dizem alguns. Uma ferramenta útil, dizem outros – e as duas definições são tão corretas quanto observáveis.

Em tempos de paixões fast-food, é claro que um aplicativo como esse (e tantos outros no mesmo formato que já se popularizaram) pode ser divertido, mas a ideia de estar em um aplicativo com a finalidade de encontrar alguém – seja para sexo casual, histórias de amor (há quem diga!) ou amizade – me broxa.

Não por puritanismo, garanto. É o que os bons encontros são naturais, instintivos, despreziosos e tudo que foge disso me parece a mais odiosa força de barra.

Mas é claro que eu estive lá. Passava, às gargalhadas, as fotos dos meus possíveis flertes: “O que esse cara pensa que está fazendo com essa descrição tosca?” “Bolsomito, deus me livre!” “Foto sem camisa no espelho, sai daqui” “Parece legal, mas muito novinho”

“OPA, esse é o meu número”. Match! Fui dar um oi e ver como afinal aquilo funcionava. Será que as pessoas já chegam marcando encontros e fazendo jus à praticidade disso aqui? – pensei.

- Oi.

- Oi. Vi que você é escritora e curte arte. O que uma mulher tão culta procura no Tinder?

Depois de me fazer querer vomitar, essa pergunta me rendeu uma reflexão profunda, embora talvez inútil: porque, afinal, mulheres ditas “cultas” não podem buscar sexo casual?

A ideia de que mulheres inteligentes precisam necessariamente ser puritanas, sérias e contidas me parece estúpida porque a inteligência traz de bônus a liberdade.

Mais do que incômodo, essa ideia me causa a mais humilde curiosidade. Porque a inteligência deve necessariamente estar ligada à ideia de moralidade? Porque não podemos ler Nietzsche e depois rebolar a noite inteira numa balada? Porque não podemos ouvir Chico Buarque e depois dar uma passadinha no Tinder pra encontrar quem quer que seja para uma transa despreziosa?

Tolice, eu concluo. Essa ideia está enraizada na máxima de que mulheres inteligentes são necessariamente moralistas, quando, em pleno Século XXI, qualquer moralidade que nos tire o direito de fazermos exatamente o que queremos fazer é um sinal incontestado de burrice.

Uma mulher pode ser inteligente e, ao mesmo tempo, bonita e vaidosa. Pode ouvir Mozart e fazer um gang-bang no mesmo dia. Pode ler poesia barroca e voltar pra casa pensando no quanto adoraria simplesmente trepar – sim, nós podemos querer simplesmente trepar (e, a título de curiosidade, foi isso o que eu respondi ao meu match moralista).

Aliás, convenhamos: uma mulher pode absolutamente qualquer coisa.



NATHALIE MACEDO

Atriz apaixonada, estudante de direito e aprendiz de tudo nessa vida. Gosta de blues, de café e de gente. Recusa-se a levantar da cama se não for para experimentar algo completamente novo. No mais, nunca foi santa. Escreve sobre tudo em: poesiasobretudo.blogspot.com.br

LEIA MAIS TEXTOS DA NATHALIE

ANEXO A.4 – O tipo de mulher que te faz viajar**Autoria:** João Marcos Luciano**Coluna:** Amor**Curtidas:** 3.100**Data:** 22.07.2015

Ela é sutil, como o tempo que passa em um mundo onde não se tem tempo para nada. Como uma música lenta de letra suave ela te envolve, imperceptível. É cúmplice do próprio crime, já que premedita junto com sua mente um milhão de coisas. E do seu pior e mais sujo crime é inocentada sem réplica ou tréplica. Afinal, que culpa tem ela de ser especialmente diferente?

Também, o verdadeiro crime estaria em prender pessoa como essa. Inspira liberdade e faz com que Basilicata seja básica demais. Qualquer lugar é logo ali, o que há? Sem nem notar você está no barco e estão indo para onde seus pensamentos levarem. Nesse mundo, ela se perde em viagens extra-sensoriais que de tão intensas até podem ser sentidas. No formigar dos dedos e no frio que invade a barriga quem arrisca dizer que vocês não estão lá? Ela pode estar onde quiser e se quiser, te leva junto.

É uma força muito maior e diferente do que aquelas que vemos por aí. Não é preciso demonstrar pois ela se basta. De frágil só o pequeno corpo que acompanha sua mente insana e ganha uma marca ou outra conforme as aventuras seguem. Algumas na carne e outras no coração, que talvez carregue até mais marcas. Marcas que fortalecem e a deixam forte. Sim, ela é.

Numa mescla de viagens reais e irreais, cada momento se torna único e inesquecível para quem tem o prazer de embarcar em uma ou outra dessas. Nessa história, nos tornamos coadjuvantes e admiradores da beleza conjunta e do sorriso que encanta.

Em todo caso sinta-se com sorte, pois em terra onde todos estão cegos por coisas idiotas e falsos valores, ver o mundo inteiro na íris dos olhos de alguém e viajar para um lugar onde vocês possuem a própria moeda é a melhor e mais incrível forma de se viver uma vida, afinal o que se leva da vida é a vida que se leva.

ANEXO A.5 - 4 motivos para namorar uma mulher mais velha**Autoria:** Editorial do Blog**Coluna:** Listas**Curtidas:** 5.800**Data:** 20.07.2015**LISTAS**

Esse é mais um post da sessão [Rapidinhas](#), que toda segunda-feira traz dicas práticas, objetivas e sem mimimi para os leitores inovarem na cama.

A Rapidinha de hoje é uma homenagem às mulheres mais velhas, que tanto encantam nossos corações. Se você só se atrai pelas novinhas, não sabe o que está perdendo. As mulheres mais velhas têm MUITO a ensinar. Duvida? Seguem alguns motivos:

1) Mulheres mais velhas sabem o que querem

Nada é pior do que aquelas mulheres que não têm opinião, que nunca têm sugestões de lugares para sair, que nunca desenvolvem ideias novas e que nunca questionam as coisas erradas que a sociedade acha normal. Mulheres mais velhas já desenvolveram sua opinião, fazendo o namoro ser muito mais interessante.

2) As chances delas mandarem muito bem no sexo são enormes

As mulheres mais velhas já passaram da fase de sentir vergonha ou não saber o que querem na cama. Elas sabem como rebolar, como chupar e como realizar os seus maiores fetiches. O homem atinge um nível de prazer no sexo que nenhuma modelinho gostosa de 20 anos poderia proporcionar.

3) Elas se importam com as coisas verdadeiras

As mulheres mais velhas já conquistaram uma boa posição profissional e como consequência, um bom salário. Elas geralmente possuem sua própria casa, seu próprio carro e bancam todos os mimos que uma mulher merece. O que interessa em um homem para elas é se ele é carinhoso, humilde, atencioso, parceiro e se manda bem na cama – e não quanto ele tem na carteira.

4) *Elas têm muito a ensinar*

Em um namoro entre duas pessoas da mesma idade a troca de aprendizados é equilibrada, já que os dois ensinam e aprendem na mesma proporção. Namorando uma mulher mais velha, o homem aprende muito mais do que ensina, se transformando em uma pessoa melhor em menos tempo.

Gostou? Então não deixe de conferir a sessão [Rapidinha](#), que rola toda segunda-feira aqui no CSV. Ah, e não se esqueça de nos contar se deu certo nos comentários!

ANEXO A.6 - Não queira me lembrar que sou mulher**Autoria:** Nathalie Macedo**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 4.500**Data:** 13.07.2015

Eu era uma menina com o cabelo Joãozinho e que adorava jogar baleado. “Vem pra dentro, isso é brincadeira de menino!” Sempre gostei de gudes e era boa nisso, mas nunca pude praticar muito porque sempre ganhei bábies de presente – mesmo nunca tendo sido questionada sobre as brincadeiras das quais eu realmente gostava.

Fiquei mocinha e me apaixonei pelos games. Jogava do sofá da sala porque as lan houses não eram um ambiente propício para uma mocinha. Gostava de tatuagens e motos grandes mas o material escolar sempre foi da Disney ou das Menininhas.

Gostava do garoto mais tímido da quinta série. Mas as amiguinhas – e a minha própria consciência patriarcalista – sempre diziam: você é menina, espere ele vir falar com você. Ele nunca veio e eu soube lá pelo ensino médio que ele alimentava também uma paixonite platônica por mim, que sofri anos a fio – aquele sofrimento dramático e pré-adolescente – por um óbvio acidente de percurso. Pura e simplesmente pelo fato de eu ser uma garota.

E até hoje sou lembrada, com alguma periodicidade, de que sou mulher. Quando dou uma resposta áspera, quando tomo a iniciativa em um encontro, quando me tatuo, me maquio, quando abro meu guarda-roupas, quando escolho meus amigos, quando planejo meu futuro, quando administro minha rotina.

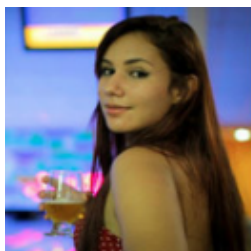
Nunca é uma constatação como homenagem, mas, sempre e irremediavelmente, como ressalva: Você não pode porque você é uma mulher. Ou, o diferente, mas não menos opressivo: Você tem que porque você é uma mulher.

E assim como eu não podia comprar um caderno dos Power Rangers ou jogar gudes com os meninos da rua, eu não posso sair sozinha à noite, ou mochilar sem medo, ou falar alto, ou beber muito, ou fazer tatuagens grandes.

Eu sou mulher e mulheres não podem tomar a iniciativa; é vulgar. Mulheres não podem ser sexualmente diretas sem assumirem o risco eminente de serem chamadas de promíscuas, vulgares, meretrizes. Mulheres precisam gostar de maquiagem porque não se pode expressar o feminino sem pintar o rosto; mulheres precisam sofrer em cima de saltos 17, sorrindo como bibelôs franceses numa sala de espera; mulheres precisam ser calmas, educadas, gentis e delicadas.

Mulher não pode beber “como um homem”, nem dar no primeiro encontro, nem viajar sozinha, nem gostar de bebidas fortes. Mulher precisa casar antes dos trinta, adorar crianças e falar baixo. Mulher precisa assumir, diuturnamente, o peso insuportável de ser mulher numa sociedade patriarcalista.

Então, não me lembre que sou mulher. Não me diga quantas coisas eu preciso fazer e não me fale, sobretudo, sobre aquilo que não me é permitido. Não queira que toda a minha personalidade se baseie em padrões de gênero, porque todos nós somos muito mais que isso. Não queira me lembrar que sou mulher. A única coisa que me lembro verdadeiramente de ser é livre.



NATHALIE MACEDO

Atriz apaixonada, estudante de direito e aprendiz de tudo nessa vida. Gosta de blues, de café e de gente. Recusa-se a levantar da cama se não for para experimentar algo completamente novo. No mais, nunca foi santa. Escreve sobre tudo em: poesiasobretudo.blogspot.com.br

LEIA MAIS TEXTOS DA NATHALIE

ANEXO A.7 - 10 atitudes que deixam qualquer mulher sexy por Adaline Bowman

Autoria: Editorial do Blog

Coluna: Listas

Curtidas: 3.200

Data: 22.05.2015



LISTAS

Imagine ter a oportunidade única de viver por mais de 100 anos com uma eterna aparência de 29. Errar, cair, levantar, aprender, reaprender quantas vezes forem necessárias, e poder se apaixonar todas as vezes que seu coração desejar. Parece um sonho, mas essa é na verdade a história de **Adaline Bowman**. Nascida em 1908, ela se casou, teve filhos e em um dia imprevisível, depois de um acidente de carro, **ela misteriosamente nunca mais envelheceu**.

Com o passar dos anos, muitos caminhos e milhares de experiências, Adaline precisou se reinventar diversas vezes para que o mundo pudesse conhecer diferentes versões de uma mesma mulher. Nesse processo de autoconhecimento Adaline se descobriu mais mulher do que nunca. Explorou sua ingenuidade, pontos desconhecidos da sua sexualidade, se apaixonou, cobiçou e foi muito cobiçada, se escondeu de algumas verdades, fugiu da realidade quando necessário, mas o mais importante: **uma nova mulher renascia em cada oportunidade**. Seria simplesmente incrível se uma mulher tão vivida, bem resolvida e extremamente desejada como Adaline, pudesse dividir alguns de seus segredos com a gente, não é mesmo?! A boa notícia é que ela separou 10 dicas de como ser uma mulher mais sexy para você arrasar na arte da conquista e da sedução, deixando todos os homens de queixo caído. Confere com a gente:

1- Use e abuse daquilo que você tem de melhor

Seu bumbum é bonito, suas pernas são bem torneadas, seus olhos são provocantes, seus lábios são atraentes, qual o seu ponto forte quando se trata de seduzir? Tem cara que curte um pescoço desnudo, outros gostam daquela covinha nas costas, tem homem que é absolutamente tarado com cabelos compridos, o leque de opções quando se fala em desejo masculino é enorme e muito variado. Então use e abuse daquilo que você tem de melhor e claro, aproveite para descobrir outras zonas no seu corpo que você nem desconfiava que eram tão erógenas assim. Pode ser um simples jeito de olhar, uma

maneira de sorrir que cativa de um jeito diferente, ou pode ser mais evidente mesmo, como a beleza física, um par de coxas ou um pé bonitinho. O bacana é a gente se sentir bem exercitando a arte da sedução. Quando a gente acredita na intenção do sentimento que está querendo transmitir, acaba por consequência convencendo as outras pessoas também. Sensualidade é um estado de espírito.

2- Não tenha pudores com coisas tão naturais

Bateu aquele tesão, mas não deu tempo de passar no salão para preparar o palco para o espetáculo? Encarne o Menudo interior e não se reprima. Ninguém é obrigado a estar 100% depilado e pronto para o “crime”, ainda mais nos dias de hoje que são sempre tão agitados. Enquanto a gente fica cheia de pudores, os caras (ou a maioria bacana deles) acha na verdade o máximo que você tenha outras coisas mais importantes para fazer durante o dia e aplaude de pé a sua iniciativa. Saber lidar com as adversidades é bem digno de qualquer mulher determinada, e anote, é afrodisíaco.

3- Menos é mais

Mulher tem mania de perder horas na frente do espelho antes de uma boa noite. Claro que todo mundo quer sair linda, maravilhosa e bem arrumada, mas e quando não dá? Tem gente que deixa de sair para um happy hour, um cinema depois do trabalho ou uma festinha desavisada simplesmente porque não deu tempo de se embonocar. Quanto mais a gente se veste de si mesma, mais olhares a gente atrai. Estar maquiada e deslumbrante num vestido preto é sensacional, acontece que de cara lavada o outro consegue enxergar muito além daquilo que pode ser fisicamente visto. Maquiagem sai, caráter não.

4- Aquele pijama velho faz mais sucesso do que você imagina

Quer uma coisa mais amável e “cuidável” do que uma mulher de pijama? Ela fica leve, despreziosa, e muito mais sexy do que se estivesse ostentando um decote gigante. Dá vontade de colocar no colo, fazer carinho, e tirar com o dente aquela alcinha meio boba que insiste em ficar caindo pelo ombro enquanto ela toma seu chá antes de dormir. Pode estar velho, furado e cheio de manchas, mas um pijama confortável tem seu lugar no imaginário masculino. Ainda mais quando exibe uma transparência meio sem querer.

5. Não tenha vergonha de expressar seus desejos

Seja na cama, seja na hora da DR, seja na vida. Mulher que não abaixa a cabeça quando o assunto são os seus desejos e vontades são de uma sensualidade incrível. Ninguém aguenta uma mulher que só diz sim, que abdica das coisas que acredita somente para fazer a omissa e concordar com o cara, sem personalidade própria e ambição pessoal. Um bate cabelo digno de novela só combina com uma individualidade muito segura. Homens, mulheres, todo mundo gosta de quem corre atrás e defende aquilo que quer. O brilho no olhar que cintila quando a gente batalha por um desejo, seja um orgasmo ou um emprego novo, é absurdamente cativante.

6- Seja independente

Mulher que sabe resolver seus próprios problemas, que tem uma vida própria, que não quer saber se o cara tem carro para levá-la para sair ou se ele vai pagar a conta do jantar integralmente é de tirar o chapéu. Principalmente porque os homens não querem, e nem devem vestir a carapuça de pai. Nada de errado em ser cavalheiro, abrir a porta do carro e fazer todo o ritual. Mas arrisco dizer que poucas coisas conquistam tanto a atenção de um homem, quanto a mulher se oferecer para buscá-lo para um cinema numa quarta-feira a noite, simplesmente porque ela estava com vontade e gostaria de uma companhia agradável para o programa. A mulher que esbanja sensualidade não depende da iniciativa de ninguém para fazer aquilo que quer. E quanto mais o homem se sente “desnecessário”, na maioria das vezes, mais ele quer se tornar essencial.

7- Não tenha frescuras

Nada de evitar a piscina para não estragar a chapinha, ficar cheia de “não me toque” na hora do sexo, sair para uma hamburgueria e pedir um prato de alface só porque não foi à academia no dia, muito menos recusar aquele convite para o rock simplesmente porque você prefere um samba. Gostoso demais é ter do lado alguém “pau para toda obra”. Que está disposta a conhecer, acompanhar, descobrir, que aproveita as oportunidades, que interage com o ambiente mesmo não estando na sua zona de conforto. Se a gente emana uma alegria de existir que contagia as pessoas ao nosso redor, muito mais pessoas de bem se sentem atraídas pela nossa maneira espontânea de ser feliz. Ser sexy também é isso, saber viver.

8- Não menospreze a arte da conquista

Não é só o homem que precisa iniciar o ritual de aproximação. Honre os seus desejos, a suas vontades, o seu tesão, e dê sim o primeiro passo na direção da conquista. Se não quiser parecer demasiadamente “agressiva” lance um olhar atrevido, um sorriso malicioso, aquela jogada de cabelo convidativa que homem nenhum consegue resistir. O importante é se movimentar na hora do flerte. Pessoas com iniciativa estão no topo da lista das mais sexys do mundo. Nesse caso, o máximo que pode acontecer é o gatinho ficar “se achando” e fazer ele mesmo o seu tabuleiro de xadrez exclusivo, e aí querida, a sorte é toda sua de se livrar de um cara tão imaturo e ultrapassado. Na melhor das hipóteses ambos saem ganhando, com um adicional de que você foi a mulher que quebrou todos os tabus sociais e abriu os olhos do gato para o que significa ser uma mulher de verdade, sem vírgulas e sem reticências.

9- Vista o personagem entre quatro paredes

Está acostumada com o “papai e mamãe” convencional, é alheia a inovações sexuais, tem medo de testar aquela posição diferente e parecer ridícula aos olhos do parceiro? Deixe o pudor de lado e alimente a tigresa que existe em você. Compre um par de algemas, uma lingerie provocante, teste um novo óleo de massagem, não existem limites entre quatro paredes. A questão é descobrir aquilo que a gente gosta e investir nessa linha de diversão e prazer. Ninguém gosta de tudo, mas você pode se surpreender com as novidades que pode encontrar. A hora do sexo é o momento perfeito para a mulher se reinventar e ser exatamente quem ela quiser. A mocinha, a bandida, a sadomasoquista ou a submissa. Vista o personagem e experimente ser outra pessoa completamente diferente por pelo menos alguns minutos. A sensação é maravilhosa e a receptividade do parceiro a esta nova mulher, também.

10 – Reconheça que está ficando mais sexy com o passar dos anos

As ruguinhas, as celulites, a flacidez, a feição não mais tão jovial tendem a deixar a autoestima da mulher lá embaixo com o passar dos anos. O que pouca gente sabe é que a maturidade é um dos processos mais sensuais que já inventaram. A mulher fica literalmente leve com o passar dos anos. Parece que aquele peso de sustentar um estereótipo, preencher um padrão, ou ostentar um estilo de vida que não condiz com o que ela é de verdade, são facilmente deixados de lado. A mulher aprende a viver, no grosso mesmo da palavra, à medida que o tempo vai deixando evidentes os seus sinais. Depois de décadas assistindo todos ao seu redor de fato, vivendo, e não apenas existindo, a vida deixando seus efeitos milagrosos em pessoas tão próximas, a figura feminina renasce mais confiante de si e tem a chance de se sentir viva novamente. Essa é a história de descoberta da sensualidade e dos benefícios da maturidade de milhares de mulheres ao redor do mundo, e também de Adaline.

Tá a fim de ver uma história incrível e conhecer todos os passos da emocionante história de Adaline? [A Incrível História de Adaline](#) já está nos cinemas, desde ontem, dia 21 de maio! Para animar ainda mais o elenco é simplesmente de tirar o fôlego de qualquer um,

com Blake Lively (*Gossip Girl*), Michiel Huisman (*Game of Thrones*), Harrison Ford (*Star Wars*) e Ellen Burstyn (*Interstellar*). Dá uma espiadinha no trailer:

O enredo é de arrepiar, os efeitos de som e imagem são simplesmente espetaculares, e a beleza artística, a fotografia e a interpretação do filme são impecáveis, que é para não deixar ninguém desgrudar os olhos da telinha. Aproveite a dica para convidar o seu parceiro(a) para um programa super divertido e claro, garantir os abraços e os chamegos regados a muita pipoca durante a sessão. Inspire-se em Adaline para apresentar para a pessoa ao seu lado quantas mulheres maravilhosas existem dentro de uma só: você!

Para saber mais sobre o filme, [clique aqui](#) e divirta-se!

ANEXO A.8 - Tenho medo de não ser a mulher certa para ele. E agora?

Autoria: Editoria do Blog

Coluna: Sexo

Curtidas: 1.200

Data: 20.03.2015



Este é mais um post da categoria “Se Eu Fosse Você”. Não sabe do que estamos falando? Entenda [aqui](#).

Hoje nossa leitora vai emocionar a todos com seu desabafo sincero. Apesar da vida nem sempre ter proporcionado bons momentos, o final feliz dela pode estar próximo, mas ela tem dúvidas e receios. Por isso, veio até aqui abrir seu coração para vocês e ver quais conselhos podem deixar nos comentários.

Leia aqui:

UPDATE – Melhor Resposta.

Jessyca Trovão · Assistente de Atendimento na empresa CDN Comunicação

Eu poderia dizer que é comum você ter receio, você gostar tanto de alguém que se preocupa mais com a felicidade dele do que com a sua ..desejando a ele alguém muito melhor que você. Mas isso não é comum! Hoje em dia é muito difícil encontrar alguém consiga gostar de alguém assim, as pessoas estão tão egoístas e perdias, procurando por coisas que preencham seus vazios que se esquecem de amar o outro, só importa ser amado. Queria que você refletisse sobre isso, entenda que você é boa para qualquer pessoa, você tem qualidades e defeitos e a mistura de tudo isso te torna incrivelmente única e perfeita. Mas além disso, você gosta dele ...talvez seja amor, quem sabe? Só você pode descobrir e só vai descobrir se se entregar. Então entregue-se! Você o merece e é incrível para ele só por gostar tanto e querer tanto bem a ele! Não peça tempo. Não temos tempo para perder entende?! O munto é tão surpreendente ..quem sabe o que será do amanhã?! Justamente por isso, a coisa mais preciosa que podemos dar a alguém é nosso tempo, ele é a única coisa que temos que não volta. Cada segundo que você dá para alguém é único. Então aproveite seu tempo e seu amor!

Responder · Curtir · 41 · Seguir publicação · 20 de março às 11:48

“Olá casal sem vergonha,

Demorei muito pra escrever, pois apesar da vontade ainda tinha receio.

Bom, quando eu era adolescente por volta dos 11 anos, minha mãe se casou (nunca tive contato com meu pai), por volta dos meus treze anos, uma noite meu padrasto invadiu meu quarto, eu gritei minha mãe apareceu. Nada aconteceu naquela noite, mas na seguinte, começaram os abusos que foram recorrentes até meus 17 anos, quando fui embora, estudar em outro estado.

O que acontece é que hoje aos 25, pela primeira vez, conheci alguém, com quem eu quero construir uma relação, com quem eu me sinto segura, um cara incrível, que eu a muito tempo deixei de acreditar que existia.

Já tivemos relações sexuais e estamos juntos a três meses, ele foi o primeiro homem que eu escolhi. Foi incrível. O problema é que agora, ele quer assumir um “relacionamento sério”, quer que eu seja a namorada dele, conheça sua família e etc....

Eu não tenho dúvidas de que o quero na minha vida, mas eu tenho medo, medo de que as coisas mudem, e que principalmente, eu não consiga ser tão incrível pra ele, porque ele é o cara que merece ter alguém tão extraordinária quanto ele, ele merece uma pessoa que vai ser a pessoa certa. E eu não sei se sou esse alguém.

Devo aceitar esse pedido, conhecer a família, e definitivamente ser parte da vida dele, ou pedir para esperar??”

Nós dissemos que era emocionante. E então? Já sabe qual conselho deixar para nossa leitora de hoje?

Se você tem dúvidas, problemas, questões ou desabafos e gostaria de participar da seção, mande um e-mail com o assunto “Se eu fosse você” para redacao@casalsemvergonha.com.br. Explique brevemente seu problema. Seu e-mail pode ser anônimo, e a gente te avisa quando sua pergunta for ao ar!

Para ler mais perguntas do Se Eu Fosse Você, clique aqui.

ANEXO A.9 - O que a mulher mais velha tem**Autoria:** Daniel Bovolento**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 15.000**Data:** 11.03.2015

Ela sabe te ler de cor e salteado e pra ela você não passa de um script já decorado. As tuas falas não impressionam tanto assim. Esse é um dos maiores charmes dela.

Enquanto a maioria das gurias de 20 e tantos ainda liga um GPS pra tentar se encontrar na vida, ela é quem você para para pedir informação. Ela poderia facilmente reinventar o mapa das coisas todas a seu favor. E por isso você transpira, suas mãos suam, o sorriso é meio tonto e você sabe que nada vai adiantar um papinho meia boca: se com as de vinte e poucos já é difícil, imagina com ela que já passou da fase de se impressionar com você?

Ela é sempre quem vai quebrar o silêncio pra te contar de um mundo que você não conhece, e enquanto fala te ensina. Se a vida fosse uma viagem de trem, você ainda estaria na plataforma e ela já teria cruzado todas as estações. Os trilhos percorridos ensinaram tanta coisa que hoje ela não se abate por pouco e parece que tudo o que faz traz um refletor de luz bem em cima dela. Você sabe bem como ela é no destaque da multidão, seja pelo jeito como se veste, seja pelo jeito como deixou de se importar com um monte de coisas, seja pela forma como te deixa sem respirar direito. E não se surpreenda se ela for irônica e te oferecer uma bombinha de asma pra falta de ar. Ela sabe o que causa.

Dizem que depois dos 30 ela ligou uma chave interna que mandou meio mundo à merda. Parou de se importar com tanta coisa que você vai ter que rebolar bastante pra tentar entrar na lista de prioridades dela. Hoje a prioridade dela é ser dela e ser feliz, é reconhecer mais ainda o lugar que já tem no mundo. E talvez seja essa trajetória toda que faz dela uma grande lição de vida, mas calma, você só vai aprender se enxergar quem está na sua frente sem pensar naquele lenga-lenga de que ela é toda experiente. Veja bem, ela entende de lençóis e de como desarrumá-los, mas entende mais ainda de como trancar a porta e desligar o telefone. Se não vale a pena logo, então não vale. Ela não tem tempo a perder.

E se você vier com aquele papinho furado de que panela velha é que faz comida boa, ela vai te cortar em dois segundos. Nem panela, porque isso simboliza algo tão retrógrado quanto o que ela já teve que escutar a vida toda, nem velha. Velha não. Ela tá só começando.

A black and white portrait of a man with short dark hair and a beard, wearing a dark t-shirt, looking slightly to the right with a smile.

DANIEL BOVOLENTO

"Jornalista de comportamento" em mesa de bar, publicitário em formação, botafoguense por amor e canalha romântico. Não presta e não deve ser levado a sério. Joga tempo fora filosofando sobre nada no @danielbovolento. Apesar disso, escreve sobre relacionamentos no <http://entretodasascoisas.com.br/>

LEIA MAIS TEXTOS DO DANIEL

ANEXO A.10 - Mulher gosta de cafajeste só que não**Autoria:** Jéssica Delalana**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 24.000**Data:** 17.02.2015

“Mulher gosta de homem que não presta”. Há tempos ouço essa generalização. Odeio generalizações! Seres humanos não são assim tão simples. Pessoas são diferentes, mesmo quando parecidas. Mulheres não fogem à regra.

Existe, sim, muita gente do sexo feminino que tem preferência por canalhas. Óbvio que sim. Assim como tem as que fogem desse tipo. Porém, acho que depois da segunda década de vida, a maioria delas gosta mesmo é de homem. Sim. Homem. Não moleque.

Tem muitos “bonzinhos” choramingando por aí que a mulherada prefere mesmo os cafajestes e que eles são pobres azarados no amor. Não é verdade. Sabe o que acontece? Antes um cafajeste com atitude do que um “bonzinho” sem personalidade, sem papo, sem individualidade, sem opinião própria e, pior, sem amor próprio. Você pode ser um bom moço e ao mesmo tempo não ser sinônimo de tédio. Você pode ser um bom moço e ao mesmo tempo ser seguro de si. Você pode ser um bom moço e ao mesmo tempo ser divertido e charmoso. Você pode ser um bom moço e saber conquistar uma mulher sem bancar o carente apaixonado uma semana após conhecê-la. Você pode ser um bom moço e ao mesmo tempo reconhecer os momentos em que deve avançar, dar espaço ou simplesmente desistir. Aliás, persistência é uma coisa, insistência é outra. Aprendam, por favor!

Os caras não precisam se dividir entre os babacas que veem as mulheres como objetos de consumo, não as respeitam e sabem todos os macetes pra conseguir transar com elas e os bobinhos que não sabem atrair nem uma menina de 15 anos. Ambos os tipos são vazios e deprimentes depois de certo tempo. As mulheres não costumam fugir de um cara porque ele é fiel, carinhoso, amigo e romântico. Elas são meio complicadas, mas, são inteligentes. Todas em alguma fase da vida esperam encontrar um cara com essas qualidades, porém, não é só isso. Entende? Se ela se sentir realmente atraída por você, ela só fugirá se te achar chato, carente, doido ou se simplesmente não estiver mais a fim. Aceite isso também.

Mulher, mulher mesmo gosta de caras inteligentes, não estou falando dos que colecionam diplomas, e sim aqueles que conseguem manter um diálogo interessante independentemente do assunto. Mulher gosta de caras sem frescura, firulas e complicações, aquele que faz do lugar mais simples o mais legal do mundo e do lanche da esquina a comida mais gostosa do planeta. Mulher gosta de caras com bom humor, não aqueles que sabem várias piadas decoradas, mas aqueles que enxergam a vida com otimismo, riso fácil e determinação. Mulher gosta de caras com ambição e não ganância, aqueles que valorizam o que tem e nem por isso se deixam acomodar. Mulher gosta de caras que dizem o que sentem com gestos e atitudes, ela adora palavras, sim, entretanto, só quando estão inseridas em um contexto feliz e sincero.

Mulher gosta de caras com atitude, não dos inconvenientes, os que sabem puxar papo, chamar pra dançar e roubar um beijo no momento oportuno. Mulher gosta de caras que são cavalheiros, não machistas, que cuidam e também deixam cuidar. Mulher gosta de caras que a surpreendam nas pequenas coisas do dia a dia, que entendam que romantismo é mais simples do que se imagina e tem mais a ver com modo de tratá-la do que qualquer outra coisa. Mulher gosta de caras que mostram que se importam sem deixar de ter vida própria, que valorizam e encontram tempo para os amigos e a família. Mulher gosta de caras com pegada, mas, que sabem que se a relação não vai nada bem, o sexo dificilmente será dos melhores. Mulher gosta de homens com gostos próprios, que sabem expressar suas opiniões e vontades sem perder o respeito e a educação.

Mulher gosta de caras que realmente a escutam, que a incluam nas suas decisões, nas suas dúvidas e nos seus planos. Mulher gosta de caras que tratam bem todas as pessoas simplesmente porque são pessoas e isso basta, não importa se é o faxineiro do seu prédio ou o presidente da empresa em que trabalha. Isso dirá muito sobre você. E se você tiver jeito com crianças, cachorros e idosos, então, provavelmente ela vai achar que encontrou o amor da vida dela (mesmo que não seja).

Não venha me dizer agora que mulher gosta mesmo é de dinheiro. Pessoas gostam de dinheiro. Vivemos em um mundo capitalista e precisamos nos manter dentro dele. Existem, sim, pessoas que para ganhar dinheiro optam por perder valores e até mesmo caráter. Mas, não é desse tipo de gente que estou falando. Até porque acredito que a sua inteligência nunca o deixará querer uma pessoa dessas do lado.

Meu amigo, se você ainda acha que mulher prefere mesmo os caras que só dão motivos para dor de cabeça e travesseiro com lágrimas talvez você nunca tenha sido o tipo que a faz sorrir feito boba e gargalhar como uma idiota. Quando ela encontrar um desses, pode ter certeza: Será o tipo preferido dela.



JÉSSICA DELALANA

Caipira lá de Itapira. Nutricionista por formação, sonhadora por opção. Amante do cheiro de terra molhada e do banho quente. Adepta das pantufas e dos pés no chão. Minha mãe diz que não sei se caso ou se compro uma bicicleta. Ela não sabe, mas, já decidi pela bicicleta desde os meus seis anos de idade.

LEIA MAIS TEXTOS DA JÉSSICA

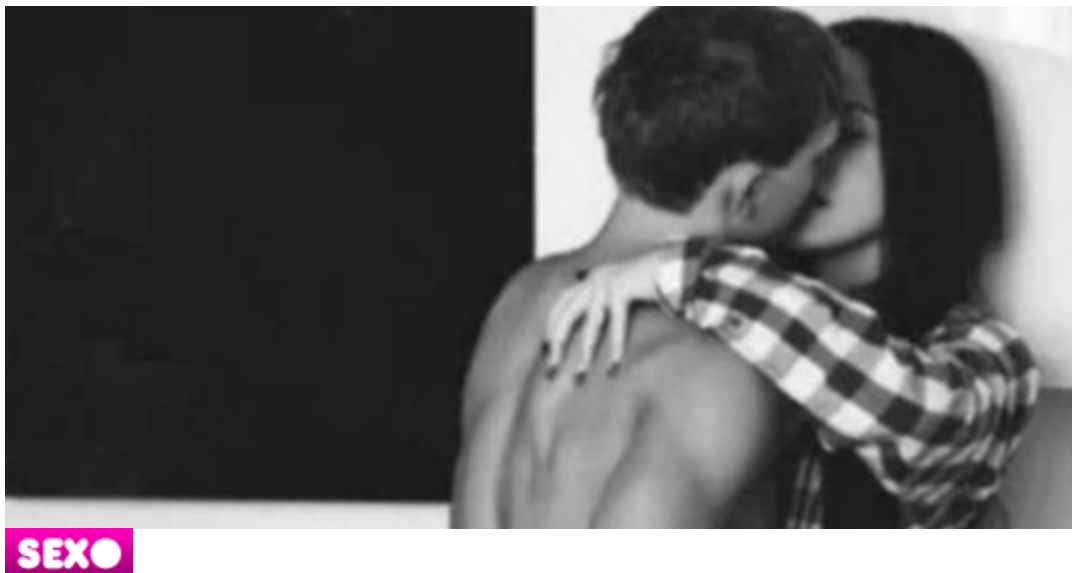
ANEXO A.11 - 4 atitudes masculinas que as mulheres acham sexy

Autoria: Editorial do Blog

Coluna: Sexo/ Rapidinhas

Curtidas: 8.600

Data: 04.12.2015



*Esse é mais um post da sessão **Rapidinhas**, que toda segunda-feira traz dicas práticas, objetivas e sem mimimi para os leitores inovarem na cama.*

Beleza não é mérito de ninguém: ou você nasce bonito(a) ou não, e não há muito o que se fazer a respeito disso. Agora, todo mundo é responsável pela sua atitude, que em muitos casos, consegue ser muito mais atraente do que apenas um corpinho bonito. Por isso, na rapidinha de hoje, trouxemos 5 formas de fazer com que a mulherada te ache sexy sem necessariamente ter uma barba por fazer ou ser todo saradão:

1) Ele se preocupar mais com o prazer dela do que com o seu próprio prazer

Nenhuma mulher resiste a um cara que se esforça de todas as formas para dar prazer para ela! Aquele que cai de boca mesmo, que fica nas preliminares quanto tempo for preciso (mesmo com vontade de entrar nela logo nos primeiros minutos), que se esforça para ajudá-la a gozar, que se preocupa em descobrir quais posições ela sente mais prazer e que depois de um sexo selvagem termina a noite dando cafuné na cabeça.

2) Ele ter pegada

Nada mais excitante do que um cara que pega com vontade, que deixa transparecer em cada pegada o quanto está com vontade dela! Caras com mão mole, com abraço frouxo e com beijo sem sal desmotivam qualquer uma.

3) Ele se preocupar mais em malhar o cérebro do que o corpo

Nada contra caras malhados e que cuidam do corpo (pelo contrário), mas nada mais sexy do que um cara que entende que inteligência é afrodisíaca. Um cara interessante, com bom papo, que sabe escutar, que tem coisas para acrescentar, que é sempre uma boa companhia é definitivamente mais excitante do que o bombadão que não tem muito o que acrescentar pois gasta todas as suas horas livres malhando o corpo, ao invés de cuidar primeiro da mente.

4) *Ele fazer gentilezas*

Quer algo mais apaixonante do que acordar com um cara te trazendo café na cama com aquele sorriso lindo estampado no rosto? Ou quando ele passa de surpresa para de pegar no fim do expediente com a promessa de uma noite incrível? Ou quando ele sai com seu cachorro pra passear quando percebe que você não vai ter tempo pois está ocupada com um trabalho? Essas pequenas gentilezas de cada dia conseguem ser mais sexy do que barba por fazer!

Se quiser ler mais Rapidinhas para te ajudar a sair da mesmice, [Clique aqui](#)

ANEXO A.12 - Sobre mulheres que ligam no dia seguinte**Autoria:** Nathalie Macedo**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 15.000**Data:** 06.01.2015**ATITUDE**

Para algumas pessoas, não ligar no dia seguinte é um sintoma das relações modernas, em que não há expectativas a cada beijo na balada assina-se um contrato tácito de que aquele encontro é por uma noite e nada mais. Até a troca de telefones é dispensável algumas vezes.

No entanto, a ditadura do desapego tem feito muitas vítimas nesse mundo cruel dos solteiros sem porvir. É que, vez ou outra, bate aquela vontade de ligar no dia seguinte pra ver qual é. Pra descobrir o final da história que ele começou a contar na noite anterior ou conhecer sua coleção de vinis.

Me parece que cada homem solteiro – especialmente os que fogem de relacionamentos sérios como o diabo foge da cruz – acredita que mulheres são predadoras em busca de um desavisado pra colocar um bambolê, levar pro altar e comemorar bodas de diamante. Não dá pra ligar no dia seguinte, mandar um emoticonzinho no WhatsApp ou se interessar pela vida do paquera/pegue-te sem ser confundida com uma solteira desesperada.

A suposição de que toda mulher deseja um relacionamento sério tem nos desestimulado a cultivar relações bacanas – mesmo aquelas sem nenhum compromisso – com espontaneidade, abertura para o novo e uma boa dose de vontade de viver.

Mesmo que ela só esteja ligando pra dizer que a noite foi boa ou pra marcar um cinema e uma conversa, a tendência é se pensar que se trata de uma louca manipuladora e sedenta por véu e grinalda da qual se deve fugir.

Calma, rapazes, não é por aí. Nem toda mulher quer altar e uma penca de filhos. Pode-se querer, apenas, estimular e obedecer à lei natural dos encontros: conhecer o outro, divertir-

se, construir novas relações (não necessariamente amorosas, ressalte-se) ou simplesmente transar de novo. Os homens não são essa espécie em extinção que estamos caçando incondicionalmente.

Por isso mesmo sou fã das mulheres que ligam no dia seguinte. Que não tem medo de que um convite para o cinema seja interpretado como um pedido de casamento, que entendem a simplicidade da vida e das pessoas.

Não dá pra ser feliz quando se tem medo dos julgamentos alheios. Uma mulher bem resolvida não precisa passar dias esperando o telefone tocar ou verificando o whatsapp a cada cinco minutos. Ela liga quando quer ligar, chama pra pegar um cinema e toca o foda-se se o cara desaprova essa atitude – até porque um cara que desaprova essa atitude provavelmente não passa de um babaca, e uma mulher bem resolvida definitivamente não está nem aí pra homens babacas.

Portanto, meu rapaz, que está temeroso que a sua última ficante da balada queira conhecer a sua mãe no próximo domingo, calma lá. Ela pode estar simplesmente te achando patético por não corresponder suas investidas que objetivam um cinema e uma noite gostosa para os dois, que terminará com cada um na sua cama com suas solteirices a salvo. Possivelmente, ela contempla os tiques azuis do WhatsApp com um estranhamento bem-humorado, dando de ombros e constatando: Eu, hein.



NATHALIE MACEDO

Atriz apaixonada, estudante de direito e aprendiz de tudo nessa vida. Gosta de blues, de café e de gente. Recusa-se a levantar da cama se não for para experimentar algo completamente novo. No mais, nunca foi santa. Escreve sobre tudo em: poesiasobretudo.blogspot.com.br

LEIA MAIS TEXTOS DA NATHALIE

ANEXO A.13 - O que aconteceria se ele trocasse todas as mulheres por apenas uma**Autoria:** Celio Heitor Sordi**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 32.000**Data:** 04.12.2014

E se ele trocasse todas aquelas mulheres por uma apenas, que louco seria? Trocar todas as mesmas apresentações sobre quem ele é e o que faz da vida, para contar para uma pessoa apenas como foi seu dia. Não responder dezenas de vezes quantos anos tem, ou onde seus pais moram, mas vê-la rir porque até sua barba já está branca e, quando visita seus pais no natal, tê-la em sua companhia.

Que louco seria se o perfume dela não ficasse preso apenas no banco do passageiro quando ele se despede e a deixa em casa, mas que o cheiro dela se espalhasse nas toalhas de banho, no travesseiro e na camisa do trabalho pela manhã.

E se ele trocasse as parceiras só de balada pela companheira também de Netflix? A que também é chef gourmet do prato que aprendeu no Youtube, perita no Waze e organizadora dos eventos mais ciladas que alguém pode se meter. Que louco seria se ela, que pareceu tão intelectual no primeiro encontro, começasse a contar as suas piadas sem graça porque agora se sente a vontade ao lado dele. Que ela pudesse se abrir como jamais faria se ele já tivesse desistido.

Que louco seria se uma das escovas de dentes, aquela rosa de menina, fosse dela e ficasse ao lado da dele. E se os check-ins entre eles comesçassem a se repetir, as fotos também. Seria louco a cidade que ele deixaria pra trás, mas consegue ver o mundo que se abriria a sua frente?

Ele pode até achar tudo isso realmente louco demais e desistir da ideia. Mas caso faça sentido, e ele a queira e ninguém mais, então, de tudo que está prestes a aprender, primeiro aprenderá como é ter alguém para chamar de seu. Afinal, que louco seria se ela não tivesse só um lugar nos contatos dele, mas também na sua vida?



CELIO HEITOR SORDI

Celio é tipo um engenheiro, quase um músico e cozinheiro formado pelo Youtube. Problemático e organizado, seleciona um problema por vez para organizá-lo nas linhas dos seus textos. Escreve para contar sobre o que as pessoas pensam mas não dizem, suspiram mas não expressam, amam mas se aquietam. Posta textos semanalmente em sua página no Facebook: A Copy of Me.

LEIA MAIS TEXTOS DE CELIO

ANEXO A.14 - O que as mulheres acham dos homens românticos

Autoria: Vitor Vilas Bôas

Coluna: Atitude

Curtidas: 4.600

Data: 25.11.2014



ATITUDE

Falar em homem romântico é, automaticamente, cantarolar Vander Lee: “Românticos são poucos, românticos são loucos desvairados [...] Romântico é uma espécie em extinção”. E mais, enquanto o termo é constante no vocabulário feminino, do lado masculino se encontra praticamente em desuso, junto aos verbetes antigos, ao lado de “vossa mercê” e “por obséquio”. Porém, estar em risco de extinção não é estar extinto.

Aos desavisados de plantão, declaração de amor no facebook não é romantismo, ok? Abrir porta do carro, levar para jantar em um restaurante recém-inaugurado do outro lado da cidade e ainda pagar a conta, também não é. Ser gentil, prestativo e companheiro, deveriam constar em todos os manuais do homem moderno, mas ainda há aqueles que preferem usar o que seus antepassados neandertais cravavam nas paredes das cavernas.

Homens, por favor, sem exageros! Pequenos mimos até agradam, mas cuidado para não babarem tanto sobre suas amadas a ponto delas terem de comprar um barco para conseguirem ficar perto de vocês. Fazer aquela voz ridícula parecendo estar falando com uma criança de dois anos ou apelidos do tipo “tchutchuquinha”, “pão-de-mel”, “pão-de-ló” ou “quindim”, são seu ingresso para a primeira fila do filme dos Ursinhos Carinhosos. Convenhamos, um apelido engraçadinho que fique só entre vocês é até aceitável, mas ouvir gritar do outro lado do corredor do mercado um “Fofucho, leva azeitona?” é sinônimo de sofrer de vergonha alheia para os outros clientes.

Romantismo não se força, não se finge. Está atrelado à paixão, mas não àquela paixãozinha que você vira a esquina, guarda no bolso e só tira quando vai encontrá-la novamente. Falo de paixão de verdade. De suspiros, de sonhar acordado, de virar a mesma esquina e querer voltar correndo porque a saudade já começou a apertar. Paixão de olhar nos olhos da pessoa amada e enxergar um futuro muito mais distante que o dia seguinte. E aí, da necessidade de ter aquela pessoa ao seu lado, da vontade de ser e fazê-la feliz, é que desperta o ser romântico.

Um convite para contemplar a Lua, mesmo que por telefone, pois estão a quilômetros de distância um do outro. Um brilho diferente no olhar, seguido de um sorriso que diz – “Hoje meu mundo está mais feliz” – a cada reencontro. Um carinho seguido de um abraço apertado e um pedido de desculpas ao assumir que estava errado (até mesmo quando “certos vão pedir perdão”). Ser romântico é mais do que ser companheiro, incentivar sonhos, planos. Mais do que post-it’s pela casa, flores novas toda semana e esquecer a vergonha de dançar no meio do salão mesmo sem saber dançar. O romantismo é primo irmão do amor. É despertar de manhã e, antes de agradecer por um novo dia, olhar para o lado e ter a visão mais perfeita e sorrir pela sorte de ter quem se ama junto a si. Ser romântico é segurar a mão e saber a hora certa de soltar. É entrelaçar os dedos por entre os cabelos e desfazer os nós, e refazer o nós.

Românticos podem até ser raros. Mas, mais raro ainda é encontrar alguém disposto a viver um amor de verdade que faça despertar o ser romântico.



VITOR VILAS BÔAS

Baiano criado a base de acarajé com bastante pimenta e azeite de dendê correndo nas veias. Professor de história quase em tempo integral e praticante da arte de procrastinar nas horas vagas, mas joga tudo pro alto se for para jogar basquete. É um bicho homem de coração mole e ainda acredita no amor romântico (mas não o de conto de fadas), de onde tira suas idéias para o blog Diálogos Vitruvianos -<http://vitruvianos.blogspot.com>

LEIA MAIS TEXTOS DO VITOR

ANEXO A.15 - O que ter mais livros do que sapatos quer dizer sobre você**Autoria:** Nathalie Macedo**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 9.700**Data:** 11.11.2014**ATITUDE**

Num país em que uma mulher é estuprada a cada doze segundos, ainda costumo ouvir que machismo não existe e feminismo é coisa de mulher mal-comida. Como, ao que me parece, os dados alarmantes são insuficientes para comprovar uma realidade tão espantosa quanto inegável, talvez as pequenas bizarrices do dia a dia sejam capazes de convencer com mais eficiência.

Dia desses, em um destes meus laboratórios involuntários pelas timelines alheias, vi uma post, em que ao autor pensava ser engraçado, que dizia: “Se uma mulher tiver mais livros que sapatos, case-se com ela.”

Comecei a pensar sobre a minha paixão por livros e sapatos – que possuo em quantidades equivalentes – e sobre o porque o meu apreço por scarpins, sapatilhas e rasteirinhas poderia me tornar menos digna de um casamento (como se um casamento fosse lá imprescindível na vida de uma mulher).

E pensei, sobretudo – com lamento – sobre como algumas mulheres ainda se deixam aprisionar por grades invisíveis de um machismo camuflado. Sobre como ainda cultivam estereótipos como o de que mulheres muito bonitas geralmente são burras, mulheres musculosas são menos femininas ou mulheres que amam sapatos não podem, também, amar livros – e, pior ainda, mulheres que não amam livros são menos dignas de um relacionamento.

Espantei-me ao constatar que as mesmas mulheres que ficam indignadas diante de um machismo que pensa poder ditar o tamanho de suas roupas são coniventes com o mesmo machismo que pensa poder ditar os seus gostos pessoais, e associá-los ao seu suposto mérito de um relacionamento sério.

E, cultivando esta minha irritante mania de ser radical, acredito que todo estereótipo é inútil. E os estereótipos acerca do comportamento feminino são mais do que inúteis: são violentos.

A verdadeira liberdade não está só em poder dar pra quantos quiser, ter sua intimidade respeitada e não ser submetida a sexo sem consentimento. Está em poder ditar os próprios gostos e a própria identidade sem ser rotulada. Em poder amar livros, sapatos, homens, mulheres, musculação, desenho animado, videogame, bebidas fortes e tudo o que julgar digno de apreço, sem ser submetida aos julgamentos preconceituosos alheios. Porque se os gostos masculinos nunca foram ditos incompatíveis, não podemos – e não vamos – aceitar que os nossos o sejam.



NATHALIE MACEDO

Atriz apaixonada, estudante de direito e aprendiz de tudo nessa vida. Gosta de blues, de café e de gente. Recusa-se a levantar da cama se não for para experimentar algo completamente novo. No mais, nunca foi santa. Escreve sobre tudo em: poesiasobretudo.blogspot.com.br

LEIA MAIS TEXTOS DA NATHALIE

ANEXO A.16 - Eu não quero ser a mulher “para casar”**Autoria:** Michelle Morelo**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 35.000**Data:** 23.10.2014**ATITUDE**

Recentemente, ouvi de um amigo que ele permanecia, ao meu olhar sensível, em um relacionamento falido, acorrentado, simplesmente, por um conceito, de acordo com o mesmo, de um “perfil de mulher perfeita para casar”, procurando em outros corpos e olhares, a satisfação que não possuía.

Ora, por dias me questioneei: Como isso é possível?

Nós mulheres que nos reviramos e nos desdobramos. Vivemos intensamente a liberdade, a autonomia e a independência. E ainda, assim, nos deparemos com homens que nos minimizam e nos comparam a um simples status de perfeição.

Será que a culpa é dessas mulheres que ainda se prezam ao papel de Amélia? De boa moça, santa, puritana e meiga?

Comparo, reparo e defino essa mulher para casar, chegando a conclusão que não sou e nem quero apresentar esse perfil. Não prezo pela pureza e pela doçura. Muito pelo contrário, prezo pelo intenso, pela paixão e pelo desejo. Não prezo por calar, por cegar e por aceitar. Vou ao combate, enfrento, pontuo e me posiciono. Não prezo pela segurança, e tão pouco, pela rotina. Me aventuro e me enveredo. Minha independência não me limita, não me sufoca e não me protege.

Se meus gostos, minhas atitudes, meus comportamentos e minhas opiniões definem o meu perfil para casar, ora, caro amigo, não casarei jamais. Tão longe, não indica que não queira estar profundamente com alguém, ou o quão carente e frágil poderei me encontrar e que um dia talvez eu venha a me calar ou segura estar. Só eu sei quantos amores eu senti e sentirei na intensidade dos segundos que percorro tateando a vida.

Se um dia eu esbarrar com aquele que segure a minha mão, terei o gosto de levá-lo comigo pelo mundo, nos descobrindo e compartilhando o que a nossa cultura, por muito, se esquece em comentar: que o amor é um parceiro e não um ser perfeito, pois a perfeição

dura somente os instantes entre o teu e o meu olhar, é tão momentânea, assim, como o piscar dos olhos. O amor não é em nada perfeito e o que, de fato, o faz belo são seus defeitos.

Caro amigo, então, desculpe o tamanho da intromissão, mas tenho que lhe confessar: você vive uma ilusão.



MICHELLE MORELO

Cuiabana residente no Rio de Janeiro, o que faz de mim um misto entre Cuiabana da Gema e Carioca de Tchapa e Cruz. Psicóloga nas horas vagas e admiradora da vida em tempo integral.

[LEIA MAIS TEXTOS DA MICHELLE](#)

ANEXO A.17 - Amizade verdadeira entre homem e mulher existe?**Autoria:** Editoria do Blog/ Artigo Patrocinado**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 2.400**Data:** 01.10.2014

Amizade entre homem e mulher é uma coisa, no mínimo, bastante engraçada. As mulheres acreditam piamente na sua veracidade, enquanto a maioria dos homens assume às escondidas, com um sorriso malicioso daqueles de canto de boca, que cederiam à tentação de pegar a melhor amiga caso houvesse uma brecha, uma garrafa de vinho ou uma instabilidade emocional no meio do caminho para dar aquela força na situação. Acontece que existe coisa demais envolvida entre duas pessoas de sexos diferentes que se intitulam como amigos. Tem intimidade, liberdade, reciprocidade, conforto, entendimento, testosterona, e todos aqueles hormônios malucos que viram de ponta cabeça as emoções mais profundas das mulheres na TPM. O ambiente é propício para que qualquer tipo de sentimento mais intenso floresça, mas será que é possível que uma amizade entre os dois sexos exista sem nenhum tipo de interesse de ambas as partes?

O dilema geralmente começa com a mulher, que costuma ter uma dificuldade absurda em aceitar qualquer tipo de interação amorosa com o cara para quem ela conta todas as mancadas que já fez na vida. É ótimo ter por perto um ombro pra chorar, uma companhia para o restaurante japonês depois do trabalho, uma opinião realista sobre o universo masculino depois de ter levado aquele fora, e um abraço gostoso, cheio de virilidade, naquela sexta a noite que ela continua sozinha. Muito provavelmente, esse cara é a personificação de todos os desejos masculinos dela, mas a dificuldade de separar afeto de sexo, de beijo na boca, ou de uma relação casual, aliado ao medo de se relacionar com alguém tão próximo, cria aquela batalha interna do: “não quero me envolver para não estragar a amizade depois”. E olha que a gente escuta isso de muita mulher bem resolvida!

O homem na maioria das vezes é bem mais prático nesse sentido. Não tem todo o mimimi sentimental por trás da situação e se ele sentir vontade, independente do contexto, vai sim pegar a melhor amiga sem o menor peso na consciência. E o homem consegue abstrair muito mais rapidamente que a mulher, que ficar com uma pessoa de fato conhecida, onde já existe entrosamento e não precisa daquela lenga-lenga pré-amasso, torna a situação muito mais divertida e confortável para os dois lados. Até porque se a relação não funcionar, ou se ambos caírem na risada no meio do beijo é muito mais fácil voltar às origens sem nenhum tipo de constrangimento ou remorso.

Claro que existem exceções entre homens e mulheres. Nem sempre a vontade e o desejo vão dar as caras à primeira vista. Mas é extremamente natural que uma convivência tão próxima entre dois sexos distintos, em algum momento, crie determinado tipo de tensão sexual. Só que em grande parte das vezes, se ambos forem atraentes aos olhos e ouvidos do outro, e com o auxílio de um facilitador chamado tempo, o sentimento vai se remodelar e a amizade vai se tornar o amor mais bonito que existe: aquele de fato cúmplice. Aceita quem tem disposição pra ser feliz e continua vestindo a máscara quem tem medo de encarar a sua própria fragilidade. Legal mesmo é saber lidar com todo esse conflito interno de forma orgânica e deixar a relação evoluir (ou não) conforme o andar dos sentimentos. Afinal de contas, amigos existem também pra isso mesmo, instigar uns aos outros a sair da zona de conforto e numa lição diária de maturidade, aprender um pouco mais sobre o universo dos relacionamentos com uma pessoa que nos é tão cara e especial. Amizade

entre homem e mulher pode existir sim, mesmo que haja um desejo oculto por parte do outro. A questão é: você sabe mesmo lidar com um sentimento que está fora do seu controle?!

Oferecimento: Diamond Films – “Será Que?”



Aposto que depois dessa você está aí pensando no último porre que tomou com seu melhor amigo ou no conselho que acabou de ouvir da sua amiga do peito ao telefone! Amizade entre homens e mulheres ocupa o primeiro lugar dos tabus da humanidade sobre relacionamentos amorosos e dos conflitos internos gerados pela possibilidade de estremecimento de uma parceria que costuma ser tão especial.

Além de você, Wallace e Chantry também estão no mesmo dilema! Protagonistas da mais nova comédia romântica da *Diamond Films Brasil*, o filme “Será que?” promete colocar em xeque muitas relações de amizade que estão mascaradas por aí. Depois de se conhecerem em uma festa e apresentarem uma química avassaladora, Wallace e Chantry se tornam bons amigos. Seria muito natural se dessa grande amizade surgisse uma inusitada história de amor, se não fosse pelo fato de Chantry namorar há anos o cara tido como perfeito pra ela. Quando os sentimentos ficam balançados, o “quase casal” precisa aprender a controlar seus desejos e tentam curtir o lado divertido dessa paixão oculta sem estragar a amizade. Mas será que eles vão conseguir essa façanha?

Com a atuação impecável e completamente descontraída de Daniel Radcliffe, a comédia romântica de classificação indicativa 12 anos, já está nos cinemas e promete ser diversão para toda a família! Tá esperando o que para garantir já o seu ingresso?! Aproveita e chama o seu melhor amigo (a) para assistir, quem sabe vocês não saem do cinema com bem mais do que boas risadas!

Para saber mais sobre o filme, acesse: <http://bit.ly/1vrFR3V>

ANEXO A.18 - 4 coisas que as mulheres boas de cama fazem diferente**Autoria:** Editoria do blog**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 18.000**Data:** 22.09.2014**SEXO**

Esse é mais um post da sessão Rapidinhas, que toda segunda-feira trará dicas práticas, objetivas e sem mimimi para os leitores inovarem na cama.

Já falamos algumas vezes aqui sobre o poder feminino, sobre o que elas fazem que as tornam tão charmosas e sexy e hoje nossa Rapidinha é sobre coisas que só uma mulher confiante pode fazer para deixar o momento íntimo ainda mais cheio de tesão e satisfação!

Confira essas 5 dicas que vão esquentar sua cama:

1. Não têm medo de se mostrar!

Tanto a preliminar quanto o sexo bem feito são frutos de atitude e não de músculos definidos. De nada vai adiantar dias de malhação e restrição alimentar se na hora H você amarelar. Acenda a luz, vai deixar um clima no ar e ainda vai dar para ver cada movimento dedicado ao prazer. É lindo admirar essa cena e ela vai causar arrepios para todos os participantes.

2. Chegam chegando.

Saia do roteiro, sexo não pode ter dia e horário marcado sempre. Pegue ele em um momento desprevenido e surpreenda. Quando ele menos esperar abra o zíper dele, tire a roupa na frente dele do nada, deixe-o sem ar – depois deixe-o ofegante, se é que nos entende.

3. Inovam sempre que possível

De tempos em tempos, desbrave um sexy shop, descubra novos brinquedinhos e acessórios. Não tenha medo de ter curiosidade e desejos diversos, seja confiante o suficiente para expressar e realizar suas fantasias, os homens sempre falam dessas coisas, então não tem porque as mulheres não fazerem o mesmo. Use fantasias,

experimente cremes, velas, filmes, músicas, vendas, se joga, pode ser mais divertido do que você imagina.

4. Estudam, pesquisam e são muito curiosas.

Hora de abandonar certos tabus, pois como você vai aprender novas manobras, técnicas, tirar ideias para sair da rotina no sexo se você não vai atrás disso? Assista a filmes pornôs, leia textos sobre posições e técnicas para te inspirar a ter novas ideias, troque figurinhas com as amigas. Nada é mais afrodisíaco e excitante do que perceber a dedicação do parceiro em te dar prazer.

E então, qual seu truque especial para um sexo de outro mundo?

E então, quer ler mais Rapidinhas para te ajudar a sair da mesmice? [Clique aqui](#).

ANEXO A.19 - Nem românticos, nem cafajestes: fragmentos do que as mulheres querem de verdade

Autoria: Nathalie Macedo

Coluna: Amor

Curtidas: 12.000

Data: 02.09.2014



AMOR

Não vou guardar pro final. Vou começar o texto respondendo à pergunta: NÃO. Não gostamos dos fofinhos, romanticozinhos, legaizinhos e tão inhos que nos ligam um milhão de vezes por dia.

E não falo só pelo que sinto: tudo que me atrevo a dizer nasce de uma (breve) vida inteira de observação ao comportamento feminino. Então, não adianta dizer que eu estou mentindo: nenhuma mulher se sente nas nuvens por um homem que fala “lindeza” e dá beijo na testa. Que manda flores e compõe canções rimando “amor” com “flor”, por uma razão tão simples quanto irrefutável: Tudo que é doce demais, uma hora enjoa.

E se você, por causa desta minha tão escrachada sinceridade, está resgatando aquele velho discurso de que mulher gosta mesmo é do cafajeste, receio que tenha errado também.

Não caímos de amores pelo “cara que pensa em nós toda hora e conta os segundos se demoramos”, então, só lhe cabe comemorar se este cara não é você, mas, é conveniente avisar que tampouco nos interessa o rei da mulherada, que procura sexo como se sua vida dependesse disso, bate no primeiro poste quando vê uma mulher gostosa de leggings e levanta uma das sobrancelhas quando quer falar algo que julgue sensual.

O garanhão escancarado só arranca suspiros das mais ingênuas mocinhas em perigo, e, convenhamos – felizmente, por sinal – que elas estão praticamente extintas em um mundo de mulheres cada vez mais independentes. É fato consumado que a mulher moderna não se deixa enganar, e tampouco seduzir pelo mau-caratismo disfarçado de sorriso maroto. Afinal, nosso desejo de ser únicas pra alguém não nos deixaria preferir os garanhões.

A mulher moderna, que, em muitos casos, cresceu aprendendo a arte da praticidade e da objetividade, não tem mais tanta paciência para ouvir três declarações de amor por dia. Até a mais romântica das mulheres se sentiria entediada com tamanho romantismo exagerado – até por que amor demonstrado em excesso só tende a perder a graça.

A esta altura do papo, sou obrigada a concordar: as mulheres são difíceis, mesmo, mas só um pouquinho. É que gostamos do equilíbrio. Do homem das flores e do puxão de cabelo. Do fogo e do gelo que se equilibram e se complementam numa intensidade ideal. Gostamos de quem nos estimule, nos motive, nos desafie.

De quem nos deixe seguras, mas não tanto a ponto de sentirmos que não precisamos mais cuidar. De quem nos faça sentir amadas, mas não adoradas a ponto de sequer precisar retribuir. De quem nos faça sentir única em sua vida, mas não a única alternativa possível – porque, por mais que tentemos negar, homens e mulheres gostam do perigo, e segurança em excesso nos acomoda. E, convenhamos, não há nada de mais insuportável do que uma relação que nos acomode.

Preferimos o homem que não cante a nossa melhor amiga, mas não deixe de reparar no quanto ela é gostosa, porque, porra, ela é mesmo! Homens que passam a usar uma venda invisível – ou fingir que usam – quando estão comprometidos não apenas não convencem como se tornam cada vez mais intragáveis.

Queremos o homem que saiba ser nós, mas não deixe de ser eu, jamais. Que nos diga com os olhos todo santo dia o quanto são nossos, mas que nos deixe sempre a certeza de que podem deixar de sê-lo a qualquer momento. Este é o nosso desafio diário – aliás, este é o desafio diário de qualquer relação, independente do gênero: cultivar.

Um homem não precisa descobrir todos os nossos gostos e aprender os nomes dos nossos esmaltes para serem bacanas. Aliás, os homens mais sensacionais que conheço não entendem de esmaltes, coincidentemente ou não. Os homens que nos interessam, na verdade, só precisam entender de conquista diária, sexo gostoso e um pouquinho de jogo de cintura.



NATHALIE MACEDO

Atriz apaixonada, estudante de direito e aprendiz de tudo nessa vida. Gosta de blues, de café e de gente. Recusa-se a levantar da cama se não for para experimentar algo completamente novo. No mais, nunca foi santa. Escreve sobre tudo em: poesiasobretudo.blogspot.com.br

LEIA MAIS TEXTOS DA NATHALIE

ANEXO A.20 - Sorte do dia: achar uma “mulher-livro” em meio à tanta “mulher-fruta”**Autoria:** Corina Haaiga**Coluna:** Amor**Curtidas:** 41.000**Data:** 01.09.2014**AMOR**

Como todos sabem, frutas têm prazo de validade. Seja maçã, melão, morangos ou melancias, o fato é que existe a estação exata para a safra e para a entressafra. Vivemos, num passado recente, um boom de frutas personificadas e seus atributos físicos capazes de deixar uma estátua minguada sofrendo de paudrecência permanente. Mulheres de peitos explosivos e desenhados com compasso, coxas habilitadas para erguer um Land Rover com a Fat Family inteira saindo em férias, pescoços mais grossos que o de Mike Tyson e, para contrabalançar toda esta hecatombe muscular, unhas francesinhas em mãos capazes de dar uma bela raquetada na fuça de qualquer engraçadinho mais ousado. São mulheres com mais vitaminas que um frasco grande de Centrum. Foi um tempo de fartura como nunca se viu antes na hist... Ah, você sabe a frase!

E a Mulher Livro? Conhece? Ela nunca participará dos cliques sexys do MC Naldo, mas tem uma infinidade de atributos que vale ouro. Começemos pelo fato de que não existe uma estação do ano para a Mulher Livro. Seja primavera, verão, outono ou inverno, ela pode ser encontrada num barzinho, num show, na academia de ginástica (sim, a mulher livro pode ter cérebro e um corpo pronto para o pecado, por que não?), numa livraria, na faculdade, na praia, no clube, e em todos os possíveis lugares que o foursquare puder marcar. Ela anda por aí, cruza o teu caminho, mas você está ocupado demais para notá-la, pensando que não existe mais mulher que valha a pena, e que, talvez, todas as piranhas se tornaram bípedes e foram morar justamente no teu bairro, que azar.

Ah, mas ela vale!

E se você encontrá-la e souber passar da página dois, meu amigo, solte todos os fogos de artifício que guardou para a vitória do teu time no Brasileirão, pois o momento merece! Ela pode ou não vir a se tornar o amor da tua vida, vocês podem ter gostos completamente diferentes, mas conhecê-la vai te mostrar que existe vida inteligente na madrugada além do programa do Serginho Groisman. A conversa flui gostoso, ela entende as piadas, fala

sobre alguma notícia que saiu no jornal da manhã, dá um palpite aqui e ali e flerta com o desejo na sutileza. Essa mulher é capaz de fazer um homem gemer sem sentir dor, não a subestime. Ela pensa e não esconde isso de ninguém e nenhum marmanjo vai precisar fazer parte de uma sociedade secreta com senha e contrassenha para poder se deparar com ela.

A alcunha de Mulher Livro é uma brincadeira, claro, mas uma pessoa que lê, que se interessa por um leque amplo de coisas e que cuida da mente com o mesmo afinho com o qual judia do corpo num projeto verão dois mil e qualquer coisa, terá mais chances de fazer boas escolhas e viver as melhores histórias. Sorte a dela se encontrar um Homem Livro dando sopa por aí. Inteligência dá tesão.



CORINA HAAIGA

Escritora que lê muitos livros ao mesmo tempo, ama as madrugadas de boa conversa com os amigos no Baixo Copa, gosta de pizza no café da manhã e todos os filmes com Denzel Washington. No twitter é @corinahaaiga

LEIA MAIS TEXTOS DA CORINA

ANEXO A.21 - A mulher que você não quer ser**Autoria:** Nathalie Macedo**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 2.600**Data:** 31.07.2014

Pode até ser pretensioso querer supor a mulher que você quer (e, sobretudo, a que não quer) ser. Mas é que meu lado escritora sobrevive muito mais da arte de observar do que da expressão em si – e nessas minhas ‘observâncias’ tenho visto todo tipo de esquisitice, com a clareza de quem se dedica a uma análise minuciosa do comportamento alheio – como se isso lhe dissesse respeito – e ainda faz disto uma profissão.

A mulher que você não quer ser faz questão de ser insossa. Eu poderia dizer neutra, mas insossa é a palavra. Ela nunca quer nada, nunca acha nada, nunca opina sobre nada e nunca discorda de nada – é um verdadeiro objeto de decoração, a repetir incansavelmente o quanto está tudo maravilhosamente ótimo e o quanto seus homens são sensacionais. Seu prato preferido é o prato que seu companheiro gosta, seu programa preferido é o que melhor convém à sua relação, e seus amigos são os amigos dele. Ela simplesmente não é absolutamente nada sozinha. E, depois disso, ela quer ser admirada – mas como admirar algo que, ao menos no plano da realidade, sequer chegou a existir?

Ela esconde quem de fato é para incorporar a personalidade que lhe deixa confortável diante de sua relação amorosa: por exemplo, a mulher promíscua que forja uma ingenuidade pateticamente inexistente quando lhe convém, ou – porque a recíproca é quase sempre verdadeira – a mulher ingênua e inexperiente que se transforma na rainha do sex appeal se isso for do agrado do homem que lhe interessa.

E isto, em geral, retrata uma nítida insegurança que a coloca em um lugar de constante desvantagem: torna-se uma mulher terrivelmente manipulável. Esta mulher, provavelmente, encontrará relações estáveis – mas dificilmente encantará alguém verdadeiramente. Porque só o que é genuíno é capaz de encantar.

Esta é a mesma mulher que faz questão de ser “a namorada chatinha” quando poderia escolher tornar-se a companheira engraçada e de bem com a vida. Aquela que topa programas de última hora e sabe aproveitar o melhor da vida em vez de planejar uma conduta perfeita e acabar se tornando a personificação do tédio. Abdica de si mesma –

sem que, absolutamente, ninguém lhe peça isto – e depois se ocupa em destilar a própria amargura.

Estas costumam ser as mesmas mulheres que abdicam de seus hobbies em nome de uma relação e depois culpam seus companheiros pelo próprio erro. É aquela que sente ciúmes dos amigos do namorado, leva flores pra a sogra e mantém, impecavelmente, uma máscara de boa moça que acredita ser o seu passaporte para tornar-se a queridinha de todos, sem sequer desconfiar o quanto tudo isso a torna indesejável. Aquela que não respeita o próprio espaço e muito menos o espaço alheio, e se sufoca diante de seus próprios exageros.

A mulher que não nota o muxoxo entediado do namorado enquanto faz voz de bebê e se dispõe a fazer seu prato predileto e uma massagem nos seus pés, quando poderia ser muito mais – e muito mais facilmente – amada só com um papo interessante, uma companhia divertida, uma personalidade que valha a pena conhecer. Sem precisar fazer das tripas coração para agradar ao outro – porque, agradando a si mesma, agradar aos outros é uma inevitável consequência.

É a mulher que ainda não se descobriu porque está ocupada demais descobrindo aos outros. É a mulher que – espero, sinceramente – você não é. E, aposto! Você não quer ser.



NATHALIE MACEDO

Atriz apaixonada, estudante de direito e aprendiz de tudo nessa vida. Gosta de blues, de café e de gente. Recusa-se a levantar da cama se não for para experimentar algo completamente novo. No mais, nunca foi santa. Escreve sobre tudo em: poesiasobretudo.blogspot.com.br

LEIA MAIS TEXTOS DA NATHALIE

ANEXO A.22 - Você vai encontrar uma mulher incrível. E vai perdê-la

Autoria: Alexandre Petillo

Coluna: Amor

Curtidas: 137.000

Data: 23.05.2014



Existem alguns tipos de mulheres que você vai encontrar na vida. Tem aquelas que te fazem enlouquecer por uma noite. Tem aquelas que vão chegar e vão te fazer esquecer todas as outras. Tem também aquelas que você acredita que quer passar a vida toda ao lado delas. E, ainda, aquelas que você realmente vai ter certeza que vai passar a vida toda lado a lado. **E tem as mulheres incríveis.**

As mulheres incríveis não são como as que você sempre sonhou. **Elas são bem mais.** Geralmente elas chegam no momento em que você, por alguma razão, não vai conseguir segurar a bronca. **Você vai perdê-la.** E, pior, o que vai ficar na lembrança não será a razão de tudo acabar, mas sim os bons momentos. No caso dela, os momentos incríveis. E lembrar desses momentos é bem mais doloroso, acredite.

Lembro cada segundo que vivi ao lado da minha mulher incrível. A gente naquele pub, ela de blusa azul, os cabelos loiros, olhos hipnotizantes, vindo me abraçar, o beijo mais intenso da vida. O riso solto, aquela boca toda aberta, gostosa. O apetite quase-macho para cerveja e cachaça. A dançadinha sexy ao som do rock naquele pub, alta noite, cabelos de lado. E ela ainda sabe tudo de futebol, rock and roll. Os momentos em que ela deixava de ser a mulher-fatal-incrível pra ser só uma menina que quer um ombro – **ali, o meu.** E você realmente acredita que o mundo é bacana.

Ela quase ter sido sua é muito pior do que ela nunca ter sido. O que é ter do seu lado tudo aquilo que sempre desejou que Deus fizesse daquela parte da sua costela. Loira, sarcástica, cheia de frases, definições e comportamentos. Atrevidos, apaixonadamente tímidos, quando lhe convém. Impõe sua presença. Conhece as regras tanto de um jantar cinco estrelas como de uma trepada num pulgueiro qualquer, alta madrugada. Ela é um tratado. Ela é rock and roll. Ela é uma Zelda Fitzgerald moderna. Por ela até eu, coração

alvinegro, fiquei com mais simpatia pelo Palmeiras. Como disse, ela é mais, mais até do que a rivalidade clubística. **E ela quase foi minha.**

Quando a vida aperta, são esses momentos com a minha mulher incrível que eu lembro. Dói, mas, ei, é por isso que a gente está nessa vida. Se em algum momento você tem alguma dúvida se a vida vale, são momentos como esses que atestam que sim. **Sua esperança é que eles em algum ponto futuro se repitam.** A vida vale.

Te lembrou alguma coisa, caro leitor? Você já passou por uma mulher dessa? Ela está aí, enquanto você lê esse arrazoado de qualidade duvidosa, circulando só de calcinha e camiseta da Patti Smith? Aproveite, guarde esse momento. **Cedo ou tarde ela vai embora e a culpa vai ser sua.** Mas como ela é incrível, vai viver sem mágoas, ser sua amiga, vai te chamar para tomar cerveja, bater papo, você vai nutrir a esperança de um novo encontro pelos anos seguintes. Até ela te dar um fora, como a minha fez, altamente educada e sutil, dizendo coisas como “tive que ir embora, mas te considero muito”. “Te considero muito”, da boca dela, é bem pior do que o “gosto de você como amigo” daquela paixão adolescente.

E dessas paixões, como diz o amigo Xico Sá, só vão ficar as memórias e o gosto da vodka que te ajudou a afogar as mágoas. Como o mestre ensinou, o segredo é tocar adiante, porque “não há guarda-chuvas para o amor. Não há barcos, salva-vidas, só perdição e enchentes”.

Quando se perde uma mulher incrível, não é só uma derrota, é uma vida. **Ela vai arrancar suas vísceras afetivas e mesmo assim você não vai deixar de sonhar com ela.** As minhas vísceras ela arrancou via telefone, na chamada mais dolorosa que já ouvi. Fiquei um bom tempo sentado na calçada, telefone desligado, amaldiçoando a sorte e Graham Bell.

Mas vale. Encare. Sofra. Bote pra fora. De uma forma bem melhor do que eu com essas mal traçadas. Depois me conte. Depois dela, seu coração estará calibrado para tudo. Ou quase. **Se ela reaparece, você casa.**



ALEXANDRE PETILLO

É jornalista, filósofo de boteco, crente no amor e no Corinthians. Escreveu alguns livros como "A Ira de Nasi" e "Curtindo Música Brasileira". Hoje toca a produtora Kurundu Filmes (kurundufilmes.com), fala muito, mas bem pouca coisa presta.

LEIA MAIS TEXTOS DO ALEXANDRE

ANEXO A.23 - Carta aberta para a mulher para a qual eu nunca liguei de volta**Autoria:** Daniel Oliveira**Coluna:** Amor**Curtidas:** 7.200**Data:** 21.05.2014

Não teve problema com operadora, o teu celular não tava com defeito, nem fui assaltado e tive que mudar de número. Eu tava ali, parado no meio do mundo, no mesmo lugar de sempre, numa despedida que deveria ser breve e um beijo-de-te-vejo-mais-tarde, com uma decisão nas mãos e tudo mais. Bati um “te cuida” na testa, esperei você entrar em casa e desapareci junto com a curva na esquina.

Não era um daqueles planos mirabolantes do Pink e do Cérebro pra te comer, sumir do mapa e ir conquistar outros territórios por aí. Pra dizer a verdade, esse War sexual nem me interessa muito. Queria te falar logo depois do jantar, quando deu aquele BAM! na minha cabeça e eu percebi que não era você, que talvez não fosse eu, que não seria naquela noite nem nunca mais. Eu tava disposto – e acho que no fundo a maioria está – a conhecer melhor teu mundo, me encantar por ele, trocar mais beijos-de-como-você-tá-linda-hoje do que beijos-de-até-nunca-mais. Ouvi, falei um pouco, pedi dois pratos, bocejei, olhei pro relógio, você também, ninguém sorriu e acabou ali mesmo.

Relacionamento é um treco meio doido mesmo, você nunca vai saber quando a culpa é sua – por ser chata, egocêntrica, focada em trabalho, louca dos gatos, coisa e tal – ou se o cara é que é babaca. Eu costumo levar minha teoria de que nunca é culpa de ninguém. Só foge mesmo do controle esse lance do santo bater, de rolar química, das faíscas resultarem em algo mais do que um sexo bom numa quinta-feira, etc. e tal. Com você foi assim: não era pra ser (e não foi). Mas como dizer pra alguém que a gente entrou na vida dela e decidiu não ficar? Como evitar aquele peso penoso que o outro vai carregar e encarar como rejeição – porque essas coisas doem pra caramba, sei porque carrego isso na pele e sinto arrepio só de me lembrar das gurias do Ensino Médio que me desprezavam.

Quando a gente não quer mesmo, nunca quis, não tem apreço nem sente um carinho comedido, ainda que seja um misto de pena com simpatia, a gente nem disfarça. Dá logo

um corte conciso na jugular, um belo tiro de misericórdia que começa com um “veja bem” e termina com “eu não tô a fim de você”. O jeito alternativo é ignorar o discurso e se desligar. Sumir do alcance num raio fora de programação do Tinder. Retirar o Last Seen, o status de ativo no Facebook, adicionar o número pra lista de rejeição e *voilà*, evitamos que você nos ache um filho da puta (da maneira mais filha da puta possível).

Veja bem, você é legal, saca? Eu não podia jogar a verdade nua, crua (e cruel) em você. Se a verdade, o fato de querer saber desesperadamente o porquê de eu não ter ligado, o porquê de eu ter me mudado pra Marte e não ter deixado rastros, levanto a bola já muito discutida na MPB e aproveito pra quotar um clássico. A verdade é inconveniente, difícil e o Lulu Santos até conseguiu sintetizar o sentimento disso em alto e bom som uma vez: *não imagine que eu te quero mal, apenas não te quero mais*.



DANIEL OLIVEIRA

“Jornalista de comportamento” em mesa de bar, publicitário carioca botafoguense por amor e canalha romântico. Não presta e não deve ser levado a sério. Joga tempo fora filosofando sobre nada no @danielbovolento. Apesar disso tudo, escreve sobre relacionamentos no <http://entretodasascoisas.com.br/>”

LEIA MAIS TEXTOS DO DANIEL

ANEXO A.24 - Minha mulher tem vários orgasmos no sexo, mas nunca ejaculou. É normal?

Autoria: Editoria do Blog

Coluna: Sexo

Curtidas: 1.700

Data: 16.05.2014



SEXO

Este é mais um post da categoria “Se Eu Fosse Você”. Não sabe do que estamos falando? Entenda [aqui](#).

No Se Eu Fosse de Você dessa semana, uma dúvida deliciosa! Esse casal tem uma vida sexual muito boa, ativa e saudável. A mulher tem facilidade para ter orgasmos múltiplos, mas o namorado quer mais, quer saber como proporcionar a ejaculação feminina nela. Alguém tem uma boa dica para ele?

UPDATE – Melhor resposta:



Marcos Dominoni · ★ Quem mais comentou · Trabalha na empresa Advogado

Cara, berros, arranhões, camas quebradas ou squirting (a famosa ejaculação feminina) não são necessariamente sinais de que o sexo é melhor do que o experimentado por outros casais.

Cada pessoa tem um organismo e uma forma de expressar prazer, e o squirting não é prova de que ela gozou mais do que em outras oportunidades em que não “esguichou”.

Pelo que você fala, a vida sexual de vocês é ótima, então desencana e curte o bom que vocês já tem entre si.

O squirting que você vê nos filmes é um troço forçado demais (bom, é filme pornô, né? Nem precisa dizer mais nada....). Na vida real, seria bem complicado ter tapetes, sofás e roupas de cama sempre molhados e cheirando a foda. Ia ser triste de receber visitas em casa, hein? Afinal, ninguém é obrigado a ter uma noção empírica de como o sexo entre vocês é bom!

Curta a vida, cumpadi! Não stresse com coisas assim.....

[Responder](#) · [Curtir](#) · [20](#) · [Seguir publicação](#) · 16 de maio às 10:13

“Eu e minha namorada temos uma vida sexual muito boa. Fazemos sexo de 3 a 5 vezes por semana, o que para mim é uma quantidade satisfatória e acredito que para

ela também (moramos juntos há uns 6 meses e estamos juntos vai fazer 2 anos). Sentimos muito tesão um pelo outro, fantasio muito com ela e ela também eu consigo sentir que tem muito tesão por mim. Às vezes acontece de um estar cansado e não rolar, num outro dia é o outro que come mais do que devia na janta e fica pesado e não rola... mas tudo dentro da normalidade e o que é mais importante que é nítido que um sente muito desejo um pelo outro, além do nosso carinho e cuidado um com o outro (sem neuroses). Na verdade, ela é a mulher perfeita pra mim. E posso falar isso com a boca cheia já que estou com 31 e já passei por vários relacionamentos com loucas, ciumentas, possessivas e neuróticas de todo tipo. Esse é o contexto: casal feliz e apaixonado.

Ela tem 25 anos e teve apenas 2 namorados antes de mim. E ela me diz que antes de me conhecer nunca soube o que era gozar, portanto mal sentia vontade de sexo com os outros namorados, não se sentia a vontade para ficar nua com eles, tomar banho juntos, etc.... e comigo ela age muito naturalmente, ficamos nus fazendo carinho na cama antes do sexo, depois do sexo, etc. Como já disse, casal apaixonado e feliz.

O fato é que ela consegue gozar mais de uma vez durante nosso sexo. Na maioria das vezes ela goza duas ou três vezes, mas teve vezes que demoramos mais e fizemos caprichado e que eu já contei até seis vezes. Eu já vi em filmes pornôs aquelas meninas que tem a chamada EJACULAÇÃO FEMININA. E eu acho aquilo um tesão absoluto!

Eu acho que se eu estimulasse ela do jeito certo, era capaz de ela conseguir. Eu já tentei algumas vezes colocar um dedo nela durante o sexo oral e tentar estimular a região “por baixo do clitóris” como eu já li a respeito na internet, mas ela diz que “incomoda” e que prefere que eu apenas chupe ela que assim ela consegue gozar. Geralmente caprichamos nas preliminares com masturbação, ou masturbação + sexo oral intercalado um no outro, e frequentemente ela goza uma ou duas vezes nas preliminares e depois goza uma ou duas vezes durante a penetração, e geralmente aí ela já pede pra eu gozar junto com ela.

Sou muito apaixonado por ela e gostaria de ver ela tendo ainda mais prazer. Como eu poderia estimular ela do jeito certo? E como posso saber se ela tem realmente “aptidão” pra essa ejaculação feminina, porque dizem que não é todas as mulheres que conseguem? Acho que pelo fato dela conseguir ter orgasmos múltiplos talvez ela já esteja muito mais propensa do que outras namoradas que tive.”

E, então, o que você faria no lugar dele? Quais técnicas usar para atingir esse objetivo?

Se você tem dúvidas, problemas, questões ou desabaços e gostaria de participar da seção, mande um e-mail com o assunto “Se eu fosse você” para redacao@casalsemvergonha.com.br. Explique brevemente seu problema. Seu e-mail pode ser anônimo, e a gente te avisa quando sua pergunta for ao ar!

Para ler mais perguntas do Se Eu Fosse Você, [clique aqui](#)

ANEXO A.25 - Mulher que é mulher tem celulite, homem que é homem não repara**Autoria:** Lucas Baranuy**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 28.000**Data:** 15.05.2014**SEXO**

Não é a primeira e infelizmente não será a última vez que ouvirei essa história de alguma amiga: ela acorda numa bela manhã se sentindo poderosa, glamurosa, rainha do funk – praticamente a Beyoncé no clipe de “Run The World”. Sai da cama, dá uma rodadinha, corre pra se trocar e, no caminho para o banheiro, dá de frente com o causador de um grande problema: o espelho. O objeto que deveria servir apenas para mostrar como ela é incrível a faz enxergar gordurinhas saltando, estrias e celulite. De repente um arrepio (daqueles ruins, não o tipo que você teria se o Ryan Gosling colasse no teu cangote te chamando de “my dear”) e pronto, a semana acabou de ir para o inferno.

Ela já sai meio cabisbaixa para o trabalho e parece que o mundo decidiu mostrar, de todas as formas possíveis, sua falta de gostosura: propaganda de academia no Facebook, o caminho do trabalho parece ter virado uma passarela, as fotos dos amigos e amigas na praia exibem barrigas esculpidas em mármore e, a cada sinal, a insegurança triplica.

Chega o final de semana e a confiança está tão baixa que, mesmo com um calor de 30°, ela está escondendo o corpo com uma calça jeans larga e um suéter. O rolo passa na sua casa e, em caso de sexo, é certo que as luzes estarão apagadas – não por escolha e sim pelo medo que ele a veja “assim”. O sexo acaba sendo uma merda e tudo que elas conseguem pensar é que a culpa foi das malditas gordurinhas. Das estrias. Da celulite.

Isso é errado demais.

Um amigo me definiu essas “imperfeições” (em aspas absolutamente necessárias) como “a vida”. Todo mundo tem celulite. Todo mundo tem estrias. E se você sente-se acima do peso, outra pessoa sente-se abaixo. Se alguém acha que é alto demais, outra pessoa pensa que é muito baixinha. Uma garota pensa que tem seios pequenos. Um cara perde noites de sono pensando que seu pau é pequeno.

Dia após dia, ano após ano, somos bombardeados com estereótipos de beleza que só prejudicam, mais e mais, a maneira como olhamos para outras pessoas – e nos enxergamos na frente do espelho. Isso afeta, conseqüentemente, a nossa relação com o outro – e com nós mesmos.

Eu falei *nossa*? Desculpa.

Isso é um pesadelo – como depressão, bulimia, bullying e suicídio – para milhões de mulheres em todo o mundo. E por mais que eu tenha dito que muitos homens sofrem com a questão do tamanho de seus membros sexuais, são uma minoria – assim como eu, que vez ou outra me incomodo com um projeto de pança, sou uma minoria.

São mulheres com corpos “esculturais” que aparecem em comerciais de lingerie. Portais de notícias vão abaixo quando alguma famosa vai à praia – ou simplesmente sai de casa para ir pintar as unhas. Diversos galãs mundo afora não estão dentro de padrões de beleza e, ainda assim, são tidos como homens maravilhosos.

Cair nessa armadilha opressora e machista só vai te prejudicar, seja você homem ou mulher. Uma mulher infeliz com seu corpo não conseguirá ser feliz, enquanto um cara obcecado por esses padrões de beleza nunca irá enxergar a beleza de verdade – estará guiando-se apenas por aquilo que lhe foi imposto, aquilo que mandaram ele achar bonito.

Atração é muito mais que um peito ou uma bunda, amigo.

Olha pra ela inteira. Olha esse sorriso que ela dá quando te vê – seja ela tua namorada ou teu flerte. Olha o jeito que ela acorda, toda bagunçada, mas linda. Olha para esse amontoado de curvas ou retas que vão te receber como nenhum outro corpo. A beleza real precisa de mais do que uma olhada rápida para ser realmente vista. Fosse assim, o mundo seria um grande Tinder: essa eu quero, essa eu não quero.

Aceite sua celulite, suas gordurinhas ou o raio que o parta. Aceite isso porque faz parte de você, e alguém que não te quer por inteira não deve ter nenhum pedaço teu. Mais importante: se quiser mudar, mude por você, na o pelo que os outros te dizem – sejam os outros o teu namorado ou a TV. Se você não sentir-se feliz por quem você é, seja lá como for, irá esconder tudo que tem de bonito em você. Entre quatro paredes a autoconfiança dá muito mais tesão que uma barriga lisinha ou um par torneado de coxas.

E você, rapaz que acredita ser o centro do mundo das mulheres e que elas precisam estar do jeito que você deseja: cresça, bicho. Isso é soberba e imaturidade – e eu te garanto: nenhuma barriga tanquinho vai impedir uma mulher de broxar contigo se você continuar pensando assim.



LUCAS BARANYI

Jornalista, boêmio e louco. Acredita que nada substitui uma boa cachaça, uma longa conversa com amigos ou uma grande paixão. De preferência, consome as três coisas ao mesmo tempo – sem fazer cara feia nem tapar o nariz. Eternamente encantado por cinema, música e garotas que fazem caretas em fotos.

LEIA MAIS TEXTOS DO LUCAS

ANEXO A.26 - Não posso ser a mulher da sua vida, porque já sou a mulher da minha vida**Autoria:** Bruna Grotti**Coluna:** Amor**Curtidas:** 34.000**Data:** 06.05.2014

E chega um dia em que a gente se pega apaixonado. Mais apaixonado do que nunca. Mais do que pelo Felipe, aquele menino gracinha do pré-primário, de cabelos cacheadinhos e olhos curiosos, inquietos, trapaceiros, de cigano oblíquo e dissimulado. Mais do que pelo Tobias, aquele cachorrinho feio, mas extremamente companheiro e dócil, que morreu quando a gente tinha uns oito ou nove anos e deixou no ar um luto que parecia que ia durar uma vida inteira. Mais do que pelas tardes de bolinho de chuva e chocolate quente na casa das amigas na época do ginásio, quando a gente largava os cadernos no sofá da sala e não queria sair do quarto nem com ameaça de bomba. Mais do que pelo oitavoanista jogador de basquete, que era o amor de onze entre dez meninas quando a gente tava na quinta série.

Chega o dia, enfim, em que a gente se apaixona de verdade. E que a gente percebe que é amor. Com direito a cafuné antes de dormir, beijo apaixonado logo depois de acordar e sentir saudade antes mesmo de ir embora. Com direito a um peito com encaixe perfeito para a nossa cabeça, um companheiro para os nem tão legais almoços de família e uma química que faz um beijo arrepiar até o pelo da canela. Tudo muito bem, tudo muito bom, tudo delícia cremosa. Até que, diante de tanta paz e de uma felicidade que beira o êxtase, uma armadilha fica iminente: a armadilha da possessão. Do “ele é só meu”. Do “ela nasceu pra mim”. Do “independente do que aconteça”. Do “para sempre”. Do “amor eterno”.

Hollywood, Manoel Carlos, os romances clássicos, a burrice e companhia limitada criaram na nossa cabeça um universo de fantasia onde ter um final feliz é o destino obrigatório de todo e qualquer ser humano ~do bem~, que paga suas contas, seus impostos e que faz carinho nos cachorrinhos de rua. E que ter um final feliz, por sua vez, está intimamente atrelado a ter alguém pra amar – que é, inclusive pra mim, a mais genuína e gratificante forma de felicidade, mas que, convenhamos, está longe de ser a única. E que se deus escreveu por aquelas famigeradas linhas tortas, não há o que tire ele de você. Nem

incidentes, nem acidentes, nem o Papa. Nem a sua displicência ao conduzir uma relação. Nem o seu ciúme sufocante e doentio. Nem a sua falta de carinho. Afinal, ele é o homem da sua vida. Nasceu assim: etiquetado com o seu nome, como os cadernos da segunda série. Como uma propriedade sua.

E é aí que soa o alarme em toda e qualquer pessoa com o mínimo de noção da vida e de amor-próprio. Gente nasce, cresce e morre com livre arbítrio e não é (ou não deveria ser) propriedade de absolutamente ninguém. Todo mundo, quer esteja solteiro, ficando, namorando ou casado, tem o direito de ir e vir. E ficar é uma decisão que a gente toma todos os dias. Quando acorda sorrindo – ou chorando de emoção. Quando almoça com fome e sem preocupações – ou com a preocupação de fazer com que cada detalhe daquela viagem planejada com carinho dê certo. Quando deita na cama e dorme tranquilamente – ou troca o sono por uma boa noite de sexo ou aquelas conversas sobre a vida que se estendem até o sol raiar.

Porque construir um amor de verdade é como dar um laço. E laço é diferente de nó. Laço precisa de cuidado. Precisa de alguém pra aparar as pontas, pra cortar os fiapos, pra firmar o tecido. Precisa de companheirismo, de compreensão, de sinceridade. E no final de tudo, é bonito. Simples, mas bonito. Diferente do nó, aquele amarrão forte que a gente dá uma vez só que é pra prender de vez e não encher o saco. Não exigir preocupação. Não soltar, por mais que machuque os dedos e arrebeste a linha.

Sem dúvida, é infinitamente mais fácil dar um nó. Mas eu prefiro cuidar do meu laço. Afinal, como já dizia vovó, contrariando a sabedoria duvidosa do Waze, nem sempre o melhor caminho é o mais curto.



BRUNA GROTTI

Jornalista, cantora e apaixonada. Pela vida, por sexo, por você. Uma paulista emotiva, sem vergonha, sem papas na língua e que poderia estar matando, roubando ou extorquindo, mas apenas come morangos sensualmente e twitta no perfil @bruna_grotti.

LEIA MAIS TEXTOS DA BRUNA

ANEXO A.27 - Porque a indústria pornográfica pensa que nós, mulheres, não existimos?**Autoria:** Nathalie Macedo**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 1.600**Data:** 11.04.2014

Antes de mais nada, uma confissão: eu vejo pornô. E não é pouco. A sua amiga vê, a sua namorada vê, sua prima pré-adolescente, sua colega de trabalho, sua irmã mais nova. Arrisco dizer que até sua mãe vê – ou, na pior das hipóteses, já viu alguma vez na vida.

Dito isto, preciso dizer que não deveria ser uma confissão – só um comentário desprezível, como os comentários que os homens fazem na roda de amigos. Não deveria ser esse estardalhaço. Haveria de ser simples assim: eu vejo pornô. Ponto. Mas não, nada é tão simples para nós, mulheres. Sempre que uma mulher confessa isso, ouve (de um amigo, uma amiga, do namorado ou de quem quer que seja): – Huuuuummm. Danadinha, hein? Como se fosse anormal, estupendo, inacreditável.

De fato, é tão inacreditável – embora de fato não devesse ser – que nem a indústria pornográfica acredita. Agem, estupidamente, como se nós mulheres não existíssemos. Logo nós, um público tão fiel, somos ignoradas por nove entre dez sites pornô.

Se não acredita, preste atenção em como a mulher é representada nos odiosos filminhos de putaria produzidos em estúdio: a mulher coisificada, que se importa mais em dar prazer do que em sentir. A mulher, muitas vezes, violentada, subjugada. A mulher gostosa e irritantemente passiva. A vadia insaciável e que sacia todas as fantasias do espectador.

Se ainda assim não acredita, leia os anúncios luminosos que aparecem em todo site pornô que se preze: “Mulheres safadas na sua região.” “Fulaninha foi traída e quer se vingar.” “Mães solteiras precisam de pau.” “Sua esposa nunca vai saber.” Mais uma vez, a mulher é um produto. Um objeto que proporciona prazer, antes de um sujeito que SENTE prazer. Mais uma vez, somos ignoradas, até mesmo pelos anúncios, que deveriam se interessar por TODO público que acesse esses portais.

Mas eu nunca vi – se existe, me corrija – um anúncio direcionado ao público feminino, tipo “homens solteiros na sua região” ou “pais solteiros precisam de boceta.” Esses anúncios

simplesmente não existem, por que se parte do pressuposto de que nós não estamos interessadas. Mulheres não estão procurando sexo – estão em casa, esperando passivamente pelo patriarcado. Mulheres não se masturbam, não acessam putaria e não tomam a iniciativa.

O pior disso tudo é que não consigo acreditar que toda uma indústria – que faz publicidade, inclusive, baseada em pesquisas – não saiba qual público acessa o seu conteúdo. O pior é que sabem – mas se negam a confessar. Seguem nos ignorando e nos subestimando, como se – coitados! – isso pudesse conter o nosso orgasmo.

A boa notícia é que já existe uma indústria pornográfica interessada em nós, no nosso prazer. Felizmente, estamos cada vez mais perto de sermos vistas como consumidoras de sexo, capazes de sentir e de buscar prazer. Podemos – a duras penas – nos livrar de nossas amarras e promover a revolução sexual que queremos ver.



NATHALIE MACEDO

Atriz apaixonada, estudante de direito e aprendiz de tudo nessa vida. Gosta de blues, de café e de gente. Recusa-se a levantar da cama se não for para experimentar algo completamente novo. No mais, nunca foi santa. Escreve sobre tudo em: poesiasobretudo.blogspot.com.br

LEIA MAIS TEXTOS DA NATHALIE

ANEXO A.28 - Uma homenagem aos detalhes que te tornam a mulher mais especial do mundo

Autoria: Ricardo Coiro

Coluna: Amor

Curtidas: 18.000

Data: 25.03.2014



AMOR

Como é bom, enquanto comemos ovinhos de amendoim compulsivamente e mantemos os nossos pés colados, torcer para que o Heisenberg (Walter White) não seja preso por cozinhar metanfetamina azul puríssima. Como é bom quando você sugere, ostentando um sorriso de criança em véspera de Natal e arregalando bem os olhos, que troquemos a rotineira e sem graça salada por uma gordurosa Pizza Hut com borda exageradamente recheada. Acho até que gosto mais de você do que de massa pan. E que amo, sem peso na consciência, os dias nos quais resolve me livrar das garras entediadas do regime. As fibras, as gorduras boas, os fitoesteróis e todas aquelas coisas que comemos somente porque os médicos recomendaram, com certeza, podem nos esperar. Afinal, um nhoque com você faz de um dia comum, qualquer um, um delicioso Carnaval.

Como é bom quando finalmente chegamos ao hotel, abrimos a porta de um quarto que geralmente cheira a tabaco de antigos hóspedes e, sem ceder àquela dor advinda das frustrações, apenas rimos após descobrir que fomos, pela milésima vez, enganados pelas fotos picaretas de algum site viagens. Ao invés de chorar ou de perder tempo reclamando com o gerente, sobre a cama que na foto parecia infinitamente maior, aplicamos algumas cambalhotas de alegria e, sem sofrimento por fazer com que o primeiro passo do roteiro nos espere mais um pouco, vestimos a nossa melhor fantasia: a nudez franca. E no banheiro do hotel, local de onde a banheira – aquela que nas fotos mais parecia uma piscina de ondas – evaporou, antes mesmo de começarmos a exploração do novo território geográfico, você geralmente ri do meu moicano de xampu – o mesmo que eu faço no banheiro da sua casa. E, em meio ao vapor que embaça o espelho, para nos tornarmos mais audíveis do que o som da ducha, conversamos quase aos gritos. E você, sempre sem reclamar, permanece comigo por lá – sentada sobre a tampa da privada – até que eu termine de ensaboar o meu corpo e diga: “Sua vez, cabeça de *toy art!*”. Às vezes, também

chamo você de “cabeça de cogumelo”. Ou de “cabeça de rambutão”. Ou de “cabeça de purê de batata” Ou de cabeça de alguma coisa engraçada que eu escolho, aleatoriamente, apenas para fazer você rir.

É tão bom quando você, somente após a segunda garrafa de vinho e com os dentes já totalmente roxos, confessa que gosta de mim, de verdade. E quando fala rindo, com voz meio mole, que meus olhos estão quase fechados. É tão bom quando, ao seu lado, acordo de um sonho bom e, ao notar a sua presença imóvel, ao invés de tentar voltar ao momento lúdico do qual saí, prefiro ficar de olho na cara de paz que faz enquanto dorme. Você, dorminhoca do jeito que é, nem nota, mas se eu ganhasse uma milha aérea por cada minuto que passo zelando por seu sono, certamente poderia voar até Bangladesh. E você, cabeça de hot dog, claro que iria comigo! O que faríamos em Bangladesh? Ué, o mesmo de sempre: absorveríamos de mãos dadas e corações trançados – o que é bem mais interessante – as múltiplas experiências que um país novo pode oferecer a um casal que se dá bem em qualquer língua e até quando só pode se comunicar através de gestos. Não está bom? Para mim, está perfeito.



RICARDO COIRO

Publicitário, devorador de Temakis, poeta de bar e campeão brasileiro de matrículas mal sucedidas na academia. Suspeita que o amor move montanhas, mas tem certeza absoluta que um bom boquete matinal é capaz de mover o mundo. Acredita que é possível ser romântico sem perder a pegada e sim, assume que um dia aceitou ser chamado de Chuchu e que perdeu uma lágrima quando o cão Marley morreu. Autor do livro "Confissões de um Cafamântico".

LEIA MAIS TEXTOS DO RICARDO

ANEXO A.29 - Namore uma mulher que...

Autoria: Lucas Baranyi

Coluna: Amor

Curtidas: 1.400

Data: 19.03.2014



AMOR

Em um universo paralelo que só passou a existir quando minha cabeça deu conta de inventá-lo (há cerca de dez minutos), pessoas são vendidas em supermercados próprios para esse tipo de compra. Muito grande esse estabelecimento é dividido em diversas fileiras com as mais variadas denominações. Suas demarcações, porém, não se caracterizam por aspectos físicos – peso, altura, cor dos olhos ou qualquer outra particularidades corporal. As pessoas procuram especificamente o que está dentro, como se relações humanas fossem uma ciência exata, que pode ser medida e quantificada.

Esse é o universo mais chato que já criei – e não foram poucos.

Minha geração (Y, para especificar e me dar conta que devo ser atualmente o colunista mais jovem do Casal Sem Vergonha) parece determinada a viver sob objetivos inatingíveis e com o mínimo de esforço para consegui-los – o que nos torna, cada vez mais, pessoas frustradas. Desejamos todas as conquistas possíveis, desde que elas venham a nós, e não o contrário.

Sinto, muitas vezes, que há uma desvalorização cada vez maior da jornada, do caminho percorrido até nossa pretendida vitória. E isso começa a influenciar cada vez mais na maneira como nos relacionamos.

Tenho grandes amigos que cortam pela raiz possíveis amores antes mesmo que eles tenham chance de florescer. Preocupados demais em olhar os pequenos problemas (que se tornam imensos diante de olhos pessimistas e preguiçosos), deixam de lado todas as incríveis possibilidades contidas no encontro de duas pessoas que se desejam.

Quem percebeu e se incomodou com o fato desse texto ainda não ter chegado em seu argumento principal (“encontre uma namorada que...”) **precisa** – repito – **parar de se preocupar com o objetivo e dar atenção e carinho ao caminho percorrido**. Até porque geralmente você não sabe o que (quem) deseja até que a pessoa aparece na sua frente

(ou, citando Pitty e minha pré-adolescência, você se dar conta que “ela estava ali o tempo todo, só você não viu”).

Se há alguma somatória de fatores que podem influenciar em uma boa relação, ela não está naquilo que você vê no espelho ou nas páginas que a pessoa curte no Facebook. Você só vai saber de verdade se um namoro vale a pena quando **parar de criar barreiras e simplesmente tentar**. Ainda assim, se você não está convencido e precisa de uma resposta, coloco de lado os parágrafos acima por alguns instantes para compartilhar, por experiência própria, minha fórmula mágica: sintonia.

Todo mundo conhece aquelas duas pessoas que parecem ter nascido uma para a outra. Que no papel parecem funcionar como Brad Pitt e Angelina Jolie/Rose e Jack/queijo e goiabada, mas não deram certo. Das duas, uma: ou não havia sintonia ou não tentaram o suficiente.

Você pode pensar que “*Sintonia é uma coisa que muda, Lucas!*” e, justamente por causa disso, é preciso arriscar. Uma relação pode começar sem sintonia, encontrá-la e durar até o fim da vida. Pode mudar depois de seis meses (ou seis semanas) e acabar. Você irá seguir um caminho diferente, conhecer outras pessoas e tentar de novo, mas terá saído de todas essas relações com algo muito mais valioso que o resultado: aprenderá mais sobre outras pessoas e você mesmo. A cada erro irá entender melhor como sua sintonia funciona e como identificar melhor pessoas que vivem numa realidade parecida com a sua. E, ainda que o final do filme não se desenvolva do jeito que você quis, garanto que todas as cenas protagonizadas por você antes disso valerão muito mais que o ingresso para o cinema – ou a ida ao supermercado-humano mais próximo.



LUCAS BARANYI

Jornalista, boêmio e louco. Acredita que nada substitui uma boa cachaça, uma longa conversa com amigos ou uma grande paixão. De preferência, consome as três coisas ao mesmo tempo – sem fazer cara feia nem tapar o nariz. Eternamente encantado por cinema, música e garotas que fazem caretas em fotos.

LEIA MAIS TEXTOS DO LUCAS

ANEXO A.30 - 53 maiores fantasias sexuais das mulheres**Autoria:** Editoria do blog**Coluna:** sexo**Curtidas:** 12.000**Data:** 27.02.2014**SEXO**

Se você acompanha o CSV, sabe que lançamos recentemente um espaço semanal no site onde fazemos uma pergunta aos leitores e montamos uma lista única e exclusivamente com as respostas que recebemos – é a Pergunta de Quinta (se você ainda não sabe do que estamos falando, clique [aqui](#) que a gente explica).

Quem disse que mulher não gosta de sexo? Resolvemos perguntar para nossas leitoras quais são as maiores fantasias delas, e acredita que recebemos muito mais respostas do que quando fizemos a mesma pergunta aos homens? Pois então prepare-se para ler as respostas delas, todas recheadas de muita sacanagem.

1. Transar com dois homens.
2. Ser completamente dominada na cama. Que ele mande, bata...
3. Pedir para o namorado assistir minha transa em vídeo com um ex.
4. Fazer sexo na biblioteca.
5. Fazer um ménage com outra mulher, onde o centro das atenções dele e dela seja eu.
6. Chupar outra mulher.
7. Fazer troca de casais.
8. Transar no meio de uma festa com todos te olhando.

9. Ser penetrada enquanto o namorado mantém o dedinho no meu cu mexendo gostoso.
10. Ver seu namorado comendo outra garota enquanto você se delicia com o corpo dela tbm.
11. Visitar uma casa de swing onde pudesse rolar tudo.
12. Dupla penetração, claro.
13. Transar com vários caras ao mesmo tempo, todos interessados em me dar prazer.
14. Transar com um cara que tenha um pau gigantesco. Os pequenos são sempre a reclamação de toda mulher.
15. Ser chupada por dois homens.
16. Transar à beira de uma cachoeira.
17. Encontrar um cara que aceite nosso lado safada sem nos julgar.
18. Transar com o melhor amigo do namorado.
19. Fazer squirt em alguém.
20. Transar com a melhor amiga enquanto um cara fica olhando.
21. Transar com uma garota.
22. Masturbar com a janela aberta só pra quem passar na rua ver.
23. Dar uma pulada de cerca.
24. Transar no banheiro da boate.
25. Transar com um médico muito gato, no quarto de repouso, durante plantão.
26. Um cara que te chupe, te lamba sem frescurinhas e nojinhos.
27. Fazer sexo com dois homens ao mesmo tempo e que eles interajam entre si.
28. Transar com um militar.
29. Um homem que fale bastante palavrão.
30. Transar com um mecânico cheirando a graxa.
31. Sexo no mesmo quarto de motel com outro casal.
32. Fazer sexo tântrico.
33. Ser completamente submissa.

34. Fazer sexo com um desconhecido.
35. Ser prostituta por um dia.
36. Ter um namorado/marido que deixe transar com outros homens.
37. Transar com um garoto de programa.
38. Transar com pai e filho juntos.
39. Transar no elevador.
40. Transar com um professor da faculdade na sala de aula vazia, com o perigo de que entre alguém.
41. Transar com uma travesti.
42. Transar com um homem mais velho, na fantasia de tio e sobrinha.
43. Penetrar um homem, vê-lo sentindo prazer com o sexo anal.
44. Fazer um vídeo transando com meu namorado e por na internet.
45. Transar com um astro de rock todo suado após um show, em cima de um amplificador.
46. Ser atriz pornô por um dia.
47. Que ele faça um kit com fantasias sexuais e acessórios pro sexo e nos presenteie.
48. Se livrar de uma multa fazendo um boquete num policial gostoso.
49. Brincar com uma amiga usando um vibrador e ser surpreendida por seu colega de apartamento que chegou em casa com mais amigos.
50. Tirar a virgindade de um cara meio nerd.
51. Obrigar meu namorado pagar um boquete.
52. Ver ele se masturbando.
53. Transar debaixo do chuveiro

ANEXO A.31 - Seja uma mulher que...**Autoria:** Vana Medeiros**Coluna:** atitude**Curtidas:** 13.000**Data:** 21.02. 2014**ATITUDE**

Seja uma mulher que sabe que tipo de mulher você quer ser. Você não precisa ter chegado lá, não precisa ser perfeita, não precisa dar conta de tudo o tempo todo. Não precisa ser o modelo de mulher que todos gostariam de ser. Só é bom que você saiba reconhecer suas próprias falhas, seus próprios erros, e amá-los, da mesma forma como você amaria os defeitos de um amigo tão querido que nem passaria pela sua cabeça desprezá-lo. Não se despreze.

Seja uma mulher que sabe o valor da vida, sabe o valor do que tem ao redor, sabe o valor de tudo que você já passou e de todas as lições que aprendeu no meio do caminho. Você é uma mulher, não é mais uma menina. Não lhe cabe mais uma certa displicência da juventude, mas ainda lhe cabe não se entregar completamente às enxaquecas do mundo dos adultos.

Seja uma mulher que vive. No presente do presente. Seja uma mulher que sabe qual é a cor do batom que você passou horas atrás sem precisar olhar no espelho. Que dá bom dia ao cobrador do ônibus, que percebe quando pintaram a casa do lado da sua. Como estava seu namorado quando você acordou hoje? Ele estava bem, de mau humor, feliz, triste, com problemas no trabalho? Viva aqui, não lá na frente. Existem poucas coisas mais difíceis do que reeducar sua mente para viver a hora que se vive ao invés de ansiar sempre pela próxima. Viva antes que a ansiedade se torne um hábito. Você não precisa se render à pressa desgastante dos nossos tempos malucos.

Seja uma mulher que não se rende à essa pressa. Controle. Você está no controle da sua vida, perceba isso. Não são cinco minutos a mais tomando café da manhã que vão fazer seu chefe te demitir. Não deixe que o mundo lá fora te engula. Não deixe que o mundo te diga quem você precisa ser. Descubra quem você quer ser. Descubra como é o seu ritmo

e que ritmo você quer seguir – a aceleração, a pausa, o agudo o grave, a suspensão. Você dita você.

Seja uma mulher que ama seus detalhes. Perceba como as suas coxas ficam lindas usando aquele vestido mais soltinho. Admire no espelho o visual incrível desse novo lápis de olho. Saiba qual é a cor que te cai melhor. Tem gente que diz que o mundo anda narcisista demais. Eu acho que o problema está no fato de todo este amor próprio ser uma grande falácia. Está todo mundo por aí, gritando aos quatro cantos que se ama com seus selfies, porque no fundo não se ama de verdade.

Seja uma mulher que, junto comigo, vai empreender todos os dias esta cruzada terrível que é se amar sendo uma mulher no nosso mundo. Seja uma mulher que vai conseguir – e me ensinar como fazer isso – fechar olhos e ouvidos para todas as críticas que recebemos todos os dias, e perceber que nós somos válidas, somos incríveis, somos gigantes diante da pequena mesquinhez com que o mundo ainda nos trata.

Descubra a mulher que você é. Você não tem obrigação de ser ninguém, de fazer nada. Você não precisa ouvir o que o mundo te diz. Você diz ao mundo, e ponto final.



VANA MEDEIROS

Jornalista paulistana de 25 anos, é editora de um site sobre séries de TV e amante de todos os tipos de ficção, com destaque para aqueles que vêm em capítulos, mas sem esquecer do palco, paixão antiga. É uma gordinha orgulhosa e completamente apaixonada pelo gordo dela, e pelo trabalho de fotografar o mundo sem precisar de imagens pra isso. Se ser feminista é acreditar que mulheres são donas do próprio corpo e da própria cabeça, é feminista pra caralho. Atende reclamações no @vanamedeiros.

LEIA MAIS TEXTOS DA VANA

ANEXO A.32 - Case-se com uma mulher que...**Autoria:** Danielle Daian**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 80.000**Data:** 23.01.2014**AMOR**

Difícil mesmo é sambar a dois. Afinar o ritmo, o compasso, o contratempo daquela melodia que se espera ser dançada pela vida inteira. Ainda mais complicado é definir quem tirar pra dançar. Ela vai ser seu primeiro sorriso pela manhã e seu último olhar de doçura antes de dormir. É com ela que você vai dividir os dias, os anseios, receios, as vitórias, derrotas e bem possivelmente, num futuro próximo, os genes. Dela, serão seus cafés da manhã regados a iogurte com cereais e pão francês, como também as viagens de fim de semana para um lugar aconchegante qualquer. As mãos dela serão o alicerce rumo a mais uma etapa sensacional na sua vida: o felizes para sempre (ou pela breve infinidade do sentimento). Mais do que sua parceira, ela precisa ser a sua melhor escolha. Mais do que companhia, ela precisa ser conforto, morada e paz, pra vida e para o coração.

Por isso, case-se com alguém que seja a sua maior torcida no futebol de sábado, no trabalho, na vida. Que vista a camisa do time, calce as chuteiras, entre no jogo ou simplesmente esteja preparada para recebê-lo no vestiário com o beijo mais acolhedor do mundo depois daquele cartão vermelho. Alguém que entenda o quão sagrada e preciosa é aquela cerveja com os amigos e o videogame de domingo a tarde. Uma pessoa que saiba cuidar e que ao mesmo tempo entende que regar demais a flor também maltrata o jardim.

Case-se com alguém que saiba dizer não, porque o respeito à individualidade e ao livre arbítrio do outro é o lençol que cobre a cama de sorrisos todas as noites antes de dormir. Que seja serenidade e calor nas manhãs de domingo. Que seja saudade e desassossego no momento da mais absoluta ausência.

Escolha uma mulher que saiba sorrir com você, de você e para você. Que aponte o caminho mais do que o erro e seja bússola quando faltar o norte. Eleja para o resto da vida

aquela dotada da mais ardente coragem, seja para abandonar certas travessias, hábitos, rotinas, seja para peregrinar cada vez mais fundo em cada uma delas.

Opte por uma companheira que saiba reconhecer sua tentativa desastrada de cozinhar durante a crise de TPM dela e que seja disposta a eventualmente te acompanhar nos seus desatinos em série, como aquela corrida de kart com os amigos ou aquela trilha na montanha.

Case-se com alguém que diga sim não só ao que você tem de melhor, mas que saiba amar cada metade torta das suas falhas e defeitos (incluindo sua mania recorrente de deixar a toalha molhada em cima da cama). Escolha alguém que esteja inteiramente com você “apesar de”, porque fácil mesmo é se enlaçar por um olhar, um sorriso, um corpo escultural – o difícil é entender que em todo paraíso existe um pouco de tormenta. O que me leva a um ponto de suma importância: case-se com alguém que saiba ceder a uma discussão no momento certo. No amor vence quem sabe perder. Perder o orgulho, a vez, a discussão delimita a batalha de uma guerra em que os dois saem ganhando. Escolha alguém que não desista de você.

Abrace para o resto da vida a menina bailarina que exime o parceiro da liderança da valsa. Que se dispõe a guiar junto com você essa dança louca que é o amor, de pés no chão pra sentir a vibração do palco, o calor da plateia e as mãos bem dadas fluindo no tom da canção.

E talvez as palavras mais sinceras que eu poderia dizer seriam, case-se com a sua melhor amiga, a parceria das suas risadas mais gostosas. No fim de tudo, quando faltarem forças, palavras, a barba branquear, o cabelo rale, quando a imagem do espelho não for mais a mesma, é a amizade que vai importar, que vai sustentar o edifício quando a estrutura do concreto esmorecer. É o quanto vocês conseguem dizer um para o outro muitas vezes sem se tocar, apenas ali no silêncio de um olhar, que vai garantir a solidez dos próximos capítulos desse livro.

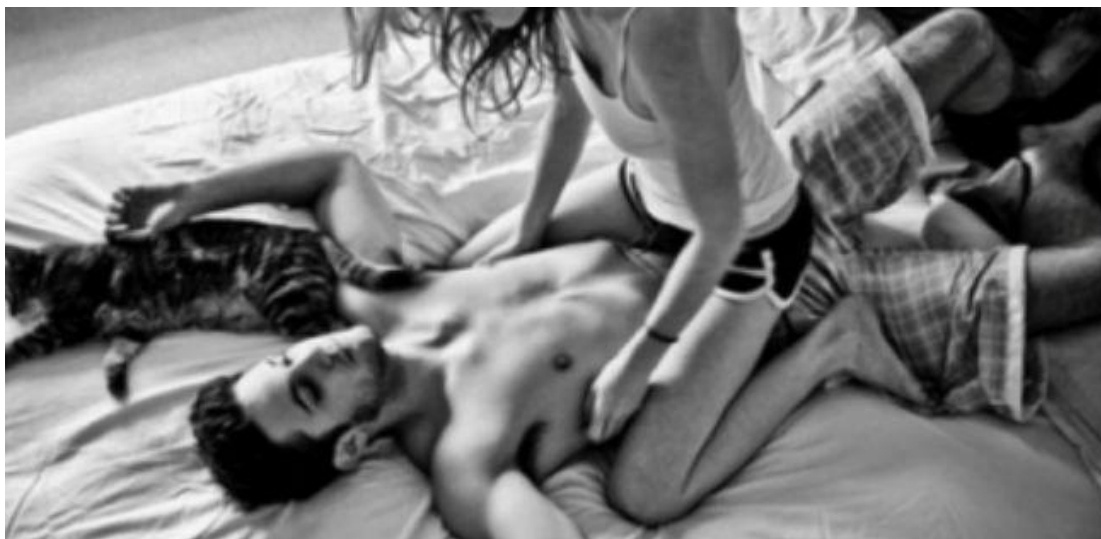
Acontece que amor não tem pré-requisito, carta marcada, currículo e muito menos se fundamenta em uma lista de características. Minimizar os pontos de crise é bom e evita um bocado de dor de cabeça, mas se a pessoa que você escolher passar o resto da vida não apresentar o mínimo daquilo que você procura, que exista carinho suficiente para cativar e ser cativado. Fundamental mesmo é o amor. Então se case com a mulher que preencher de permanência seu coração. Determinadas clarezas só a alma da gente é capaz de dizer.



DANIELLE DAIAN

Bióloga por profissão, bailarina por amor, escritora por hobby e apaixonada de natureza. Impulsiva, inconsequente, neurótica, dramática, mas com um coração enorme. Eternamente em busca do meu príncipe (ou do meu sapo encantado) e do tão sonhado felizes para sempre.

LEIA MAIS TEXTOS DA DANIELLE

ANEXO A.33 - Rapidinha: 4 coisas que as mulheres boas de cama fazem diferente**Autoria:** Editoria do Blog**Coluna:** Sexo/ Rapidinhas**Curtidas:** 18.000**Data:** 25.11.2013**SEXO**

Esse é mais um post da sessão [Rapidinhas](#), que toda segunda-feira trará dicas práticas, objetivas e sem mimimi para os leitores inovarem na cama. Conheça a nova programação semanal do Casal Sem Vergonha [aqui](#).

Ser uma mulher boa de cama não é sinônimo de ser gostosa – aliás, está bem longe disso. Você pode ser a mais gostosa do mundo, mas se agir como uma tábua na hora H, certamente não terá uma performance satisfatória. Ser boa de cama é muito mais do que dar prazer ao parceiro – é saber sentir prazer também. É tornar o sexo uma troca justa de energias, de fluidos e de satisfação.

Na Rapidinha de hoje, trouxemos quatro coisas que as mulheres boas de cama fazem diferente. Anota aí:

1. Elas não fingem orgasmo

Por mais que ver a parceira atingindo um orgasmo seja uma sensação indescritível de tão boa, fingir prazer é a maior burrice que pode existir entre quatro paredes. Em primeiro lugar, porque a relação de confiança, que deve existir entre qualquer casal que se proponha a fazer sexo, fica baseada em um alicerce bambo, composto por mentiras. E em segundo, porém não menos importante: se você finge o orgasmo, mesmo não tendo nem chegado perto dele, o seu parceiro vai achar que arrasou. E aí, os dois saem perdendo: você, porque não sentiu prazer de fato; ele, porque perdeu a oportunidade de se aprimorar sexualmente e de realmente satisfazer a mulher que divide os lençóis com ele.

2. Elas conseguem ter prazer sozinhas

Conhecer o próprio corpo é premissa básica para sentir prazer e para saber como guiar o outro na hora de lhe dar prazer. Mulheres boas de cama se masturbam e não têm vergonha de falar sobre isso. Muitas delas têm sua coleção de brinquedinhos – que não substituem

o sexo, mas que servem como paliativo naqueles dias em que o namorado, o marido ou o P.A. não estão disponíveis. Elas conhecem muito bem as zonas erógenas do próprio corpo e, em vez de guardar esse conhecimento a sete chaves, o compartilham com o parceiro. Não que o sexo deva ser um manual de instruções. Mas não é nada mal você dizer para ele como mais gosta de ser tocada ou chupada, por exemplo. E perguntar ao outro como ele gosta de se tocado também não é nada mal.

3. Elas alimentam a própria mente com putarias

O patriarcalismo deixou diversos ranços na nossa sociedade. Um deles é a aprovação do sexo para o homem e a condenação do sexo para a mulher. Durante muito tempo, o prazer feminino foi condenado, já que, na visão dos machistas, o sexo, para a mulher, tinha como única finalidade a reprodução. Por isso, é incomum que mulheres assistam a filmes pornô, leiam contos eróticos, vejam fotos de homens pelados. Mas qual o problema em tudo isso? Absolutamente nenhum. Muito pelo contrário, essa pode ser uma das soluções. Alimentar a mente com putarias é uma boa maneira de buscar inspiração para a hora do sexo.

4. Elas têm atitude

Nada de “não vou transar na primeira noite pra me valorizar” ou “apague a luz, que eu estou com vergonha”. Mulheres boas de cama sabem que fazer sexo e gostar da brincadeira não desmerece ninguém – afinal, o caráter está completamente dissociado disso. E também sabem que a atitude vale muito mais do que uma lingerie bonita. De nada adianta você colocar aquela roupa matadora, com a intenção de provocar o seu parceiro, se tiver vergonha do próprio corpo na hora de tirar tudo. É o que sempre dizemos: se a sua calcinha está no chão, é lá que sua vergonha também deve estar. Celulites, estrias, barriguinha e pelos passam despercebidos se você o fizer gozar, em vez de simplesmente emprestar o seu corpo para que ele goze.

Para saber mais sobre como ser uma Mulher Boa de Cama, [clique aqui](#).

*Gostou? Então não deixe de conferir a sessão **Rapidinha**, que rola toda segunda-feira aqui no CSV. Ah, e não se esqueça de nos contar se de*

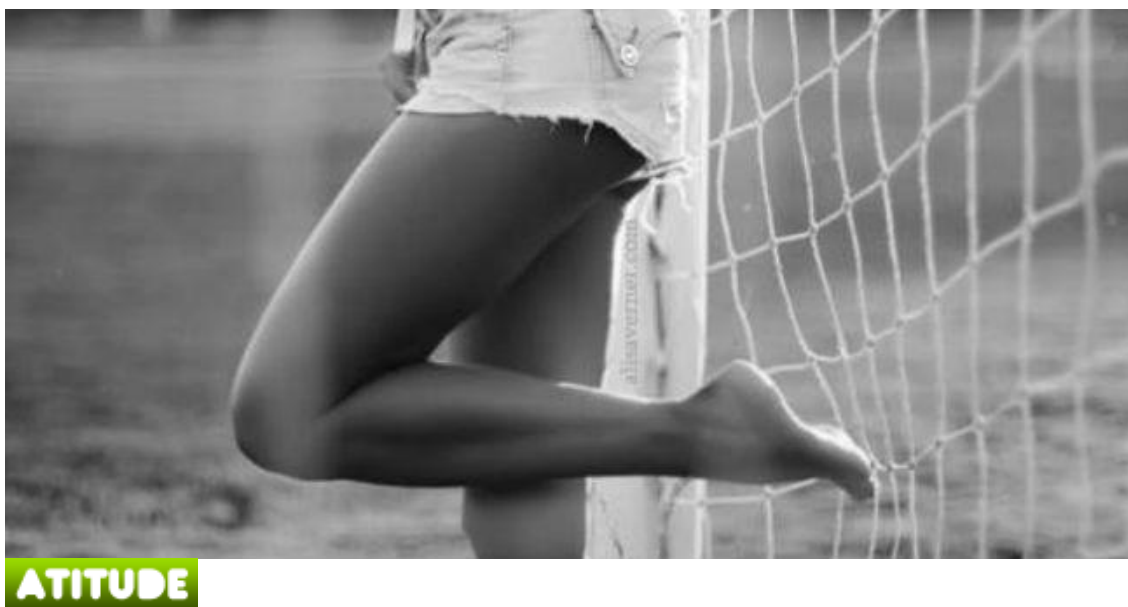
ANEXO A.34 - Por um mundo com homens que chorem e mulheres que joguem futebol

Autoria: Bruna Grotti

Coluna: Atitude

Curtidas: 7.100

Data: 22.11.2013



Se eu disser aqui que nunca comprei um par de sapatos para aliviar o estresse, quantos de vocês irão acreditar? Pouquíssimos, eu presumo. Porque comprar sapatos está para as mulheres assim como jogar videogame está para os homens, não é mesmo? E toda mulher cobiça o que a outra tem, porque é competitiva. E nunca se arruma para se sentir bem consigo mesma – só pra despertar a inveja das outras. E sempre faz cu doce – afinal, é uma questão de se dar valor. E comenta do tamanho do pau do namorado com a BFF, porque BFFs são ~tipo irmãs~ que a gente escolhe pra vida. E gosta de dinheiro – e de presentes caros. E toda mulher, dizem por aí, vira uma fera e depois chora sem motivo quando está na TPM.

Se você acha que é só isso, meu caro amigo, você não entende nada de mulheres. Tem muito mais. Mulher dirige mal, não sabe separar amor de sexo, tem medo de barata, demora a se arrumar, nunca vai direto ao ponto, é grudenta, muda de opinião diariamente, faz dietas mirabolantes, nega elogios, vai acompanhada ao banheiro, reclama do futebol e do videogame... E mais uma infinidade de absurdos que eu tô com preguiça de continuar listando. Porque a palavra é bem essa mesmo: pre-gui-ça. Preguiça de todos os estereótipos de gênero criados ao longo da existência da humanidade, que nada fizeram a não ser fomentar uma infantil e eterna guerra dos sexos.

Não é novidade pra absolutamente ninguém que, desde que a gente cai de paraquedas e sem para-raios nesse mundão de meu deus, somos constantemente encaixados em padrões preestabelecidos. A sociedade age como um artesão que organiza suas miçangas – aqui rosa, aqui azul, aqui verde, aqui amarelo. Aqui brancos, que são playboys; aqui negros, que são marginais; aqui indígenas, que são vagabundos; aqui amarelos, que estão estudando nesse exato momento para roubar a sua vaga no vestibular. Aqui ateus, que comem criancinhas; aqui católicos, que também comem criancinhas; aqui evangélicos, que comem o seu dinheiro; aqui as religiões afro, que comem galinha viva. Aqui os ricos, que

gastam dezenas de milhares de reais por mês com futilidades; aqui os pobres, que fazem filho pra ganhar bolsa-família; aqui a classe média, que sofre. Aqui os homens, que são o sexo forte; aqui as mulheres, que são o sexo frágil.

E eu poderia falar de mais dezenas de rotulações às quais estamos sujeitos só porque nascemos numa sociedade que persegue a normatividade, mas aí eu gastaria oito vidas – e eu, como boa gata, só tenho sete. Então me atenho à última categoria: a de gêneros. Se tudo o que eu citei no início do texto compuser um conceito de feminilidade, sou um homem. Do mais másculo. Daqueles que não se emocionam com filmes, não choram em nenhuma circunstância, pegam todas na balada, nunca recusam uma cerveja, largam a toalha molhada em cima da cama, não resistem a um par de peitos, manjam tudo de futebol, cultuam com apego cada tufo de pelo que lhes nasce no peito, mentem sobre o tamanho do pau e a sobre quantidade de mulheres que já pegaram na vida. Porque homem que chora, que pede um suco de laranja ao garçom, que prefere a novela ao futebol e que nega uma trepada – independente dos atributos físicos e intelectuais da mulher que lhe oferece – é viadinho. Só pode ser.

É. Aposto que até certo ponto do texto, pelo menos metade de vocês teve o ímpeto de me chamar de feminazi-que-precisa-de-uma-pilha-de-louça-pra-lavar. Mas a verdade, como bem lhes fiz o favor de esfregar na cara, é que lutar pelo fim dos estereótipos de gênero não é uma causa feminista – é uma causa humana. Tanto homens quanto mulheres são prejudicados pelas generalizações. Mas a maioria de nós ainda se recusa a enxergar e coloca a responsabilidade sobre os fatores biológicos – ou melhor, atribui efeitos culturais à biologia. Mulher tem que cuidar dos filhos e da casa porque tem instinto materno. A testosterona é o hormônio do prazer sexual – portanto, é natural que homens, poços de testosterona, jamais neguem sexo e saiam tresloucadamente atrás de um buraco onde possam fincar seus paus duros. Se peitos femininos não fossem feitos para serem apreciados e apalpados, eles não seriam mais volumosos do que o peitoral masculino – por mais que estejamos carecas e depilados de saber que eles foram feitos para amamentar.

Os estereótipos de gênero na sua vida começaram antes mesmo de você nascer. Quando mamãe foi fazer o ultrassom e o médico disse “É MENINO!”, papai pensou nas tardes de domingo em que jogaria futebol com você, e titia comprou um macacãozinho azul e um carrinho, que era pra enfeitar o seu quarto e pra você brincar depois dos três anos – porque continha peças pequenas que poderiam ser ingeridas acidentalmente. E você, que nasceu menina e usava macacãozinho rosa, ganhou bonecas e kits com panelinhas e pratinhos – que, caso eu seja muito maliciosa me avisem, mais parece uma escola de criar donas de casa –; enquanto mamãe pensava em todos os penteados mais mirabolantes que faria com seus belos cabelos longos. Aí você cresceu e menstruou. Se apaixonou por um menino quando transou com ele, porque não soube separar amor de sexo. Cultivou seus longos e lindos cabelos por toda a vida. Namorou, casou, teve um lindo varãozinho e sonhou que ele se tornasse um engenheiro de sucesso – afinal, homens sempre têm o raciocínio lógico mais aguçado do que a sensibilidade emocional.

Mas poderia ter sido diferente. Você poderia ter cortado suas madeixas aos doze anos e decidido nunca na vida perder tempo esmaltando as unhas. Ou poderia ter se apaixonado por uma menina. Ou poderia ter casado com um homem, mas decidido não ter filhos. Ou poderia continuar solteira, aproveitando vários *one night stands* e se apaixonando pela casualidade do mundo. E, em vez de se divertir com banhos de loja, seu hobby poderia ser andar de kart ou jogar videogame. Certamente, a sociedade faria você se sentir um peixe fora d'água – afinal, você transgrede a normatividade. Mas aí você se lembra de que os homens usavam saias e choravam sem vergonha na Grécia Antiga. E de que, lá mesmo, ser bissexual é que era sinal de masculinidade. E de que, em meados de 1910, azul era cor de menina. Ah, e de que, no Egito Antigo, os homens também usavam maquiagem. Pois é. Parece que a normatividade de vocês tem uma lógica contestável...

E aí, moralistas de plantão, cadê os seus deuses agora?



BRUNA GROTTI

Jornalista, cantora e apaixonada. Pela vida, por sexo, por você. Uma paulista emotiva, sem vergonha, sem papas na língua e que poderia estar matando, roubando ou extorquindo, mas apenas come morangos sensualmente e twitta no perfil @bruna_grotti.

LEIA MAIS TEXTOS DA BRUNA

ANEXO A.35 - Namore uma mulher que sorria**Autoria:** Ique Carvalho**Coluna:** Amor**Curtidas:** 41.000**Data:** 21.11.2013**AMOR**

Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar que sã nas coisas mais simples da vida que estão os momentos mais importantes. Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar a não pensar demais, a jogar fora o guarda-chuva, a acabar com a timidez, a conversar mais do que permitido, a tomar banho no rio.

Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar a rir de todas as coisas esquisitas da vida e, principalmente, a não ligar para o que os outros pensam. Namore uma mulher que sorria, mesmo sem fazer nenhum som, de uma forma totalmente louca. Você vai ter vontade de abraçá-la. Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar que ser sério não tá com nada – a seriedade é duvidosa, a alegria é interrogativa.

Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar que paixão e satisfação caminham de mãos dadas. Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar a ser imprudente, porque, se andar sempre em linha reta, não terá histórias para contar. Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar a chorar nos filmes bobos e a dormir nos filmes chatos. Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar que ninguém deve julgar seus defeitos.

Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar, por mais que você esteja sofrendo, que um sorriso sempre alivia um pouco. Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar que, às vezes, é preciso chorar, porque se você procurar felicidade eterna, não encontrará. Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar que amor não precisa de papel assinado. Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar a não arrumar a casa na segunda-feira, a não sofrer com o fim do domingo.

Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar que, às vezes, começar de novo é exatamente o que uma pessoa precisa. Namore uma mulher que sorria. Ela vai te ensinar que as mulheres não são frágeis. Elas só querem alguém para sorrir junto.

**Texto originalmente publicado em [The Bro Code](#).*



IQUE CARVALHO

Publicitário que fez 3 anos de psicologia mas ama cinema. Escritor errático, freqüentemente envolvido em algo bizarro, e em alguns casos, "scandalous situations". Atende a reclamações e agradece elogios em facebook.com/ique1.

ANEXO A.36 - Vítimas de machismo: quantas mulheres ainda precisam morrer?

Autoria: Laís Montagnana

Coluna: Sexo

Curtidas: 4.000

Data: 18.11.2013



Mais uma vez, a caça às bruxas do século XXI fez sua vítima. Bastou o intervalo de algumas semanas desde o caso [Fran](#) – a garota que teve sua vida destruída por um vídeo íntimo de treze segundos que vazou no WhatsApp – para outra mulher também ir pra fogueira. Só que, dessa vez, a consequência foi mais grave. A adolescente [Júlia Rebeca](#), de dezessete anos, não suportou a pressão de ter que lidar com toda a repercussão, assédio, linchamento virtual e *bullying* e tirou a própria vida. O motivo de todo esse medo? Gostar de sexo. E isso faz com eu me pergunte: quantas mulheres ainda terão de morrer até que nos libertem da misoginia?

Mulher gosta de sexo. Ponto. Qual é a dificuldade em entender isso? Por que é tão, mas tão difícil aceitar que a mulher pode sim gostar tanto ou até mais de sexo que o homem? Vivemos a ditadura silenciosa do machismo disfarçado de boas maneiras, de regras de condutas de como se deve comportar uma lady, uma moça direita de família e a “filha perfeita” que a Júlia Rebeca queria ser. É assim que o patriarcado encontrou uma maneira de suprimir, abafar e trancafiar a sexualidade feminina: não permitindo que mulheres que gostam de sexo tenham aceitação moral.

Enquanto os homens (heterossexuais, diga-se de passagem) são incentivados a escancarar sua sexualidade – vide o orgulho familiar de quando o bebê descobre o pênis: “olha ele brincando com o bilauzinho!”, a pressão pra levar o adolescente de dezoito anos recém completos ao puteiro ou o incentivo à canalhice disfarçado de “cadê aS namoradaS?” – as mulheres sofrem um controle excessivo sobre a sexualidade. O patriarcado quer vigiá-las, quer que seu desejo seja trancafiado a sete chaves e o faz através da [cultura do estupro e do slut-shaming](#).

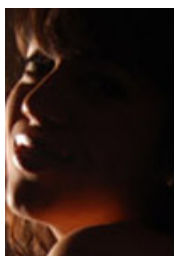
O patriarcado quer reprimir a sexualidade das mulheres, quer que elas escondam o absorvente no fundo do carrinho do supermercado, que cruzem bem as pernas na hora de se sentar, que não falem palavrão, que tenham medo de dar na primeira vez devido ao

receio de serem taxadas de putas e vadias. O patriarcado não quer ~mulher direita~ fazendo *ménage à trois* ou perguntando se você quer comer o cuzinho bem apertadinho dela, porque o patriarcado divide as mulheres em *pra comer* ou *pra casar*. As da primeira categoria não passam de objetos usados para satisfazer as vontades do macho dominante. O patriarcado quer garotas que digam 'não', garotas "difíceis", bonitas e caladinhas para que possam cumprir o seu único papel social: o de enfeitar o mundo. Quer garotas lindas e mansas para que eles possam exercer seu poder e oprimi-las com cantadas nojentas (não, cantada não é elogio), passadas de mão e fiu-fius quando elas caminham na rua.

Enquanto essa sociedade hipócrita, violenta e machista prevalecer, eu não sei mais quantas mulheres serão massacradas e culpabilizadas. Porque, nos casos citados, havia homens envolvidos também, mas homens que saem "impunes", sem culpa, homens que tem o aval para exercer a sua sexualidade e por isso saem livres. Esquece-se do machismo que impera silenciosamente e culpam a ~falta de diálogo~ com os pais ou a tecnologia. Há sempre uma maneira de fechar os olhos aos anos de opressão feminina e lavagem cerebral misógina para limpar a barra do patriarcado. Como fez o ~especialista~ que analisou o caso da Júlia Rebeca na matéria acima linkada. Copio suas sábias palavras: "É importante que os pais estejam próximos dos filhos, saber das amizades, o que estão fazendo. Ter todo um acompanhamento. Não precisa entrar na intimidade, não tanto, mas ter um mínimo de conhecimento. O próprio adolescente vai entender que o que você, pai ou mãe, está fazendo, é por amor". O suposto profissional também ressaltou sobre o risco de fazer vídeos com conteúdo íntimo. Ou seja, conversar com os pais e não filmar sua transa são os novos: não use saia curta, não beba, não saia sozinha à noite e blá blá blá. A solução do especialista para o caso é que a sexualidade da mulher, que já é reprimida e controlada, seja AINDA MAIS vigiada. Ninguém sugere uma mudança estrutural, ninguém aponta que a misoginia é o problema, ninguém quer educar e conscientizar as pessoas para que elas não se tornem machistas imbecis. É muito mais fácil culpar a falta de diálogo, a internet e, como sempre, a mulher.

O [Fantástico](#) endossou o coro e exibiu uma matéria ontem sobre o assunto com o abre: "jovens mulheres filmam relações sexuais, confiam nos parceiros e acabam humilhadas por milhares de pessoas na internet". Leia-se: a garota ingênua confiou num cara com quem tinha intimidade, a moça permitiu que ele fizesse a porra do vídeo, ele espalhou pra todo mundo desdenhando da confiança da menina e o problema é a menina que não se dá ao respeito. Além disso, ao invés de questionar a repercussão do vazamento do vídeo, o porquê do sexo ainda ser um tabu, o porquê de a mulher ainda ser reprimida, o porquê de vivermos numa sociedade misógina, o Fantástico resolveu listar regrinhas para as mulheres de como filmar sua transa sem ser pega. Novamente a responsabilidade e a culpa caem sobre o colo feminino.

É por isso que, enquanto continuarem tacando pedra na Geni, na Fran e na Júlia Rebeca, mais mulheres ainda serão sacrificadas em nome da misoginia. Enquanto acharem um absurdo a mulher deixar claro que quer ter orgasmos, que quer sentar numa piroca, que quer fazer *ménage à trois* ou seja lá qual for o fetiche, novas Frans e Júlias sofrerão e serão queimadas. Enquanto a sociedade não aceitar que eu, mulher, sou a única dona do meu corpo, do meu desejo e do meu prazer, ainda seremos reféns do machismo que nos priva de exercer a nossa liberdade e de, simplesmente, viver em paz.



LAÍS MONTAGANA

É jornalista, drama queen assumida e entusiasta do sex drugs and rock'n'roll. Também é blogueira cigana, e seus últimos delírios encontram-se disponíveis em www.deliriosemcomprimidos.com. Gosta de se perder no clima de seus filmes favoritos e nos solos de uma guitarra. No twitter deságua canções, frustrações entre outras coisas em @lmontag

LEIA MAIS TEXTOS DA LAÍS

ANEXO A.37 - Por um mundo com mais mulheres de calcinha e camiseta do namorado**Autoria:** Lucas Baranyi**Coluna:** Sexo**Curtidas** 10.000**Data:** 06.11.2013**SEXO**

Para começo de conversa, um pedido de desculpa direcionado a qualquer estilista, estudante de moda ou entusiasta desse mundo que possa se sentir ofendido ao encruzilhar-se nessa encruzilhada de palavras, meandros e teses de bar. Tenho noção que milhões de reais, pesos, dólares e euros já foram investidos para criar o sutiã irresistível, a meia sete-oitavos perfeita, a cinta-liga que não deixa nenhum homem desligar, mas, pra mim, a verdade é uma só: nada deixa uma mulher mais sensual do que uma calcinha simples e a minha camiseta.

Vamos por partes: imprescindível dizer, antes de qualquer outro argumento, que esse conjunto é fisicamente benéfico para o sexo oposto. Em um guarda-roupa onde quase tudo é apertado e sufoca, a camiseta permite movimento e graciosidade e, de quebra, esquenta.

Essa combinação também é prova cabal, registrada em cartório e reconhecida em firma de que nós, homens, somos o sexo frágil – e bota frágil nisso. O ridículo que passamos com uma simples escolha errada na hora de se vestir é inversamente proporcional ao charme que uma garota denota à qualquer camisa, incluindo a minha edição 1999/2000 do Corinthians, da época que o Edílson ainda batia embaixadinha e eu só batia a cabeça na parede, querendo entender porque as meninas da escola não olhavam pra mim. Uma garota com uma camiseta e calcinha equivale a colocar um disco do Al Green, um do Marvin Gaye e outro do Barry White pra tocar no mesmo ambiente, ao mesmo tempo.

Mas de nada adiantaria a minha camiseta no corpo dela se não fosse a calcinha. Calça jeans, minissaia, shorts, legging. Diversas são as opções de peça de baixo. Eu? Eu fico com a calcinha. Aquela simplezinha, de algodão mesmo. É que tão importante quanto a sedução implícita é o charme explícito. Se para Vinicius de Moraes era necessário uma hipótese de barriguinha, eu sou a favor de uma hipótese de bunda – não no geral, mas escapando da camiseta, como quem diz “estou aqui, agora não estou, agora estou de

novo” a cada passo, cada virada, cada ficada na ponta dos pés para alcançar um filme na prateleira (ah, as prateleiras altas...). É nesse caso que a calcinha se faz primordial: ela segura, levanta, molda e deixa ainda melhor o que, por definição, é uma das coisas mais bonitas do mundo.

Por isso, aqui vai um apelo cheio de carinho e de preocupação com o bem-estar de vocês: libertem-se do salto-alto, mulheres da minha vida – e da vida dos outros, e da vida como um todo. Na hora da intimidade, rasguem a meia-calça sem pensar duas vezes. Juguem a fantasia de colegial pro alto. Esqueçam o sutiã que mais parece um cofre para ser destravado e lembrem-se de que o espartilho, que por vezes deixa até a alma sem respirar, pode aumentar a sua autoestima, mas jamais substituirá a atitude e a simplicidade de uma camiseta masculina. A arma final da sedução está mais perto do que vocês imaginam, e com um bônus único: o cheiro de vocês fica conosco.



LUCAS BARANYI

Jornalista, boêmio e louco. Acredita que nada substitui uma boa cachaça, uma longa conversa com amigos ou uma grande paixão. De preferência, consome as três coisas ao mesmo tempo – sem fazer cara feia nem tapar o nariz. Eternamente encantado por cinema, música e garotas que fazem caretas em fotos.

LEIA MAIS TEXTOS DO LUCAS

ANEXO A.38 - 40 coisas que deixam as mulheres sexy**Autoria:** Editoria do Blog**Coluna:** Listas**Curtidas:** 19.000**Data:** 10.10.2013**LISTAS**

Se você acompanha o CSV, sabe que lançamos recentemente um espaço semanal no site onde fazemos uma pergunta aos leitores e montamos uma lista única e exclusivamente com as respostas que recebemos – é a Pergunta de Quinta (se você ainda não sabe do que estamos falando, clique [aqui](#) que a gente explica).

Na semana passada, publicamos uma lista com 40 coisas que deixam os homens sexy, baseada apenas nas respostas das nossas leitoras à Pergunta de Quinta. Então, quisemos saber dos homens: o que as mulheres têm de sexy? As respostas foram diversas, mas compilamos as que mais apareceram ou as que mais nos chamaram a atenção. Algumas delas vocês conferem abaixo:

1. Andar só de camisa pela casa.
2. Gemer no meu ouvido na hora do sexo.
3. Inteligência. É tão (ou talvez mais) importante quanto a beleza.
4. Cabelo molhado após sair da piscina ou bagunçado e suado depois do sexo.
5. Quando ela é apenas ela mesma, sem frescuras, apenas sua simplicidade. Isso é apaixonante.
6. Quando estão de rosto limpo, sem maquiagens.
7. Quando elas nos olham com cara de “quero sentar em você até seu pau encontrar meu útero”.
8. Quando elas comem um prato de comida! Mimimi de dieta o tempo todo não dá, porque você se liga que nem num momento relax ela se desliga da nóia com o corpo.
9. O vinco que se forma entre os seios e que vai até a barriga.

10. A maneira que elas têm de se encaixar no nosso corpo quando querem carinho ou estão apenas com frio;
11. Depois do sexo, vestir a blusa do namorado.
12. Camiseta branca sem sutiã, isso é muito sexy.
13. Óculos de leitura ou com armação bem grande, daqueles que estão na moda agora.
14. Quando ela joga videogame.
15. Mulher se arrumando, perdida entre qual roupa escolher. Não existe coisa mais linda e sexy do que ver você se despiando quatro, cinco vezes antes de sair...
16. Quando estão compenetradas lendo, segurando e movimentando uma caneta. A nossa imaginação vai longe ao ver isso, é muito sexy!
17. Quando comem banana ou chupam sorvete.
18. Mulher com tatuagem.
19. Saia curta.
20. Salto alto muda o jeito dela andar, fica muito linda.
21. Mulher toda depilada ou com pelos bem aparados dá muito tesão.
22. Bumbum empinado – não precisa nem comentar, né?
23. Na hora do boquete, o olhar perfurante (aquele de baixo pra cima), seguido de um sorriso largo e uma lambida bem safada fechando numa chupada fodástica!
24. Mulheres que não seguram os seios na hora do sexo. O movimento deles ao ritmo da brincadeira é harmônico e sexy.
25. Pernas de fora e pés bem cuidados sobre do console ou sobre o retrovisor do carro. É imagem pra se guardar pra sempre!
26. Qualquer mordidinha nos cantos dos lábios, em qualquer situação.
27. Quando ela junta o cabelo, faz um coque ou rabo de cavalo e deixa a nuca a mostra, atizando nossa vontade de morder ou chupar...
28. Bom humor (é afrodisíaco para ambos os sexos).
29. Sardas no rosto.
30. Covinhas nas costas.
31. Quando ela fica na pontinha do pé para alcançar alguma coisa alta.
32. Sorrindo naturalmente qualquer mulher fica linda.
33. Fumar um cigarro pós-sexo.
34. Tomar uma cerveja e conversar sobre qualquer assunto sem pudor.
35. Quando elas tiram a vergonha junto com a roupa (porque nada pior do que ela tentar esconder os defeitinhos que nem notaríamos).
36. Pedir por sexo anal.
37. Pijaminha com um tecido bem fino – sem nada por baixo – e ela com cara de sono.
38. Mulher que demonstra interesse é sexy. Se te falaram que “homem gosta mesmo é de mulher difícil”, NÃO ACREDITE.
39. Independência. Mulheres que demonstram que não precisam de nós financeiramente, que são independentes, são extremamente sexy;
40. Seios naturais.

GOSTOU?

PARA LER MAIS LISTAS FEITAS COM A PARTICIPAÇÃO
DOS LEITORES, **CLIQUE AQUI.**

Gostou? A lista da semana que vem vai ser sobre coisas femininas que os homens não entendem. Deixe sua opinião e nos ajude a montá-la [aqui](#).

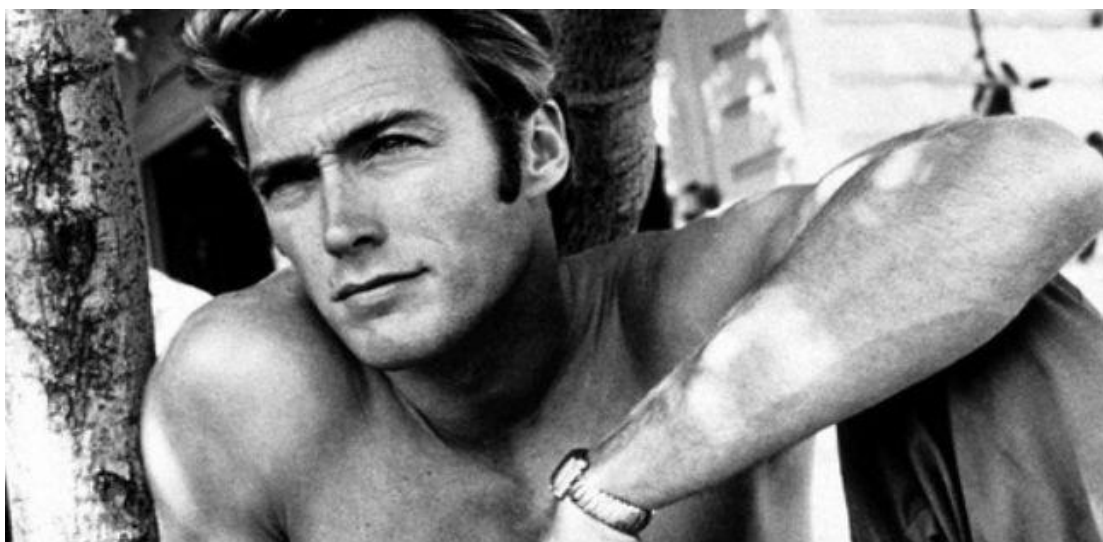
ANEXO A.39 - Breve lapso das coisas de que as mulheres gostam

Autoria: Ricardo Coiro

Coluna: Sexo

Curtidas: 1.400

Data: 18.10.2013



ATITUDE

Cara, você já deve ter ouvido falar do Clint Eastwood, certo? Não?! Você só pode estar brincando. Mas se estiver falando sério, corra já para a locadora mais próxima, alugue algum dos muitos filmes em que o mestre atuou e só depois volte para este texto. Porque hoje, ele é o mote. Não, eu não estou aqui para elogiar as atuações, direções, composições ou outras genialidades do cara, mas apenas para dissertar sobre uma expressão facial que ele domina muito bem e que todo homem precisa saber fazer para se dar bem na vida, no trabalho e com as mulheres.

Se sua memória não falhar e você conseguir se lembrar de alguma das tantas cenas nas quais ele atuou, perceberá que Clint, quase sempre, faz cara de quem sabe o que vai fazer depois. Antes sacar a arma ou de cuspir o fumo que está mascando, ele olha para os olhos do bandido, mantendo um silêncio atordoador, e diz apenas com o olhar: “prepara que agora é hora de tomar um tiro na testa”. Como fotógrafo, nas Pontes de Madison, quando olhava para a mocinha interpretada pela Maryl Streep, ele, sem o auxílio das palavras, dizia de forma bem convincente: “vou te mostrar minha pegada”. E se você ainda tiver coragem de dizer que o cara é o Roberto Carlos ou um colunista comedor de temakis, como eu, volte duas casas. O cara mesmo é Eastwood e sua expressão de quem sabe o que vai fazer, capaz de trazer segurança até para os conflitos armados na Síria.

As mulheres, assim como os cachorros, têm faro aguçado para reconhecer uma cara de “não sei o que fazer”. Porém, ao contrário dos cães de guarda, elas não atacam após farejar sua insegurança. Elas saem correndo. Porque não há nada pior do que estar com alguém inseguro. Alguém que não confia no próprio taco, que precisa do aval alheio para se auto afirmar, que espera o amém da plateia para agir. Não, não estou incentivando a arrogância. Nada disso. Mas sugiro que, mesmo quando não souber com exatidão os próximos passos, faça cara de quem tem o futuro próximo sob controle – por mais que não tenha. A vida nem sempre é previsível, e saber improvisar – ou confiar na sua capacidade

de improviso – é uma verdadeira virtude. Se chover justamente no dia do churrasco mais esperado do ano, você vai improvisar um puxadinho ou vai deixar a cerveja esquentar e a carne apodrecer?

É preciso segurança para enfrentar os desafios da vida – inclusive o desafio da conquista. Mulheres gostam de firmeza – o que não é sinônimo de indelicadeza. Ser firme não é ser rude. É olhar para ela e mostrar que você sabe o que fazer, ou melhor, que você sabe fazer o que ela quer. Isso vai gerar uma pulguinha boa atrás da orelha dela, uma coceirinha que só vai parar quando ela descobrir se sua pegada condiz com a cara de “eu tenho pegada” que você fez. E você não precisa ter a beleza de Eastwood para aproveitar os benefícios da cara de “eu sei bem o que farei depois”. Segurança é afrodisíaca, independente dos atributos físicos de quem a carrega. Por isso, nada de se menosprezar caso aquela imagem que você vê no espelho não seja tão agradável quanto você gostaria que fosse. Respire fundo, bata no peito e acredite em sua capacidade de não parecer um filhote de capivara com medo de ser devorado pela sucuri. Em um país no qual bons cirurgiões cobram caro, o mais barato mesmo é aprender a fazer cara de quem tem pegada. E aprender a ter pegada, caso queira fazer jus às expectativas.

Pra finalizar, deixo vocês com a sábia reflexão do ator e mestre Paulo Cesar Pereio: “Não precisa ter pau grande. Tem que ter cara de quem tem pau grande”.



RICARDO COIRO

Publicitário, devorador de Temakis, poeta de bar e campeão brasileiro de matrículas mal sucedidas na academia. Suspeita que o amor move montanhas, mas tem certeza absoluta que um bom boquete matinal é capaz de mover o mundo. Acredita que é possível ser romântico sem perder a pegada e sim, assume que um dia aceitou ser chamado de Chuchu e que perdeu uma lágrima quando o cão Marley morreu. Autor do livro “Confissões de um Cafamântico”.

LEIA MAIS TEXTOS DO RICARDO

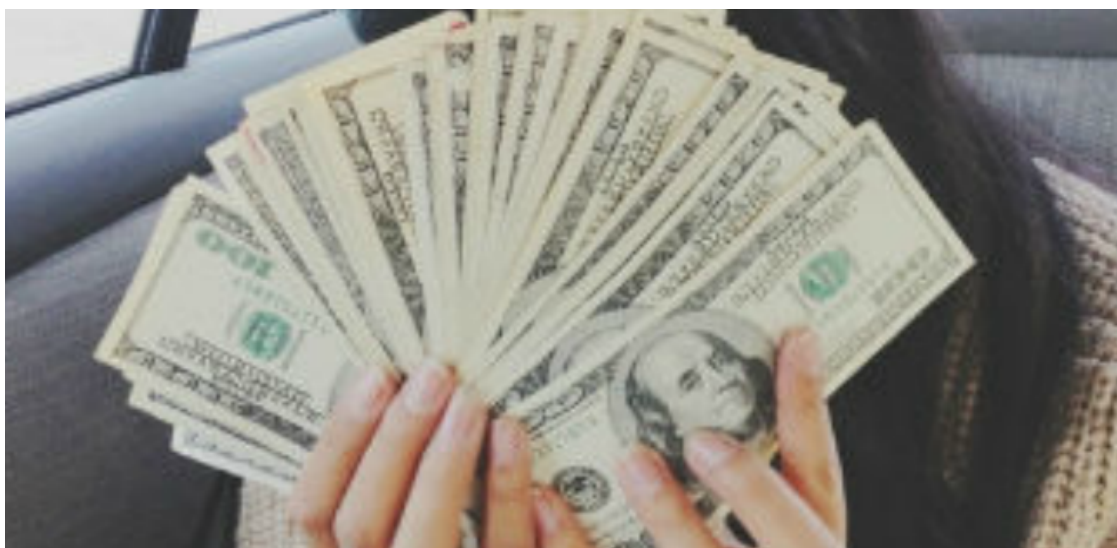
ANEXO A.40 - A verdade por trás do “as mulheres gostam mesmo de dinheiro”

Autoria: Denise Molinaro

Coluna: Sexo

Curtidas: 5.400

Data: 12.09.2013



ATITUDE

“Mulher gosta de dinheiro, quem gosta de peru é viado”. Eu já ouvi esta infeliz citação algumas vezes, e você provavelmente também já ouviu. Dói na alma, mas antes ouvir merda do que ser surdo, como já dizia o poeta.

Não é necessário muito esforço para notar que todo homem que é simpático a esse ditado popular é moralmente condenável. Como toda vítima dos destinos tortos, as putas padecem a infelicidade de suportar caras que assumem isso como filosofia de vida. Minha solidariedade às meretrizes! Feliz sou eu que mantenho meu sustento e dou de graça, porque só dou pra quem eu quero. O dinheiro serve para muita coisa, mas não consegue curar a imbecilidade desses sujeitos.

Para a ala feminina que não trabalha com as pernas abertas nem dá expediente na cama, eles estão posicionados em um único ambiente: zona de exclusão. Passaram por um ou dois relacionamentos malsucedidos e já se entregaram ao fracasso sentimental. O medo de se entregar os leva a desenvolver conceitos de vida estúpidos e levianos – pior do que isso, os leva a achar que não vale a pena investir em ser alguém mais interessante. E aí, eles acabam deixando que suas carteiras anulem seus cérebros.

“A puta dá o que você precisa e não enche o saco”, sacramentam. Ela não enche o seu saco porque é paga para isso, amigo! Sem dinheiro, não te olharia na cara, assim como todas as outras que se negaram a sentar no banco do passageiro da sua Ferrari BREGA. Afinal, você precisa de um motor V8 roncando. Ele é a extensão do seu pau. Um pau que, convenhamos, mulher que vale à pena não quer nem chegar perto.

Acreditar nesse ditado é apenas um dos truques de repertório que homens inseguros aplicam em si mesmos. *Se eu não me garanto nem com o meu papo, nem com a minha performance sexual, minha conta bancária se garante por mim.* É impossível não identificar a frustração do homem quando ele endossa esse mantra do macho desiludido. Essa sua

verdade absoluta é sua maior inimiga íntima e mostra que você entra e sai da sua história pela porta dos fundos, enquanto deixa que seu carrão e sua casa na praia sejam os protagonistas. E assim, ignorando a sua própria ignorância, você é feliz vivendo na mais profunda ilusão, em um mundo de Bob onde todo mulher é mercadoria e nenhuma delas merece a sua atenção.

Mas a verdade é que você desconhece suas potencialidades. Ou então nunca as colocou em prática. Já tentou ser minimamente dócil com uma mulher? Mulher gosta de carinho. E não me venha com a piada infame do vestido carinho, do jantar carinho, do colar carinho. Mulher gosta de olho no olho, de mãos espertas, de sexo bem feito. Mas você prefere o sexo pago ou sem compromisso, colocando em obsolescência do sexo emocional, aquele com envolvimento. Azar o seu que não sabe o que está perdendo, meu amigo.

É, tentar ser feliz dá trabalho. Exige coragem e reflexão. E, pelo visto, é muito pra você.



DENISE MOLINARO

É jornalista, paulista, trabalha com conteúdo web há oito anos, atualmente editora do site masculino AreaH. Gosta de observar as pessoas para poder escrever sobre elas.

LEIA MAIS TEXTOS DA DENISE

ANEXO A.41 - O segredo das relações felizes está em aceitar o homem e a mulher que existe dentro de nós

Autoria: Casal sem Vergonha

Coluna: Atitude

Curtidas: 7.400

Data: 10.09.2013



ATITUDE

Provavelmente você já ouviu falar em yin/yang, mas provavelmente não tem ideia de como esses fatores afetam diretamente a forma como você se enxerga, e principalmente os relacionamentos que desenvolve com outras pessoas. A raiz do fracasso de seus relacionamentos pode estar diretamente ligada ao lado feminino e masculino que todos nós temos, independente do sexo.

É fato que todos temos energias masculinas e femininas. O aspecto feminino é o eu intuitivo. A parte mais profunda e sábia que existe entre nós. É o aspecto receptivo, a nutrição, a sensibilidade, emoção, o cuidado. O aspecto masculino é a ação – nossa capacidade de fazer coisas no mundo físico – pensar, falar, movimentar os nossos corpos, solucionar problemas. O nosso lado feminino capta a energia criativa universal, e o masculino a expressa no mundo através da ação – temos assim o processo criativo. Um exemplo: uma mãe pode sentir uma repentina preocupação pelo seu filho (um aviso do seu feminino interior), correr para outra sala e tirar a criança de perto de um forno quente (ação empreendida pelo masculino). Isso não tem nada a ver com machismo ou feminismo, e você vai entender porquê.

O fato de que temos essas duas identidades acabou sendo negligenciado durante séculos. As mulheres acabaram se tornando o símbolo da energia feminina. Tradicionalmente elas desenvolveram e expressaram a receptividade, a nutrição, a intuição, a sensibilidade e a emoção. Até certo ponto, elas reprimiram a autoafirmação, a ação direta, o intelecto e a capacidade de funcionar com eficiência e força no mundo. Da mesma forma, os homens se tornaram símbolos da energia masculina. Tradicionalmente, eles desenvolveram sua capacidade de agir no mundo diretamente, com força, segurança e agressividade. Desenvolveram seu intelecto e em geral reprimiram e negaram sua intuição, seus sentimentos emocionais, sua sensibilidade e sua necessidade de proteção.

Isso fez com que muitas pessoas se tornassem somente “metades”, absolutamente dependentes da outra metade para poder existir. Como não podemos viver no mundo sem a interação completa das energias masculinas e femininas, cada sexo tem andado dependendo um do outro para a sua sobrevivência. Há um conceito errôneo de que os homens precisam desesperadamente das mulheres para lhes proporcionar alimentação, sabedoria intuitiva, e apoio emocional; e que as mulheres dependem dos homens para protegê-las e para cuidar delas no mundo físico. Isso poderia ser um acordo muito prático e eficiente, se não fosse um problema: se como indivíduo você não se sente inteiro e acha que a sua sobrevivência depende de uma outra pessoa, então *você sempre terá medo de perdê-la*. Assim, a vida se torna um estado constante de medo, na qual a outra pessoa é somente um objeto para você. Você controla essa fonte a qualquer custo – seja diretamente, pelo uso da força e superioridade, ou indiretamente utilizando vários tipos de manipulação. Isso acontece de forma sutil, mas está presente em vários relacionamentos, como um acordo invisível e nocivo: *“Eu te dou tudo aquilo que precisa, de modo que você dependerá tanto de mim quanto eu de você, e assim você continuará me dando aquilo de que preciso.”*

Assim, muitos relacionamentos se baseiam na dependência e na necessidade de controlar o outro, e no absoluto medo do abandono. Inevitavelmente, isso leva ao ressentimento e frustração. Essa é uma das razões pelas quais tantos relacionamentos começam cheios de vida e surpresas (*“Acho que encontrei alguém que supre as minhas necessidades!”*) e acabam com irritações ou destruídos pela monotonia (*“O outro não mais satisfaz as minhas necessidades, não vejo mais sentido nessa relação, mas tenho medo de largar pois acho que posso morrer sem essa pessoa.”*)

Felizmente, nos últimos tempos, os papéis bem diferentes exercidos pelos homens e pelas mulheres começaram a mudar. Não é um processo fácil e nem acontecerá de um dia para o outro. Depois de séculos e séculos de repressão, o processo de voltar a dar voz para o seu masculino/feminino é lento e gradual.

As mulheres estão aprendendo a se dar apoio e se valorizar, em vez de tentar conseguir que um homem faça tudo por elas. Para que isso ocorra, as qualidades que as mulheres procuravam nos homens devem ser desenvolvidas dentro delas mesmas. A fórmula é simples – tratar a si mesmo como gostaria de ser tratada por um homem. O melhor é que quando você alimenta o seu lado masculino interior, sempre haverá na sua vida homens que irão refletir isso – ou seja, quando você realmente desiste de tentar obter algo fora de si mesma, acaba conquistando aquilo que sempre quis.

Com os homens acontece o mesmo. Eles vêm de uma transição, na qual se sentiram secretamente desamparados, sozinhos e vazios, embora fingiam estar sempre tudo bem pois a eles não era permitido demonstrar qualquer sinal de fragilidade. Os homens da nova geração, tem se permitido obter as qualidades que antes se esperava somente encontrar nas mulheres – carinho, suavidade, força, sensibilidade, beleza, etc. – dentro deles mesmo, alimentando seu lado feminino interior. E isso não tem absolutamente nada a ver com orientação sexual. Eles têm permitido que a energia masculina flua com espontaneidade, sabendo que a força do lado feminino está sempre presente, orientando-o com sabedoria. Assim, eles começam a perceber que quando dão espaço para seu lado feminino agir, passam a atrair mulheres que espelham essa integração, tendo finalmente tudo aquilo que sempre buscaram, mas que nunca conseguiam alcançar.

Com isso, vamos observar cada dia mais, relacionamentos feitos de inteiros, e não de metades. Cada pessoa é um todo em si, e cada pessoa tem o poder de ter um lado feminino e um lado masculino plenamente equilibrados, e essa consciência é absolutamente libertadora. Precisamos finalmente deixar que a nossa intuição nos oriente e depois precisamos estar dispostos a seguir essa orientação diretamente e sem medo. Quando conseguirmos entender que a união das forças masculina e feminina dentro de nós torna muito mais completos, então estaremos prontos para buscar relacionamentos que não se

baseiam na necessidade e no medo, mas sim na paixão e na vontade de compartilhar bons momentos juntos nessa jornada.

**os conceitos desse texto foram inspirados nos ensinamentos de Shakti Gawain.*



CASAL SEM VERGONHA

Um casal de verdade que, inconformado com a hipocrisia com a qual sexo e amor eram discutidos, resolveu falar do tema sem tabus nem preconceitos, como você faria com seu amigo numa mesa de bar.

LEIA MAIS TEXTOS DO CASAL

ANEXO A.42 - No escuro do nosso quarto – porque nada é mais encantador do que uma mulher dormindo

Autoria: Lucas Baranyi

Coluna: Amor

Curtidas: 1.600

Data: 04.09.2013



As luzes já se apagaram, as cortinas já se fecharam e na rua só restam lamentos e amores perdidos. Aqui, em nosso quarto, protagonista de tantas histórias que serviriam de roteiro para algum fracasso de bilheteria, nada mais faz barulho, além dos meus pensamentos.

Você acabou de fechar os olhos, e deixou apenas eu e aquela garrafa de vinho que passou o início da noite nos observando acordados. Quando teu sonho tiver início, ela já terá acabado, deixando espaço para o início de um dos espetáculos mais bonitos da história: teu sono.

Nessa hora, tudo merece ser observado atentamente, com precisão cirúrgica: a maneira como teus dedos dos pés, pequeninos e frágeis, se esticam e contraem, como que buscando um chão totalmente novo para pisar. Como teu peito sobe e desce, acostumando-se ao novo ar que você respira. Teu corpo se move lentamente, e é impossível evitar de pensar o que está acontecendo na sua cabeça, lugar onde todos os homens fingem que adorariam entrar, se tivéssemos a coragem necessária para tal façanha.

Um sorriso brota do teu rosto, discreto o suficiente para passar quase imperceptível. Quase. Esse aparecimento, tenha certeza, desencadeia uma sequência de pensamentos que leva qualquer homem do céu ao inferno mais rápido do que a nossa vã filosofia pode supor. É comigo que você sonha ou com outro? Com um futuro próximo ou distante? Eu estou nele? Você ainda me quer?

A garrafa de vinho debocharia de mim, se consciência tivesse. Como não tem, serve apenas para deixar a minha (ainda mais) confusa.

Ainda tentando entender o que acontece, paro para pensar em Vinicius de Moraes e seus nove casamentos. Teria sido a impossibilidade de decifrar o sonho feminino o derradeiro motivo de suas oito separações? Ele morreu sem essa resposta ou teria sido essa descoberta sua *causa mortis*? Depois de mais uma garrafa de vinho, percebo que se você não me matar – de curiosidade ou de amor, o que vier primeiro –, a bebida o fará. De qualquer maneira, será doce.

Conto mais quatro sorrisos, um deles suficientemente belo para me fazer pensar em soluções para a paz mundial, o conflito na Síria e o impedimento da extinção do urso panda, até que apago. Quando acordo, percebo que esqueci todas as respostas da noite anterior. Isso não me abala, porém, porque seu sorriso ainda está lá. Tampouco me abalo com aquilo que te faz sorrir. Se sou eu, o Ryan Gosling ou um cavalo de cinco cores que ao relinchar reproduz o som de um golfinho, não sei. Se te faz bem, está bom.

Quando raios de Sol invadem a janela e tentam acordá-la, fazendo apenas com que você mude de posição na cama e afaste o lençol do teu corpo – e nesse caso sou obrigado a te agradecer, Sol: obrigado! – fico ainda mais desarmado. Tuas costas, nuas e agora iluminadas, me impedem de tomar qualquer atitude. Ousaria tocar seu corpo, se não tivesse medo de acordá-la e quebrar todo esse encanto. O ciclo precisa ser perfeito, sem influência de fatores externos. Só assim eu terei novamente a certeza que me invade o peito toda manhã: nada é mais encantador que uma mulher dormindo.

Que seja minha última visão em vida. Que eu nunca entenda o que se passa aí dentro. E que, com sorte, eu ainda possa ver esse verdadeiro espetáculo se repetindo milhares de vezes.



LUCAS BARANYI

Jornalista, boêmio e louco. Acredita que nada substitui uma boa cachaça, uma longa conversa com amigos ou uma grande paixão. De preferência, consome as três coisas ao mesmo tempo – sem fazer cara feia nem tapar o nariz. Eternamente encantado por cinema, música e garotas que fazem caretas em fotos.

LEIA MAIS TEXTOS DO LUCAS

ANEXO A.43 - Os 10 passos para a recuperação de um pé na bunda (para mulheres)**Autoria:** Raquel Ernesto**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 617**Data:** 25.07.2013**LISTAS**

O seu amor lhe vira as costas e com ele você vê partir também a sua dignidade, seu amor próprio e qualquer possibilidade de felicidade futura. Você fecha olhos e punhos ao sentir a dor lacerante que a rejeição provoca no seu corpo e só faz pedir para que o chão se abra sob seus pés para te tirar de tamanho sofrimento. Oi?

Desculpe, mas ninguém morre de amor. Aquilo que matava poetas, artistas e filósofos na época do romantismo se chamava tuberculose, ok?

Pé na bunda dói pra caramba, dói muito mais do que a agressão no seu sentido literal, mas tem cura e te faz mais forte quando passa. Não vou garantir que os 10 passos abaixo vão resolver todos os seus problemas, mas podem, no mínimo, evitar novos. Afinal, aqui vos fala alguém que já tomou alguns pés na bunda e passa muito bem, obrigada.

1. Dramatize (com data e hora para parar).

Ninguém vai aguentar você chorando por muito tempo e quanto mais durar a sua dor, mais as pessoas se afastarão. Então aproveite os primeiros dias para dramatizar tanto quanto for possível. Chore muito, passe uma noite sem dormir se necessário, fique sem comer por 24 horas, ligue para amigos e amigas para desabafar, não tome banho, passe o dia descabelada, de pijama, vendo filmes de amor e tomando sorvete. MAS entenda que isso deve durar o mínimo possível. Você precisa saber a hora de parar e entender que esses são seus poucos dias de redenção. Daí para frente você começa a trabalhar na sua recuperação.

2. Evite ter informações sobre ele.

Talvez essa seja a etapa mais difícil. Parece um pouco infantil bloqueá-lo das redes sociais, mas caso ele ainda não tenha feito, faça você. Preserve-se de saber detalhes da vida de solteiro dele no começo. Onde ele foi ou com quem saiu não é mais problema seu e não vai te ajudar a esquecê-lo.

3. Não envolva a família dele.

Entenda uma coisa de uma vez por todas: família é parcial sim e, por mais que os pais dele demonstrem que te acham a parte mais madura dessa relação, eles vão estar ao lado do filho nesse momento que (acredite você ou não) também está sofrendo. Não os procure e, caso eles te procurem, diga com educação que você prefere deixar este assunto entre vocês.

4. Envolve a sua família.

Estas são as pessoas que te amam incondicionalmente e que estarão lá para te dar colo, chocolate quente e ombros para chorar e chorar. Nessa hora você precisa se sentir amada, recolhida e aceita e esse conforto pode vir dos seus pais, irmãos, tios, avós, primos ou até mesmo daquela amiga de infância. Mas lembrem-se: se você ainda acha que tem alguma chance de reconciliação, evite falar mal do ex. Sua família pode vir odiá-lo com a mesma intensidade que te ama.

5. Programe uma viagem.

Pode ser um final de semana no interior com amigos ou até um bate e volta para a praia. Sair da sua rotina e dos ambientes onde costumava estar com ele vai ocupar sua cabeça com novas lembranças e novas experiências.

6. Faça uma limpa nas gavetas.

Arrumar o guarda-roupa e dar embora o que não serve mais é uma metáfora do que você gostaria de fazer no seu coração. Funciona também para preencher o seu tempo e para te animar para a próxima etapa.

7. Sinta-se linda.

Já que você estava desapegada e resolveu dar várias de ruas roupas, que tal uma passada no shopping? Às vezes um par de sapatos novos faz maravilhas pela nossa autoestima. Experimente algumas maquiagens ou passe no salão para fazer as unhas. Aproveite a falta de apetite dos dias de drama para engatar uma dieta. O importante é perceber que ninguém pode cuidar melhor de você do que você mesma.

8. Mude a rotina.

Descubra um novo caminho para ir ao trabalho, comece um curso, entre para academia, passe a caminhar no parque, frequente novos lugares e baladas. Esteja disponível para convites inesperados. Um mundo novo vai se abrir, pessoas novas vão aparecer e quando você menos esperar já preencheu todo o tempo que costumava passar com ele.

9. Aprenda a gostar de estar só.

Não se desespere se não tiver nada programado para o sábado à noite. Tome um banho longo, faça hidratação no cabelo, limpeza de pele, beba uma taça de vinho ouvindo a sua música preferida. Enfim, aprenda a se sentir bem e completa em sua própria companhia.

10. Abra seu coração.

A essa altura você já terá mudado, aos seus olhos e aos olhos dos outros. As pessoas são naturalmente atraídas por quem demonstra confiança em si e passa segurança. Então, abra seu coração e deixe entrar quem estiver na mesma sintonia. A vida é feita de Ciclos e cada um deles nos prepara para os próximos que estão por vir.



RAQUEL ERNESTO

Sarcástica, bem humorada, aquariana, nascida há 33 anos em Ilha Solteira e Paulistana por adoção. Trabalha na área de Trade Marketing de uma empresa de cosméticos, uma de suas paixões. As outras são tecnologia, cinema, livros, amigos, viagens e tudo mais que lhe permita conhecer, contar ou viver uma boa história. Nunca se desconecta do raquelnews@gmail.com

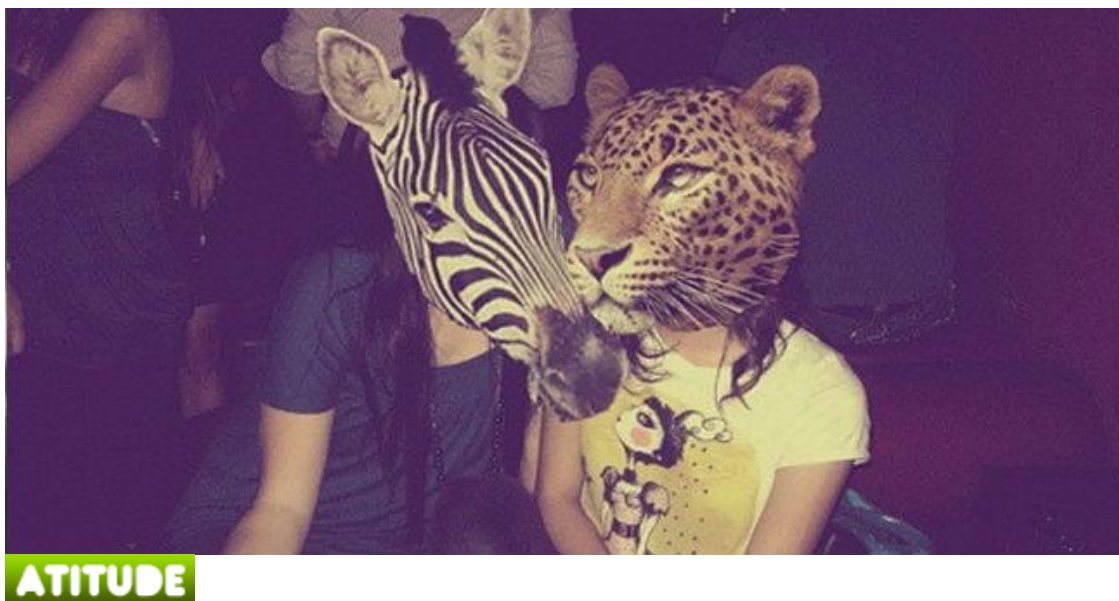
ANEXO A.44 - Vadias, Cachorras, Vagabundas – Desmerecer as mulheres só prova que você tem medo delas

Autoria: Bruna Grotti

Coluna: Atitude

Curtidas: 8.900

Data: 15.07.2013



Você pode ter o carro do ano e uma casa nalguma praia paradisíaca das Ilhas Gregas. Prometer-lhe uma vida regada a Moët Chandon e muito caviar. Ter um pau que mais parece uma garrafa de cerveja de 600 ml – tanto na grossura quanto no comprimento –, além de dedos de Beethoven e língua de Gene Simmons. Você pode levar-lhe café da manhã na cama todo santo dia e esboçar aquele cafuné gostoso antes da soneca da tarde. Fazer juras de amor eterno e deixá-la escolher até a cor dos olhos dos filhos que vocês terão. Mas enquanto não entender que o que a mulher moderna quer é liberdade – e não necessariamente sexual – nunca saberá impressionar ou até mesmo respeitar uma.

A mulher moderna é a desgraça do homem tradicional, que sempre se contentou em prover a fêmea financeiramente e em usá-la sexualmente, e nunca imaginou que um dia os papéis pudessem se inverter. É o desvario da casa das avós que servem o arroz e feijão do avô no prato e acham que lavar a cueca do marido é demonstração de amor. É o terror das sogras de comercial de margarina, que tanto ansiaram pelas reuniões de família perfeitas, com pai, mãe, avô, avó, netinhos, cachorrinho e papagaio comendo torrada com Qualy numa mesa posta com uma toalha xadrez. E o motivo de tanto terror – pasmem – é a liberdade que ela vem alcançando. E isso não há dinheiro ou performance sexual que pague.

Apesar de ainda sofrer todo o tipo de violências diárias – desde receber salários mais baixos do que os homens até ser apalpada no metrô “porque a saia curta dela dá direitos aos atrevidos” –, a mulher moderna continua forte na luta pela liberdade. Cada tapa que leva é mais um motivo para continuar de cabeça erguida. E é aí que ela coloca em xeque a tão difundida (e fodida) ideia de que o feminino é o sexo frágil. Se você ainda pensa que a força feminina está em suportar sessões tenebrosas de depilação, aguentar a largura de

um ombro alargando-lhe a boceta durante o parto e conviver com hemorragias mensais mais conhecidas como menstruação, está na hora de convidar a sua ingenuidade para um chá com bolinhos de chuva. Ou de pedir ao gênio da lâmpada uma troca de sexo súbita por pelo menos uma semana.

Todos nós, sendo mulheres ou não, exercemos pelo menos uma vez na vida violência contra a mulher moderna. Sabe a Panicat que ganha a vida rebolando na TV? Subestimar a capacidade intelectual dela, o que é quase automático para a maioria das pessoas, é uma violência. Sabe aquela menina que você chama de vadia só porque ela transa com um cara diferente a cada semana? Ela apenas faz uso do corpo dela, algo que lhe pertence – o errado da história é você, que está a violentando. Lembra a vizinha do nono andar, que descia diariamente do elevador com decote e saia curta e você a olhava com ares de repressão? Violência. Sabe aquela sobrinha estudiosa que nunca apareceu com um namorado e sobre a qual você insiste em fazer piadinhas usando o pejorativo termo “desencalhar”? Violência mais uma vez. Lembra aquela menina gordinha que saiu com você e sobre quem, no dia seguinte, você fez chacota, rindo em alto e bom som de todas as gordurinhas e celulites dela? Violência *once again*. São elas lutando pela liberdade, e você lutando para privá-las disso.

E por que elas, cada qual com sua particularidade, incomodam tanto? Porque cada passo que elas empreendem a caminho da tal da liberdade – sexual, de escolha, de ir e vir – soa como desacato. Homem sair sem camisa na rua? Normal, mas mulher usar roupa justa é um ultraje à moral e aos bons costumes – afinal, mulher minha tá aí pra ser, antes de uma puta na cama, uma dama na sociedade. Homem decidir adiar a vida pessoal para conquistar sucesso profissional? Normal, mas toda mulher que não quer se casar e ter filhos ou é lésbica ou carece de uma pica. Homem estar irritado e descontar nos outros? Culpa do estresse do dia a dia, mas irritação feminina é ou frescura da TPM ou sinal de que ela é mal-comida. Homem pegar cinco mulheres na balada? Normal, mas mulher que fica com cinco caras em uma noite não se dá ao respeito. Homem portar um verdadeiro matagal por sob as calças? Normal, coisa de macho, mas mulher que atrasa a depilação em uma semana é desleixada. Isso pra dar apenas alguns exemplos corriqueiros.

E aí, olhou para o próprio rabo? Entendeu a sua violência? Então, antes de sair às ruas pedindo paz e o *impeachment* da Dilma sem nem saber direito o que nada disso significa, olhe para o seu interior e veja o quanto de guerra você ainda precisa sanar aí dentro. Certa vez disse o sábio e tímido poeta que mora aqui em mim: de nada adianta você querer salvar o mundo enquanto não puder sequer acalantar o seu próprio coração.



BRUNA GROTTI

Jornalista, cantora e apaixonada. Pela vida, por sexo, por você. Uma paulista emotiva, sem vergonha, sem papas na língua e que poderia estar matando, roubando ou extorquindo, mas apenas come morangos sensualmente e twitta no perfil @bruna_grotti.

LEIA MAIS TEXTOS DA BRUNA

ANEXO A.45 - Quero ver minha namorada com outra mulher, mas não encontro uma disposta. O que faço?

Autoria: Editorial do Blog

Coluna: Sexo

Curtidas: 546

Data: 05.07.2013

Este é mais um post da nova categoria do blog, “Se Eu Fosse Você”. Não sabe do que estamos falando? Entenda [aqui](#).

Hoje trouxemos o caso de um leitor que não quis se identificar. Ele fantasia ver a namorada com o outra menina e a namorada até topa, mas coloca algumas regras que inviabilizam encontrar essa parceira. E aí, qual a sugestão que você dá pra ele?

“Namoro há 4 anos e sempre nutri a fantasia de ver duas mulheres juntas. Algumas vezes minha namorada demonstrou curiosidade pela experiência, mas nunca teve coragem de dar sequência e acabamos ficando na mesma.


Recentemente, ela demonstrou de novo essa vontade. Porém, ela coloca algumas regras que impossibilitam que role algo: não quer prostitutas, mas também não aceita amigas e nem desconhecidas. Para ela, o ideal seria uma mera conhecida, com quem ela não tivesse intimidade. Mas como fazer a proposta pra alguém em quem não se tem confiança? Ao meu ver, isso zera as possibilidades.



Comentei que iria procurar uma menina pra ela, e ontem, na brincadeira, falei que tinha encontrado só pra ver o nível de vontade dela. Foi a primeira coisa que ela me perguntou ao me ver a noite. Quem era, como era...

Enfim, minha intenção era achar grupos online da minha cidade, por exemplo, e convidar alguém para conhecer a minha namorada. Moro em Blumenau-SC e não faço ideia de como achar alguém com esse perfil. Existe algum site de encontros indicado para isso? Ou alguém tem alguma outra sugestão sobre como posso encontrar uma menina disposta a transar com a minha namorada?”

Queremos a sua opinião. O que o nosso leitor pode fazer para encontrar uma menina disposta a realizar essa fantasia? Vocês conhecem sites ou lugares indicados? Respondam nos comentários, que na semana que vem escolheremos a nossa resposta favorita.

Resposta escolhida pela equipe CSV:



Nathali Macedo ·  Seguir ·  Quem mais comentou · Trabalha na empresa FEITOSA ADVOCACIA E CONSULTORIA JURÍDICA

Olá! Bem, essa fantasia me parece super saudável, ainda mais da forma como vocês colocaram. O que é importante perceber é que você quer VER sua namorada com outra mulher pra sentir prazer com isso, certo? Então, a primeira coisa que precisa ficar clara é que essa mulher precisa excitar a sua namorada. Afinal, você só vai ter prazer em assistir uma pegação de verdade, né? Com tesão. Eu, no seu lugar, desistiria de 'encontrar uma mulher pra a sua namorada' e deixaria isso a cargo dela. Seria mais simples, mais prático e mais eficiente: ela iria direto ao ponto, procuraria alguém que satisfizesse suas fantasias. Converse com ela e veja se ela concorda com isso. No mais, sempre há aquela 'conhecida' por quem se nutre um desejo. Procurando direitinho ela vai encontrar! Boa sorte.

[Responder](#) · [Curtir](#) · [Seguir publicação](#) · Segunda às 09:44

Olá! Bem, essa fantasia me parece super saudável, ainda mais da forma como vocês colocaram. O que é importante perceber é que você quer VER sua namorada com outra mulher pra sentir prazer com isso, certo? Então, a primeira coisa que precisa ficar clara é que essa mulher precisa excitar a sua namorada. Afinal, você só vai ter prazer em assistir

uma pegação de verdade, né? Com tesão. Eu, no seu lugar, desistiria de “encontrar uma mulher pra a sua namora” e deixaria isso a cargo dela. Seria mais simples, mais pratico e mais eficiente: ela iria direto ao ponto, procuraria alguém que satisfizesse suas fantasias. Converse com ela e veja se ela concorda com isso. No mais, sempre há aquela “conhecida” por quem se nutre um desejo. Procurando direitinho ela vai encontrar! Boa sorte.

Nathalie Macedo

Se você tem dúvidas, problemas, questões, desabafos e gostaria de participar, mande um e-mail com o assunto “Se eu fosse você” para redacao@casalsemvergonha.com.br. Explique brevemente seu problema. Seu e-mail pode ser anônimo, e a gente te avisa quando sua pergunta for ao ar!

ANEXO A.46 - Quando você sabe que a mulher da sua vida chegou

Autoria: Cleyton Carlos Torres

Coluna: Atitude

Curtidas: 14.000

Data: 16.05.2013



AMOR

Se você gostar desse artigo, dê LIKE para o autor ser escolhido como [colunista do](#)

[Casal Sem Vergonha em 2013.](#)



Não tem copo com uísque e gelo. Não tem cigarro e sofá de couro. Não tem escrivaninha no canto da sala nem janela com o vidro parcialmente quebrado, daquelas que oferecem uma vista única para o subúrbio cinzento de uma cidade. Nada de prostitutas, travestis e drogados na passarela urbana. Só há o barulho da chuva sendo mesclado lentamente com asfalto vagabundo, sacos de lixo e alarmes de carros. É uma fria noite paulistana e entre uma sirene e outra, só consigo me lembrar do seu sorriso. Peitos e bunda também, mas o sorriso prevalece.

Pode parecer mentira, mas ela existe. É quando você percebe que todas as suas brincadeiras aparentemente inocentes surtiram efeito. As moedas de um centavo jogadas naquela fonte velha já muito urinada por jovens e frequentada por moradores de rua, os desejos bêbados sussurrados para estrelas cadentes que você jurava que tinha visto ou os pedidos mentalizados por décadas em apagar de velas de aniversário. É inesperado e,

justamente por ser inesperado, é perfeito. É uma sensação estranha, mas é um “estranhamento” agradável, bom de ser sentido, curtido, apreciado.

Ela, por sua vez, mesmo sem ser convidada, apareceu. Na verdade, apareceu umas três ou quatro vezes e em formas, épocas e formatos diferentes. A grande questão é saber diferenciar todas essas variáveis até chegar naquela em que você julga ser a verdadeira, ou pelo menos a que você julga valer a pena se arriscar – de novo. E quando descobre, a satisfação de não mais precisar procurar é inigualável. Não me importo muito com créditos, quem encontrou quem. Até prefiro pensar que fui encontrado. Dá pra me sentir premiado, vencedor de uma loteria com cinco continentes e 7 bilhões de possibilidades.

É estranho, porém mais vale um cigarro aceso na boca do que todos dentro do maço intacto. Okay, há cigarros. Não há como escrever sem sentir o cheiro dos grandes escritores. Não há poesia se não há fumaça. É como sexo sem gozo. Há coisas na vida que não podem ser separadas, mesmo sendo colocações puramente humanas e capitalistas. Somos animais movidos por itens básicos, mas gostamos do complexo processo de aproximação física e sentimental, a paixão. Hoje eu sou o cigarro e ela é a minha boca. Eu sou a fumaça e ela é a minha poesia.

Tudo é muito simples. Simples como passamos do primeiro olhar no estacionamento de um hospital para a simbiosidade de um casal urbano. Simples como comer comida japonesa – mesmo eu detestando comer comida japonesa. Simples como convencê-la a comer cachorro-quente quase todos os domingos. Simples como deixar a tampa da privada levantada e levar um pitaco por isso. Simples como puxar propositalmente o cobertor durante a madrugada só para levar uma bronca bêbada de sono e, de quebra, tê-la juntinho de mim devido ao frio. Simples como abdicar do meu futebol semanal para assistir aquela comédia romântica que de comédia não tem nada. Simples como ser obrigado a passar em frente a uma loja de joias e dizer quais modelos de relógio você gostou – quando na verdade você já decorou os tipos, preços e códigos de todas as alianças da vitrine.

É simples assistir a um documentário de três horas e ela dormir nos primeiros três minutos no seu colo. É simples sentir sua respiração vagarosa, profunda, calma. É simples se esquecer do documentário e passar a notar suas bochechas rosadas. É simples ficar observando sua boca entreaberta, seus lábios finos e delicados. É simples olhar para a janela e ver uma noite paulistana qualquer. Mais uma noite com o barulho da chuva sendo mesclado lentamente com asfalto vagabundo, sacos de lixo e alarmes de carros. Simples como ter a certeza de que, no final do dia, tudo sempre é por ela. Tudo sempre foi por ela.

A perfeição atravessa discretamente profundos olhares secretos, a alma suspira a renovação do corpo, a vida retoma todas as suas formas, o absoluto, simples como amar, simples como dizer eu te amo.



CLEYTON CARLOS TORRES

Jornalista, blogueiro e professor universitário. Vagueia do samba ao jazz, do MPB ao rock. Não bebe café nem fuma charuto, mas não abre mão de boas conversas em livrarias, cafeterias e charutarias. Finge trabalhar duro para justificar a cerveja de cada dia. Já encontrou a mulher da sua vida.

ANEXO A.47 - 10 segredos das mulheres boas de cama**Autoria:** Casal sem Vergonha**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 26.000**Data:** 08.05.2013

Como de costume, nosso objetivo é ajudar os nossos leitores a se libertar das amarras que os impedem de serem felizes no sexo e nos relacionamentos. Por isso, hoje trouxemos uma lista com alguns segredos das mulheres que são boas de cama, para que você abrevie o aprendizado e consiga evoluir e sentir mais prazer no sexo – afinal, a vida é curta, e a gente não tem tempo a perder. Anote aí:

1. Pegue com vontade

Muito se fala da pegada masculina, mas muitas mulheres se esquecem de que não há nada mais entediante do que transar com uma mulher sem pegada. A pegada é a linguagem na cama. A intensidade com que você pega no outro demonstra as suas intenções. Portanto se você quer, demonstre. Pegue nele como se não houvesse amanhã.

2. Olhe nos olhos

Nada mais sexy do que uma mulher que olha nos olhos na hora do sexo. Isso demonstra atitude e estreita a conexão com o parceiro. Por isso, sempre que tiver chances, olhe dentro dos olhos dele e transmita tudo o que está sentido com essa linguagem que diz mais do que qualquer palavra.

3. Lembre-se: você é mais bonita do que imagina

Muita mulher deixa de se concentrar em ter prazer no sexo porque nutre paranoias com relação ao corpo e à estética. Pare com isso já – se a pessoa que está com você decidiu por livre e espontânea vontade estar lá, isso significa que ela te acha interessante e atraente. Se você ficar se controlando porque a posição X te deixa gorda, ou porque a Y mostra aquelas estrias que você odeia, isso vai fazer com que você perca o foco e sinta 10% do prazer que poderia sentir. Se tiver atitude e for autêntica com relação aos seus desejos, ele só vai ter tempo pra prestar atenção nas coisas boas do sexo e vai ignorar por completo aquele pneuzinho que tanto te incomoda.

4. Antes de dar prazer para o outro, aprenda a dar prazer para você mesma

Se o primeiro e último amor tem que ser o amor próprio, essa regra também vale pro sexo. Antes de querer sentir prazer com outra pessoa, descubra o poder de sentir prazer sozinha. Se masturbe nas mais diversas formas – com vibradores, com as mãos, com os dedos, com o chuveirinho, com a almofada. Enfim, seja *expert* no seu prazer e assim você vai se sentir muito mais segura na hora de sentir prazer em dupla.

5. Não tenha nojinhos

Se a vigilância sanitária fosse analisar o que fazemos no sexo, ele já seria uma prática proibida há tempos. Portanto, desencane dos padrões de higiene. Exclua da sua mente a cena da sua mãe de proibindo de sentar no vaso sanitário alheio. Permita-se descobrir o prazer do sexo sujo – aquele com suor, com saliva, com gozo. Aqueles que ficam na memória pra sempre.

6. Não deixe que a preguiça te domine

Principalmente em relacionamentos mais longos, é normal que outras atividades, como ver TV, ler algo, conversar com as amigas, ou apenas descansar, pareçam mais apetitosas do que o sexo de cada dia. Não se permita cair nessa armadilha. Faça o seu melhor em cada sexo, para que ele termine com gosto de quero mais. Permita-se experimentar coisas novas, explorar fantasias, descobrir novos pontos de prazer, para que se motive a sentir ainda mais prazer na próxima transa. Um casal que não tem uma vida sexual intensa está fadado a se tornar um casal de amigos num breve futuro.

7. Rebole

Se você soubesse o poder que um quadril rebolante tem no sexo, teria treinado muito mais bambolê quando era criança. Os movimentos que você faz com o quadril fazem com que diferentes áreas sejam estimuladas na hora da penetração, permitindo-lhe sentir mais prazer, além de ser delicioso para o seu parceiro. Preste atenção nas sensações que surgem em cada movimento.

8. Alimente sua mente com putarias

Todo profissional sabe que sem inspiração, não há criação. E esse conceito também se transfere para a cama. Muitas mulheres têm rejeição e pudor em se inspirar sexualmente, mas isso pode fazer uma grande diferença na sua performance e no seu prazer. Assista a filmes pornô, leia contos eróticos, permita-se ficar inspirada com aquela cena quente do filme na TV, em vez de se bloquear. Aprenda com os homens, que pensam em sexo praticamente o dia todo.

9. Faça pedidos

Deu vontade de alguma coisa? Peça. Enquanto não inventarem a bola de cristal, essa é a única forma dele saber o como potencializar o seu prazer. Além disso, estatísticas mostram que homens adoram quando as mulheres deixam claro o que querem na cama – afinal, todo mundo sabe que eles não são muito bons com indiretas.

10. Nunca se esqueça – mulheres são deusas

Filosofias como o Tantra consideram que as mulheres são deusas – portanto, elas têm o lugar central na relação sexual. Porém, se você não toma consciência desse poder, ele desaparece. Por isso, sempre que for transar, deixe despertar o seu poder e sensibilidade feminina. Não se prive – extravase. Faça do sexo um ritual do seu prazer, e da cama o seu templo.

Para comprar o livro e ter acesso a mais conteúdos como esse, [clique aqui](#).



CASAL SEM VERGONHA

Um casal de verdade que, inconformado com a hipocrisia com a qual sexo e amor eram discutidos, resolveu falar do tema sem tabus nem preconceitos, como você falaria com seu amigo numa mesa de bar.

LEIA MAIS TEXTOS DO CASAL

ANEXO A.48 - Mais 10 segredos das mulheres bem-sucedidas no amor - #parte2**Autoria:** Casal sem Vergonha**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 1.000**Data:** 29.04.2013**ATITUDE**

Esse post faz parte da construção do primeiro livro do Casal Sem Vergonha. Não sabe do que estamos falando? Clique [aqui](#).



Esse post faz parte do futuro livro do CSV:
100 segredos das mulheres bem-sucedidas.

20% do livro escrito

Nos ajude a escrevê-lo. Sugira mais itens para essa lista nos comentários desse post.

Dias atrás trouxemos alguns segredos das mulheres bem-sucedidas nos relacionamentos. Hoje voltamos, afinal, todos os truques pra felicidade no amor não cabem em 10 itens. Ser feliz no amor nos deixa com mais brilho, com mais inspiração, com o coração batendo gostoso, com a pele mais bonita. E o melhor é que todo mundo pode, sim, buscar ser feliz nessa área – basta acertar alguns ponteiros e deixar de lado alguns velhos hábitos. Se você seguiu os passos da [lista anterior](#), pode ser que já tenha encontrado alguém pra chamar de seu. Por isso, hoje trouxemos algumas dicas pra você que já vive um relacionamento e quer fazer com que ele melhore a cada dia:

1. Entenda de uma vez por todas: ciúme não tem absolutamente nada a ver com amor.

A culpa não é sua: enfiaram essa bobagem que ciúme é o perfume do amor na sua cabeça. Mas chegou a hora de você se livrar desse conceito que só traz frustrações. Ciúme é sintoma do ego doído, que ainda não aprendeu a lidar com o fato de que a outra pessoa pode, sim, ser feliz sem você. Se o outro quiser, ele vai te trair. Então pare agora de ser paranoica e use toda essa energia para deixar o seu relacionamento foda no dia-a-dia. Quem é bem alimentado em casa jamais vai querer comer fora.

2. Elimine da sua vida o hábito de cultivar mentirinhas.

Pra algumas pessoas, mentir é um hábito tão comum quanto escovar os dentes. Essas pessoas são guiadas pela lei “se ele não souber, não tem problema”. Ou seja, ela define uma regra pro relacionamento sem saber se o outro está de acordo. É uma relação “eu-eu”, pois ela é construída somente de acordo com o que um dos dois acha certo. Seja transparente e exija que o outro seja transparente com você. A verdade, por pior que pareça ser, é apenas um arranhãozinho perto da facada no peito que é descobrir que a pessoa que você ama não foi verdadeira com você.

3. Contratos e alianças não seguram relacionamentos.

Incrível como ainda tem gente que acredita que um contrato assinado em cartório ou que um anel no dedo possam ser garantia de amor. Existem milhares de formas de provar seu amor – e essas duas, definitivamente, não contam. Pessoas parecem ainda estar muito entorpecidas com os rituais que envolvem os relacionamentos e esquecem de pensar no que realmente importa. É o caso da moça que compra aliança, faz noivado pra família toda, compra o vestido mais caro e esquece de cuidar do que realmente importa – a relação com o outro. O final do filme a gente já conhece – casamentos que mal começam e já terminam. Será que se os dois tivessem gastado tempo investindo em cuidar dos problemas do relacionamento em vez dos problemas da festa de casamento, não teria sido muito mais proveitoso?

4. Respeite a individualidade do outro.

Quando a gente ama, a gente tem vontade de grudar no outro e virar um só. Mas sempre que essa vontade surgir, volte a si e se lembre de que a pior coisa que pode acontecer num relacionamento é as duas pessoas virarem uma só. Quando duas pessoas se fundem, a relação vira dependência – cria-se a ideia de que é impossível ser feliz sem o outro, o que é uma grande mentira, afinal, você foi infeliz durante a sua vida toda antes de encontrá-lo? Espero que não. Jamais perca a sua identidade e não permita que o outro perca a dele por sua causa – quem faz isso paga uma conta cara no final.

5. Elogie sempre – se você não disser, ela nunca vai saber.

Elogio é um dos fertilizantes mais poderosos dos relacionamentos. Não que sejamos carentes sentimentais ambulantes. Todo mundo funciona com ou sem elogios, mas eles têm uma capacidade incrível de despertar o que há de melhor no outro. Afinal, faz parte do lado bom de viver em casal ter alguém que te lembra de como você é linda – em qualquer sentido –, principalmente quando o elogio vem das coisas menos óbvias. Relacionamento sem troca de elogio é como planta sem adubo – a relação vai enfraquecendo, enfraquecendo, até que chega um dia em que morre de inanição.

6. Não deixe que ele pague todas as contas para você.

Mulheres que lutam por direitos iguais, mas que acham ruim dividir a conta não merecem o nosso respeito. Se você se permite ser bancada por ele, mesmo que não perceba, acaba se tornando de alguma forma um pertence. Permitir que o outro pague suas contas o tempo todo é assumir de alguma forma que você não tem capacidade de se sustentar e que depende do outro. Não se engane: ele vai cobrar uma recompensa depois, e você pode

não gostar nem um pouco disso. Mostre que você é independente e que não precisa dele pra se bancar. Aceite sim, gentilezas, como deixar que ele pague um almoço, mas jamais se esqueça de retribuir, pagando a próxima.

7. Crie acordos desde o princípio.

O relacionamento pode ser do jeito que vocês quiserem – todas as regras do jogo podem ser criadas por vocês. Pense direito na hora de estabelecê-las. Nós fazemos contratos e acordos em quase tudo na vida e muitas vezes deixamos passar esse ponto crucial nos relacionamentos. Assim que surgir o desejo de consolidar aquilo que até então era somente um casinho, anote num papel (sério) tudo aquilo que busca e que espera num relacionamento. Desde as coisas menores, do tipo “quero alguém que me acompanhe nos estádios de futebol”, até coisas maiores do tipo “quero ter filhos e procuro alguém com a mesma vontade”. Esse alinhamento evita uma penca de problemas futuros.

8. Construa parcerias em vez de namoros.

Numa parceria, os integrantes não agem somente pensando em receber de volta. Os parceiros querem, sim, ser recompensados, mas eles não querem crescer sozinhos – os corações se unem de uma forma quase cósmica e passa-se a desejar o bem do outro tanto quanto o seu próprio bem. Você pode encontrar alguém com quem namorar em cada esquina, mas parceiros são raros – encontre-os. Parcerias são mais trabalhosas, no entanto são muito mais profundas e duradouras do que namoros comuns.


9. Brigas nunca valem a pena.

Elimine de uma vez por todas esse hábito masoquista de sentir prazer com brigas. Você pode até se iludir e achar que elas dão uma aquecida no relacionamento depois que a poeira abaixa, mas não se engane: toda briga deixa cicatrizes nos relacionamentos que jamais serão apagadas. Algo dito com “cabeça quente” pode ser perdoado, mas jamais esquecido.

10. Não gaste tempo tentando convencer alguém a te amar.

Se, por algum motivo, você perceber que o outro não te ama mais como antes, parta pra próxima. Há milhares de homens no mundo que podem combinar com você e com os quais você pode criar relações felizes. Jamais se contente com migalhas, jamais mendigue o amor do outro. Se ele tem emitido sinais de que não te quer mais, coloque um ponto final e não permita jamais que ele fique com você por pena. O primeiro e último amor das nossas vidas precisa ser o amor próprio.

Fiquem ligados, que em breve voltaremos com mais segredos das mulheres bem-sucedidas. Para ler todos os posts do livro escritos até agora, clique aqui.



13
ANOS

LOJA do PRAZER

www.lojadoprazer.com.br

Esse é mais um projeto desenvolvido com o apoio dos nossos parceiros da Loja do Prazer, o maior sex shop virtual do Brasil.



CASAL SEM VERGONHA

Um casal de verdade que, inconformado com a hipocrisia com a qual sexo e amor eram discutidos, resolveu falar do tema sem tabus nem preconceitos, como você faria com seu amigo numa mesa de bar.

LEIA MAIS TEXTOS DO CASAL

ANEXO A.49 - 10 segredos das mulheres bem-sucedidas no amor - #Parte1

Autoria: Casal sem Vergonha

Coluna: Atitude

Curtidas: 10.000

Data: 26.04.2013



ATITUDE

Esse post faz parte da construção do primeiro livro do Casal sem Vergonha.

Quem afirma que ser bem-sucedida no amor é pros quem tem sorte é porque está precisando rever alguns conceitos. Como em tudo na vida, as nossas escolhas definem o nosso destino, ou seja, se sua vida amorosa não anda lá muito bem das pernas, isso significa que você precisa repensar como tem agido na área dos relacionamentos. Pra te ajudar a sair dessa, hoje trouxemos 10 dicas pra você enterrar o seu passado negro e começar a ser feliz no amor:

1. O cu doce não vai te levar pra nenhum lugar que valha a pena.

Um dos maiores erros que mulheres cometem na área dos relacionamentos é achar que, quanto mais se fizer de difícil, mais ele vai correr atrás. Isso pode ser até verdade, mas se ele correr atrás e depois não gostar do que encontrou, ele vai te deixar a ver navios, depois de um tempão de jogo de pega-pega. Por isso, seja autêntica e economize seu precioso tempo: se gostou, diga. Se quer sair com ele, convide-o. Se está morrendo de vontade de transar, demonstre. Só homens bundões têm medo de mulheres decididas.

2. Nunca gaste tempo com um amor mal correspondido.

Aliás, se afaste de qualquer coisa que tenha a palavra “mal” no nome. Com tanta gente legal no mundo, não vale a pena ficar mendigando amor de alguém que não te quer ou que te faz mal. Se ame em primeiro lugar e procure sempre estar com pessoas que te somem. Aquelas que te subtraem não merecem nada além do seu desprezo. Valorize-se.

3. Se você não quer ser tratada como um produto, não se porte como tal.

Você reclama que os homens só querem transar e sair fora, mas de quem será que é a culpa? Se você só demonstra suas qualidades externas, se o seu cartão de visitas é um decote que vai no umbigo, se seu maior trunfo é uma bunda dura, depois não adianta reclamar que está sendo tratada como objeto. Inconscientemente, você tem andado com

uma plaquinha no pescoço dizendo: “Me Coma. Esse é o melhor que eu tenho pra oferecer.” Mude esse cenário já. Impressiona com suas atitudes e opiniões. Deixe o artifício dos peitões para aquelas que não tem mais nada de melhor pra mostrar.

4. Seja uma mulher, não uma menininha.

Os homens que valem a pena querem ter relações com mulheres de verdade e não com “meninhas” – aquele tipo de mulher sem opinião, sem objetivos profissionais, com vergonha/timidez em excesso e que tem como resposta para a grande maioria das perguntas um grande “não sei”. Agindo assim você só vai atrair homens manipuladores, que te veem como uma presa fácil.

5. O universo te dá aquilo que você busca. Inclusive homens.

Se você não sabe o que busca, ele te dará qualquer coisa. E há grandes chances de você não gostar delas. É impossível encontrar um homem legal pra sua vida se não faz ideia de quem está procurando. Defina quais características gostaria de encontrar no outro e tenha elas em mente na hora da caça. Com tanta gente no mundo, impossível que você não encontre alguém do jeito que procura. Mulheres bem-sucedidas sabem o que querem e vão atrás disso. Elas escolhem, não são sempre escolhidas.

6. Você vai sofrer por amor.

É inevitável. Sofra, chore, aprenda com a dor e se levante depressa. Só sofre demais por alguém quem não tem amor próprio.

7. Você nunca vai encontrar um homem legal pra namorar enquanto ainda privilegiar bíceps em vez de cérebros, carteiras em vez de atitude e um carrão em vez do caráter.

Sabe aquele cara bonitão, que derrete o coração da mulherada? Fuja dele. Assim como você não quer ser tratada como produto, não se deixe enganar por homens que se vendem com um corpo bonito e uma carteira recheada. Eles provavelmente não têm mais nada pra te oferecer além disso. Dê uma chance pro nota 7 – aquele que não chama muito atenção na balada, mas que vai ser muito mais verdadeiro com você.

8. Livre-se das máscaras.

Uma das maiores burradas que você pode fazer na vida é querer fingir ser alguém que não é só pra conquistar o outro. Esse plano pode até dar certo – por um tempo. Mas ninguém consegue fingir pra sempre, e vai chegar uma hora na qual você vai cansar e vai querer finalmente voltar a ser você. O resultado? Um pé na bunda, afinal, ele se apaixonou por uma outra pessoa, não por você. Para não perder o seu tempo e nem o tempo do outro, seja autêntica desde o primeiro encontro. Se ele não gostar, tudo bem – você economiza tempo e saliva e estará disponível para encontrar alguém que te queira do jeitinho que você é.

9. Diga sempre o que sente, mesmo que riam de você.

Somente as pessoas estúpidas não sabem valorizar a sinceridade, por isso aquele papo de que ele se assustou com uma declaração sua não cola mais. Isso demonstra que ele não gosta de você de verdade, então terá feito um grande favor de sumir da sua vida.

10. Seja direta com os homens. Eles são péssimos com indiretas.

O cérebro masculino funciona de uma forma muito mais objetiva, por isso eles raramente entendem indiretas. Ou seja, se você disser “Esses dias me deu vontade de comer a sua lasanha”, é provável que ele responda: “Que legal. Aquela lasanha é bem boa mesmo.” Não é por mal, mas eles precisam que você deixe as coisas claras. Funciona muito melhor se você for direto ao ponto e disser: “Faz aquela lasanha especial pra mim?”.

Fiquem ligados que em breve voltaremos com mais segredos das mulheres bem-sucedidas no amor.

ANEXO A.50 - 10 segredos das mulheres bem-sucedidas no sexo**Autoria:** Casal sem Vergonha**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 770**Data:** 03.05.2013

Sexo é uma das maravilhas da natureza, um presente do universo, uma dádiva que tem o poder de trazer mais vida do que qualquer antidepressivo de tarja preta. Mas se você não enxerga o potencial que o sexo tem de trazer coisas boas pra sua vida, elas simplesmente não acontecem e você fica entorpecida. Por isso, seguindo a nossa série dos segredos das mulheres bem-sucedidas, hoje trouxemos uma lista dos segredos das mulheres que são felizes e satisfeitas no sexo. Elas sabem o poder que têm, sabem que são Deusas na cama e exploram esses fatores da melhor forma. Aprenda com elas:

1. Nunca, jamais, finja o orgasmo.

Sim, a gente já sabe dos velhos argumentos: mulheres ficam inseguras, ficam com receio do parceiro achar que há algo errado com elas ou de passar uma imagem de que o sexo não foi bom quando, na verdade, foi. Mas chega desse teatrinho. Nenhum homem vai morrer ao constatar que você não gozou, e nem irá te achar uma frígida por isso. Pelo contrário, os homens que valem a pena darão toda gota de suor pra te ajudar a chegar lá. Treine sozinha, pratique, então comece um treinamento em casal. Quanto mais tempo você demorar, mais difícil vai ser desfazer a mentira.

2. Se a calcinha está no chão, a sua vergonha deve ficar lá também.

Foi pra cama? Então é hora de se livrar de todo e qualquer pudor que tiver e marcar esse evento de uma forma inesquecível. Deixe seus medos e inseguranças fora da cama. Foque em explorar as sensações. Essa definitivamente não é uma hora de sentir vergonha.

3. Mulher que não sabe fazer boquete não saiu da adolescência.

Sexo oral é sempre um presente para outro (já que ninguém consegue fazer um boquete em si mesmo). Talvez por isso essa seja uma das práticas preferidas entre as pessoas. Um sexo oral dos deuses costuma ser um divisor de águas entre um sexo meia boca e um

sexo sensacional. Treine, pratique, observe as sensações, explore. Como tudo na vida, a prática leva à perfeição.

4. Aprenda e descubra as coisas das quais você gosta no sexo.

Não adianta você ficar achando que aquele cara não transa bem, se nem você sabe do que gosta. Só pode ensinar quem já aprendeu a lição e, se você, que tem anos de experiência com seu corpo, não faz ideia de como sentir prazer no sexo, pode ter certeza de que a outra pessoa também não vai saber te dar prazer.

5. Sexo exige um esforço mútuo.

Ser uma múmia que abre as pernas na cama e passa o recado “me coma” é uma das piores coisas que você pode fazer com você e com o outro no sexo. Sexo precisa de união, de parceria, de esforço proporcional dos dois lados. Se você não se mexe, não interage, não fala nada, não propõe nada, o outro só vai fazer aquilo que é bom pra ele, e você não terá sido nada além de uma boneca inflável com sangue um pouco mais quente. E aí, ele dificilmente vai querer repetir a experiência. É um ciclo: quanto mais você se esforça pra dar prazer pro outro, mais ele vai se esforçar pra dar prazer pra você.

6. Amigos gays sempre têm ótimas dicas de sexo para mulheres hétero

Na dúvida, chame aquele seu amigo gay para um papo. Eles costumam ter ótimas dicas, pois são homens e entendem bem de como os homens sentem prazer.

7. Entenda de uma vez por todas: sexo e amor são coisas diferentes.

Não conseguir separar sexo de amor é uma das maiores frustrações dos relacionamentos modernos. É preciso entender que é, sim, possível sentir prazer com outra pessoa mesmo que você não a ame, e que não é porque você transou com alguém que já pode começar a providenciar a papelada do casamento. Calma, esse tipo de pressão atrapalha no sexo e confunde as expectativas. Obviamente, sexo com alguém que você ama acaba sendo muito mais intenso por causa do fator intimidade, mas é preciso se lembrar de uma coisa: sexo sem amor é possível, amor sem sexo fica difícil.

8. Atitude vale muito mais do que uma lingerie bonita.

Lingerie e todos os artifícios que você quiser trazer pro sexo são legais, mas lembre-se de que eles são somente um apoio. Não adianta de nada se você tiver comprado aquela lingerie mais linda do mundo, e chegar na hora do sexo e não demonstrar atitude. Não há lingerie que salve um desapontamento de estar na cama com alguém que não demonstra estar com vontade de transar.

9. Homens são extremamente visuais. Perde a metade da graça se você não se mostra no sexo.

Mais uma vez: deixe de lado a vergonha. Se o sujeito está com você naquele momento – e não com qualquer outra pessoa – é porque ele escolheu estar lá, porque quer estar com você. Por isso, deixe de lado a vergonha de se mostrar, de mostrar o seu corpo, de olhar nos olhos, de ficar em certas posições. Na hora do tesão vale tudo, e deixar que ele te veja e admire esse espetáculo é uma das melhores coisas que você pode fazer em nome do prazer dos dois.

10. Impossível saber do que o outro gosta no sexo se você não perguntar.

Ainda não inventaram bola de cristal. Quem sabe um dia. Até lá, é impossível saber como dar prazer para o outro se você não perguntar. Pergunte, observe, teste. O corpo de uma outra pessoa é um universo amplo a ser explorado. Cada um tem as zonas do corpo onde sente mais prazer, não existe fórmula padrão para isso. Na dúvida, pergunte. Ele vai adorar o resultado.

Gostou? Para saber mais, [clique aqui](#).



CASAL SEM VERGONHA

Um casal de verdade que, inconformado com a hipocrisia com a qual sexo e amor eram discutidos, resolveu falar do tema sem tabus nem preconceitos, como você faria com seu amigo numa mesa de bar.

LEIA MAIS TEXTOS DO CASAL

ANEXO A.51 - Manifesto pelo direito da mulher a um sexo casual sem neurose**Autoria:** Juliana Santos**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 5.400**Data:** 17.04.2013**SEXO**

Se você gostar desse artigo, dê LIKE para a autora ser escolhida como [colunista do Casal Sem Vergonha em 2013.](#)

São 19 horas e 26 minutos de uma terça-feira. Você tem trabalho da faculdade para fazer, contas a pagar e um milhão e meio de problemas para resolver. E tudo que você consegue pensar é naquele fulaninho te pegando, puxando pelos cabelos, te fazendo mulher, como dizem algumas letras de música brega por aí. Às vezes, nem existe um fulaninho específico, existe só a vontade de que alguém te pegue com vontade e te faça enlouquecer de prazer.

Todavia, você continua assim na quarta-feira, na quinta-feira, no final de semana, e você simplesmente não dá. Não dá porque isso é vulgar, não dá porque o mundo vive gritando na sua cara que mulher que dá só porque quer dar é vadia, é vagabunda – nem puta é, porque puta faz isso como profissão e fazer isso como profissão é mais aceitável do que uma mulher que faz isso pela simples vontade de fazer. Ficar só na vontade é síndrome da excitação sexual persistente.

Todo mundo quer se sentir gostoso, desejado, necessário. E qual o problema de sentir tudo isso por só uma noite ou só por um dia? Ainda existem mulheres – e muitas delas – que acreditam que sexo casual é só o encontro de órgãos sexuais e nada mais. Sinto informar, mas não é. Sexo casual é libertar-se, é usufruir do seu próprio corpo através de

outro, é matar a vontade, é gozar da liberdade de poder dar e receber prazer, sem amarras, sem cobranças.

Existe um mito que a partir do momento que você faz sexo casual com alguém, você se torna um objeto. Não é bem assim. Claro, existem exceções. Um ou outro babaca vai te tratar mal, ficar espalhando por aí que você foi “lanchinho” dele. Mas quer saber? Liga o foda-se. Deu pra ele e ele falou mal depois? Tem duas opções. Se você deu para ele e gozou, ótimo, matou a tua vontade e conseguiu tirar prazer daquilo, e por uma noite na vida da criatura, ele foi útil para alguma coisa. Deu e não gozou? Tenha em mente que o babaca que te chama de “lanchinho” mal conseguiu te satisfazer.

Fora estas exceções, existe sim, respeito entre parceiros de sexo casual. Conheço muitos homens e mulheres que fazem sexo casual e não veem o parceiro da noite como uma vagina ou um pênis descartável. Veem como um adulto querendo preencher uma vontade, um desejo. E sinto informar os que chamam a garota de “lanchinho”, mas vocês não são adultos. São pré-adolescentes presos em um corpo adulto. Por que a condição de ser adulto na prática envolve, sim, ver sexo de forma aberta e com respeito.

Mulher sente vontade de dar. É simples assim. Existe carência, vontade de dormir de conchinha, de um cafuné? Existe, mas às vezes, mais do que isso e acima disso, o que a gente quer é mesmo alguém que pegue com vontade, puxe pelos cabelos, faça a gente gemer, gritar, morder, todas essas coisas que uma boa transa envolve. E só isso.

Sabe aquelas propagandas horríveis de clínicas especializadas em tratamentos de ejaculação precoce e disfunção erétil? Essas propagandas vivem gritando na nossa cara que “SEXO É VIDA”. Me diz, por que você prefere escutar os idiotas que gritam que sexo casual é feio em vez de escutar o pessoal da propaganda tosca? Porque, bonitona, eu vou te contar, a propaganda pode ser tosca, mas a frase é verdadeira. Sexo é vida, e se você está deixando de fazer, você está perdendo boa parte dela.



JULIANA SANTOS

Estudante. Viciada em tatuagens, cerveja e livros. Acredita mais em terapia de boteco do que terapia de consultório. Eterna romântica que volta e meia desacredita no amor. Quer tudo ao mesmo tempo, apesar de nunca saber direito o que quer.

ANEXO A.52 - O Último Romântico – O que as mulheres esperam de um homem

Autoria: Hugo Rodrigues

Coluna: Atitude

Curtidas: 21.000

Data: 19.03.2013



ATITUDE

Homens precisam passar segurança. Não precisam ser fortes ou algo assim. Podem ser baixinhos, gordinhos e com pouco talento para as artes marciais. Mas precisam passar segurança ao entrelaçar os dedos na gente, meio que como nos gritassem que tudo vai dar certo. Homens precisam ter um colo paterno, mas saber que não são nossos pais. Homem é um misto de irmão mais velho cuidadoso, irmão mais novo implicante e primo safado do interior.

E para nós, mulheres, detalhes nunca são meros detalhes – sempre são enormes e significativos. Aquele bilhete deixado quando você saiu mais cedo para trabalhar, aquela hora em que você me ligou só para me lembrar do meu anticoncepcional, quando você tira as cebolas das pizzas porque sabe que eu não gosto ou nas horas em que você coloca a mão na minha coxa enquanto dirige – ou até mesmo quando dorme como um fóssil no banco do carona, nas horas em que a gente reveza a direção.

Para me agradar, não me dê flores, chocolates ou ursinhos de pelúcia. Me dê cartões. Escreva coisas estúpidas e bobas que me farão rir como uma criança. Depois disso você pode comprar flores, chocolates e ursinhos. Você pode até me dar um helicóptero todo rosa pink, com minhas iniciais na porta. Mas se não tiver um cartãozinho surpresa com teus garranchos, não será a mesma coisa, entende?

Outra coisa que homem tem que ter é pegada. Mas não achar que pegada significa arrancar tufo do meu cabelo. Tem que saber apertar meu rabo de cavalo sem tirar nenhum fio dali. Vai por mim, homens que machucam demais na hora da transa não são bons de cama. Homem tem que ser atencioso, seja para perceber que cortamos dois dedos do cabelo ou para distinguir nossos gemidos de “tente mais um pouco” e de “não para, pelo amor de Deus”.

Homens não precisam ser um Fred Astaire, mas é importante que tenham a coragem de nos tirar para dançar. E não menos importante: que não tenham vergonha caso nós o tiremos para dançar – afinal, não vim a esse mundo necessariamente para ser escolhida. No momento da valsa, é de bom tom que eles nos carreguem pela mão e nos unam em teu corpo. Porém, corpo não é tudo. Gosto de homem-cabeça. Os homens quem leem são mais interessantes. E ser interessante vale mais do que olhos azuis e peitoral malhado.

Surpresas também sempre são bem-vindas, caros homens. Seja um SMS bonitinho enquanto estou numa aula chata ou me levar aquela trufa de marula que você sabe que eu adoro. Entendam que presentes não são o preço que custaram. Como próprio nome já diz, presentes são para fazer presença. Então, quanto mais eu fizer presença em tua vida, saberei que faço parte dos teus dias também, assim como você faz dos meus.

Em dias nublados, homens, é uma boa estratégia sair com casacos, mesmo que não estejam sentindo frio. Hormonalmente, mulheres sentem mais frio do que os homens – e é por isso que o seu casaco extra pode ser importante nesses momentos. Mas não se esqueçam de nos abraçar. Melhor do que casaco de lã é par de braços perfumados.

Sorria das minhas caretas, mas sem deboche. E me faça sorrir também. Homens precisam saber nos fazer sorrir – mesmo que não sejam exímios contadores de piada. Cada um tem a sua arma provocadora de riso: sejam as cócegas, as caretas, se sujar ao lavar a louça ou comprar o box de The Big Bang Theory. Mas me faça sorrir. Entenda que chave para o coração de uma mulher está nas gargalhadas que ela solta ao seu lado.



HUGO RODRIGUES

Sou publicitário. Fã da Zooey Deschanel e do Capitão Planeta. Romântico do novo século, que odeia presentear com flores, mas que adora fazer surpresas sexuais para a parceira. Tenho TOC de colocar a mulher no canto da calçada e de não deixá-la carregar peso. Escrevo meus casos ilusórios no www.hrodrigues.tumblr.com e no [@hugo_rodrigues](https://twitter.com/hugo_rodrigues).

ANEXO A.53 – Sobre mulheres que sabem levar um fora

Autoria: Laís Montagnana

Coluna: Atitude

Curtidas: 885

Data: 05.03.2013



Foi-se o tempo em que nós, mulheres, éramos escolhidas, mas nunca podíamos escolher. Hoje já é mais que natural: se uma mulher tiver vontade, ela pode – ou melhor, deve – chegar em um cara. Afinal, é uma delícia tomar a iniciativa. Mais que um deleite, é uma conquista. Mais ação, menos força do pensamento. Menos mandinga, simpatia ou qualquer coisa que traga o ser amado em menos de sete dias. Temos e podemos usar nossas lindas pernas com meia-calça fio 20 e salto 15 para caminhar e ir atrás do que queremos. Porque, antigamente, com as regras morais que nos haviam sido impostas, dependíamos totalmente das forças da natureza para que algo acontecesse.

Isso me lembra os bailinhos da quinta série, sabe? As meninas levavam um prato de doce ou salgado, e os meninos uma garrafa de coca-cola de 2 litros. Aí as garotas ficavam sentadas no salão, uma do lado da outra, enquanto rolava alguma música pop romantiquinha grudenta dos anos 90 – provavelmente “More Than Words” ou “Iris” – e esperavam que os meninos, timidamente, caminhassem em sua direção e puxassem-nas pela mão para dançar o dois-pra-lá-dois-pra-cá com aquele combo desajeitado de mãos no ombrinho/mãos na cintura. Ou seja, eram eles que tinham o poder de escolha. A nós restava apenas ficar parada como uma estátua em exposição, usando a força do pensamento, mentalizando o nome do garoto paquerado e torcendo para que ele nos escolhesse – o que raramente acontecia.

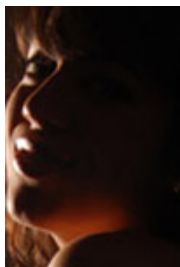
Agora a coisa mudou: podemos continuar sendo conquistadas, mas também somos capazes de conquistar. E isso é uma evolução tanto para as mulheres quanto para os homens. Afinal, eles devem se sentir aliviados por não carregar mais o peso nas costas de sempre caber a eles ter que tomar a iniciativa. Não que busquemos como ideal a inversão total dos papéis – longe disso. O que almejamos é a construção de novos papéis, nos quais homens e mulheres possam exercer seus desejos de forma livre e igualitária. E que a mulher não seja subjugada por romper com o papel que lhe foi imposto e que não lhe cabe mais. Mas será que conseguimos mesmo exercer esses nossos desejos? O grande

problema é que, sempre que você chega em alguém, a possibilidade de tomar um fora é iminente. E nem todas as mulheres sabem lidar com essa variável.

Já escutei de várias amigas a clássica indignação após um toco tomado: “Acredita que ele me dispensou?”, proferida com um tom incrédulo típico de quem se esquece da pequena variável citada acima. Peraí: assim como quando um cara chega em você e você tem o direito de dar ou não abertura e querer algo mais, o inverso também é válido. Não é porque temos a iniciativa que estamos imunes de quebrar a cara. E com isso, cai abaixo a teoria de que “chegar em homem é fácil, porque, se você for minimamente bonitinha, você não leva fora”. Então quer dizer que o homem deve aceitar qualquer par de peitos que bater à porta? E os sentimentos e compromissos que, assim como qualquer ser humano, eles também têm?

O que muitas mulheres não entendem é que é preciso maturidade para lidar com a rejeição. Talvez, um agravante histórico que influencie nessa falta de preparo feminina ao encarar o monstro da rejeição seja todos os anos em que a mulher interpretava o papel de donzela indefesa presa no castelo esperando pelo príncipe que iria resgatá-la. No posto de “ser conquistada”, era a mulher que rejeitava, ela que decretava o “não” quando achava oportuno. Além disso, a recusa dela também era parte do jogo de conquista, era parte do “charme” bancar a difícil. Agora, além de desfrutar o bônus, elas têm que aprender a lidar com o ônus do feminismo. Não basta criar coragem o suficiente para chegar em um cara, é preciso também maturidade emocional, plenitude espiritual e autoestima elevada para segurar o possível “não”. Tudo resume-se em uma palavra: segurança. A mulher tem que estar segura de si e saber que escutar um “não” não significa o fim do mundo.

Te broxei de qualquer tentativa de tomar a iniciativa? Não fica assim, não. O monstro da rejeição nem é tão feio quanto o pintam. Aliás, a beleza de todo o início da ~fase da sedução~ está exatamente na incerteza das mãos geladas e trêmulas de um coração ansioso. Fala verdade, o que seria do friozinho na barriga, na hora da conquista, se você já soubesse que a resposta final seria um “sim”?



LAÍS MONTAGNANA

É jornalista, drama queen assumida e entusiasta do sex drugs and rock'n'roll. Também é blogueira cigana, e seus últimos delírios encontram-se disponíveis em www.deliriosemcomprimidos.com. Gosta de se perder no clima de seus filmes favoritos e nos solos de uma guitarra. No twitter deságua canções, frustrações entre outras coisas em @l Montag

LEIA MAIS TEXTOS DA LAÍS

ANEXO A.54 - Está faltando sacanagem na cabeça das mulheres**Autoria:** Francesinha**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 985**Data:** 14.02.2013**SEXO**

Quantas vezes você pensa em sexo por dia? Se você for uma mulher, muito provavelmente no máximo a metade de vezes que o assunto passa pela cabeça de um homem. Isso se você for pelo menos um pouco safadinha. Os homens têm praticamente um pau morando dentro do cérebro. Também não é para menos. Fora a imaginação fértil que faz com que eles coloquem até a mais puritana das moças de quatro em poucos segundos, estímulos não faltam para exercitar a libido masculina. Piriguetes reboantes na TV, pornografia na internet, peladonas nas revistas e muito mais para atizar os olhos e o tesão da macharada. Com tanto incentivo, os homens acabam não só pensando mais em sexo como querendo fazer mais também. Para aumentar a libido, as mulheres precisam aprender com os homens a elevar o nível de sacanagem entre os neurônios.

O baixo apetite sexual é mais comum entre as mulheres. Para os homens, o problema maior é a impotência. A falta de desejo persistente atinge 27% das mulheres, segundo informações da psiquiatra Carmita Abdo no livro Descobrimento sexual do Brasil – Para estudiosos e curiosos, ou seja, quase uma em cada três. O mais surpreendente é que isso acontece com mais frequência nas faixas etárias de 18 a 25 anos e acima dos 40. Na fase em que deveriam estar com seus hormônios à flor da pele, muitas meninas simplesmente estão com a chama apagada.

Tenho a impressão que dentro do cérebro feminino existem coraçõezinhos demais obstruindo o espaço. As mulheres são muito estimuladas para o romance e pouco para o sexo. É muita comédia romântica e pouca sacanagem. Desse jeito, não tem como elevar a libido. Sem aquecer, a chavinha do tesão não vai ligar automaticamente.

Claro que também existem aspectos físicos, hormonais e psicológicos que influenciam o desejo, mas muitas vezes o que falta mesmo é colocar o princípio de ação e reação em prática. A vontade não surge do nada. Sem fantasiar, imaginar e pensar sobre sexo, fica

difícil sentir tesão. O arrepio começa no cérebro. O sexo mais gostoso é aquele que se inicia bem antes das preliminares.

As mulheres não estão acostumadas a deixar a sacanagem fluir solta dentro de suas cabeças. Algumas ficam incomodadas só de olhar imagens eróticas. Também existe a confusão moral que atrapalha tudo. Fantasias com um gostosão da internet ou que viu na rua não tem nada a ver com traição. Esse estímulo pode servir de combustível depois para o sexo com o namorado ou marido.

As diferenças culturais e comportamentais entre homens e mulheres talvez expliquem porque até hoje ainda existe pouco conteúdo erótico e pornográfico produzido para agradar e excitar o público feminino. Finalmente, esse cenário está começando a mudar. O fenômeno da trilogia Cinquenta tons abriu uma porta que espero que não se feche nunca mais. Algumas cineastas estrangeiras, como Erika Lust e Petra Joy, também estão fazendo filmes pornôs para mulheres. Até que enfim!

Mas ainda falta muito para elevar o nível de sacanagem na cabeça delas. Em uma **pesquisa** com alunos da Universidade de Ohio, nos Estados Unidos, na qual os participantes tinham que escrever sobre o que pensavam durante todas as horas do dia em que estavam acordados, a média masculina foi de 19 pensamentos sobre sexo. A média entre as meninas foi de 10 pensamentos sexuais por dia, quase a metade dos rapazes. Não parece tão ruim assim, até descobrirmos que as ideias sobre comida passaram pela cabeça das mulheres 15 vezes, ganhando em disparada do sexo.

Para aumentar o tesão e a vontade de transar, as mulheres precisam pensar mais em sexo. Aquelas que já fazem isso até demais não têm necessidade de ir além. Mas, para aquelas que ainda não estão treinadas, ajuda admirar a foto de um bonitão (ou bonitona, vai saber onde mora o desejo) na internet, assistir a um vídeo pornô, ler um conto erótico e não colocar barreiras nas fantasias que brotarem espontaneamente na cabeça. Se dizem que a mulher é como fogão à lenha, o melhor é ir alimentando a chama o dia todo para manter o aquecimento.



FRANCESINHA

é uma mulher que gosta de falar e escrever sobre sexo. Também adora contar suas experiências e aventuras. Para estimular a libido feminina, criou o blog Para Pensar em Sexo [<http://parapensaremsexo.tumblr.com/>], que traz artigos, imagens e contos eróticos para ajudar a mulherada a aumentar a quantidade de pensamentos-em-sexo-por-minuto.

LEIA MAIS TEXTOS DA FRANCESINHA

ANEXO A.55 - Mulheres falam, homem punhetam – as 5 reais motivações da masturbação masculina

Autoria: Frederico Mattos

Coluna: Sexo

Curtidas: 623

Data: 13.12.2012



SEXO

Lembro de uma moça que atendi no consultório que me procurou horrorizada por ter pego seu marido (dois anos de casados) se masturbando na frente do computador:

“Já não basta quantas vezes você me come e ainda vai bater punheta para pornô com peituda americana? P#ta que pariu!” - disse a ele.

Sua inconformação era justa do ponto de vista dela e acredito, de muitas mulheres por se acharem traídas ao descobrir que seus parceiros no começo, no meio ou no término de um relacionamento afetivo continuam se masturbando.

É como se houvesse um senso de exclusividade até do imaginário masculino – além de companheiras elas querem povoar todas as fantasias dos seus homens.

Para esclarecer a ela e outras mulheres indignadas, vou tentar explicar qual é o fascínio masculino pela punheta (em decorrência o filme pornô), suas diferentes motivações quando estão dentro ou fora de um relacionamento amoroso:

1. Tédio

Quando vocês estão entediadas fazem as unhas, o cabelo, assistem TV, falam sem parar, leem romances, fazem compras e reclamam. Os homens trabalham, jogam videogame e fazem sexo.

Mas sexo real pode dar muito trabalho num dia de preguiça, então ele vai se entreter com masturbação. Ele tem uma aparente sensação de prazer, ativa núcleos de dopamina do cérebro e pode seguir o dia com uma sensação menos apática.

Ele prefere não envolver a parceira nisso, as vezes nem é viável, e se fosse para muitas mulheres seria estranho que o parceiro dissesse “*ei, estou entediado, vamos meter?*”

É a melhor solução? Não. Ele poderia agir diferente? Sim. Como? Criando uma vida significativa para si que o realimentasse sem que precisasse de escapismos. No entanto, a realidade é diferente do que gostaríamos.

2. Descarga de tensão

Sabe aquele dia que você está morrendo de vontade de comer um prato delicioso, tem todos os ingredientes em casa, mas está um frio de rachar o cérebro para levantar e cozinhar. O que fazer? Come uma pizza requentada de ontem, rápida, fácil e mata a fome.

Muitas vezes a masturbação é isso, pura descarga de tensão, nada demais, apenas um recurso (literalmente) a mão para aliviar algum sentimento ou sensação corporal incômoda. Como os homens têm um certo bloqueio ou falta de acesso ao que se passa em sua mente, por pura falta de incentivo e treino, é comum não saberem canalizar alguma angústia ou tristeza de forma verbal. Mulheres falam, homens punhetam.

Nesse caso é essencial que o cara aprenda a identificar o que o perturba para que a masturbação não se torne uma muleta emocional sem fim. Até para poder distinguir a diferença entre ejaculação e orgasmo, pois nessas horas ele procura orgasmo e o que vem é um subproduto ejaculatório na masturbação

3. Traição imaginária

Muitos homens canalizam seu desejo por transar indiscriminadamente com outras mulheres por meio da masturbação. Ele vê a gostosa da academia, não quer pular a cerca, depois encontra a colega de trabalho sensacional, não quer chifrar a namorada, passa na banca e dá de cara com uma revista pornô e sabe que aquilo é falso, esbarra numa deliciosa loira andando na rua e contorna seus instintos. Ele reúne no seu baú imaginário fotos mentais de peitos, bundas, coxas e bocetas para mais tarde. Em momento apropriado, tira da manga todas as imagens para se estimular sexualmente com um Frankstein erótico só para deixar passar por si a sensação, ainda que imaginária, de tocar e penetrar alguma daquelas beldades.

Para as ciumentas de plantão eu explico – ele não ama, quer casar ou se relacionar efetivamente com nenhuma delas, apenas tem uma epifania instintiva que não o faça perder o sentimento de caçador. Inibir isso no homem seria até contraproducente em muitos casos, quase uma castração psicológica pois aprisionaria os mesmos desejos dele que em outro momento o ajudarão no sexo com a própria parceira.

Justo? Não sei, mas é o que acontece. Não precisam sentir ciúme.

4. Autoafirmação

O sentimento de autoestima do homem tem reguladores muito frágeis pelo fato da maioria deles serem externos. O status profissional, grana, aparência, currículo sexual, força física e dominância social podem escapar de suas mãos a qualquer momento.

Portanto, ele pode se sentir abalado por muitas forças que não controla e sua vulnerabilidade vai sendo testada a todos os momentos. Sua oscilação emocional acrescida da pressão externa pode ser abalada por uma palavra mal colocada, uma ameaça de demissão, uma dívida imprevista ou uma parceira chiliquenta. Ele quer fingir, mas não é de ferro.

Se o seu sentimento de “fodão sem limites” cria uma rachadura, o sexo é uma forma dele se restabelecer. Mas se falta a ele uma cumplicidade (ou imagina que falta) no relacionamento, ele acaba usando a masturbação como meio de levantar sua espada para o alto e seguir cambaleante em sua guerra mental.

Diante das putarias do filme pornô com mulheres altamente sedentas de sua pica de ouro imaginária, ainda que por alguns instantes, o seu reinado emocional fica de pé. Ele não precisa convidar para jantar, colocar música de fundo e nem criar clima, é pura meteção mental autocentrada. Sem convite e sem despedida, tudo no ritmo dele. Ali ele se sente o Deus do sexo inquestionável e projeta para si o homem indestrutível que gostaria de ser na realidade.

Se isso vira um hábito mental, cria-se uma deficiência psicológica que o impede de encarar de frente o monstro real. Mas na ausência de recursos mais sofisticados, a boa e redentora punheta o ajuda na tarefa complexa de seguir em frente.

5. Medo de intimidade

Talvez seja esse o fator mais perturbador para a maioria dos homens, afinal, o grande temor desconhecido da maioria é a perda da liberdade, ou em termos psicológicos, o senso de identidade pessoal.

Como os homens são treinados desde cedo a se sentirem heróis invencíveis, é natural que qualquer possibilidade de ameaça à estabilidade do seu ego seja perigosa. O desejo das mulheres se tornarem uma só alma com os homens é vista como uma invasão máxima a sua privacidade egóica. É sentida como cortar suas bolas.

Portanto, a intimidade emocional que a mulher tanto deseja é um convite ousado à exposição de todas as vulnerabilidades emocionais que ele tenta esconde por uma vida inteira. A masturbação é uma das muitas estratégias que o homem usa (ao lado do álcool, dos esportes, do trabalho) para evitar a diluição da pele psicológica que ele habita. No seu onanismo rotineiro, os medos e ansiedades de uma transa real (que a maior parte dos homens nega) não o perturbam.

Muitos homens ao lerem esse texto vão até estranhar as múltiplas possibilidades de motivações de sua punheta santa de cada dia. É até natural, afinal, essas como muitas coisas que se passam nos bastidores de sua mente seriam fruto de análises profundas que muitos nunca se permitem fazer.

Para as mulheres que não entenderam eu as lembro da gula que muitas sentem por doces, mesmo já tendo, almoçado, jantado e tomado café-da-manhã. Prazer imediato, rápido, barato e sem esforços. Imagine ser condenada por isso... É claro que não é regra: muitas mulheres também preferem masturbação à um KitKat nessas horas.

O que eu disse para aquela jovem esposa ao longo da terapia?

“Não se ocupe em roubar de seu marido os minutos de intimidade que ele elegeu para si, mas ocupe-se em apoiá-lo cada dia mais em ser um homem mais maduro sem repreendê-lo como uma mãe severa. Certamente é última coisa que ele vai precisar num momento que se sente muito exposto. Em ocasião oportuna, se sua curiosidade for insuportável, puxe o assunto de um jeito leve e convide ele para fazer o que estava fantasiando com você mesma.” Ele vai adorar.



FREDERICO MATTOS

Sonhador nato, psicólogo provocador, escritor de um não-best-seller e projeto de empresário. Adora contar e ouvir histórias de vida. Nas demais horas medita, dança dabke, lava pratos e escreve no blog Sobre a Vida. No twitter é @fredmattos.

Alguma informação extra www.sobreavida.com.br

LEIA MAIS TEXTOS DO FRED

ANEXO A.56 - Mulher Cafajeste Detected**Autoria:** Vana Medeiros**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 3.800**Data:** 12.12.2012**ATITUDE**

Nada melhor como a independência feminina, não é mesmo? Algumas de nossas mães ainda estranham o comportamento de hoje, mas é fato que as mulheres não esperaram que um milagre resolvesse seus problemas, e foram até lá brigar por eles. Hoje temos o direito a tratar do nosso corpo como quisermos. Claro que sempre vai ter alguém olhando torto, e o machismo é muito mais infiltrado na sociedade do que alguns falsos otimistas gostariam de pensar, mas demos nossos passos em direção à igualdade.

Entre estes passos pode não estar ainda o direito de escolher como vai ser nosso parto, ou se ao menos queremos ou não esse filho gerado, mas uma coisa é certa – ninguém mais tem o direito, em sociedades ocidentais como a brasileira, a recriminar uma mulher pelo que ela decide fazer com a sua vida sexual. Em lugares aparentemente distantes, mulheres ainda são apedrejadas por terem mais de um parceiro ao longo da vida, o que faz parecer com que os avanços aqui sejam gigantescos. Temos o direito a sair por aí e encantar quem bem entendermos, do mesmo jeito que os homens fizeram ao longo dos séculos, sem deixar que ninguém metesse o bedelho.

Direitos iguais é um bom lema, mas às vezes ele pode ser distorcido. A linha é fina e tênue entre ter o direito de fazer o que quiser com o seu corpo e fazer dele ferramenta para usar e abusar quem aparece pelo caminho. Do mesmo jeito que a liberdade sexual foi um grande objetivo atingido, ele produziu ainda um tipo de mulher bastante peculiar, a cafajeste. A que abusa da liberdade que tem para arrasar quem passasse pelo caminho. Esqueceram que liberdade sexual não é canalhice.

A generalização de que todo homem não presta produziu as mulheres que não prestam. Elas acham que não tem nada demais usar as mesmas armas contra eles que sempre as fizeram de vítimas. Mas não entenderam o aspecto mais básico da situação toda: isso não

é uma guerra. Uma coisa é sair por aí se envolvendo com quem bem entender. Outra é deixar subentendido que a relação é exclusiva só para poder aproveitar um pouco mais aquele cara gostoso da academia, em vez de ser clara com ele e dizer que ele não é, de longe, o único.

Outro dia estava lendo o depoimento de uma garota que, meses antes, reclamava de como os homens conseguem ser tão superficiais e fúteis. Ela estava literalmente descrevendo em centímetros os membros de dois caras que estava saindo, e dissertando sobre qual iria satisfazê-la mais, para poder escolher caso um deles descobrisse que não era único. Sério mesmo, garotas? Chegamos a isso?

Quer ser fútil e cafajeste? Por favor, sinta-se à vontade. Assim como tem muita gente mentirosa, sem caráter, recalcada, mal-educada, grossa, e babaca atrapalhando esse mundo, e não há muito o que a gente possa fazer para mudar. Mas assumo-se como tal. Não é porque você foi maltratada por caras imbecis antes que tem o direito de fazer o mesmo com outros que não têm nada a ver com a história. E, por favor, tente não espalhar estereótipos por aí. Nada mais frustrante do que ouvir o velho “nenhum homem presta” de uma mulher que também não se preocupou em valer muita coisa.



VANA MEDEIROS

Jornalista paulistana de 25 anos, é editora de um site sobre séries de TV e amante de todos os tipos de ficção, com destaque para aqueles que vêm em capítulos, mas sem esquecer do palco, paixão antiga. É uma gordinha orgulhosa e completamente apaixonada pelo gordo dela, e pelo trabalho de fotografar o mundo sem precisar de imagens pra isso. Se ser feminista é acreditar que mulheres são donas do próprio corpo e da própria cabeça, é feminista pra caralho. Atende reclamações no @vanamedeiros.

LEIA MAIS TEXTOS DA VANA

ANEXO A.57 - Sobre o ritual masculino de secar as mulheres nas ruas

Autoria: Daniel Oliveira

Coluna: Atitude

Curtidas: 3.200

Data: 03.12.2012



ATITUDE

Não adianta: do monge ao executivo, todos são acometidos por essa pequena patologia específica dos indivíduos que portam o cromossomo Y. Os sinais são bem claros. Visão panorâmica qualificada pra enxergar os peitos de qualquer mulher que passe ao seu lado, uma vontade incontável de chamar qualquer nota 7 de gostosa no meio da rua e o movimento involuntário do pescoço girando em 360° pra não perder aquela bundinha avantajada que acabou de passar.

Isso porque eu nem falei da visão de raio-X para decotes, da falta de concentração durante uma conversa – porque os olhos alternam entre o rosto e os seios e se fixam por lá – e mais uma número indizível de sintomas.

Mas chega de papo de bula. Puxe uma cadeira, peça uma cerveja pro garçom e sente aí que o assunto é sério. Já reparou que, não importa que tipo de homem seja, nós temos aquela mania secular de dar uma olhadinha? É quase que involuntário de tão natural que é. A coisa toda, a tal da mecânica, já existe no nosso sangue há tempos. Desde aquele passeio com o pai aos 8 anos de idade em que ele disse “filhão, olha que rabo espetacular aquele ali” e depois disso a gente desenvolveu essa e outras expressões pra devorar toda e qualquer mulher que passe diante dos nossos olhos.

Como peões de obra, a gente não sabe diferenciar uma tiazinha mais ou menos de uma ninfeta gostosa: caiu no campo de visão e tem um decote mais ou menos já é peixe e papo pro barzinho de sexta-feira, amigo. A arma de ataque pode até não ser o assobio, mas os olhos trabalham que é uma beleza. Não há cego que resista.

Enquanto elas, do lado de lá da mesa do bar, conseguem se manter firmes e fortes andando pela rua com um olhar reto, nós temos problemas com desvios. Elas se baseiam em aspectos mais profundos que o nosso raio X não consegue detectar. Levam em conta

o tal do charme e a inteligência, mas a gente não tem tempo de avaliar isso enquanto esbarra em 20 mulheres por segundo. Continuamos com problemas com desvios.

Mas é mais uma mania de macheza – desenvolvida por um sistema que define o macho pela sua capacidade de fazer barulho e uivar alto – que a gente pegou dos nossos pais e avós e por assim vamos levando. Pedimos desculpas, mas vamos continuar olhando. É instintivo. E daí vem a concepção de que mulher gostosa é o fraco de todo homem. Pode ser um Paulo Coelho intelectóide da vida ou um caminhoneiro em beira de estrada. Se colocarem todos à prova, vocês vão perceber que os tapas que a gente recebe das namoradas por olharmos pra outras são infundados.

E cruéis.

A gente não faz por mal e nem quer comer todas as novecentas e cinquenta mil mulheres que já passaram pela nossa vida.

Apenas uma boa parte delas.

(Agora queremos saber: e vocês mulheres, como lidam com a questão dos olhares na rua? E quando quem dispara os olhares é seu namorado, como fica?)



DANIEL OLIVEIRA

"Jornalista de comportamento" em mesa de bar, publicitário em formação, botafoquense por amor e canalha romântico. Não presta e não deve ser levado a sério. Joga tempo fora filosofando sobre nada no @danielbovolento. Apesar disso tudo, escreve sobre relacionamentos no <http://entretodasacoisas.com.br/>"

LEIA MAIS TEXTOS DO DANIEL

ANEXO A.58 - O que é a tal “pegada” que as mulheres tanto procuram?

Autoria: Editorial do Blog

Coluna: Sexo

Curtidas: 3.400

Data: 19.11.2012



Esse é um espaço para tirar todas aquelas dúvidas sobre sexo e relacionamentos que você sempre quis saber, mas não tinha pra quem perguntar. Mande e-mail para redacao@casalsemvergonha.com.br com o assunto Tira-dúvidas.

Casal Sem Vergonha,

Todo site, revista, livro, palestra, etc. sobre sexo fala sobre a importância do homem com “pegada”. O sujeito é feio? Basta ter pegada pra conseguir mulher. Não tem grana? Pegada resolve. Tem pinto pequeno? A pegada fará ela esquecer esse detalhe. É burro? Ah, mas se ele tiver aquela pegada... E por aí vai.

Pois bem, não sou horroroso, nem pobre, meu pau é normal e devo ter um QI dentro da média. Mas não tenho a bendita pegada. E aí?

Sou casado, amo a minha esposa e quero fazê-la feliz. Preciso de ajuda!

Leitor Anônimo

Querido amigo anônimo,

Pegada é que nem química, não se explica, se sente. Mas vamos tentar explicar de uma forma simples:

Sabe quando você vai cumprimentar alguém apertando a mão e o sujeito retribui com uma mão mole? Aquele aperto frouxo, sem graça, gelado. Então. Ficar com alguém que não tem a tal da “pegada” traz essa mesma sensação desagradável. Porque, como você mesmo disse, o cara pode ser bonito, pode ser rico, pode ser engraçado, mas chega uma hora em que a falta da pegada vai acabar fazendo uma falta tremenda.

Sempre que beijamos ou abraçamos alguém temos que fazer com vontade, ou então é melhor não fazer. Sabe aquele beijo mais ou menos, aquele abraço morno? Não vale a pena. Porque esse tipo de experiência pede intensidade. E quando uma pessoa não pega

pegando, não beija beijando, não abraça abraçando de verdade a coisa esfria. É como balde de água fria na brasa.

Entendeu?

É mais simples do que você possa imaginar. Tenha sempre em mente o mantra: se for pra fazer, que seja com vontade, ou então vá assistir novela, vá tomar um café, vá jogar vídeo game. Deixe para fazer quando tiver vontade. Então da próxima vez em que for beijar sua mulher, beije-a como se fosse a última vez (e realmente pode ser, a gente nunca sabe). Pegue-a como se não houvesse amanhã. Abrace -a como se não a visse há um mês. Transe com ela como se o mundo fosse acabar na próxima noite. Ela vai sentir a intenção e o sentimento por trás da atitude e com certeza vai querer retribuir. Assim um ciclo natural se forma e a pegada que você tanto buscava ter, vai vir como deveria ser: organicamente.

Boa sorte!

ANEXO A.59 - Me apaixonei por uma mulher 22 anos mais velha. Tem problema?**Autoria:** Casal sem Vergonha**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 637**Data:** 29.10.2012

Esse é um espaço para tirar todas aquelas dúvidas sobre sexo e relacionamentos que você sempre quis saber, mas não tinha pra quem perguntar. Mande e-mail para oisemvergonha@gmail.com com o assunto Tira-dúvidas.

Casal,

Tenho 20 anos e me apaixonei por uma mulher muito mais velha do que eu – ela tem 42. Gostaria de saber se devo investir nesse relacionamento mesmo com tanta diferença de idade.

Leitor Anônimo

Querido leitor anônimo,

Pode parecer clichê, mas a verdade é que a idade está na nossa cabeça. Conheço várias pessoas de 30 anos com mentalidade de 15, e outras de 20 com mentalidade de 30. Por isso, as barreiras da questão de diferença de idade são puramente culturais. Claro, tem a questão das duas pessoas estarem vivendo épocas muito diferentes de vida, mas, quando se tem vontade, isso passa a ser um mero detalhe. Pode dar certo – ou não – o que não é diferente de qualquer outro relacionamento.

A pergunta é – Está apaixonado? Está feliz? Quer ficar com ela? Então não pense duas vezes. Antes arriscar do que passar a vida toda pensando se poderia ter dado certo.

Pra te incentivar, listaremos aqui algumas vantagens que há em namorar uma mulher mais velha (vale lembrar que não existem regras absolutas para esse tipo de coisa):

1. Poder namorar uma mulher com a cabeça de quarenta anos em um corpo de vinte

A medicina estética e os exercícios de academia evoluíram muito nos últimos anos, fazendo mulheres de trinta e cinco anos roubarem a cena de garotas de vinte.

2. Ter uma mulher com opinião própria

Nada é pior do que aquelas mulheres que não têm opinião, que nunca têm sugestões de lugares para sair, que nunca desenvolvem ideias novas e que nunca questionam as coisas

erradas que a sociedade acha normal. Mulheres mais velhas provavelmente já desenvolveram melhor suas opiniões, fazendo o namoro ser muito mais interessante.

3. Fazer sexo bom de verdade

As mulheres mais velhas já passaram da fase de sentir vergonha ou não saber o que querem na cama. Elas sabem como rebolar, como chupar e como realizar os seus maiores fetiches.

4. Ter uma conselheira exclusiva

Por causa de sua experiência de vida, a mulher mais velha sempre terá conselhos bem fundamentados sobre questões profissionais e pessoais da vida do homem.

5. Aprender mais do que ensinar

Em um namoro entre duas pessoas da mesma idade a troca de aprendizados é equilibrada, já que os dois ensinam e aprendem na mesma proporção. Namorando uma mulher mais velha, o homem aprende muito mais do que ensina, se transformando em uma pessoa melhor em menos tempo.

6. Diminuir a probabilidade de ser traído

As mulheres mais novas geralmente querem viver novas experiências. Uma mulher mais velha só vai trair se o relacionamento estiver ruim ou se ela conhecer um homem mais interessante que o atual.

7. Ter ao seu lado uma mulher que não está de olho em sua carteira

As mulheres mais velhas, na maioria das vezes, já conquistaram uma boa posição profissional e como consequência, um bom salário. Elas geralmente possuem sua própria casa, seu próprio carro e bancam todos os mimos que uma mulher merece. O que interessa em um homem para elas é se ele é carinhoso, humilde, atencioso e se manda bem na cama.

ANEXO A.60 - Cinquenta tons de cinza – pornografia para mulheres, manual de instrução para homens

Autoria: Vana Medeiros

Coluna: Sexo

Curtidas: 3.600

Data: 01.10.2012



Você já deve ter ouvido falar por aí de um fenômeno chamado *50 Tons de Cinza*. Pois é, a crítica literária especializada – tanto a internacional quanto a brasileira – tem definido a trilogia de E.L. James como *pornô para mulheres*. Explico: James é uma escritora britânica que se apaixonou pelo fenômeno *Crepúsculo* (sim, mesmo tendo mais do que 40 anos na época) e passou a escrever *fan fics*, ou seja, histórias com os personagens da saga pensadas pelos fãs. Depois de experimentar o projeto, resolveu que queria criar uma história com os mesmos pilares, mas com seus próprios personagens. Aí nasceu *Fifty Shades*.

A trama envolve uma recém-graduada Anastasia Steele, apaixonada por letras e livros do romantismo clássico, com seus heróis e suas mocinhas indefesas a serem resgatadas. Ela conhece, logo no começo da história, um jovem milionário chamado Christian Grey, empresário poderoso e com tendências dominadoras que, mais tarde, ela descobre ser adepta do Sadomasoquismo, ou BDSM. Anastásia é moça virgem que nunca chegou perto de um pau na vida. Imaginem o choque da garota ao perceber tudo aquilo. Mas Christian não tem pressa, ele vai com calma. Inicia a garota primeiros nas artes do *vanilla sex* (ou sexo sabor baunilha, numa tradução livre), como ele chama qualquer relação sexual que não envolva brinquedos eróticos, restrições de movimentos, etc. Lembrando ainda que, com Anastásia, é a primeira vez de Christian também, pelo menos nesse tipo de sexo mais suave. Ele perdeu sua virgindade já através do BDSM, com uma amiga mais velha de sua mãe, Elena, a quem Anastásia apelida carinhosamente de Mrs. Robinson.

A partir daí, ao menos no primeiro livro da trilogia, o desafio que se instaura é bastante interessante do ponto de vista dramático. É a história de um homem e de uma mulher que vivem em pontos opostos do espectro sexual – e que gostam de onde estão –, mas que acabam se apaixonando loucamente um pelo outro, e querem fazer de tudo para que a

relação dê certo. Para isso, vão precisar encontrar um meio termo para que os dois não se agridam. Até porque, entre quatro paredes, vale qualquer coisa, desde que as duas partes estejam de comum acordo. E este acordo é o motor que desenvolve a história.

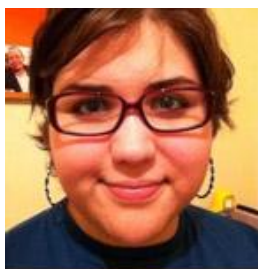
Antes de tentar explicar porque a série fez tanto sucesso, há de se pontuar o grande problema da saga. Fãs de *Fifty Shades*, me ataquem o quanto quiserem, mas poucas vezes li um livro mais sofrivelmente mal escrito do que esse. Sem brincadeira, aquilo é horrível. Espero mesmo que, para que os leitores brasileiros não sofram tanto quanto eu, a tradução para o português tenha melhorado o original. Porque em inglês é um exercício de paciência e obstinação. Eu, que mato um por semana, demorei três meses para chegar até o fim dos três livros. E não é tanto um problema de construção como é de narrativa. A partir do segundo, absolutamente nada de interessante acontece. E aí, meus amigos, é que vira a essência daquilo que tornou o sucesso mais bombástico – o tal *pornô para mulheres*.

Não é mistério para ninguém que homens e mulheres se excitam de um jeito muito diferente. Homens são criaturas visuais e rápidas – em pouco tempo o sangue é bombeado e pronto, a festa está, digamos, armada. Mulheres são diferentes, são mais químicas, mais pele, mais contato, mais preliminares. Mas, meu amigo, se você souber o que fazer neste tempo, não tem quem segure – são cinco seguidas e ela ainda não está satisfeita, quer mais. O orgasmo feminino é mais complexo, mas mais insaciável. Ou seja, mais afeito a joguinhos eróticos, a brincadeiras excitantes que têm tudo a ver com a essência sadomasô.

E é aí que Christian Grey entra, de um jeito que poucas mulheres ficarão imunes. Ele é o epíteto do amante perfeito, construído por EL James para enrubescer a mais pudica das criaturas. Christian tem paciência e não apressa Ana em nada. Muito pelo contrário, o prazer dele está em saborear a garota em cada canto de seu apartamento. Desde quando a ensina a melhor boquete de todos (ritmo é tudo) até a vez em que os dois se trancam dentro de um quarto e ele diz que só a deixará sair depois de vê-la gozar cinco vezes. Vendada e com fones de ouvido que não a deixam ouvir nada, Ana recebe sexo oral, é manipulada com um vibrador, se delicia com os dedos de Christian enquanto ele chupa seus seios, e até recebe uns tapas mais leves, que ela permite sem entrar demais no universo do sadomasô, mas já tendo uma prévia do que pode encontrar lá dentro.

Não vou dar spoilers de como a história tenta se desenvolver, mas fato é que *Fifty Shades* não pode ser julgado como alta ou média literatura, porque não é. Encaro mais como um guia riquíssimo, e aí vem a surpresa, para homens. Ao longo de séculos até demais, os homens podiam fazer o que quisessem na cama, porque o papel da mulher era ficar ali, parada, esperando acabar, e virar para o lado com a sensação de que pelo menos cumpriu o papel de esposa naquela noite. Eu sei que isso vai soar uma novidade para alguns homens mais obtusos, mas, não, não é mais assim. Hoje, não comeu direito, meu amigo, vai rodar, do mesmo jeito que você dispensou dezenas de mulheres que não eram atraentes para você, ou que não fizeram um boquete direito, ou de quem você simplesmente se cansou depois da terceira transa.

Fifty Shades, mais do que *pornô para mulheres*, é manual de instruções para homens, principalmente aqueles que eu gosto de chamar de Quase Virgens. Os que só sabem o que é fazer sexo com eles mesmos, que usam uma vagina como acessório de masturbação. Eu tenho certeza que Christian Grey faz tanto sucesso porque pouquíssimas podem dizer que foram comidas assim: sem egoísmo e sem falsos pudores, com aquela entrega descompromissada de *Vamos fechar essa porta e gozar durante cinco horas seguidas*? E, como esta é uma coluna sobre literatura, vale a aula de português: Você percebeu o verbo *Vamos* na frase anterior? Primeira pessoa do plural. Eu e você. Nós vamos gozar durante cinco horas seguidas. Ele não está a fim, amiga? Procura um pouco mais que uma hora você encontra seu Christian Grey, nem que você tenha que treiná-lo como ele fez com a também Quase Virgem Anastásia Steele.



VANA MEDEIROS

Jornalista paulistana de 25 anos, é editora de um site sobre séries de TV e amante de todos os tipos de ficção, com destaque para aqueles que vêm em capítulos, mas sem esquecer do palco, paixão antiga. É uma gordinha orgulhosa e completamente apaixonada pelo gordo dela, e pelo trabalho de fotografar o mundo sem precisar de imagens pra isso. Se ser feminista é acreditar que mulheres são donas do próprio corpo e da própria cabeça, é feminista pra caralho. Atende reclamações no @vanamedeiros.

LEIA MAIS TEXTOS DA VANA

ANEXO A.61 - Só macho beta tem medo de mulher alfa**Autoria:** Ricardo Coiro**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 49.000**Data:** 12.09.2012**ATITUDE**

Machos do meu Brasil, do mundo e de Marte, afivelem bem os cintos, pois a mulher alfa acaba de assumir o volante de vez. Esse exemplar de fêmea Mega Power² não aceita ter uma bunda gostosa que só serve para rebolar, muito menos quer ostentar nádegas eternamente passivas, destinadas sempre ao banco de passageiros. Ela agora está no controle. Pilota sem medo um conversível furioso, passando rímel enquanto faz uma baliza perfeita. Quebra todos os limites impostos pelo machismo de museu e, com toda certeza, não pisará no freio, mesmo que o Vin Diesel, aos prantos e aterrorizado, peça para sair.

Ela possui um poder notável, capaz de fazer o Capitão Nascimento parecer um mero usuário de fraldas. Ela transpira rios de segurança, mas nem por isso borra um milímetro sequer da maquiagem feita com a maestria de um pintor renascentista, enquanto simultaneamente amamenta gêmeos, lê o jornal do dia, joga sinuca e ainda planeja dominar o mundo. Sim, as mulheres alfa um dia farão com que a Terra seja conhecida como “planeta rosa”, ao invés de planeta azul.

A mulher alfa gosta dos homens, claro que gosta, mas aprendeu muito bem a não depender deles, para nada. Elas trocam pneu sem descer do salto. Abrem o vidro de azeitona com a ajuda de tutoriais científicos do Youtube. Criam técnicas femininas para sobrevivência na selva, sendo capazes de quebrar cocos com o auxílio do salto agulha e de fazer fogo utilizando apenas um laquê. Sem contar que elas geralmente dominam as mais cruéis modalidades de defesa pessoal e, ao menor sinal de ameaça, extinguem testículos com a mesma facilidade de quem estoura um plástico bolha.

Elas chegaram lá, no topo da aparentemente imutável cadeia alimentar e, para isso, não precisaram injetar nem uma gota de testosterona nas veias. Nem mesmo recorreram aos bigodes postiços ou tiveram que prender o cabelo e escondê-lo dentro da cartola. As mulheres alfa assumiram a presidência, a direção, os campos de futebol, os ringues e

qualquer lugar antes só destinado aos homens, mas nunca, por nada, abriram mão daquela feminilidade que tanto amamos.

Hoje elas tomam uísque sem gelo, mas nem por isso deixaram de se derreter quando se deparam com um filhotinho de labrador. Hoje, elas seguram firme a rédea de uma empresa multinacional, mas lindamente não conseguem segurar as lágrimas quando o mocinho, enfim, pede a mocinha em casamento no cinema. Hoje, elas não têm o menor medo de lutar com unhas e dentes por direitos iguais, mas felizmente, ainda pulam em nosso colo e nos agarram forte quando encontram uma barata, um grilo, um rato, um morcego, um besouro, uma formiga ou até uma mariposa. Não porque precisam – apenas porque querem.

Vejo muitos homens dizendo por aí que ainda preferem as mulheres submissas, dessas quase escravas. Barbados que vivem defendendo o retrocesso e a volta das mulheres de Atenas, que viviam, secavam e morriam pelos maridos. Na minha humilde opinião, tais homens só gostam dessas “Amélias”, pois só ao lado delas conseguem fingir que são machos alfa e líderes de alguma coisa, quando na verdade eles não passam de homens Zeta, lotados de insegurança e frustrações. Eternos bundões que nunca conseguiram nem o cargo de chefe dos escoteiros e que passaram a vida toda sofrendo pela desobediência do próprio cachorro.

Eu não quero uma mulher que dependa de mim, não preciso disso para fingir que sou superior a alguma coisa. Eu quero mesmo é admirar a mulher que estiver ao meu lado, ou à minha frente, por que não? Quero aprender com ela também, não apenas ensinar. Quero olhar nos olhos dela, enquanto ela me conta como foi o dia e pensar: “Caralho, como é que ela é capaz de fazer tudo isso e ainda consegue me fazer tão feliz?”.



RICARDO COIRO

Publicitário, devorador de Temakis, poeta de bar e campeão brasileiro de matrículas mal sucedidas na academia. Suspeita que o amor move montanhas, mas tem certeza absoluta que um bom boquete matinal é capaz de mover o mundo. Acredita que é possível ser romântico sem perder a pegada e sim, assume que um dia aceitou ser chamado de Chuchu e que perdeu uma lágrima quando o cão Marley morreu.

LEIA MAIS TEXTOS DO RICARDO

ANEXO A.62 - Não existe mais mulher que preste no mundo**Autoria:** Casal sem Vergonha**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 10.000**Data:** 11.09.2012**ATITUDE**

Tenho ouvido muito essa afirmação. Se antes as mulheres reclamavam que a prateleira de homens bons andava vazia no mercado, hoje em dia quem se lamenta pelos cantos de que está mais difícil do que nunca encontrar bom partido bobeando por aí são os homens.

Os argumentos são os mais variados – elas não querem saber de compromisso, não sabem o que é fidelidade, são fúteis demais, entre outros. Antes que você acene concordando aí do outro lado da tela e se compadeça com a situação desfavorável do time masculino, permita-me jogar um balde de água fria no seu sentimentalismo: o problema não são elas. É você. Sério.

O mundo está abarrotado de gente interessante. Felizmente nem todo mundo sabe quem é a tal da Carminha, nem todo mundo rebola ao som de ai-se-eu-te-pegue, nem todo mundo tem orgulho de se intitular periguetete. O mundo não está tão perdido assim. Percebe-se, então, que tem alguma coisa errada na equação – se você aí, esse “puta bom partido”, só acha traste no meio do caminho, algo tem que estar errado. E se você pensar um pouquinho vai chegar à resposta – se não chegou, a gente te conta: antes de querer namorar uma mulher interessante, você precisa se tornar alguém interessante. Desculpa.

Ouvi outro dia de um amigo que não anda na melhor fase da vida esse mesmo argumento de que não existe mais mulher que preste solteira. Um princípio de pena começou a surgir, mas então voltei ao mundo real – o cara troca mais de emprego do que de cueca, tem 30 anos e não faz ideia do que veio fazer no mundo, engordou 10kg no último ano, está sem grana até pra pro pingado matinal. E, ainda assim, ele só queria as top models, gente boa e inteligentes. Me diga: qual mulher legal, em sã consciência, iria se interessar por um sujeito assim? Semelhantes se atraem. Por isso ele somente atraía mulheres em busca de sexo e nada mais. Eu não perguntei, mas logo imaginei que ou ele transava bem ou tinha um pinto interessante. E os atributos paravam por aí. Fiquei imaginando mulheres se aproximando e, na hora do cigarrinho pós-sexo, se vendo diante de alguém que não tinha

nada mais pra acrescentar às suas vidas além de uma boa foda. E por isso elas sumiam do mapa. Eu também sumiria.

Acontece que é difícil demais olhar pro seu umbigo sujo. É muito mais fácil apontar o dedo pra sujeira do outro e colocar a responsabilidade dos seus problemas nas costas alheias. Vitimização é a principal aliada na vida das pessoas que não conseguem lidar com o fato de que estão desperdiçando sua chance de fazer algo de legal na Terra. Gente que não vive, só faz peso no mundo. Eternos mimados que acreditaram nos elogios da mãe que sempre disse que ele era incrível somente por existir. Esqueceram que elogio de mãe não vale.

Então, antes de blasfemar aos quatro cantos que o mundo anda escasso de mulheres boas (não, boa não quer dizer exatamente gostosa), dê aquela olhada no espelho. Sim, vai doer. Calma, você vai superar. Pros casos mais graves, faça uma lista de coisas que você procura em uma mulher pra chamar de sua e veja quantos desses atributos você tem. Você quer uma mulher gostosa? Quando foi a última vez mesmo que fez um exercício? Você quer uma mulher inteligente? Qual foi mesmo a última coisa interessante que leu na sua vida (não, aquele blog de humor não vale); Você quer uma mulher que corra atrás dos seus sonhos? Você tem corrido atrás dos seus? Você quer uma mulher fiel? Consegue bancar ser homem de uma mulher só? As respostas podem ser mais surpreendentes do que você imagina. E aí você vai realmente entender o que as pessoas querem dizer quando falam que a verdade dói.

É aquela velha história das borboletas no jardim – não adianta sair que nem louco atrás das coitadas, prendendo todas num vidro. Se seu jardim for um lugar legal para estar elas virão, naturalmente, antes que você perceba e sem que você tenha que implorar pela presença delas. E então você vai achar que algo milagroso aconteceu e que de repente as mulheres do mundo voltaram a ser interessantes. E, se pensar um pouquinho, logo vai constatar a triste realidade: elas sempre estiveram lá. Era você que não estava no nível delas.



CASAL SEM VERGONHA

Um casal de verdade que, inconformado com a hipocrisia com a qual sexo e amor eram discutidos, resolveu falar do tema sem tabus nem preconceitos, como você falaria com seu amigo numa mesa de bar.

LEIA MAIS TEXTOS DO CASAL

ANEXO A.63 - Mulher com filhos – o terror das sogras dos comerciais de margarina

Autoria: Ângela Zatta

Coluna: Sexo

Curtidas: 2.000

Data: 30.08.2012



AMOR

Oportunista, pronta para dar o golpe no primeiro homem que conseguir arrastar para a sua teia, a mulher que já tem filhos só vai entrar em um relacionamento para tirar metade do que o namorado tem. Será isso mesmo?

Esse pensamento ainda permeia a sociedade. O fantasma da família dos comerciais de margarina levantou do caixão onde a sua propaganda foi enterrada para assombrar as famílias que não aderiram ao seu plano maligno. A mulher que tem filhos antes do casamento (e mesmo a separada) foi pintada de preto e vestida como uma grande aranha selvagem capaz de seduzir os pobres bons moços que cruzam seu caminho.

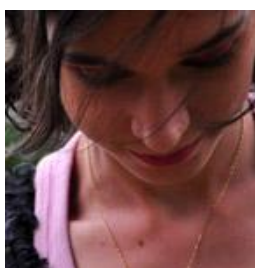
A realidade é que o filho é sempre da mulher. Mesmo que ela não queira ou não tenha condições de criar o filho, a legislação tem uma série de artigos que a obrigam a permanecer com a criança. E o homem, que muitas vezes nem sabe o desfecho daquela transa eventual, pode continuar a viver a sua vida. Resta o que? A velha história da mulher sozinha, com uma criança embaixo do braço, que vê os homens entrarem na sua vida prometendo amores imensos antes de saírem correndo ao som do choro de febre durante a madrugada, a noite mal dormida, a falta de liberdade e o peso da educação.

Depois de ter um filho, a mulher muda seus hábitos. Se antes ela podia libertar o Charlie Sheen, encher a cara e dormir o dia todo, agora ela tem uma criança que depende dela e tem, nela, a sua referência. Ela vai precisar dar o exemplo e parar de mentir, regular nas bebidas, comer espinafre e deixar a casa organizada. Ela pode estar machucada, magoada com os outros relacionamentos e vai precisar de tempo para se abrir. Ela vai ter que voltar da balada mais cedo e não vai poder sair quando não tiver quem cuide da criança. Ela vai ter outros compromissos: pediatra, reuniões da escola, homenagem ao dia das mães, apresentação de balé, show do Patati e Patatá, e pode não ter mais energia para transar quando chegar em casa.

Mas ela precisa entender que a vida passa. O filho tem a vida toda pela frente, mas a vida dela já passou um bocado e a opção entre viver e ser coadjuvante da história do filho é dela. Ela vai descobrir que o seu parceiro pode ser o mais compreensível do mundo, mas não está errado em querer que ela tire um tempo para os dois. (Não significa deixar o filho em casa porque quando ele for adolescente vai sair e deixar a mãe em casa também. Isso é lutar contra a consequência antes de criar a causa.) Curtir um cinema, um jantar a luz de velas no dia dos namorados, um passeio ao luar, uma noite de sexo fazem parte de qualquer relacionamento, com ou sem filhos.

O homem que entrar nesse relacionamento precisa ser maduro o suficiente para abrir mão de muitas coisas. Ele precisa entender que alguns dias ela não vai poder sair. Ele precisa saber que a criança vai ficar doente e exigirá da mãe todas as forças que ela tiver e que não tiver. Ele precisa entender que este não vai ser um relacionamento padrão, como o dos amigos. Ele precisa compreender que ela pode amar o filho e ele ao mesmo tempo, mas que na hora de escolher entre os dois, vai optar pela criança. Ele precisa ter a consciência de que ela é responsável por aquela criança e a opção de dividir ou não essa responsabilidade é unicamente dela. Ele vai ter que driblar o ciúme que a criança terá da mãe e estar preparado para o momento em que ela perguntará sobre o verdadeiro pai.

Os dois precisarão entender que este será um relacionamento a três sem que isso envolva um ménage. Os dois vão ter a prova diária de que eles não são o centro do mundo. Vão ter que aguentar muito choro para que a criança não cresça apanhando da vida. Vão dormir exaustos e acordar de madrugada com aquele calorzinho do xixi que escapou no meio da noite. Vão descobrir que vai demorar até conseguirem ter uma refeição calma, sem bagunça. Vão namorar ao som do “pintinho amarelinho” e assistir muitos desenhos antes de poder voltar aos filmes. Vão perceber que pode não ser nada fácil abrir mão de tanta coisa, mas podem encontrar a alegria em outras formas de viver. E vão entender que os planos vão mudar, as músicas vão mudar, o sexo pode mudar, mas o amor permanece. Esse é o segredo que as sogras tanto temem: as aranhas selvagens podem virar mulheres normais, que amam e fazem os filhos delas e os seus próprios tão felizes quanto às famílias dos comerciais de margarina.



ANGELA ZATTA

Metida a redatora, viaja para perder-se em si mesma enquanto não consegue sair do lugar. Caleidoscópica, pisciana, sonhadora e romântica nas horas vagas. Escreve no <http://angelazatta.wordpress.com> e no twitter é @angelazatta

ANEXO A.64 - Onde estão as mulheres de Marte?

Autoria: Daniel Oliveira

Coluna: Atitude

Curtidas: 1.500

Data: 28.08.2012



ATITUDE

Não é que o mundo mereça mais bombas-relógio e destruição iminente por aí. É só que Marte podia dar uma passada por aqui, e trazer algumas de suas habitantes de sangue vermelho-paixão para habitar o nosso planeta. A gente já tem algumas estrategistas que [não vão ligar no dia seguinte](#), e algumas líderes do símbolo feminino que conseguem ser sensuais até de [calcinha bege](#). Mas parece que dizimaram aquela espécie de mulher que assumia a linha de frente de combate e entrava no jogo do amor com ou sem escudo pra brigar de vez. Foram os corações quebrados nas guerras ou isso é tudo uma grande estratégia sentimental regida por Vênus?

A gente precisa de mais descontrole emocional e mais raiva. Mais nervos à flor da pele e mais pulsação. As Mulheres de Marte são isso: o coração da guerra. Elas dispensam o banco de reserva e essas barreiras sentimentais e o choro de madrugada e descontam a frustração num saco de areia ou num telefone quebrado na parede. Mas se arriscam. E se deixam levar pela pulsação, pelo peito acelerado, pelo vamos em frente e não pelo será que.

Essas mulheres são o novo sexo forte. No amor. Ou em qualquer outro lugar que você consiga enxergar por dentro delas. Elas rangem os dentes e mordem. Seja nas costas de um homem enquanto protagonizam seus gritos de guerra e gozo, seja na vida enquanto defendem seus interesses sentimentais. E aí de quem declarar que elas não são sensíveis por pertencerem a outro planeta que não é o habitual feminino. Elas transpiram gana. De risco. De cisma. De desabar só quando alguma lança atravessar o peito delas. De cair no chão e levantar. De sair dos seus fortes indomáveis e proclamar o que querem. Com ou sem espada. Mas com coragem. Elas querem mesmo é atravessar a gente e, no fundo, desejam ser atravessadas verdadeiramente.

Marte é ligado a qualquer processo de furar, cortar, penetrar e rasgar. E é disso que a gente precisa. De mulheres que cortem as nossas gargantas quando a gente se sentir preso naquela defesa masculina idiota de não conseguir dizer que ama. De penetrar fundo

e, se for pra vir pras nossas vidas, que seja sem sentimentalismo e com mais ação. Mais destruição em massa. Mais revolução. De rasgar os modos e se entregar num estacionamento, ou por debaixo da mesa de jantar, ou num banheiro de balada, ou numa cama qualquer que seja. Mas que use a libido para acender o pavio-curto de Marte e explodir de vez. Sem se segurar. Sem destrinchar os sentimentos e usar da sensibilidade como desculpa.

As terráqueas já reclamaram sobre os homens daqui e pediram por mais **Homens de Vênus**. E agora a gente pede para que as Mulheres entendam que Marte tem também seu lado bom. Visitem mais o planeta quando puderem. Porque Marte é impulso e ação. E nós queremos mulheres que vejam o amor assim. Mulheres que se construam de uma forma doce ou agressiva, mas que se deixem levar pela adrenalina. Que se pareçam com aquele planeta vermelho e pequeno, mas nos dominem e nos mostrem que a vida é mais do que as projeções bacanas de pessoas ideais e pacíficas. Ah, e que me desculpem as habitantes de Vênus, mas no amor a gente precisa mesmo é de uma dose imensa de coragem e descontrole. Que daí a gente não se destrói à toa.



DANIEL OLIVEIRA

"Jornalista de comportamento" em mesa de bar, publicitário em formação, botafoguense por amor e canalha romântico. Não presta e não deve ser levado a sério. Joga tempo fora filosofando sobre nada no @danielbovolento. Apesar disso tudo, escreve sobre relacionamentos no <http://entretodasascoisas.com.br/>"

LEIA MAIS TEXTOS DO DANIEL

ANEXO A.65 - O sonho da mulher dos seus sonhos**Autoria:** Hugo Rodrigues**Coluna:** Amor**Curtidas:** 26.000**Data:** 23.08.2012**AMOR**

E eu chego em casa cansado. Jogo minhas roupas pelo chão do quarto e sento no sofá, acabado. Ela chega, me grita atenção e fala como uma doida de como foi teu dia. Eu fico entre um “uhum” e outro. Entre uma risada e outra. Mas fico com olhos e ouvidos bem atentos, como um menininho ouvindo uma história de uma heroína que salvou a cidade e ainda lembrou de passar no mercado para comprar meu iogurte predileto.

Ela me faz massagens quando eu peço. Mas só aceita fazer caso eu prometa fazer nela também. Ela trabalha, estuda, dá um trato em seu visual, malha, prepara a comida e ainda arruma tempo para me amar e me pedir para levá-la no cinema. Às vezes, eu penso como é louco o amor. No começo, eu passava noites em claro só para descobrir a melhor forma de conseguir ter um encontro com ela. E, hoje, ela é quem me convida. No primeiro encontro, eu passei quase duas horas inteiras me arrumando. Coloquei minha melhor roupa e me encharquei com meu melhor perfume só para agradá-la. Hoje, ele me acha lindo de moleto ou suado pós o futebol.



Ela me espera. Ela fica ansiosa para me ver. E me liga só para dizer que está com saudades. Ela diz que ama e que morre de tesão por mim, também. Ela me faz carinhos e arranhões que nunca tive. E me beija o corpo inteiro. E quando briga comigo por ciúmes é por medo de me perder. Ela é perfeita, mas não sabe. O meu lado possessivo até acha isso bom. Porque no dia que ela perceber que ela é dez mil vezes melhor do que qualquer mulher nesse mundo, vai querer outro cara dez mil vezes melhor do que eu. E há vários caras perfeitos por aí. Mas não sei como, ela se encantou por minha barba malfeita, por minhas piadas sem graça e por meus olhos cansados.

Bendita a sorte a minha. Até hoje não sei o que falei para ter roubado a atenção dela. E, se um dia descobrir, falarei o dia inteiro. Trato-a como uma rainha tendo a certeza de que não sou merecedor de um lugar em teu altar. Mas me esforço tanto que ela acha graça até das minhas imperfeições.

É a sorte de ser o sonho da mulher dos seus sonhos.



HUGO RODRIGUES

Sou publicitário. Fã da Zooey Deschanel e do Capitão Planeta. Romântico do novo século, que odeia presentear com flores, mas que adora fazer surpresas sexuais para a parceira. Tenho TOC de colocar a mulher no canto da calçada e de não deixá-la carregar peso. Escrevo meus casos ilusórios no www.hrodrigues.tumblr.com e no [@hugo_rodrigues](https://www.instagram.com/hugo_rodrigues).

ANEXO A.66 - Eu não quero ser a mulher da sua vida**Autoria:** Daniel Oliveira**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 9.700**Data:** 21.08.2012**ATITUDE**

Não, eu não quero. E já deixo declarado o meu desinteresse por essa sua mania – e a mania de muitos – em me culpar por qualquer futuro errado que venha trair seus planos. Eu não quero esse peso todo do título ideal porque me dá dores de coluna e a minha postura sofre com isso todos os dias. Não, eu não quero carregar o estigma da importância taxada no peito. Enquanto algumas mulheres diriam que isso as torna relevantes, e importantes, e valorizadas. Eu. Eu mesma. Eu digo que isso não faz a menor diferença pra nós dois.

Não, eu não quero ser a tal pessoa da sua vida. Esse papel eu deixo pra sua mãe. Parece que você – e o resto do mundo – esqueceram que se apaixonar é bem melhor quando vem sem cobranças. E também parece que isso não é mais suficiente. *Se não for pra ser da minha vida, nem precisa ficar. Vai embora.* E vocês perdem tantas chances com essa ideia estúpida de que uma pessoa (e apenas essa única pessoa) tem lugar aí, no seu cantinho particular. É como se você tirasse da minha boca uma promessa que eu nunca fiz. E depois? Quem é que vai pagar a conta do analista pras suas expectativas frustradas?



Vai muito além de casamento, ou “pra sempre”, ou marca de aliança nos dedos. Só acho que esse cargo de chefia requer muita habilidade, responsabilidade e culpa. Sim, culpa. É como talhar a ferro e fogo uma marca detalhada na pele de alguém, que fica pelo resto da vida. Que não se perde facilmente. Não se perde, pra dizer a verdade. Ser a tal pessoa da sua vida é pisar de salto agulha na sua projeção equivocada de mim. Você, decepcionado. Eu, decepcionada por decepcionar você. É responsabilidade demais e não é que eu seja imatura ou infantil. Por mim basta que nos apaixonemos, ou que a gente tropece numa caminhada qualquer no parque e vá tomar um sorvete, ou que você me seja apresentado por aquela amiga e os olhares se cruzem. Só que você quer sempre mais que isso. É mais do que qualquer um pode dar.

Quando você não tiver mais nada para fazer, passa lá em casa. A gente junta as escovas de dente e isso não precisa significar nada demais. Eu sou uma dessas mulheres-folhetim do Chico, meu bem. Só digo sim. O seu trabalho é me manter interessada e ser mais seu do que meu. Eu posso ser seu rito de passagem, mas nunca vou poder ser o seu título perfeito. A mulher da sua vida.

Você correria o risco de ter seu crachá jogado no lixo, ou de desacreditar em segundos e terceiros amores. Não, eu não quero deixar que você se perca comigo e não perca o fôlego com outras. Nem quero que você se atreva a chorar copiosamente e escancarar portas de bares por minha causa. Outras virão. Outros verões também. E eu prefiro que você me identifique de outras formas e que me aproveite nas curvas, nas chuvas e nos momentos trôpegos do sexo. Se não quiser, eu te levo até o altar e te entrego de bandeja. Eu posso usar as suas camisas todas e deixá-las com cheiro de suor e perfume amadeirado. Eu posso até ser a sua mulher. Mas dispenso as credenciais.



DANIEL OLIVEIRA

“Jornalista de comportamento” em mesa de bar, publicitário em formação, botafoquense por amor e canalha romântico. Não presta e não deve ser levado a sério. Joga tempo fora filosofando sobre nada no @danielbovolento. Apesar disso tudo, escreve sobre relacionamentos no <http://entretodasascoisas.com.br/>”

LEIA MAIS TEXTOS DO DANIEL

ANEXO A.67 - Guia Prático do Flerte (para mulheres)

Autoria: Bel Neri

Coluna: Atitude

Curtidas: 1.400

Data: 16.08.2012



ATITUDE

Sabe, as mulheres têm de lidar com alguns dilemas que são, além de supérfluos e injustos, completamente alheios à natureza masculina. Por exemplo, se um homem transa com uma mulher logo na primeira noitada, ele se sente O Máximo, O Maioral. Já a mulher terá que enfrentar o julgamento das amigas, do próprio comedor, e até mesmo da sua consciência, caso não seja muito bem resolvida com sua sexualidade. Essa “culpa” é algo que homem nenhum vai entender, pois oras, homem nunca recebe um adjetivo depreciativo em tal situação. Já a mulher, vai de “puta, vadia, fácil, sem valor” pra baixo. O que pra eles é frescura, pra gente é uma verdadeira disputa de valores. Sad but true.

E não é apenas na situação supracitada que esse moralismo injusto faz-se valer. Uma coisa que me intriga é a tal da “mulher oferecida”. Essa é aquela mulher que, quando tem interesse em um homem, deixa isso bem claro. Chega junto e chega chegando, sem aqueles pudores, receios e recatos que normalmente narram o comportamento da mulher durante o flerte. Dependendo da criatura, ela até força a barra e constrange o pobre do rapaz acuado, tornando a situação de caça desagradável para ambos. Tem também o caso da pobre boboca que fica secando o rapaz de longe a vida toda, desviando o olhar quando ele vira em sua direção e sem coragem sequer de jogar um sorriso.

Como eu sou legal, não quero que você pareça nem uma louca desesperada por sexo e menos ainda que você deixe os homens que te interessam passarem batido. É pra isso que esse *Guia prático do flerte (para mulheres)* foi elaborado. Eu tinha bolado esse texto como uma lista passo-a-passo, mas nessas horas não existe fórmula mágica nem receitas prontas, apenas uma série de atitudes da sua parte que te tiram do exílio na Ilha da Mulher Pamonha.

Começando pelo básico do básico, cuide-se. Apesar de que ser mulher não é lá muito fácil –além dos dilemas morais, temos ainda que arcar com menstruação, gravidez, depilação

e afins – quando o tópico é a abordagem com intenções sexuais, a coisa é muito mais fácil pra gente. Uma mulher cheirosa e bem arrumada é agradável a todos os homens – inclusive aos casados e aos gays, mas acho que dar mole pra esses dois tipos não vão ser lá muito proveitoso pra você. E eu faço questão de enfatizar que não tô falando de “ser” bonita, e sim de cuidados básicos com a pele, dentes, cabelos e... ah, do que eu tô falando? Toda mulher sabe bem o que é se arrumar. Se pra você beleza interior é o que conta, melhor andar por aí com as mais recentes fotos da sua endoscopia, pois dificilmente se atrai a atenção de um homem se tiver sebosa ou fantasiada de pano de chão.

Daí a mulher se arruma, passa 4 horas no salão fazendo mechas californianas, mais 2 horas fazendo mão-e-pé, mais 19 horas escolhendo roupa e fazendo maquiagem. Tudo isso pra voltar pra casa sozinha e dividir a cama com sua hesitação e neuras? Solta a franga, amiga. Na minha opinião, mulher tem mais é que se preocupar menos com julgamentos e se divertir mais. Normalmente, a inconsciente opressão natural e tradicional leva as mulheres ao terrível hábito de ter vontade, mas ficar se contendo. Como isso vem desde cedo, desde sempre, acaba virando rotina, e o que eu mais vejo por aí é mulher com cara de cu porque tá sem uma *haste do amor* pra sentar em cima faz 57 meses. Ou gatinha saindo no zero-a-zero. Linda como uma Barbie dentro de uma caixa de plástico. Intocada e imaculada, quando o legal mesmo é borrar o batom e acordar com os cílios pregados de rímel.



Ok, agora você já está bem cuidada e disposta a escarrar sobre as amarras sociais que te prendem em nome de fazer o que bem quer. Tá solteira, tá sem macho, tá com fome. Imagine que você é uma pescadora faminta. Você não vai pegar peixe nenhum caso se jogue desesperada na água, agarrando qualquer sardinha gorda e lerda na base da unha; e menos ainda se ficar sentada no barco olhando os peixes passarem, e perguntando aos céus onde estão os homens legais. Observe a maré. Essa prática serve tanto para os homens quanto para as mulheres. Se o mar não tá pra peixe, procura outra área pra pescar ao invés de gastar suas fichinhas em vão. Aliás, observar a maré antes de agir em vão é fundamental em tudo nessa vida, desde xavecos a empregos enfadonhos que precisam ser deixados pra lá na primeira oportunidade boa. É questão de observar e dar o pulo quando o timing for correto.

Enquanto se observa, nada te impede de dar a brecha. Muitas vezes o cara morde a isca já nessa etapa e a sua participação ativa como xavequeira termina aqui, é só deixar a coisa fluir e continuar dando corda para o futuro alpinista de seus seios arfantes. Tá ligada a tal da *mulher charmosa*? Tudo questão de linguagem corporal: ser sorridente, lançar olhares

(sem encarar, porque mamãe ensinou que é feio), mexer no cabelo, encostar casualmente no braço dele.

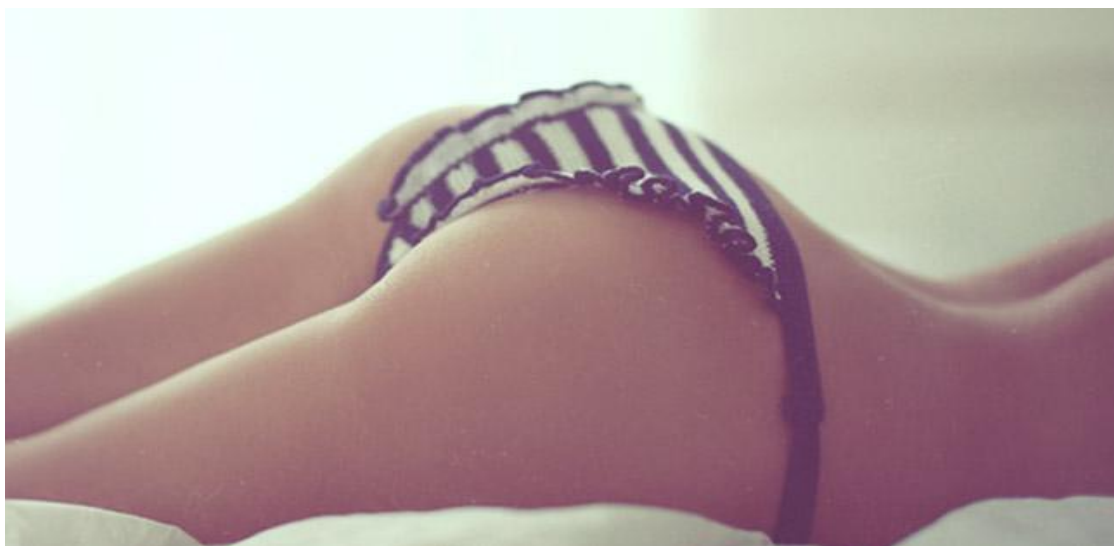
Depois de demonstrar que você tá na área, jogue sua isca. É aqui que a maioria das mulheres morre na praia. Jogar a isca é xis da questão, tem que ter AQUELA DOSE de bom senso pra chegar junto sem ser agressiva, demonstrar que se tem atitude e sabe ir atrás do que quer, mas ainda permitir que ele tenha o papel de “conquistador”. Abordar um homem, normalmente, é uma tarefa muito fácil. Você dá o impulso e ele faz o resto – isso se ele tiver interesse em você. Eu sou a favor da abordagem casual, do tipo chegar perto e puxar um assunto qualquer. Sim, é literalmente isso: UM ASSUNTO QUALQUER. Perguntar onde é o banheiro, que horas são, se você viu o novo clipe do Chiclete com Banana, se ele sabe onde ajustar a porra do relógio no seu celular novo, sei lá, qualquer abordagem inocente e furada serve, o importante é *como você conduz a conversa* depois de iniciar uma aproximação. Seja simpática, o papo tem que fluir, e quem faz a *blasé* não ajuda muito nisso. Dê risada, cara feia deve ser fome ou caipirinha com pouco açúcar. Eu tenho muitos amigos homens, todos bonitos, engraçados e bons de papo, e não sei se eles têm o dedo podre ou as mulheres chatas se multiplicaram em progressão geométrica. De vez em quando eles me aparecem com cada mulher entediante, que não sabe rir nem faz questão de se enturmar e participar das conversas, sabe? Tem que ver isso aí, mulherada. Não adianta ser “das certinhas” se sua presença é tão marcante quanto incenso de baunilha que passou da validade. Citando Oscar Wilde, *it's absurd to divide people into good or bad, people are either charming or tedious*.

Ser contida nem sempre é melhor. Se insinuar não é vulgar. Enfrentar os paradigmas pra fazer o que quer é uma sensação que você aprende a apreciar conforme vai se arriscando. Pra mim, mulher em tom pastel é um pé no saco. Lugar de princesinha passiva é sozinha e suspirando no alto de uma torre solitária.



BEL NERI

25, santista sem juízo adotada por Goiás. Defeito de fábrica: não existe um filtro moderador entre o cérebro e a boca. Isso produz barracos gratuitos perante gente folgada, senso crítico irrefreável e textos polêmicos e sem censura. No Twitter: @lemonndrop.

ANEXO A.68 - Como fazer sua mulher pedir sexo anal**Autoria:** Editorial do Blog**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 9.100**Data:** 24.07.2012**SEXO**

Não é novidade que sexo anal é uma das taras mais frequentes que passa pelo imaginário masculino. Alguns dizem que é por causa da textura e das sensações únicas que aquela região proporciona. Mas, indícios mostram que o que realmente deixa os homens tão aficionados por essa prática é porque ela tende a deixar as mulheres mais safadas – sim, é um outro nível de exploração no sexo. A mulher sente que está entregando aquela que é possivelmente a sua parte mais íntima, mais intocada, e ter essa consciência aumenta muito o nível de excitação. Elas costumam demorar a se permitir experimentar essa alternativa, digamos, mais Lado B – mas as que descobrem os poderes oriundos dessa prática, costumam se apaixonar por ela. Exatamente por isso, muitos homens têm dificuldade em convencer suas mulheres a deixar que lhes penetrem esse outro lado de seus seres. Muitos fazem tudo errado e acabam com as poucas chances que existiam. Por isso, hoje trouxemos um guia para que você faça tudo certinho e aumente as chances de fazer com que ela peça para que você a ajude a realizar essa fantasia. Porque assim é muito mais gostoso – sem pressão e com desejo dos dois lados. **Anote aí:**

1. Tenha paciência. É muito fácil cobrar uma coisa quando não é você que terá algo entrando num buraco que tem função de eliminar coisas para fora do corpo. Esqueça os filmes pornôns, onde as mulheres dão o cu como se fosse algo muito natural. Não, não é.
2. Sexo anal só pode ser proposto quando a mulher estiver num nível de tesão absurdo. Trabalhe bastante para então pensar na recompensa.
3. Jamais tente essa manobra sem que a mulher tenha gozado pelo menos uma vez durante o sexo. O orgasmo deixa a mulher muito mais relaxada o que facilita muito as coisas.

4. Uma das melhores formas de se aproximar da área traseira dela é no sexo oral. Faça tudo normalmente e quando perceber que ela está quase gozando, muito delicadamente vá massageando o ânus com um dos seus dedos. Se ela demonstrar que gostou, vá aos poucos introduzindo o dedo cada vez mais. Essa é uma forma de ajudá-la a descobrir que é possível ter prazer anal.

5. Nunca queira fazer essa modalidade pela primeira vez de surpresa. Converse com ela antes, descubra o que ela pensa do assunto. É muito melhor que ela esteja ciente das suas intenções.



6. Tenha sempre lubrificante a base de água e preservativo em mãos. Sem um desses itens, nada feito.

7. Se você tem nojinho do bombom que pode eventualmente sair no meio do processo, nem “se *meta*” nessa. A etiqueta diz: se viu ou sentiu alguma coisa, ignore e continue como se nada tivesse acontecido.

8. Escolha uma posição que a deixe confortável e que não permita uma penetração muito funda a princípio. Ela deitada de bruços com uma almofada na região do quadril ou de ladinho são boas escolhas. De quatro, jamais. Essa é uma posição para as de nível avançado.

9. Ao começar, deixe que ela pegue o menino e que o direcione para o buraco mágico até que ele esteja na posição mais confortável possível para ela.

9. Comece muito devagar e respeite o que ela pedir. Enquanto começa a esboçar uma penetração, continue estimulando-a. Dê beijos no pescoço, fale umas sacanagens no pé do ouvido, estimule o clitóris dela com os dedos. É preciso ser malabarista.

10. Deixe que ela dite o ritmo. Se ela pedir para que você vá mais devagar, obedeça. Se ela quiser que você vá mais rápido, obedeça também. Tem mulheres que relatam sentir menos dor quando o parceiro entra num ritmo um pouco mais rápido, em vez de ficar colocando e tirando bem devagar. Veja o que ela prefere.

11. Se ela pedir pra parar, **PARE**. Ou vai correr o risco de nunca mais ter acesso à área dos fundos.

Quer outra dica de ouro? [Adquira esse presente](#) para sua mulher. Ele fará o trabalho sozinho. Com ele, ELA pedirá sexo anal pra você (dentre muitas outras coisas que você nunca imaginou...).

ANEXO A.69 - Homenagem as mulheres de cabelo cacheado e peitinhos deliciosamente caídos

Autoria: Casal sem Vergonha

Coluna: Atitude

Curtidas: 28.000

Data: 04.07.2012



ATITUDE

Nós seres humanos, somos facilmente escravizados. Somos facinhos, nos rendemos a quaisquer ideias com mais de 10 likes no Facebook, gastamos nosso dinheiro atualizando o guarda-roupa pra que ele não deixe de ter aquela peça que mostra pra todo mundo o quanto “cool” nós somos, votamos no candidato que tem mais tempo no horário eleitoral porque é difícil demais pesquisar a vida daquele outro que só tem direito a míseros 3 minutos de fala, gastamos o que não temos comprando coisas pra impressionar pessoas das quais nem gostamos. Sim, somos facilmente manipuláveis, meu amigo. Toda essa necessidade de nos enquadrarmos em padrões acabou nos transformando em seres entediantemente iguais.

Quer ver? Aquela mulher peituda de cabelos lisos, de unhas pintada de vermelho pipoca-doce, se equilibrando num salto 15 daquela bota que todo mundo resolveu comprar, te chamou atenção? Ah, vá. E você aí achando que não era previsível.

A bolha de influência invisível e maléfica que nos dita a cada segundo como devemos nos vestir, o que devemos achar bonito, o que deve ser considerado coisa de pobre, o que faz daquele sujeito parecer mais bacana diante de todos os outros, cada dia mais nos transforma em seres que são mais do mesmo. Como numa gigante linha de produção, vemos pessoas-produtos esbanjando padrões como se tivessem sido escolhidos por elas, quando na verdade todas as escolhas foram, dia após dia, sendo injetadas em seus subconscientes que estavam ocupados demais fuçando nas novas atualizações do Facebook pra se darem conta disso. A geração dos zumbis, meus amigos, está mais perto do que você imagina.

Mas nem tudo está perdido.

Eis que quando você já estava perdendo a esperança, ela surge na mesa ao lado. Os cabelos encaracolados castanhos e volumosos. Na pele, nada de sombras azuis, na boca,

nem sinal de batom vermelho. Você desce o olhar pra notar os seios, que caberiam na palma de uma mão, delicadamente pesando pra baixo. Não há ferros nem bojos fazendo o crime de impedir que eles deem aquela leve caída dos deuses. As mãos que viram as páginas do cardápio são inegavelmente femininas – dedos pequenos, revelam uma surpresa em suas pontas – não há esmaltes – nada de cabaret, new york, beijo molhado, preto fosco, verde palmeiras. Nos pés também não se vê aquela pontinha de band-aid denunciando que a escolha da noite passada periodizou a beleza, e não o conforto. Seus pés parecem felizes dentro de um sapato confortável. As roupas, mostram pouco diretamente, mas deixam vários sinais de que o que está por baixo delas é um conjunto inteiro que faz muito mais milagres do que só uma bunda malhada. Ela parece não se importar com padrões porque o que importa nela é ela mesma – e porque sabe que não adianta de nada uma embalagem bonita se o conteúdo não surpreender. Sabe que a vida é curta demais e decidiu gastar seu tempo com coisas que realmente importam. Na verdade, ela está pouco se fodendo pra essa disputa de pessoas vazias em busca de um lado externo perfeito. E, se você quer mesmo saber, ela não dá a mínima se você a acha menos gostosa por isso.



E deixemos claro – quem vos fala não é um invejoso que não tem bom gosto pra estilo e nem tempo/saco pra passar horas na academia em busca de um corpo gostoso. Reconhecemos o valor de estar bem consigo mesmo, mas a discussão que queremos trazer é o quanto queremos estar bem conosco ou o quanto queremos estar bem como o que fomos forçados a acreditar como sendo um padrão ideal. Será que ela realmente ama passar uma hora em frente ao espelho sempre que lava o cabelo tentando eliminar quaisquer sinais de cachos com ajuda da sua velha e fiel companheira, a chapinha? Ou será que faz isso pra seguir um padrão invisível e pra se sentir igual a todo o resto do mundo? Tenho minhas dúvidas.

O lado bom dessa história é que as moças como aquela que descrevemos linhas atrás, passam despercebidas aos olhos daqueles que só enxergam o óbvio. O bitolado por peitos grandes e empinados, nem vai notar a presença dela. É como uma seleção natural – aqueles que conseguem enxergar fora da caixa, acabam encontrando as mulheres mais autênticas, mais parceiras, mais interessantes, enquanto os outros seguem a ver navios e espalham pra geral que as mulheres de hoje em dia não querem nada com nada. Bobinhos. Eles nem desconfiam que para encontrá-las, basta tirar a venda e enxergar além do óbvio. Melhor pra gente.



CASAL SEM VERGONHA

Um casal de verdade que, inconformado com a hipocrisia com a qual sexo e amor eram discutidos, resolveu falar do tema sem tabus nem preconceitos, como você falaria com seu amigo numa mesa de bar.

LEIA MAIS TEXTOS DO CASAL

ANEXO A.70 - Papo Calcinha – o que as mulheres conversam numa mesa de bar.

Autoria: Editorial do Blog

Coluna: Sexo

Curtidas: 6.700

Data: 13.06.2013



ATITUDE

O tempo passa e, invariavelmente, as coisas mudam. Às vezes para pior, outras para melhor. De vez em quando, mudam apenas por assumirem o caráter de estáticas. Mas mudam. Aposto a minha digníssima virgindade que você consegue listar pelo menos cinco palavras ou expressões que mudaram de significado conforme você “amadureceu”. Chupeta, pau, gozado, mamar, ‘papai e mamãe’. Strike, já tenho cinco – e só no universo sexual. Não perderei minha virgindade para mim.

E já que tudo muda com o passar do tempo, nada mais natural do que o teor das conversas femininas também mudar. No primário, o cenário era o pátio do colégio durante o recreio, e a dúvida da rodinha de meninas girava em torno do primeiríssimo sutiã ou do “será que ele me nota se eu emprestar minha caneta para ele?”. No ginásio, entre uma aula e outra, a angústia dominante era sobre a menstruação manchar a calça do uniforme, e o tabu do momento era o nada glorioso BV. No colegial, hormônios à flor da pele, peitos já enchendo mãos, na saída da escola a gente se preocupava em fazer da perda da virgindade um processo menos vermelho e doloroso. Hoje, formada e pós-graduada, quase todos os bons papos-calcinha que tenho são à mesa de um botequinho sem-vergonha, tomando uma cerveja e mandando ver na porção de fritas com bacon. Então, garçom, desce mais uma aí que o papo por aqui vai longe...

Mensalmente marco sessões de papo-calcinha com grandes amigas. Não necessariamente para falar sobre o seu desempenho sexual ou o tamanho do seu pinto – apesar de o chuparmos como se ele fosse o último pirulito da doceria, conforme-se que o seu pau não é o baricentro do universo. Muito menos sobre maquiagem, cor de esmalte ou essas mil tolices do mundo feminino. Mas sim porque mulher entende

mulher e ponto final. Lá posso chorar dramaticamente as minhas mágoas de relacionamentos passados. Posso compartilhar a eficácia das táticas que uso no meu boquete. Posso admitir a minha paixão pelo meu fiel chuveirinho, que sempre me salva as semanas sem perspectivas sexuais. E posso também dissertar sobre os aspectos do poder na Nova Ordem Mundial ou sobre o conceito freudiano do complexo de Édipo sem ter olhares desviando fugazmente para os meus peitos.

E a nossa busca por igualdade não se resume ao mercado de trabalho ou aos direitos políticos. Lutamos também pelo legítimo direito da pedreiragem. Assim como homens comentam sobre boas bundas, entre uma cerveja e outra mulheres comentam sobre bons volumes sacais. Toda mulher tem a sua porção pedreira, e a cerveja aflora o potencial rude feminino. Quem nunca soltou um mísero “ô, lá em casa” ou coisa que o valha que atire a primeira pedra. Quem nunca avaliou um homem de 0 a 10, analisando quesitos internos, externos e nem tão externos assim, que cuspa o primeiro gole de cerveja. E assim o papo vai ficando cada vez melhor, as garrafas vão se esvaziando, as bexigas vão se enchendo... E eis que chega a grandiosa e indispensável hora do banheiro, que tantas vezes é palco para filmes pornô e alimenta o imaginário masculino.

Querem saber mesmo o que rola no banheiro feminino, homens? Ou por que organizamos excursões ao toilette? Sabemos que muitas vezes vocês nutrem esperanças de que estejamos pegando loucamente aquela nossa amiga gostosa e que vocês, enfim, terão um prestigioso lugar no tão esperado ménage a trois. Mas mesmo quando entramos juntas numa mesma cabine, a gente não se beija, não se chupa e nem limpamos umas às outras. Também não comparamos tamanhos. Raramente rola algo a mais do que uma simples conversa – se vocês foram feitos com duas cabeças, nós nascemos com duas bocas, uma em cima e outra embaixo. E para compensar a incapacidade verbal da boca de baixo, temos que usar a de cima para falar. E falar, e falar, e falar, até que alguém nos cale ou se canse de nos ouvir.

Ou até que o nível alcoólico comece a atropelar a dicção, e ficar calada torna-se a melhor opção. Aí é hora de deixar o corpo falar e trocar abraços calorosos de despedida. Mais uma noite se foi. Sem sexo, mas igualmente incrível. Sem orgasmos, mas com a satisfação do dever cumprido – o dever de alimentar a chama das boas amizades. Sem lembranças espetaculares no dia seguinte, mas com a convicção de que quem tem amigos tem tudo. Definitivamente, meus caros, amigo é casa.



BRUNA GROTTI

Jornalista, cantora e apaixonada. Pela vida, por sexo, por você. Uma paulista emotiva, sem vergonha, sem papas na língua e que poderia estar matando, roubando ou extorquindo, mas apenas come morangos sensualmente e twitta no perfil @bruna_grotti.

LEIA MAIS TEXTOS DA BRUNA

ANEXO A.71 - Manual(nada) prático para (des)entender as mulheres

Autoria: Daniel Oliveira

Coluna: Atitude

Curtidas: 3.400

Data: 25.05.2012



ATITUDE

Para desentender as mulheres é preciso acordar cedo alguma vez na vida. É preciso passar uma noite inteira em claro e roer todas as unhas de uma única vez por nervosismo. É saber que ela não vai ligar, mas vai ligar assim que você desistir. É preciso abraçar um garçom, uma punhada de amigos e umas trocentas garrafas de algum destilado fatal. Para desentender as mulheres é preciso ter passado algumas horas com Neruda, Pessoa e Moraes. É preciso de tudo, ser atento ao seu amor. É extremamente preciso acordar atrasado e ter uma vasta gama de desculpas para convencer qualquer juiz a não decretar sentença de morte.

Para desentender as mulheres é preciso renunciar o filme de ação e chorar feito uma menininha enquanto Marley é enterrado. É se fazer de forte na frente dos outros e guardar as inseguranças num cofre que quase ninguém tem acesso. Para desentender as mulheres é preciso ir em frente, dar meia volta, esperar que o espelho dê consentimento e estar sempre disposto a esperar por toda e qualquer ocasião especial que demande tempo. É saber que o jogo está ganho e perder no último minuto. É achar que não tem mais jeito e conseguir um gol de placa aos 45 do segundo tempo. É preciso abrir mão de ser só seu e ser de uma, duas, mil e uma ao mesmo tempo. É preciso entender que todas elas coexistem e que tudo o que você disser será usado contra você mesmo.

Para desentender as mulheres é preciso ser do contra e achar que as entende. É escrever manual pra poeta, pra compositor e pra artista. É ensinar a cada um deles uma essência diferente, um rabisco original. Para desentender as mulheres é preciso se enganar a cada dia e recuperar o fôlego depois de uma caminhada pelo caminho errado. É preciso saber dançar muito bem e não admitir isso. É preciso pisar em pés e achar graça dessa forma de se mover que mais parece uma ciranda. Para desentender as mulheres é preciso ter olhos fechados e peito aberto. É navegar por um mundo desconhecido em busca de algo que você conhece bem. É reconhecer pernas, coxas, panturrilhas em olhos calmos ou

tempestuosos. É abrir mão da realidade para viver de literatura. É preciso ser poeta e escrever personagens imaginários para cada noite bem dormida. É contar vantagem sobre uma desvantagem e rir de quando as coisas vão mal. É preciso ser louco.



Para desentender as mulheres é preciso entender de cheiros. É necessário que seja um especialista em sensações e emoções deturpadas. É quase como obrigatório gostar do cheiro do suor delas na sua pele e se deliciar com o fato de que esse cheiro é só delas. Para desentender as mulheres é preciso conhecer Paris, Londres e o Rio de Janeiro. É preciso saber reconhecer cada pedaço do mundo nas coisas que elas fazem. É ter certeza de alguma coisa completamente incerta e bater pé defendendo uma tese furada. É saber beber vinhos, limpar manchas, tirar roupas e deitar de conchinha sem fazer absolutamente nada. É preciso decifrar o ritmo cardíaco, interpretar a respiração pesada, medir a dilatação das pupilas – ser um pouco médico, talvez. Para desentender as mulheres é preciso ter raiva, ter força, ser um pouco egoísta e não saber lidar com algumas situações. É preciso entender de siglas, de períodos, de chocolates e de flores.

Para desentender as mulheres é preciso decorar esse texto algumas vezes. E esquecer de tudo isso no exato momento em que puser os olhos em uma delas e descobrir que o impossível mesmo é desentendê-las.



DANIEL OLIVEIRA

"Jornalista de comportamento" em mesa de bar, publicitário em formação, botafoguense por amor e canalha romântico. Não presta e não deve ser levado a sério. Joga tempo fora filosofando sobre nada no @danielbovolento. Apesar disso tudo, escreve sobre relacionamentos no <http://entretodasascoisas.com.br/>

LEIA MAIS TEXTOS DO DANIEL

*Texto originalmente escrito para o blog [Entre Todas As Coisas](http://entretodasascoisas.com.br/).

ANEXO A.72 - Recado sincero de uma mulher que só quer sexo e nada mais**Autoria:** Hugo Rodrigues**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 15.000**Data:** 24.05.2012

Garoto, você tem que ir. Não é nada pessoal. Bem, na verdade é. Mas é comigo. Não há nada de errado em você. Mas eu não costumo passar uma noite inteira com alguém. Tenho insônia diante da cama dividida. Por favor, me entenda. Você transa maravilhosamente. Sei que estamos nessa há umas três semanas e eu até agora não respondi romanticamente nenhum de seus SMS. Mas eu não quero me envolver além do corpo, sabe?

Não é para dormirmos de conchinha. Não quero dividir casquinhas de sorvete, presentes comuns ou travesseiros. Não é para eu conhecer a sua mãe e ouvi-la dizer todas as coisas que você gosta e ver as suas fotos de infância na qual você dançava quadrilha de chapéu e bigode pintado. Não quero conhecer o seu pai e vê-lo te olhar com cara de aprovação pelo “belo trabalho”. Não quero que você conheça a minha família, também. Eles te perturbarão com mil perguntas que tenho certeza que não está disposto a respondê-las. Então, pegue tuas coisas na sala e durma em sua casa, por favor.

Qualquer dia eu te ligo e a gente se vê para fazer alguma coisa carnal.

Nada de cinemas, teatros, passeios no shopping ou coisas assim. Andar de mãos dadas me sufoca como apertar diretamente a minha jugular. Relacionamentos cada vez mais acabam cedo. E o que restará para mim é um coração machucado e tuas camisas em meu armário. Não quero, sabe? Não quero ter que saber se você está me traindo ou não. Se seus amigos gostam de mim ou não. Não quero ter uma música romântica que cisma em tocar em qualquer lugar e eu me alegre por lembrar de você. Não quero encontrar fios do teu cabelo em meu travesseiro e sorrir como uma boba. Não quero encontros no meio do dia que me deixarão com seu perfume impregnado em mim durante o dia todo. Não quero beijos naquele museu interessante porque eu quero poder ir lá sozinha e não lembrar de você. Não quero sentir saudades quando você se atrasar para chegar em casa.

Não quero andar no teu carro e ver você colocar a mão na minha coxa esquerda enquanto dirige e isso me parecer o cinto de segurança mais perfeito do mundo. Não quero chorar quando for se cansar de mim de ir embora. Não quero canecas, nem chás. Não quero que você venha cuidar de mim quando estou gripada. Nem que venha com milhões de piadas e me fazer brilhar os olhos quando eu estiver menstruada. Não quero fotos, cartões, chocolates. Nada disso. Nosso mundo é este colchão aqui e só. Portas abertas e corações fechados.

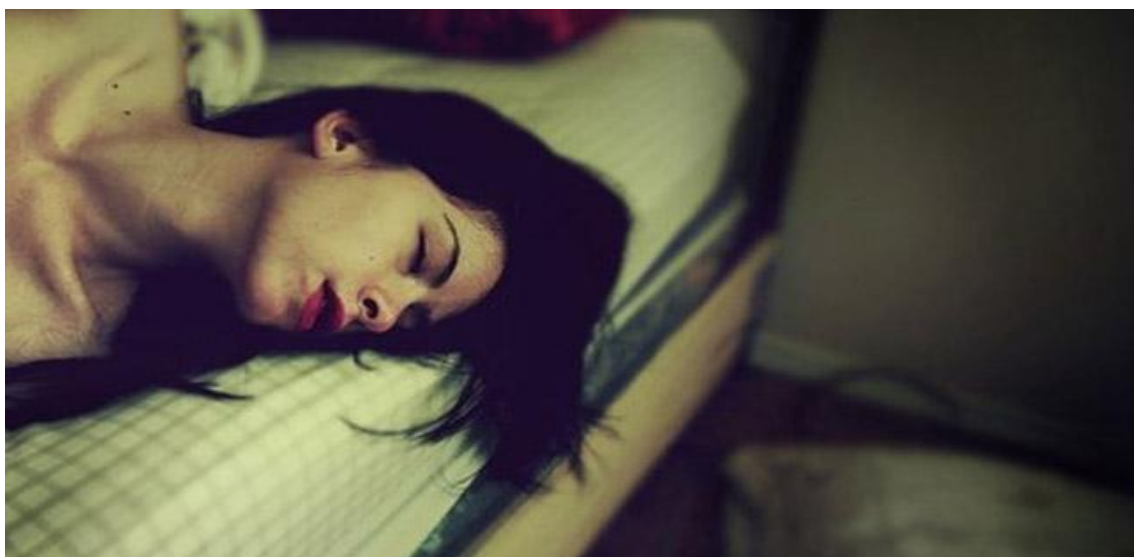
Segue teus dias, que sigo os meus. A gente se vê. Ou não.



HUGO RODRIGUES

Sou publicitário. Fã da Zooey Deschanel e do Capitão Planeta. Romântico do novo século, que odeia presentear com flores, mas que adora faz surpresas sexuais para a parceira. Tenho TOC de colocar a mulher no canto da calçada e de não deixá-la carregar peso. Escrevo meus casos ilusórios no www.hrodrigues.tumblr.com e no [@hugo_rodrigues](https://twitter.com/hugo_rodrigues).

LEIA MAIS TEXTOS DE HUGO

ANEXO A.73 - Mulher esperta é aquela que sabe sentir prazer sozinha**Autoria:** Laís Montagnana**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 624**Data:** 09.05.2012**SEXO**

Desde pequenos os homens são incentivados a explorar a sua sexualidade. Quando ainda bebês, naquela fase em que começam a descobrir o corpo e o seu novo “amigo”, sempre tem um pai ou tio babão pra falar: “Olha esse é meu filho! Já tá brincando com o pingulzinho dele!”. Eles vão crescendo e têm todo um mercado erótico de revistas, lubrificantes e vídeos pornô a suas mãos. Têm também sempre um primo que lhe dá dicas de como se divertir no cinco contra um, e promete que vai levá-lo no puteiro quando ele tiver com mais idade. Os meninos descobrem a masturbação cedo porque têm todo um contexto familiar e social a sua volta extremamente incentivador. Com as meninas o assunto é bem diferente.

Garotas crescem ouvindo que é para elas se sentarem “que nem mocinha”, com as pernas cruzadas e que uma menina que é “pra casar” não deve ficar com vários caras, nunca pode ser “fácil” e tem que se valorizar, se não vira uma “qualquer”. Vestígios de uma educação religiosa, que prega a virgindade, que tenta dominar a sociedade através do controle dos seus prazeres. Essa educação machista impregnou os costumes sociais, e consequentemente, colaborou para reprimir sexualmente a mulher. Apesar da revolução sexual e da emancipação da mulher, ainda vemos vestígios dessa repressão sexual na nossa sociedade. E é por isso que a masturbação feminina ainda é um tabu. Não somos preparadas para descobrir a nossa sexualidade igual acontece com os meninos. Isso explica porque ainda é grande o número de mulheres que não sabem como sentir prazer ao se tocar.

A masturbação é um ato inerente à natureza feminina. O teu clitóris existe com a única e exclusiva função de te dar prazer. Sim, ele não tem nenhuma serventia para reprodução, nem é usado para urinar, como acontece com o pênis. A sua única finalidade é fornecer o prazer feminino – e apesar disso ainda tem muito homem que não sabe muito bem onde ele se localiza, diga-se de passagem! Mas mesmo assim, mesmo sendo portadoras desse

botãozinho mágico, ainda têm muita mulher que não se masturba. Algumas até tentam, mas não sentem prazer ao se tocar. Isso acontece, principalmente, porque as mulheres não conhecem o próprio corpo, pois não sabem lidar com a masturbação e vêm isso como algo inapropriado.

E isso tudo acontece quando, na verdade, a masturbação deveria ser vista como algo natural, um momento de autoconhecimento, uma prática necessária ao desenvolvimento da sexualidade. Somente conhecendo cada mínimo detalhe do seu corpo é que você vai poder apresentá-lo ao seu parceiro. Somente aprendendo o caminho que te dá prazer é que você vai conseguir gozar – acompanhada ou sozinha. Vejo muita mulher que não consegue gozar e acaba depositando a responsabilidade no parceiro, ou muito cara que se culpa porque não consegue levar a parceira ao orgasmo, mas péra aí: como o seu parceiro vai achar o caminho sozinho se você não o guiar? Tem muito cara que não sabe como masturbar uma mulher, mas aí cabe a você ensiná-lo.

Para mim, quem diz que não sente prazer ao se tocar é porque ainda não encontrou o caminho certo. E é por isso que eu defendo a ideia de que o vibrador deveria ser um item obrigatório em todo o criado-mudo feminino. Apoio totalmente as adeptas do I touch myself.



LAÍS MONTAGNANA

É jornalista, drama queen assumida e entusiasta do sex drugs and rock'n'roll. Também é blogueira cigana, e seus últimos delírios encontram-se disponíveis em www.deliriosemcomprimidos.com. Gosta de se perder no clima de seus filmes favoritos e nos solos de uma guitarra. No twitter deságua canções, frustrações entre outras coisas em @lmontag

LEIA MAIS TEXTOS DA LAÍS

ANEXO A.74 - Mulheres são mais maduras que os homens – você também acreditava nisso

Autoria: Frederico Mattos

Coluna: Sexo

Curtidas: 614

Data: 08.05.2012



ATITUDE

Mulheres amadurecem mais rápido – essa afirmação parece ter ganho um status de verdade absoluta que faz com que o universo feminino se vanglorie de certo prestígio quando se fala em lidar com emoções. No entanto, não é preciso procurar muito para encontrarmos mulheres sofrendo desnecessariamente e por isso esse conceito merece uma revisão.

De fato, mulheres são educadas desde cedo a serem mais interiorizadas e os homens mais exteriorizados. Por exemplo, quem nunca viu a cena de uma menina ser reprimida com um grito de “fecha essa perna e esconde isso aí”, enquanto o menino que expõe seu projeto de instrumento ganha risos simpáticos da família seguido de um “que bonitinho, ele adora colocar o pipi pra fora!”.

Acontece também em diversos outros casos. Quando um conflito aparece na vida delas, as meninas são ensinadas a esperar, calar, relevar e dialogar, enquanto que os meninos são instigados a brigar, criar caso, não levar desaforo para casa. Meninas desde cedo são treinadas pra terem uma higiene exemplar, além de serem logo apresentadas para seu companheiro de vida – o ginecologista. Os homens, só descobrem que tem um corpo ou pensam nele (cuidando da saúde e não estética), quando broxam ou estão com câncer de próstata aos 45 anos, depois de se recusarem por anos a fio a permitir que alguém lhes tocassem a porta dos fundos. Em matéria de sexo, os pais inibem as meninas a terem fins-de-semana livres com o namorado numa viagem de praia ou voltar de madrugada para casa (como se as pessoas não transassem de tarde no quarto de casa durante a semana). Os meninos são incentivados a conhecer o mundo sem limites e cair na gandaia.

Mulheres mais reflexivas, homens mais realizadores, é o que somos levados a pensar.

O fato de que homens são incentivados desde cedo a ter ambições financeiras ou serem bons nos esportes não os torna exímios administradores ou esportistas olímpicos. Portanto, o fato de mulheres estarem mais em contato com seus sentimentos desde cedo não as tornam gênios na arte de lidar com as emoções. Elas lidam mais com as emoções, isso é fato, mas não quer dizer que lidem melhor com emoções, assim como os homens não lidam melhor com matemática. Inteligência emocional ou maturidade psicológica não é privilégio de nenhum dos gêneros, mas sim das pessoas que buscam desenvolver uma certa sabedoria de vida.



Pra exemplificar, eis alguns traços (entre tantos) indicam que uma pessoa é emocionalmente madura:

1. Se sentir saciado com aquilo que experimenta.
2. Reconhecimento dos limites e possibilidades da vida.
3. Equilíbrio entre espírito colaborativo e competitivo.
4. Atitude positiva, sem reclamação, queixa ou passividade.
5. Lidar com sentimentos negativos como se não fosse um problema em si, mas apenas como sentimentos que podem ser experimentados e resignificados.
6. Saber ter medo, ansiedade, raiva, culpa e desilusões sem se fechar em uma casca de mil tentativas para tentar evitar qualquer dor.
7. Abertura para o novo.
8. Flexibilidade diante dos impasses.
9. Questionamento constante (mas não obsessivo) da vida.
10. Capacidade de aprendizado contínuo com as experiências que viveu.
11. Inteligência, ou capacidade de articular soluções viáveis de forma criativa e prática.
12. Capacidade de cativar e inspirar respeito nas pessoas.
13. Capacidade de envolvimento e entrega amorosa.

14. Generosidade para dar e receber sem exceder os limites pessoais e dos outros.
15. Reconhecer o outro como outro ser humano sem estigmatiza-lo em clichês mentais.
16. Administra suas carências e necessidades sem exigir que os outros as atendam.
17. Pró-atividade
18. Ponderar o melhor momento para agir ou aguardar.
19. Saber relevar ou se desapegar daquilo que está além do seu alcance.
20. Comprometimento com ações e não fantasias sobre a vida.
21. Estabilidade nas reações internas.
22. Prioriza a experiência para além do resultado.
23. Segurança na forma de agir, falar e se relacionar como fruto de uma tranquilidade pessoal.
24. Presença de espírito, fazer o que deve ser feito.
25. Cuidado consigo mesmo incluindo saúde física, emocional, espiritual, social e financeira.

Quando você lê essa lista de qualidades de maturidade emocional consegue perceber isso com mais frequência em mulheres do que em homens?

O que eu tenho notado é que ambos estão perdidos em certo egocentrismo e têm muito o que caminhar independente do gênero. As maneiras que uma mulher pode se mostrar infantil só são mais encobertas do que os homens, nem mais ou menos nocivas ou intensas, apenas diferentes. Ignorando esse fato, muitas mulheres acabam fazendo grandes besteiras nos relacionamentos porque se acham emocionalmente superiores. O fato de uma mulher querer discutir uma relação não a torna superior ao homem. Se a qualidade do questionamento dela for infantil, no meu entendimento, dá no mesmo falar ou ficar em silêncio.

Eu mesmo já me relatei com mulheres que se achavam mais maduras emocionalmente até eu identificar uma meia dúzia de contradição naquilo que diziam, o que as fazia perceber que elas estavam no mesmo pé de igualdade. Os homens não são muito bons em lidar com emoções, com as mulheres isso não é diferente. Tem alguma dúvida? Faça uma análise da lista acima e veja quanto dos 25 itens você domina com maestria.



FREDERICO MATTOS

Sonhador nato, psicólogo provocador, escritor de um não-best-seller e projeto de empresário. Adora contar e ouvir histórias de vida. Nas demais horas medita, dança dabke, lava pratos e escreve no blog Sobre a Vida. No twitter é @fredmattos.

Alguma informação extra www.sobreavida.com.br

LEIA MAIS TEXTOS DO FRED

ANEXO A.75 - A mulher dos meus sonhos não existe, ainda bem**Autoria:** Ricardo Coiro**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 1.200**Data:** 23.04.2012**ATITUDE**

Não consigo lembrar-me de tudo com a riqueza de detalhes que gostaria, mas todas as sensações vividas parecem ter sido orgásmicas. O rosto dela era uma mistura dos meus anseios diários com o sorriso safado de minhas musas do cinema, sempre com certa imprecisão de traços e expressões metamórficas. Aquela mulher mudava de face a cada segundo e mesmo sem saber com quem estava naquela cama quilométrica, sentia algo real – era como se estivesse esperando por tanta intensidade desde o dia que comecei a entender a função simbólica do meu coração. Ela tinha cabelos tão longos quanto meu tesão permitia e mexia-se como quem não conhece os limites físicos do próprio corpo, beijando-me enquanto eu tentava entendê-la, decifrá-la ou ao menos nomeá-la, mas infelizmente um rugir do cotidiano a tirou dos meus braços bruscamente, o toque do meu despertador a desfigurou em mil partículas de nada, agora só presentes em minha memória e perpetuadas nesse texto sobre o risco de apaixonar-se desesperadamente por alguém que nunca existiu – ou melhor, pela ilusória e contaminadora sensação de perfeição que só os sonhos carregam, gerando minutos de silêncio e desespero logo após abrirmos os olhos e ainda na cama percebermos que tudo não foi real e talvez nunca será.

As horas que sucederam minha despedida abrupta daquele ser utópico foram regadas com silêncio total e cabeça nas nuvens, ou melhor, nas curvas daquela incógnita. Tomei café quieto, derrubei açúcar na toalha de mesa, viajei num banho mais demorado que o habitual e já no caminho do trabalho quase bati no carro da frente. Não conseguia descobrir porque desejava tanto voltar ao mesmo sonho, na verdade até identifiquei algumas coisas familiares naquele corpo e com muito esforço lembrei que ela tinha as coxas grossas da minha professora de musculação, o tom suave de voz daquela ex-namorada pela qual fui embriagadamente quase noivo e os olhos claros da Megan Fox, mas quem era ela?



Depois de muito pensar, sempre sozinho e com vergonha de contar a alguém essa sensação de amor platônico misturado à vontade adolescente, descobri que aquela mulher invisível era um sintoma claro e cruel das falsas expectativas que a sociedade me ensinou a ter. Um estilhaço doloroso dos meus 26 anos assistindo comédias românticas de final inevitavelmente feliz, comerciais de margarina de céu sempre azul e lendo artigos de revistas masculinas sobre a suposta existência de uma mulher ideal, aliás, ideal pra quem? Já que cada ser humano nesse imenso universo possui necessidades e desejos totalmente diferentes.

A mulher dos meus sonhos era apenas uma expressão surrealista e exacerbada da minha busca diária e incansável pela Monalisa em meio à maravilhosa e imperfeita multidão da metrópole. Nesse dia percebi que aquilo não era apenas um sonho e que eu estava sofrendo os sintomas do meu excesso de perfeccionismo pós-traumático advindo dos tantos machucados naturais e feridas que a vida normal deixa. Descobri que estava com medo de enfrentar as imperfeições do mundo e que preferia correr atrás do inalcançável para evitar os riscos eminentes dos prazeres reais.

Essa noite irreal regada por uma relação supostamente perfeita com uma desconhecida, me fez chegar a uma conclusão – a perfeição é, felizmente, algo inatingível. A beleza se dá através de uma junção de qualidades com defeitos, aqueles mesmos que mais pra frente, podem se revelar como o berço das melhores qualidades do outro. Comecei então a reconhecer a beleza das falhas. Parei de procurar os pequenos defeitos nas mulheres que entravam na minha vida e, só assim, pude enxergar as tantas qualidades alheias para as quais estava cego. Estava realmente cansado de alimentar-me de utopias deliciosas e não sentir gosto de nada.

Hoje aprecio o humano e até um lindo “foda-se” dito em voz alta pela mulher com raiva. Admiro as imperfeições da bunda quando estas vem acompanhadas de ótimas conversas de bar. Aceito e entendo o tempo que perdi esperando elas arrumarem o cabelo e experimentarem os tantos vestidos parecidos jogados em cima da cama. Hoje não as comparo mais com capas de Playboy e amo quando elas deixam a luz do quarto acesa, para que eu possa ver o quanto elas são humanas e reais. Aprendi que os defeitos são como beliscões, capazes de provar que estamos ao lado de mulheres verdadeiras e não dentro de sonhos que se autodestruirão em cinco segundos.

Rasgue agora a folha na qual você colou recortes e montou aos poucos a imagem de um par ideal, esqueça o Fábio Jr. e as metades da laranja, jogue tudo isso no lixo mais próximo, corra para rua, e daí que está chovendo? Surpreenda-se e usufrua ao máximo do seu direito de viver, arriscar, errar e recomeçar tudo de novo. Deixe para sonhar com viagens

no tempo e coisas ainda impossíveis de serem realizadas, quando estiver acordado aceite as regras e riscos do jogo, seja real você também.

Eu felizmente acordei de um pesadelo comum a muitos sonhadores e graças a essa rapidinha sem gozo, dada com uma desconhecida, passei a dormir menos na minha própria cama e a sonhar com coisas realmente possíveis, e você? Continuará alimentando-se de idealizações inatingíveis? Ou vai acordar e enfim saborear o risco bom de ser feliz?



RICARDO COIRO

Publicitário, devorador de Temakis, poeta de bar e campeão brasileiro de matrículas mal sucedidas na academia. Suspeita que o amor move montanhas, mas tem certeza absoluta que um bom boquete matinal é capaz de mover o mundo. Acredita que é possível ser romântico sem perder a pegada e sim, assume que um dia aceitou ser chamado de Chuchu e que perdeu uma lágrima quando o cão Marley morreu.

LEIA MAIS TEXTOS DO RICARDO

ANEXO A.76 - Como reconhecer uma mulher sexy**Autoria:** Daniel Oliveira**Coluna:** Atitude**Curtidas** 18.000**Data:** 11.04.2012**SEXO**

Ninguém sabe bem de onde vem essa coisa que faz os homens girarem o pescoço e as mulheres se contorcem quando a veem. A mulher sexy é a maior inimiga das outras e a amante ideal de todos os homens que ainda possuem alguma consciência racional. Ela é do tipo que se pega mordendo lábios e encarando sem medo nenhum de revelar que o alvo está ali e que essa noite a presa é toda dela.

Uma mulher sexy não trai nenhum de seus movimentos. Ela é planejada milimetricamente para matar. Sabe aquele tipo que veste pijamas, mas cruza as pernas de uma forma que combina com o olhar direto, firme e forte e com a jogada de cabelo naturalmente distraída? Ela é um conjunto inteiro que diz mais que um fator só. Você não vai se importar em acordar do lado dela e dar de cara com cabelo desfeito, cara lavada e roupas comuns. Aliás, ela mesma não se importa com isso porque o que importa nela é ela mesma. Não tem como apontar nela uma única característica: o que vale é que é um tipo reconhecível que não precisa de explicação. A vantagem da mulher sensual é que ela pode ser alta, baixa, magra, gordinha, morena, loira, ruiva ou qualquer outro desses tipos físicos. Essa mulher é uma camaleoa do mundo feminino.



Ela aprende desde nova a ter esses encantos e quanto mais a idade avança, mais perigosa ela fica. Parece que ela faz escola de como carregar as compras nas mãos e de como parecer sem graça quando entra no elevador e dá de cara com o vizinho novo (tudo uma grande armadilha planejada para fazer com que o cara se surpreenda, é claro). Nenhum homem consegue resistir à forma com que ela ri e movimenta os quadris. Se bem que nenhum deles vai conseguir prestar atenção aos dois ao mesmo tempo. Ela causa essa confusão de olhares porque todo o seu corpo e cada ação que executa merecem ser vistos e notados. Se o cara pisca, ele perde a desenvoltura dela. E as outras mulheres se perguntam como ela pode ter tanta confiança assim, ainda mais se a calça dela ultrapassa o 42. Discutem sobre a mania dela de se exibir do alto dos saltos caprichados e dos lábios bem pintados. Essa tal mulher aí bate papo com o espelho e, cá entre nós, ela caga pra opinião dele na hora de sair de casa. Mimimi não é lá um dos fortes dela e quase nunca reclama de não ter roupa. As roupas é que reclamam por não tê-la o tempo todo. Isso é notável enquanto ela anda pelos shoppings da vida parecendo vitrine.

E no sexo? Meu amigo, ela é daquelas que te deixam pronto só de olhar. Lembra do que eu disse sobre o olhar firme dela? É tudo olho no olho, encarando para te mostrar que ela tá ali e faz o que bem quiser com você. O controle é dela, mas ela deixa você pensar que é um pouco seu. Você acha que a intimida e ela geme mostrando que está ali pra ter tanto prazer quanto você. Ela sabe o que fazer na hora certa, não precisa nem um pouco que você a guie. Mas ela deixa. Deixa você se sentir no comando e mostra que está ali para ser guiada. Pobre de você se achar que ela é submissa, ou pior, exibicionista. É um dos pecados capitais não entender que o maior pecado é ela mesma. Aliás, são tantos pecados juntos numa mulher só. Porque antes dela ser sexy para você, ela é sexy para ela, meu amigo. E, a você Mulher Sexy, eu devo dar os parabéns por ser assim. Ou deveria dar meu telefone?



DANIEL OLIVEIRA

"Jornalista de comportamento" em mesa de bar, publicitário em formação, botafoquense por amor e canalha romântico. Não presta e não deve ser levado a sério. Joga tempo fora filosofando sobre nada no @danielbovolento. Apesar disso tudo, escreve sobre relacionamentos no <http://entretodasascoisas.com.br/>

LEIA MAIS TEXTOS DO DANIEL

ANEXO A.77 - Como convencer minha mulher a fazer sexo anal comigo?**Autoria:** Editorial do Blog**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 728**Data:** 16.04.2012

Esse é um espaço para tirar todas aquelas dúvidas sobre sexo que você sempre quis saber, mas não tinha pra quem perguntar. Mande e-mail para oisemvergonha@gmail.com com o assunto Tira-dúvidas.

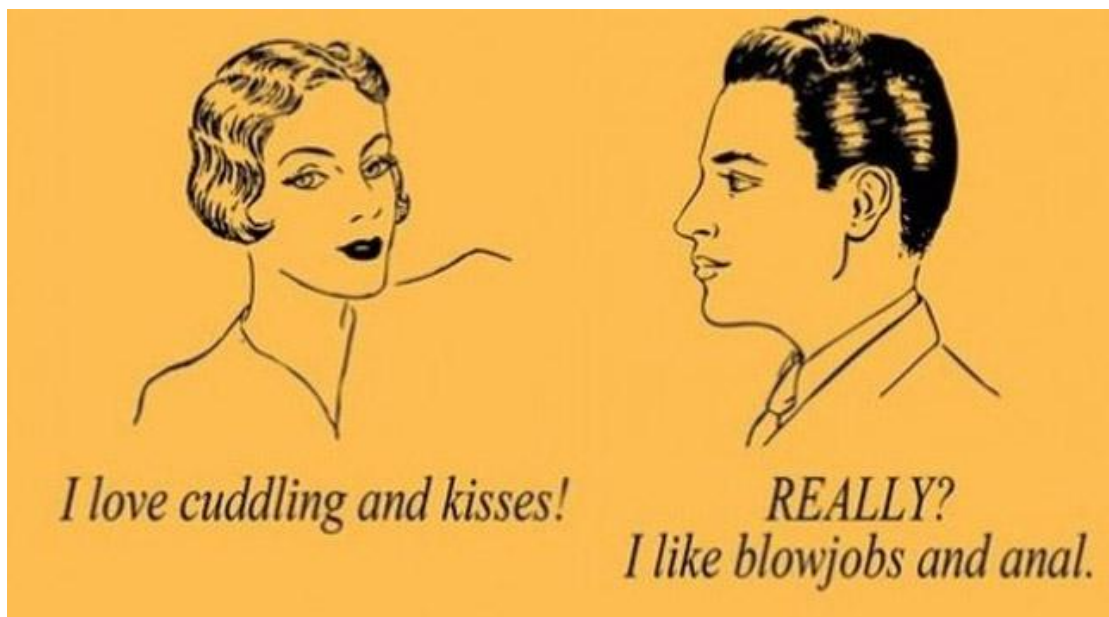
Casal,

Tenho um relacionamento ótimo com minha noiva, mas tem um desejo meu que ela se recusa a satisfazer – sexo anal. Como convencê-la a tentar?

Roberto Jr., 26 anos, Goiânia

Querido Roberto,

Sexo anal é realmente um fascínio dos homens, como sempre foi. A grande tara masculina por essa prática, além do prazer físico, se dá porque as mulheres que gostam dessa prática costumam se soltar muito do que quando estão fazendo somente sexo tradicional. E como as mulheres não possuem uma área específica que as dê prazer no lado B – diferente dos homens que possuem a próstata – o prazer delas costuma ser muito mais psicológico do que físico.



Para conseguir sentir prazer com sexo anal, a mulher precisa ultrapassar a barreira da dor, que é inevitável. Quando se introduz algo em um buraco que é destinado para expelir, o corpo reage sinalizando que há algo de errado – é preciso concentração e determinação para continuar tentando, até que o corpo se acostume e o prazer se sobressaia mais do que a dor.

Você precisa estar consciente desses fatores antes de tentar convencer sua mulher a fazer sexo anal com você. Porque para os homens, há poucas desvantagens na prática, já que o desafio maior para eles seria lidar com algum possível vestígio de sujeira que venha a sair no meio do processo. Já para a mulher, o desafio é muito maior, pois envolve dor antes de um prazer que ela provavelmente desconhece. Tem mulheres que ficam traumatizadas nas primeiras tentativas porque o homem não tem habilidade alguma e já chega chegando. Por isso, converse com ela para descobrir quais são os reais motivos pelos quais ela não quer nem tentar e proponha uma descoberta em parceria, já que vocês são noivos e teoricamente confiam um no outro. Diga que não se importa com possíveis acidentes e que está disposto a fazê-la descobrir essa nova forma de prazer, com muita paciência e cuidado. Se ela se mostrar mais aberta (literalmente), providencie lubrificantes, programe uma noite bem aconchegante, com velas e um vinhozinho pra deixar tudo mais fácil e comece o processo de treinamento. Provavelmente vai levar algumas tentativas para que vocês consigam realizar a prática com sucesso.

Agora, se ela realmente não estiver disposta a tentar, não tem o que fazer. Aí é seu papel colocar na balança os fatos e analisar o quanto isso realmente importa para você dentro do relacionamento.

Boa sorte!

ANEXO A.78 - Porque toda mulher goza, primeiramente, pela mente

Autoria: Frederico Mattos

Coluna: Sexo

Data: 10.04.2012

Curtidas: 100.000



O sexo para a mulher, começa muito antes da cama e termina muito depois dela. Apesar de alguns homens estarem conscientes desse fato, poucos realmente o levam a sério. Mal sabem quantas oportunidades estão desperdiçando. Sempre conto esse segredo para os homens que atendo no meu consultório, inclusive me apoiando em depoimentos preciosos dados por mulheres com quem já conversei, como os abaixo:

“Não foi o tamanho do pau dele que me impressionou, mas a maneira como de manhã ele tratou aquela senhora que mal conseguia atravessar a rua. Sua delicadeza me deixou superexcitada.”

“Ele se esforçou como um guerreiro, até broxou, mas foi a dignidade de olhar nos meus olhos e dizer que estava ansioso por me deixar molhada que me cativou para ter mais sexo com ele.”

“Quando ele colocou gentilmente minha cabeça sobre o braço dele sem me fazer correr dali como uma vagabunda eu soube que ele seria o pai dos meus filhos. E foi.”

Não quero dizer que os corpos, as línguas, os toques e a força não contam para impressionar, mas a qualidade determinante está muito longe dos lençóis. A mulher goza, primeiramente, pela mente. É pela personalidade dele que elas se apaixonam. Pintos existem muitos, mas pessoas incomuns são raras. Ela até pode querer saborear uma foda incrível com um cara patético, mas entre essa rapidinha e o caráter de um aprendiz, ela prefere trabalhar em cima do valor que o principiante tem. E esse pequeno fator que faz a mente de uma mulher gozar é negligenciado pela maioria dos homens.

A mulher transa com uma narrativa que vai sendo tecida para além do desejo sexual – ela não é fisgada pela potência genital do homem, mas pela sua capacidade de penetrar o mundo. Não é da broxada, da falência e do erro que ela foge, mas dá incapacidade de

reagir, retomar e se soerguer. A possibilidade de poder viver uma jornada ao lado de um homem incrível, a excita mais do que bombadas dadas por um cara de pinto grande. É por isso que, na maioria das vezes em que uma mulher recusa o sexo, ela está procurando o algo mais naquele homem. É um desafio para que ele tire a venda que está em seu coração e a penetre com o corpo todo, não só com o pênis.

Ela se aborrece não pela ejaculação precoce, mas pelos olhos desconcentrados e a preocupação em parecer poderoso só para si mesmo. Ela fica seca com o egoísmo que a desconsidera como parte essencial do prazer do casal. Ela esfria quando ele tenta romper a meia luz envergonhada, por conta de uma dobrinha a mais, só para ver pornograficamente tudo as claras. Ela broxa se a mão dele está desatentamente gelada na hora do toque ou se ele nem se deu ao trabalho de aparar as unhas para masturbá-la. Não é com o tapa da bunda que ela se ofende, mas com a cegueira emocional de um homem tão autocentrado que nem a si mesmo enxerga. Degustar cada espaço, reparar no detalhe comum da dobra atrás do joelho, brincar com a água que espirra debaixo do chuveiro são êxtases silenciosos e superficialmente não sexuais. Para um olhar condicionado é apenas um ato comum.

O que esfria a mulher é quando a cama é só cama, de madeira, molas, espuma, genitais e movimento. O que a incendeia, ainda que ela diga que também gosta de sexo impessoal, é perceber pelo brilho nos olhos dele, que ele a enxergou por trás da bunda grande ou das coxas torneadas.



FREDERICO MATTOS

Sonhador nato, psicólogo provocador, escritor de um não-best-seller e projeto de empresário. Adora contar e ouvir histórias de vida. Nas demais horas medita, dança dabke, lava pratos e escreve no blog Sobre a Vida. No twitter é @fredmattos.

Alguma informação extra www.sobreavida.com.br

LEIA MAIS TEXTOS DO FRED

ANEXO A.79 - A diferença entre a mulher vulgar e a mulher de atitude

Autoria: Laís Montagnana

Coluna: Atitude

Curtidas: 5.200

Data: 29.02.2012



ATITUDE

Uma revista pornô qualquer em que a foto que estampa o miolo é de uma buceta muito bem posicionada, acompanhada daquele piercing no umbigo e de uma marquinha de biquíni, *versus* outra publicação onde há a mesma genitália feminina estampada, mas dessa vez com um olhar observador do fotógrafo que buscou a inspiração na arte de estar nu. Nesse caso, a vagina está lá de boa, sem demonstrar estar incansavelmente provocando uma ereção – ela está apenas sendo uma buceta. Se nesses dois casos é tão fácil identificar o que é arte (para ser contemplado) e o que é vulgar (para bater punheta), por que quando tentamos estabelecer a linha tênue entre a mulher vulgar e a mulher de atitude essa divisão parece não ser tão simples?

Quando eu penso em uma mulher vulgar, me vem à cabeça a imagem da secretária de um dentista meu. Apesar de o cargo requerer certa postura, a moça em questão ia trabalhar com roupas curtas, justas e decotadas, que revelavam mais do que deveriam. Não quero dizer que vulgaridade restringe-se apenas à roupa que você veste. É claro que vai além, mas também depende do bom senso do ambiente que você escolhe para exibir determinadas roupas e – principalmente – de como você as veste. Dá para usar roupas decotadas e justas sem ser vulgar, basta saber usar. Porque o vulgar primeiramente esconde-se em peças de roupas, mas na verdade está em atitudes. O caso contrário também é válido: uma mulher pode se vestir como uma santa, mas seu modo de agir a condenar.

Há ainda muita gente que confunde ter a atitude de demonstrar interesse para aquele cara que chamou sua atenção com parecer vulgar. Uma coisa é ter atitude, outra é extrapolar esse limite e se tornar vulgar. A mulher de atitude chega no cara e conversa com ele para mostrar o que ela tem: papo, charme, inteligência, autenticidade. Para ela as coisas são simples já que ela sabe o que quer e não se importa com a opinião alheia. A mulher vulgar

se comunica com os homens através da bunda. Usa o corpo para se exibir e seduzir, mas fica só nisso, porque ela só tem o corpo e a vulgaridade para oferecer. Ser vulgar é aceitar ser tratada como apenas um pedaço de carne.



Um dos principais culpados por essa confusão entre atitude/vulgaridade é o machismo que ainda está impregnado em nossa sociedade. Porque os homens cobram atitude, mas mulheres que tomam essa atitude muitas vezes ainda são chamadas de vadias e são apedrejadas. Por mais que a mulher tenha conquistado sua liberdade, ainda há homens (e espantem-se: mulheres também) muito machistas. Não é raro para as mulheres que vão atrás do que quer, que ligam no dia seguinte, chamam o cara para sair, se abrem, serem taxadas de atiradas, neuróticas, perseguidoras. Parece até que os próprios homens não querem que sejamos sinceras (atiradas? vulgares?), querem que “façamos a difícil” continuemos fazendo os joguinhos estúpidos que não levam a nada.

Acredito que isso tem muito a ver com o homem, no geral, adorar um desafio. Querer sempre uma conquista, mais um trofeuzinho na sua coleção. Em troca disso ele acaba dispensando várias mulheres interessantes porque elas têm iniciativa e são estigmatizadas como as tais vulgares. Azar o deles. Melhor pensar que não perdi meu tempo com um cara que não me valoriza, que vive preso nessa mentalidade moralista, que deve ter como meta encontrar a Amélia para o seu lar. Melhor fugir do machismo velado e passar a pensar mais em mim.



LAÍS MONTAGNANA

É jornalista, drama queen assumida e entusiasta do sex drugs and rock'n'roll. Também é blogueira cigana, e seus últimos delírios encontram-se disponíveis em www.deliriosemcomprimidos.com. Gosta de se perder no clima de seus filmes favoritos e nos solos de uma guitarra. No twitter deságua canções, frustrações entre outras coisas em @lmontag

LEIA MAIS TEXTOS DA LAÍS

ANEXO A.80 - 10 coisas que aprendi sobre as mulheres

Autoria: Editorial do Blog

Coluna: Sexo

Curtidas: 1.800

Data: 27.12.2011



SEXO

Épocas de fim de ano sempre nos deixam pensativos sobre o que passou. É sempre hora de fazer aquele balanço e perceber o que ficou dos 365 dias que sempre parecem passar mais rápido do que gostaríamos. Se aprendemos o bastante, mais um ano de vida acumulado na caderneta já nem importa tanto assim. Por isso, a coluna de hoje resolvi trazer um pouco do que aprendi com as mulheres, nesses últimos anos de convivência e de observação com olhos atentos. De certeza, tenho poucas, já que as mulheres são incontestavelmente seres muito mais complexos (pra não dizer complicados), mas as minhas observações provavelmente contêm um fundo de verdade. Veja se concorda:

1- Mulheres querem atenção, tanto quanto os homens querem sexo

Antes dos protestos exaltados me chamando de machista, explico – não significa que as mulheres não queiram sexo. Elas querem, e muito. Mas tenho observado que a maioria das mulheres não têm se frustrado com o sexo – o que elas sentem mais falta é de atenção, de um cara que a valorize de verdade do lado, que não a troque por um par de bundas rebofantes. Até porque, para a mulher é muito mais fácil conseguir sexo, o que significa que ela tem muito mais chances de encontrar alguém que a satisfaça sexualmente. Difícil mesmo é encontrar alguém que a valorize de verdade pelo o que ela é, além do sexo que ela pode oferecer.

2- Elas esperam que você adivinhe o que estão pensando

Esse parece ser um teste que as mulheres não se cansam de fazer – elas querem que você adivinhe se estão chateadas e porque estão chateadas. Tudo seria muito mais fácil

se elas dissessem logo de cara, mas na prática não é assim. Melhor já fazer um acordo de transparência no começo do namoro para evitar crises desse tipo.

3- Elas gostam de sexo hardcore

Mulher que gosta de sexo muito amorzinho, provavelmente ainda não descobriu de verdade como explorar a brincadeira. Cedo ou tarde ela descobre – seja por um cara mais experiente que mostre o caminho, ou seja por conta própria. As que já descobriram, são aquelas que são chamadas de boas de cama.

4- As mulheres mais bonitas hoje, eram as menos desejadas na escola

Reencontros com mulheres com as quais estudamos ou éramos amigos quando menores, nos provam cada dia mais que essa teoria é verdadeira. Aquelas que, desde nova, já tinham um corpão e eram as mais gostosas do grupo, engordaram. As mais magrinhas-sem-graça, cresceram e se tornaram mulheres lindas e, em muitos casos, mais gente boa do que as primeiras. Talvez isso ocorra pois, no período em que estavam sendo rejeitadas pelos meninos, elas tiveram mais tempo para refletir e observar do que as mais disputadas.

5- Elas não traem quando estão satisfeitas sexualmente e emocionalmente

Os homens traem por esporte, mesmo que não tenham do que reclamar em seu relacionamento. Já as mulheres não têm a vontade de transar com todos os homens gostosos com quem cruzam. Elas querem um homem só, que as realizem no sexo e no coração. Claro que existem exceções, mas as que existem são poucas.

6- As mulheres charmosas são namoradas melhores do que as simplesmente gostosas

Se me pedissem para escolher entre uma mulher charmosa e uma mulher gostosa para namorar, eu escolheria o charme. As gostosas ficam menos gostosas com o passar do tempo, enquanto as charmosas ficam mais charmosas ao longo dos anos. O homem enjoa de pegar sempre na mesma bunda, mas fica encantado com o charme dela cada dia mais.

7- Elas querem ser desejadas por todos os homens, mas querem amar apenas um

Toda mulher quer ser desejada por todos os homens, mesmo que já seja compromissada. E não tem nada de errado nisso, até porque no final das contas o que elas querem é um homem para massagear o seu coração e as suas partes íntimas, não o seu ego.

8- Elas só irão fazer um boquete dos sonhos se eles fizerem o mesmo

O verdadeiro prazer no sexo só é alcançado quando os dois se esforçam igualmente para dar prazer para o outro, deixando de lado a preguiça, o cansaço e até a posição desconfortável. A maior reclamação masculina é que as mulheres não sabem fazer boquete direito. O engraçado é que essa reclamação é idêntica no lado das mulheres, então fica claro que alguma coisa está errada nessa história. Fazer um boquete é a arte de dar prazer para o outro e não necessariamente sentir prazer no mesmo momento. Esse é o motivo da falta de esforço das pessoas para fazer um sexo oral decente. Se nós tivermos a certeza de que o outro se esforçará tanto quanto nos esforçamos no sexo, todos gozarão mais e melhor.

9- As mulheres preferem um homem safado do que um homem com pinto grande

Se os homens investissem o tempo que passam desejando um pau maior, em serem mais safados, eles transariam muito mais. As mulheres gozam com o cérebro, por isso quando estão envolvidas em fantasias, realizando fetiches ou sendo provocadas, os orgasmos são mais intensos e frequentes.

10- Elas conhecem mais sobre sexo do que você

Os homens podem pensar mais em sexo, mas as mulheres se interessam mais em conhecer novas formas de transar mais e melhor. Pode ser lendo uma revista feminina, vendo um vídeo na internet, lendo um livro sobre o assunto ou conversando com as amigas. Isso faz o critério feminino do que é um sexo bom subir constantemente.



Essa coluna foi escrita para o

Área H - o portal para homens inteligentes.

Para fins de direito de imagem, a foto usada no post não é de minha autoria e o autor não foi identificado.

ANEXO A.81 - 46 coisas que as mulheres nem imaginam que achamos sexy**Autoria:** Editorial do Blog**Coluna:** Sexo**Curtidas:** 22.000**Data:** 01.07.2011**SEXO**

Leia também: [21 Coisas que Eles Nem Imaginam que Achamos Sexy](#)

Mulheres são naturalmente sexy. E esse fato ficou ainda mais claro depois que fizemos uma pesquisa com os leitores do blog perguntando o que eles achavam mais sexy em uma mulher – recebemos milhares de respostas com vários detalhes femininos que os deixam babando. Fizemos um compilado dos itens mais votados e o resultado, você confere agora.

COISAS QUE AS MULHERES NEM IMAGINAM QUE ACHAMOS SEXY

1. Rabo de cavalo com fios soltos;
2. Ela usando minha camisa e mais nada;
3. Barulho do salto alto;
4. Sardinhas no rosto;
5. Quando elas conduzem o sexo;
6. A forma como ela ri;
7. Quando ela senta no nosso colo pra dar um beijo;
8. Um belo par de seios;
9. Quando elas, de vestido ou saia, se esticam pra pegar alguma coisa no alto;
10. O jeito como acordam de cabelo bagunçado e pijama velhinho;



11. Ela deitada de bruços só de calcinha;
12. Cabelo cheiroso;
13. A manha que elas fazem quando chega a hora de nos separarmos;
14. Ela mexendo no cabelo;
15. O jeito como andam descalças na ponta do pé quando o chão está frio;
16. Ela lambendo os dedos depois de comer uma coisa muito gostosa;
17. Inteligência;
18. Quando ela anda pela casa só de calcinha;
19. Pés bonitos;
20. A pose delas de fazer xixi, com as perninhas viradas pra dentro e com a calcinha abaixada;



21. Cabelo molhado;
22. O jeito dela de se preocupar com a gente;

23. Um decote bem utilizado;
24. Quando ela morde a pontinha do óculos;
25. Coque bagunçado;
26. A forma na qual o cabelo cai naturalmente no rosto e o jeito dela de tentar arrumar;
27. Ela tomando sorvete;
28. Quando ela fica com frio e usa nosso moletom;
29. Vestido comprido e pés descalços;
30. Ela passando do banheiro pro quarto só de calcinha pra se arrumar;
31. Covinha nas costas (vulgo “apoio pra dedão”);
32. O jeito de andar;
33. Jeans + blusinha branca;
34. Tatuagem (principalmente as que só dão pra ver uma parte e deixam todo mundo curioso pra ver o final);
35. Um pouco de gordurinha pra ter onde pegar;
36. Atitude;
37. Quando arranham sem machucar;
38. O rosto dela visto de cima quando dorme no nosso peito;
39. Quando ela acorda de calcinha e se espreguiça gostosamente;
40. Blusa que deixa um ombro de fora;
41. Ela totalmente depilada;
42. Blusa sem sutiã;
43. O cheiro delicioso que deixam na casa depois do banho;
44. Quando elas não usam maquiagem;
45. Ossinho saliente na cintura;
46. Sentir todo o corpo dela quando dormimos de conchinha.

Para fins de direitos autorais de imagem declaro que as fotos usadas no post não são de minha autoria e que os autores não foram identificados.

ANEXO A.82 – Mulherzinhas e mulherões: uma nova definição

Autoria: Editorial do Blog

Coluna: Atitude

Curtidas: 21.000

Data: 17.05.2011



ATITUDE

Navegando pelo site [Papo de Homem](#), encontrei um texto que já me chamou atenção pelo título: [Mulherões e Mulherzinhas](#). A surpresa veio, quando percebi que definições de Mulherões e Mulherzinhas eram um pouco diferentes da noção que tenho delas.

Sabemos que as **mulheres têm o poder**. Por mais que o sistema em que vivemos só esteja mostrando isso agora, **no fundo, todos nós sabemos que as mulheres são, de uma certa forma, seres superiores. Mas não todas**. Você provavelmente conhece **várias mulherzinhas e alguns mulherões** (que eu prefiro chamar de mulheres **Deusas**) – mas não muitas, porque elas são consideravelmente difíceis de se achar.

Tentarei defini-las:

MULHERZINHAS



- Acham que ser **bonita e gostosa basta**;
- Gostam de **manipular e de brincar de joguinhos de conquista**;
- Precisam **apelar para ser percebida pelos artifícios físicos** – e exageram em todos eles: colocam decote, silicone, botox, minissaia, chapinha e maquiagem em excesso;
- São **neuroticamente ciumentas**, porque não confiam no próprio taco;
- **Não refletem sobre o que querem da vida** – e quebram a cabeça sempre com os mesmos erros;
- Acham **que o homem tem que fazer 90% do trabalho no sexo** (já que elas já têm a obrigação de se manter gostosa);
- **Não atendem o telefone** pra se fazerem de difícil e **dispensam convites para parecerem ocupadas**;
- Seu lugar preferido no mundo são as baladas – já que elas não conseguem segurar a onda de ficar sozinha um pouco, precisam sempre de gente pra **tampar o vazio interno**;
- Fazem **você parecer um chato quando quer discutir** sobre um filme, um livro, música ou qualquer coisa que fuja do assunto: academia/novela/balada.
- **Falam muito e fazem pouco** – da hora do vamos ver tem muitos pudores e pouca atitude;
- **Não valorizam quem gosta delas de verdade** e sempre procuram os **cafajestes**;
- **Não têm opinião própria** – funcionam sempre na base do “você que sabe”, “tanto faz”.
- Têm **poucas ou nenhuma ambição na vida**;
- Repararam **mais no carro do que em quem está dentro**;
- Repararam mais na roupa **do que em quem está vestindo**.
- Se intitulam livres, mas **vivem aprisionadas em uma exterioridade plástica e artificial**;

MULHERÕES (vulgo DEUSAS)



- **Não precisam se exhibir** com decotes extremos e afins **porque sabem do seu potencial** (e assim chamam atenção dos homens que reparam em “algo mais”)
- **Entendem que charme** vale mais do que qualquer artifício;
- **Têm atitude:** se estiverem afim, vão ligar. Se quiserem transar, vão transar. **Sem medo de rótulos que podem receber;**
- **Valorizam a si mesmo** antes de qualquer outra pessoa;
- Sabem **reconhecer que um bom vinho e uma boa companhia valem mais que qualquer balada;**
- Sabem que é muito melhor **“escolher” do que “ser escolhida”;**
- Sabem que é **muito melhor um corpo com defeitos, porém natural, do que um moldado e totalmente plástico;**
- Reconhecem que os **pequenos gestos que valem mais do que presentes;**
- Têm consciência do **efeito de encantamento que produzem nas pessoas;**
- Conseguem se **arrumar pra sair em menos de meia hora;**
- Não entram no joguinhos de conquista porque **não estão interessadas em pessoas que ainda gostam desse tipo de brincadeira.**
- **Sempre surpreendem no sexo** – sabem muito mais do que aparentam saber;
- São **realizadas no sexo** porque dizem o que e como gostam;
- **Não se sentem ofendidas em pagar a conta** e entendem que isso é um **ato de gentileza como qualquer outro;**
- **Não têm frescuras:** topam viajar pra lugares onde não poderão usar chapinha, valorizam um bom boteco, não fazem escândalo por causa de um insetinho 1000 vezes menor que ela.

E você, concorda com a lista?

Leia também: Moleques de Prédio – como reconhecer um

ANEXO A.83 - Para não dar fora: 15 coisas que as mulheres detestam no sexo**Autoria:** Editorial do Blog**Coluna:** Atitude**Curtidas:** 21.000**Data:** 06.04.2011**SEXO**

Você acha que manda muito bem na cama - afinal, nunca ninguém reclamou. Mas o que você pode não saber, é que existem certas coisas que as mulheres abominam na hora do sexo.

Em mais uma parte da **Pesquisa Sem Vergonha**, perguntamos às mulheres exatamente isso: o que vocês mais odeiam na cama? E elas confessaram tudinho pra gente. Seleccionamos **15 repostas que mais apareceram** – não necessariamente em ordem de importância – e o resultado você confere agora:

O QUE AS MULHERES ODEIAM NO SEXO

- Sexo por obrigação:** sexo tem que ser gostoso e sem cobranças.
- Quando os homens se **espantam** com os pedidos delas.
- **Sexo the flash:** quando elas transam por 15 minutos e escutam de volta: “Vamos descansar um pouco?”
- Quando ele **levanta da cama ou dorme** automaticamente logo depois de gozar.



- **Fazer por fazer:** quando você se propõe a dar prazer para alguém no sexo, no mínimo quer receber o mesmo empenho de volta.
- **Nojinho e “não-me-toques”.**
- **Preliminar de fachada:** quando as preliminares duram 2 minutos, só pra não passar batido.
- **Homem muito peludo** (principalmente nas áreas onde as mulheres têm que colocar bastante a boca).
- **Unhas compridas** – sim, elas machucam.
- **Mão mole:** Homem que não sabe onde segurar e como pegar.
- **Muito amorzinho:** Sexo precisa ter pegada. A maioria das mulheres disse preferir sexo mais selvagem e o amorzinho depois.
- **Os “britadeiras”:** homens que acham que arrasam na cama, mas que mal sabem onde fica o clitóris – e acham que penetração é tudo.
- **Sexo mecânico:** aquele que já sabemos como vai começar e terminar.
- **Falta de higiene:** banhinho é muito bom.



Para fins de direitos autorais de imagem declaro que as fotos usadas acima não são de minha autoria e que o autor não foi identificado.

ANEXO B – Mídia Kit

ANEXO B.1 - Perfil da Audiência



ANEXO B.2 - Audiência

